



**Revista da
Academia Mato-grossense de Letras**

Tribuna Acadêmica

nº 101 – 2024





Academia Mato-grossense de Letras – AML

Diretoria 2023-2025

Presidente: Luciene Josefa de Carvalho (Cadeira 31)

Vice-presidente: Flávio José Ferreira (Cadeira 35)

Secretária-geral: Maria Cristina de Aguiar Campos (Cadeira 16)

Tesoureiro: Agnaldo Rodrigues da Silva (Cadeira 10)

Conselho Editorial

Olga Maria Castrillon Mendes (Cadeira 15)

Marli Terezinha Walker (Cadeira 2)

Elizabeth Madureira Siqueira (Cadeira 29)

Conselho Fiscal

Lorenzo de Jesus Miranda Falcão (Cadeira 12)

Eduardo Moreira Leite Mahon (Cadeira 11)

Marta Helena Cocco (Cadeira 18)

Revista da Academia Mato-grossense de Letras

nº 101 – 2024

Tribuna Acadêmica




Carlini & Caniato
editorial

© Academia Mato-grossense de Letras, 2024.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 5.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Nota: A responsabilidade pela correção gramatical dos textos é de seus autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Douglas Rios – Bibliotecário – CRB1/1610)

R454

Revista da Academia Mato-grossense de Letras, nº 101 – 2024 – Tribuna Acadêmica/ Academia Mato-grossense de Letras. Direção e organização: Olga Maria Castrillon Mendes; Marli Terezinha Walker e Elizabeth Madureira Siqueira. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2025. 288 p.

ISSN: 2447-021X

1. Academia Mato-grossense de Letras - AML. 2. Discursos acadêmicos. 3. Panegíricos. 4. Literatura mato-grossense.

CDU 82(817.2)

Índice para Catálogo Sistemático

1. Academia Mato-grossense de Letras – Discursos acadêmicos – 82(817.2)
2. Literatura mato-grossense – Panegíricos – 82(817.2)

Revisão e Normalização – Conselho Editorial da AML

Olga Maria Castrillon Mendes
Marli Terezinha Walker
Elizabeth Madureira Siqueira

Edição

Carlini & Caniato Editorial

Revisão Gráfica

Maria Cristina de Aguiar Campos

Fotos

Protásios Terrificus



AML – Academia Mato-grossense de Letras

Rua Barão de Melgaço, 3.869 – Centro – Cuiabá-MT – CEP: 78005-300

Celular institucional: (65) 99354 5206

<https://academiamtdeletras.com.br/>

presidente@academiamtdeletras.com.br

administrativo@academiamtdeletras.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9

EDITORIAL 11

PARTE I

DISCURSOS DE POSSE NA PRESIDÊNCIA DA AML 15

Discurso de posse de Luciene Josefa de Carvalho como presidente da Academia Mato-grossense de Letras – Gestão 2023-2025 16

Discurso de posse de Sueli Batista dos Santos como presidente da Academia Mato-grossense de Letras – Gestão 2021-2023 18

PARTE II

DISCURSOS PRONUNCIADOS NAS POSSES DOS ACADÊMICOS 23

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DO ACADÊMICO

GONÇALO ANTUNES DE BARROS NETO 24

Abertura da Sessão Solene de Posse do acadêmico
Gonçalo Antunes de Barros Neto, pela presidente Luciene Josefa de
Carvalho, em 7 de outubro de 2024 24

Discurso de recepção a Gonçalo Antunes de Barros Neto,
por Neila Maria Souza Barreto, em 7 de outubro de 2024 26

Discurso de posse do acadêmico Gonçalo Antunes de Barros Neto,
em 7 de outubro de 2024 32

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DA ACADÊMICA

DIVANIZE CARBONIERI 45

Abertura da Sessão Solene de Posse da acadêmica Divanize Carbonieri,
pela presidente Luciene Josefa de Carvalho, em 8 de março de 2024 45

Discurso de recepção a Divanize Carbonieri,
por Eduardo Moreira Leite Mahon, em 8 de março de 2024 46

Discurso de posse da acadêmica Divanize Carbonieri,
em 8 de março de 2024 52

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DO ACADÊMICO	
LUÍS FABRÍCIO CIRILLO DE CARVALHO	60
Abertura da Sessão Solene de Posse do acadêmico Luís Fabrício Cirillo de Carvalho, pela presidente Luciene Josefa de Carvalho, em 29 de fevereiro de 2024	60
Discurso de recepção a Luís Fabrício Cirillo de Carvalho, por Valerio de Oliveira Mazzuoli, em 29 de fevereiro de 2024	61
Discurso de posse do acadêmico Luís Fabrício Cirillo de Carvalho, em 29 de fevereiro de 2024	73
DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DO ACADÊMICO	
ALLAN KARDEC PINTO ACOSTA BENITEZ	88
Abertura da Sessão Solene de Posse do acadêmico Allan Kardec Pinto Acosta Benitez, pela presidente Luciene Josefa de Carvalho, em 6 de dezembro de 2023	88
Discurso de recepção a Allan Kardec Pinto Acosta Benitez, por João Carlos Vicente Ferreira, em 6 de dezembro de 2023	90
Discurso de posse do acadêmico Allan Kardec Pinto Acosta Benitez, em 6 de dezembro de 2023	94
DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DA ACADÊMICA	
MARLI TEREZINHA WALKER	104
Abertura da Sessão Solene de Posse da acadêmica Marli Terezinha Walker, pela presidente Sueli Batista dos Santos, em 14 de setembro de 2021	104
Discurso de recepção a Marli Terezinha Walker, por Marta Helena Cocco, em 14 de setembro de 2021	107
Discurso de posse da acadêmica Marli Terezinha Walker, em 14 de setembro de 2021	117
DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DO ACADÊMICO	
ANTÔNIO ERNANI PEDROSO CALHÃO	127
Abertura da Sessão Solene de Posse do acadêmico Antônio Ernani Pedroso Calháo, pela presidente Sueli Batista dos Santos, em 31 de agosto de 2021	127
Discurso de recepção a Antônio Ernani Pedroso Calháo, por Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, em 31 de agosto de 2021	130
Discurso de posse do acadêmico Antônio Ernani Pedroso Calháo, em 31 de agosto de 2021	148

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DA ACADÊMICA	
NEILA MARIA SOUZA BARRETO	161
Abertura da Sessão Solene de Posse da acadêmica Neila Maria Souza Barreto, pela presidente Sueli Batista dos Santos, em 29 de novembro de 2019.....	161
Discurso de recepção a Neila Maria Souza Barreto, por Odoni Gröhs, em 29 de novembro de 2019	164
Discurso de posse da acadêmica Neila Maria Souza Barreto, em 29 de novembro de 2019.....	173
DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DA ACADÊMICA	
LINDINALVA CORREIA RODRIGUES.....	185
Abertura da Sessão Solene de Posse da acadêmica Lindinalva Correia Rodrigues, pela presidente Sueli Batista dos Santos, em 12 de novembro de 2019.....	185
Discurso de recepção a Lindinalva Correia Rodrigues, por Amini Haddad Campos, em 12 de novembro de 2019	187
Discurso de posse da acadêmica Lindinalva Correia Rodrigues, em 12 de novembro de 2019.....	195
DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DO ACADÊMICO	
LORENZO DE JESUS MIRANDA FALCÃO.....	202
Abertura da Sessão Solene de Posse do acadêmico Lorenzo de Jesus Miranda Falcão, pela presidente em exercício Lucinda Nogueira Persona, em 21 de setembro de 2018.....	202
Discurso de recepção a Lorenzo de Jesus Miranda Falcão, por Eduardo Moreira Leite Mahon, em 21 de setembro de 2018.....	205
Discurso de posse do acadêmico Lorenzo de Jesus Miranda Falcão, em 21 de setembro de 2018.....	214
PARTE III	
SESSÕES MAGNAS DA SAUDADE	223
Abertura da Sessão Magna da Saudade em memória do acadêmico Ivens Cuiabano Scaff, pela presidente Luciene Josefa de Carvalho, em 30 de abril de 2024	224
Panegírico a Ivens Cuiabano Scaff, por Yasmin Jamil Nadaf, em 30 de abril de 2024	226
Panegírico a Avelino Tavares, por Eduardo Moreira Leite Mahon, em 10 de setembro de 2022.....	241

Panegírico a Tertuliano Amarilha, por Elizabeth Madureira Siqueira, em 13 de agosto de 2022	245
Panegírico a Marília Beatriz de Figueiredo Leite, por Ivens Cuiabano Scaff, em 18 de junho de 2021.....	254
Panegírico a Benedito Pedro Dorileo, por Nilza Queiroz Freire, em 8 de junho de 2020.....	261
 PARTE IV QUADRO ATUALIZADO DOS ASSOCIADOS DA AML EM 2024.....	 267
 PARTE V ASSINATURA POÉTICA.....	 277

APRESENTAÇÃO

Um dos sentidos da apregoada imortalidade dos membros da Academia Mato-grossense de Letras (AML) se dá no registro e divulgação do percurso de vida e produção, sobretudo literária, daqueles que a adentram, cuidadosamente elaborada por um de seus membros no momento de ingresso na instituição, e a narração detalhada da trajetória de cada ocupante da Cadeira feita pelo neófito ao assumi-la – durante o ritual da Sessão Solene de Posse.

Os discursos de abertura dessas Sessões feitos pelos presidentes da AML, os de recepção por acadêmicos convidados e o “passar a limpo” a Cadeira que irá ocupar, pelo empossando, são recolhidos e posteriormente divulgados nesta Revista institucional. Publicá-la significa compartilhar a memória de um tempo, pois, simultaneamente, materializa um momento de transição e renova o registro secular de percursos e produções singulares. Também são publicadas as falas proferidas nas Sessões Magnas da Saudade, enunciadas por acadêmicos nomeados pelas presidências, que celebram a vida daqueles confrades e confreriras que já partiram para outros planos de existência. Os panegíricos buscam honrá-los através de um registro claro, por vezes emotivo, do seu ser-estar no mundo. Além disso, a Revista traz os discursos inaugurais de posse das presidências. Em todas as ocasiões, visitantes são recebidos e se celebram os ritos das transições de gestões e Cadeiras.

Esta edição nº 101 contempla cerimônias realizadas durante os mandatos de Sueli Batista dos Santos (2021-2023) e a minha, Luciene Josefa de Carvalho (2023-2025). Nela, estão divulgadas vozes acadêmicas que abarcam os ritos de transição das duas gestões, além de lacunas anteriores, completando, finalmente, um grande ciclo, graças à dedicação prestimosa do Conselho e da Comissão Editorial.

Investir em soluções tecnológicas com custo otimizado foi uma das metas propostas pela atual mesa diretora da AML, por isso esta Revista está sendo lançada de modo híbrido: impresso e *on-line*, indexada no *site* institucional: <<https://academiamtdeletras.com.br>>. As reuniões mensais regulares também estão ocorrendo presencialmente e via Google Meet; e a AML está sendo divulgada via Instagram (@[academiadeletrasmt](https://www.instagram.com/academiadeletrasmt)) – tudo isso visando proporcionar uma interação que se traduz em Casa Aberta, não por acaso nome do evento mensal que divulga a produção e a performance de acadêmicos, o Slam feminino (as meninas criaram o ‘Slam da Academia’), artistas e grupos de vertentes variadas, consequentemente atraindo para a Casa Barão parcelas da população cuiabana e mato-grossense que a ela nunca tiveram acesso, além dos seus frequentadores habituais.

Contudo, mais que uma sucessão de discursos, a AML se dá a conhecer através de sua mais nobre roupagem: o idioma. Nesta ressignificação, torna-se espelho da sociedade mato-grossense. Ela é plural, diversa, democrática e representativa. Esta Revista é um compromisso renovado de diálogo com as pessoas do Estado de Mato Grosso – território que efervesce no crescimento de sua gente, na consciência da preciosidade das suas riquezas naturais e no papel que ocupa no cenário nacional.

A Academia Mato-grossense de Letras oferece seus escritos de recortes no tempo, porque tem consciência de que lhe cabe preservar, para a História, a grandeza das Letras de Mato Grosso.

Luciene Josefa de Carvalho

Presidente da Academia Mato-grossense de Letras

EDITORIAL

A Revista da Academia Mato-grossense de Letras tem sido um instrumento de registro da memória da centenária instituição cultural e da produção dos acadêmicos. Em sua centésima primeira edição, compõe um quadro histórico-social e cultural em que é possível compreender uma linha do tempo, que começa com Dom Aquino e José de Mesquita, em 1922, e continua a redesenhar uma memória coletiva como fruto das experiências e do exercício estético na atualidade.

A cada Cadeira vaga, o empossando necessita conhecer sua composição plena – Patrono, ocupantes anteriores – a fim de discorrer sobre o lugar que irá ocupar no quadro institucional e, a partir daí, construir seu próprio discurso. Esse processo teve início desde a década de 1920, quando os discursos passaram a ser publicados de forma esparsa na Revista institucional. Em 2015-2016, houve um esforço de se publicar aqueles faltantes, completando, assim, o quadro discursivo das posses. Agora, em 2024, foi finalizado o ciclo dos discursos, incluindo, desta vez, os proferidos nos Panegíricos, receptáculos garantidores da memória e da evolução da construção das peças literárias.

O funcionamento imaginário das instituições e seus produtos é visível nos textos literários e no papel do escritor na sociedade. Tais produtos são conteúdos da memória, geradores de um centro de tradições representado no tempo/espaço de um passado reconhecível nas

imagens criadas sucessivamente. Desta forma, não é apenas recuperação da história, mas a forma como os acontecimentos foram inscritos no discurso modalizador da história que permanece, supostamente, reconhecida. Então, desnudar acontecimentos e estéticas é um procedimento imagético que expõe o olhar leitor a níveis opacos do que se pode compreender sobre os sentidos postos historicamente.

Dentro desses princípios, a proposta desta Revista nº 101 dá continuidade aos movimentos gerados historicamente, agrega amadurecidos olhares e impõe-se como mais um núcleo de reflexões e debates, atento às contaminações a que se sujeita a produção coletiva, a convivência e as resistências. Por isso está pensada como uma *zona de contato* que se forma a partir das falas de abertura de cada sessão, das peças discursivas oriundas dos momentos de posse na presidência da instituição, nas duas últimas gestões, seguidas das três peças literárias que compõem o momento da posse dos acadêmicos, mas também dos panegíricos produzidos em decorrência do falecimento de seus membros. Traz, portanto, o olhar dos que já vivenciam os procedimentos da instituição e dos que agregam outros olhares, gerando a salutar convivência entre a modernidade e a tradição – os que estão e os que adentram o novo universo de produção intelectual. Tem-se, então, a força da produção coletiva participante do complexo social de difusão e de busca de leitores e pesquisadores.

O presente periódico está dividido em três partes. A primeira estampa os discursos pronunciados por acadêmicas que assumiram a presidência nas duas últimas gestões: de 2021 a 2023 (SUELI BATISTA DOS SANTOS), até o ano de 2025 (LUCIENE JOSEFA DE CARVALHO). A segunda parte organiza os discursos pronunciados nas sessões de posse dos acadêmicos: o da abertura da sessão, o discurso de recepção e o de posse das seguintes Cadeiras, sempre em ordem decrescente: Cadeira 7 – Posse do acadêmico GONÇALO ANTUNES DE BARROS NETO, ocorrida em 7 de outubro de 2024; Cadeira 2 – Posse da acadêmica DIVANIZE CARBONIERI, ocorrida em 8 de março de 2024; Cadeira 23 – Posse do acadêmico LUÍS FABRÍCIO CIRILLO DE CARVALHO,

em 29 de fevereiro de 2024; Cadeira 30 – Posse do acadêmico ALLAN KARDEC PINTO ACOSTA BENITEZ, em 6 de dezembro de 2023; Cadeira 2 – Posse da acadêmica MARLI TEREZINHA WALKER, ocorrida em 14 de setembro de 2021; Cadeira 26 – Posse do acadêmico ANTÔNIO ERNANI PEDROSO CALHÃO, em 31 de agosto de 2021; Cadeira 37 – Posse da acadêmica LINDINALVA CORREIA RODRIGUES, transcorrida a 12 de novembro de 2019; Cadeira 19 – Posse da acadêmica NEILA MARIA SOUZA BARRETO, em 29 de novembro de 2019; e Cadeira 12 – Posse do acadêmico LORENZO DE JESUS MIRANDA FALCÃO, em 21 de setembro de 2018.

A terceira parte traz, também em ordem decrescente, os discursos pronunciados nas Sessões Magnas da Saudade, dedicados aos acadêmicos falecidos entre os anos 2020 e 2024, e o momento oficial de se publicizar a abertura da vaga. São eles: Sessão Magna da Saudade em memória de IVENS CUIABANO SCAFF, ocupante da Cadeira 7, pronunciado pela acadêmica Yasmin Jamil Nadaf, em 30 de abril de 2024; Sessão Magna da Saudade em memória de AVELINO TAVARES, ocupante da Cadeira 17, pelo acadêmico Eduardo Moreira Leite Mahon, em 10 de setembro de 2022; Sessão Magna da Saudade em memória de TERTULIANO AMARILHA, ocupante da Cadeira 23, pela acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira, em 13 de agosto de 2022; Sessão Magna da Saudade em memória de MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE, ocupante da Cadeira 2, pelo acadêmico Ivens Cuiabano Scaff, em 18 de junho de 2021; e Sessão Magna da Saudade em memória de BENEDITO PEDRO DORILEO, ocupante da Cadeira 26, pronunciado pela acadêmica Nilza Queiroz Freire, em 8 de junho de 2020.

Finalizando, a última parte da Revista, apresenta o quadro atualizado dos associados da Academia Mato-grossense de Letras, em 2024, incluindo os patronos e ocupantes das quarenta cadeiras acadêmicas.

Esse espírito catalizador das Revistas da AML, ao longo de um século, motiva a compreensão das diferenças a partir do legado de cada acadêmico, que fala de um lugar e de um tempo, possibilitando reflexões sobre as relações de produção no coletivo e o papel do intelectual na

sociedade. São eles que redimensionam a compreensão que se tem da tradição a ser traduzida e do complexo cultural formador do campo intelectual de Mato Grosso. Daí a perenidade desta Instituição e o sentido da imortalidade dos seus integrantes.

Assim, convida-se o leitor a perceber nuances dos tempos e a compor o mosaico social de que todos somos constituídos.

Olga Maria Castrillon Mendes

Marli Walker

Elizabeth Madureira Siqueira

Comissão Editorial

The background features a complex, abstract geometric pattern. It consists of interlocking shapes in a palette of deep red, white, black, and gold. The shapes include octagons, hexagons, and irregular polygons, some of which are filled with a different color or have a white outline. The overall effect is a dense, textured, and somewhat crystalline design.

PARTE I

**DISCURSOS DE POSSE
NA PRESIDÊNCIA DA AML**

Discurso de posse de LUCIENE JOSEFA DE CARVALHO como presidente da Academia Mato-grossense de Letras

Gestão 2023-2025

Boa-noite, senhoras, senhores.

Saúdo meus confrades, através de Lucinda Persona, inspiração e referência. Saúdo a mesa, através de Beto Dois a Um, artista, parlamentar e amigo que a cultura me trouxe. Saúdo a população mato-grossense, através de Celina Conceição Fontes, cuiabana, minha tia, a mulher mais moderna que já conheci. Celebram meu coração e minha ancestralidade frente a tão grande honraria como esta, a de estar assumindo a presidência da Academia Mato-grossense de Letras.

Eu, nascida pantaneira num Mato Grosso uno, criada às margens do rio Paraguai, filha de Seo Basílio e de Dona Conceição – aos quais peço a bênção. Não sabia da lapidação que viria no convívio com meus pares, desse afeto que foi brotando no meu dentro por esta Casa. Foi um susto quando surgiu a possibilidade de eu me candidatar à presidência. Nunca me havia imaginado neste lugar: pelo inusitado, pelo improvável, pela história. Contudo, nascer no Pantanal nos ensina a atravessar distâncias: ousei! E o carinho por este lugar foi ocupando espaço em mim. Mais e mais, convidei pessoas, pelas quais nutro admiração, para estar comigo na gestão nos próximos dois anos. Agradeço a meus confrades, pela confiança depositada em nossas propostas. Dedicarei os meus melhores esforços para velar pela tradição centenária desta Academia. Agradeço à Sueli Batista, pelo apoio e exemplo.

Mato-grossenses, creio que a literatura é o laboratório que gesta identidade do novo Mato Grosso. Creio que a aliança entre a literatura e a educação existe e é urgente que receba cuidados de políticas públicas. Creio que as crianças e jovens de todo o nosso Estado precisam ter

acesso à literatura brasileira produzida em Mato Grosso. Esta é uma questão de cidadania; que nossos livros alcancem todas as idades que habitam nossa terra. É uma questão de civilidade que o poder público, as universidades públicas e privadas reconheçam o escritor como um profissional, remunerando o nosso trabalho e compreendendo nossos livros como produtos que merecem investimento. E não se trata apenas do poder público. Já tarda que a literatura mato-grossense receba investimento privado, dada a qualidade da nossa escrita. A Academia Mato-grossense de Letras é uma instituição viva e singular. Pretendemos que seja um território de diálogos com nomes e instituições nacionais, espaço de troca com outras linguagens artísticas. Nós nos faremos presentes nas várias regiões do Estado.

Já vai longe a minha fala; entretanto, resta ainda agradecer aos comunicadores de Cuiabá, espelho que me ensina a me enxergar no que produzo. Muito foi dito sobre eu ser a primeira negra a assumir a presidência de uma Academia de Letras e isso muito me alegra, mas o mérito também é do colegiado que democraticamente me elegeu. Sou preta, periférica, poeta e do bairro do Porto. Agradeço ao meu povo a representatividade que me foi atribuída, ao Mano Raul pela mão entrelaçada à singularidade do que sou. Minha gratidão maior à Poesia, pois ela me escolheu.

Boa noite!

Discurso de posse de SUELI BATISTA DOS SANTOS como presidente da Academia Mato-grossense de Letras

Gestão 2021-2023

As lembranças são muitas e elas emolduram a noite de hoje, na qual falo como presidente reeleita, com a chapa “Harmonia no Centenário”. Minha história na Academia Mato-grossense de Letras foi iniciada no ano de 2014. Não faz tanto tempo, e ter participado desde então de todas as eleições para a mesa diretora, lado a lado de outros presidentes, e tomar posse como presidente para mais uma gestão sucessiva, eu creio que legitima o meu trabalho voluntário à frente da instituição. Estamos no ano do centenário da AML e fico honrada por minha recondução à presidência, podendo concluir o projeto que iniciei.

Destaco que dentre os projetos está a criação da comenda José de Mesquita, com a qual prestaremos primeiramente uma justa homenagem ao nosso primeiro presidente, que se dedicou por 40 anos à nossa instituição, e através da insígnia para outras personalidades, que têm ligação com a academia e com a sociedade, principalmente na atuação cultural.

Hoje o meu coração está carregado de memórias, de um tempo bom. E recorro neste momento ao primeiro presidente da Academia Mato-grossense de Letras que eu conheci: Lenine de Campos Póvoas, e peço aplausos porque 2021 é também o ano do seu centenário. Entrevistei-o na Casa Barão, em 1986, para o Caderno de Cultura do jornal o *Estado de Mato Grosso*. Recebi dele o livro *História de Mato Grosso*, lançado no ano anterior. Eu passei a admirá-lo por sua riqueza de conteúdo e polidez. Estar diante de um imortal, no casarão que abriga as letras, fez-me sonhar, não de um dia também ocupar um lugar entre os maiores intelectuais mato-grossenses, isso era muito distante e nem habitava a minha imaginação. Sonhava, entretanto, em publicar meu primeiro

livro. E consegui, no ano de 1996, ter a edição da obra de poesias: *Pássaro Passará*, e passei a construir um outro caminhar pelas letras. Faço parte, hoje, do grupo de 13 mulheres que ocupam cadeiras nesta casa, sendo que somente 18 representantes femininas chegaram a este espaço das letras, dentre 192 ocupantes ao longo de 100 anos, dentre os quais tivemos apenas três mulheres presidentes, incluindo-me entre elas.

Encho-me de orgulho ao falar sobre a primeira mulher presidente da nossa Academia, Nilza Queiroz Freire. Ela me acompanhou na gestão, como primeira tesoureira, desempenhando seu papel dentro de tudo que foi solicitado e esteve sempre presente em nossos eventos e reuniões, não se intimidando por nada, no prelúdio de seus 90 anos.

Já que estou citando presidentes, não poderia deixar de falar de Sebastião Carlos Gomes de Carvalho. Afinal, além do seu trabalho meritoso, foi ele que me incentivou e abraçou a minha candidatura à presidência, acreditando que eu honraria a trajetória e a tradição da nossa instituição. Passados dois anos, foi ele que tomou a iniciativa de reunir-se com outros confrades para convencer-me a dizer novamente sim.

Recordo que no discurso do então presidente Eduardo Mahon, quando me empossava como novel acadêmica, ele encerrou dizendo: “Que venha Sueli Batista. Bem poderia ela chamar-se Sueli coragem”. Então eu não poderia me acovardar diante dos chamados. Enchi-me de coragem para mais uma vez dizer sim, colocando o meu nome, minha ação e o meu coração em uma causa de maior grandeza a qual poderia me dedicar.

Quem diria, eu a presidente da época da pandemia do novo coronavírus e do centenário da AML. Ter conseguido fazer, ao lado da diretoria e conselhos, o que deveria ser feito muito me honra.

Em setembro de 2019, quando tomei posse como presidente, sabia que teria que embalar de forma muito cuidadosa uma história quase centenária, mas que eu não mediria esforços para oferecer um grande presente, nos seus 100 anos, e ele veio em forma de recursos financeiros, interatividades artísticas, intensa luz, integração, segurança e reconhecimentos.

No período da gestão União e Harmonia tivemos duas perdas em nossa Academia Mato-grossense de Letras, e foram muito sentidas. Quero fazer neste momento um tributo aos acadêmicos que partiram. Abro aspas para uma citação de Benedito Pedro Dorileo, em sua última obra *Folhas evocativas*: “e se tens na alma o céu, por que temê-las? As pedras que o homem contra Deus atira, ao contrário do céu, tornam-se estrelas”. Ele nos deixou em dezembro de 2019. E também abro aspas para citar a autora Marília Beatriz de Figueiredo Leite, que na obra *Tremor essencial*, escrita em 2020, deixou, registrado: “quando eu me for, perceberei que enfeitada e mascarada, piso nas cenas hesitantes, sem champanhe. Apenas atriz, heroína ou figurante. Personagem ou, protagonista comediantes”. E como diz minha amada, só uma improvisada passagem, com outros anônimos. Ela faleceu em julho de 2020. Aplausos para aqueles que deixaram suas luzes acesas mesmo ao apagarem-se as chamas de suas vidas.

No dia em que assumi a presidência, 30 de setembro de 2019, não se previa que um vírus iria modificar todo o comportamento mundial, e nos afastar das ações presenciais, dos abraços e ainda subtrair pessoas do nosso convívio. E dentro deste contexto, enfrentei o luto tão dolorido ao perder minha mãe, e um mês depois o baque da partida de Marília Beatriz, ambas por covid 19, mal com o qual também fui infectada e internada, em São Paulo. Nada, entretanto, afastou-me do que eu havia planejado, busquei juntar forças para num processo quase solitário cumprir a missão, principalmente dentro do que eu estabeleci no programa de desenvolvimento da AML.

Não tenho a intenção de fazer relatório, mas enfatizo que cumpri com todos os cinco pilares contemplados na gestão União e Harmonia, que foi iniciada com os pensamentos divergentes em alta, exigindo que eu colocasse na minha forma de gestão, mais racionalidade do que emoção. No cômputo geral, eu realmente queria chegar com um resultado pontuado pela resiliência, serenidade e sabedoria, dentro de um compromisso com um bem maior. Isso eu creio que posso chamar de pertencimento.

Espero que a nossa gestão União e Harmonia tenha trazido orgulho aos que acreditaram que poderíamos gerir com êxito, por um biênio, a Academia Mato-grossense de Letras, uma das mais respeitadas instituições culturais de Mato Grosso. A minha reeleição à presidência e desta vez com maior apoio dos confrades e confreiras, traz de certa forma mais força para uma trajetória de sucesso. Que de certo modo, ainda que de maneira simbólica, espero que eu tenha orgulhado o patrono da Cadeira 34, ocupada por mim neste sodalício, José Tomaz de Almeida Serra, considerado um dos maiores poetas românticos de Mato Grosso; e de todos aqueles que ocuparam a mesma cadeira: Olegário Moreira de Barros, que presidiu o Tribunal de Justiça de Mato Grosso, na década de 1940; João Moreira de Barros, que presidiu o Tribunal de Contas de Mato Grosso por três gestões e João Alberto Novis Gomes Monteiro, médico e literato, que também presidiu a nossa Academia.

Quando aceitei ser a presidente da AML, tomei a decisão baseada em minha experiência em gestão, que adquiri num espaço de empoderamento feminino, no qual deixei legado como presidente, por três gestões, duas localmente e uma nacionalmente. A Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais – BPW Cuiabá e a Federação BPW Brasil. Honro o meu percurso como líder de uma ONG feminina, que em nível internacional tem assento na ONU. As parcerias saudáveis e fidelizadas que estabeleci na rede BPW eu trouxe, de certa forma também para a Casa Barão, e isso não só localmente. Nosso primeiro grande evento da gestão ocorreu em dezembro de 2019, alusivo aos dezoito anos da ONG feminina, o lançamento do livro *Juntas brilhamos mais*, edição com histórias inspiradoras de uma pluralidade de mulheres fantásticas, a exemplo de Mariza Bazo, que dividiu comigo a coordenação editorial, e Zilda Zompero, a presidente da BPW na época. Sonhar junto faz muito sentido em uma jornada. Por esta razão não poderia deixar de citar onde aprendi a ter grande comprometimento e responsabilidade, de forma voluntária, com o bem coletivo.

Na égide da harmonia no Centenário eu peço que cada um dos acadêmicos viva na feliz convivência com os confrades e as confreiras,

emanando o bom e o bem. Que aqueles, que junto comigo compõem a nova gestão, seja como diretores, ou conselheiros possam, irmanados, dar o que consideram como o melhor, para vermos cada vez mais a Academia Mato-grossense de Letras revigorada, pulsante, produtiva e integrada com a sociedade. Eis-me aqui, pronta para, mais uma vez, servir. Gratidão!



PARTE II

**DISCURSOS PRONUNCIADOS
NAS POSSES DOS ACADÊMICOS**

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DO ACADÊMICO GONÇALO ANTUNES DE BARROS NETO

Abertura da Sessão Solene de Posse do acadêmico Gonçalo Antunes de Barros Neto, pela presidente Luciene Josefa de Carvalho, em 7 de outubro de 2024

Por Renovadas Esperanças

Boa noite a todos,

É sempre motivo de júbilo estar com as portas da Casa Barão des-cerradas, acolhendo visitantes que nos proporcionam momentos de troca de afetos e saberes. Nesta noite, o signo é o da renovação: é nova a Lua que percorre os céus, é renovado o espírito de Cuiabanidade que guiou Gonçalo Antunes de Barros Neto até a diplomação, neste rito de posse na Cadeira 7 da Academia Mato-grossense de Letras.

Gonçalo é uma dessas pessoas que encarnam a metonímia da cidade de Cuiabá. Mesmo quando se faz presente pela primeira vez num ambiente, traz-nos a sensação de fazer parte dele há muito. Cai-lhe bem o apelido de “Saíto”, pois nos sinaliza o poliédrico dos seus estares: juiz, filósofo, violeiro, prosador, atuante nas mídias digitais. A síntese de sua atuação social: um Humanista.

Filho do saudoso casal Gilson e Leuby de Barros, Gonçalo é um homem ancorado na família: pai de Michelle, Amanda, Gabriela e Gilson Neto. Todas as filhas são graduadas em Direito, num espelhamento de admiração e sintonia. O filho caçula, ainda cursando o Ensino Médio, traz no nome a herança do avô. A chegada dos anos 2000, além do novo milênio, trouxe para Gonçalo a sua companheira

de vida, a esposa e musa Rosana Leite Antunes de Barros, defensora pública estadual. Em tempo de afetos líquidos, Rosana e Saíto são cúmplices na coragem de viver um Amor firmado no cotidiano e raro na medida do lendário.

Gonçalo Antunes de Barros Neto é um guerreiro; lutou brava e abertamente para chegar à Academia Mato-grossense de Letras. Neste momento, esta Casa o recebe com renovada Esperança.

**Discurso de recepção a Gonçalo Antunes de Barros Neto,
por Neila Maria Souza Barreto,
em 7 de outubro de 2024**

Excelentíssimos acadêmicos, senhoras e senhores,

É com profunda honra e reverência que hoje me dirijo a esta distinta assembleia, composta por mentes brilhantes e por aqueles que dedicam suas vidas à elevação da cultura e do conhecimento, para recepcionar o mais novo membro da nossa venerável Academia Mato-grossense de Letras, o ilustre Gonçalo Antunes de Barros Neto. Hoje é um dia que transcende o simples ato de acolhimento. É um dia que marca a perpetuação de uma tradição literária, filosófica e humanista, ao recebermos entre nós um homem cuja trajetória é exemplo de dedicação, erudição e ética.

A história da cadeira que ora acolhe o acadêmico Gonçalo Antunes de Barros Neto não pode ser ignorada. A Cadeira de número 7 carrega em si não apenas um legado literário, mas uma responsabilidade histórica. Ela foi ocupada por figuras ilustres, como o saudoso Ivens Cuiabano Scaff, um verdadeiro ícone de inteligência, humanismo e erudição. Scaff deixou em nossa memória um legado de sabedoria e sensibilidade que, com certeza, encontrará continuidade nas mãos de Gonçalo. A escolha de Gonçalo Antunes para suceder essa trajetória ilustre é um reconhecimento, não só pela sua produção acadêmica e literária, mas pela forma com que sua vida e obra entrelaçam saberes, tornando-o um verdadeiro farol para o pensamento contemporâneo.

Como bem disse o filósofo francês Jacques Derrida, “nada acontece fora do texto”. E ao adentrar esta casa, Gonçalo Antunes escreve, sem dúvida, uma nova e significativa página não apenas de sua própria história, mas também de nossa história cultural coletiva. Ele contribui para que esta Academia permaneça viva, vibrante, relevante, dialogando com as questões mais urgentes do nosso tempo e mantendo acesa a chama da intelectualidade e da cultura em Mato Grosso e além.

A Trajetória de Gonçalo Antunes de Barros Neto

A história de Gonçalo Antunes de Barros Neto começa em uma tradicional família cuiabana, um ambiente rico em valores culturais e sociais que o formaram como indivíduo e intelectual. Filho do ex-Deputado Federal Gilson Duarte de Barros e da professora Leuby Correa da Costa Barros, casado com a Defensora Pública Rosana Leite Antunes de Barros, e pai de quatro filhos – Michelle, Amanda, Gabriella e Gilson Neto – Gonçalo é o exemplo de alguém que carrega consigo o legado de sua família, mas que, ao longo dos anos, construiu seu próprio caminho de forma brilhante.

Sua formação acadêmica é vasta e notável. Graduado em Direito e Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso, Gonçalo foi além de nossas fronteiras, especializando-se em instituições renomadas como a Universidade de Lisboa. Ao longo dessa jornada, acumulou não apenas conhecimentos, mas também experiências que o moldaram como um cidadão do mundo, sempre com o olhar atento às questões que afligem a humanidade.

Seja como magistrado ou como professor, sua atuação é marcada por um compromisso inabalável com os valores da cidadania, da justiça e dos direitos humanos. Gonçalo é, sem dúvida, um defensor da transformação social por meio do Direito, vendo nesta ciência uma ferramenta de inclusão e de equidade. E, como ex-professor da Universidade Federal de Mato Grosso e professor de filosofia da Escola Superior da Magistratura de Mato Grosso (Esmagis), ele se destaca pela capacidade de iluminar mentes, de estimular o pensamento crítico e de pavimentar o caminho para as futuras gerações. Como bem disse Paulo Freire: “Não há saber mais ou saber menos; há saberes diferentes”. Gonçalo encarna esse princípio, compartilhando seu conhecimento de forma humilde e generosa, e reconhecendo a riqueza que cada indivíduo traz consigo.

O Pensador e o Humanista

Gonçalo Antunes de Barros Neto transcende a esfera jurídica. Ele é, acima de tudo, um pensador de amplas fronteiras, cuja percepção e sensibilidade para a vida humana e suas múltiplas expressões moldam sua visão de mundo. Sua formação acadêmica plural, que já destacamos, abrange não apenas o Direito, mas também a Filosofia, a Sociologia e a Literatura, o que o posiciona como um intelectual de uma profundidade rara. A amplitude de seu pensamento nos remete a grandes figuras da intelectualidade contemporânea, como o filósofo alemão Jürgen Habermas, que em sua teoria do agir comunicativo defende a importância do diálogo racional como base para a construção de uma sociedade justa e democrática. Gonçalo Antunes exemplifica perfeitamente essa noção, utilizando o poder do diálogo, da reflexão crítica e da comunicação para iluminar os dilemas que a nossa sociedade enfrenta hoje.

Vivemos tempos desafiadores, em que o diálogo muitas vezes é suprimido ou abafado por vozes polarizadas, onde a compreensão mútua é trocada por conflitos ideológicos que nos afastam da verdadeira essência da convivência humana. Nesse cenário, a atuação de Gonçalo é uma lufada de ar fresco. Ele nos ensina, com seu exemplo, que a solução para os problemas contemporâneos reside na razão, no entendimento mútuo e na capacidade de ouvir o outro com empatia e respeito. Em uma época em que a desinformação e o extremismo ameaçam desestruturar o tecido social, Gonçalo permanece firme na defesa de que o conhecimento e o debate são ferramentas indispensáveis para construir uma sociedade mais inclusiva e justa.

Ao adentrar as portas da Academia Mato-grossense de Letras, Gonçalo não traz apenas sua vasta experiência jurídica, mas também uma visão crítica refinada, característica de um verdadeiro humanista, de um filósofo. Ele carrega consigo a capacidade de compreender, com profundidade, os dilemas da humanidade e de refletir sobre questões que extrapolam os limites do Direito, tocando as fronteiras da ética, da moral e da sociologia. Como dizia Hannah Arendt, “o papel do intelectual é pensar o impensável”, e Gonçalo, com sua mente vibrante e

sua profunda sensibilidade social, cumpre com maestria essa missão. Ele não se contenta em apenas observar as complexidades do mundo contemporâneo – ele busca soluções concretas e éticas para os dilemas que nos assolam, sempre com uma visão voltada para o bem comum.

É nesse sentido que sua presença nesta Academia representa muito mais do que o ingresso de um brilhante jurista. Gonçalo Antunes de Barros Neto é um pensador inquieto, alguém que não se conforma com respostas fáceis ou superficiais. Sua reflexão, sempre embasada em um profundo senso de responsabilidade social, oferece-nos novas perspectivas sobre os desafios éticos que enfrentamos diariamente. Com sua inteligência aguçada, ele analisa as questões sob uma ótica plural, consciente da interconexão entre os vários campos do saber. Não se limita a teorizar sobre o mundo, como filósofo que é – busca intervir nele de forma significativa, sempre pautado pelos princípios de justiça e equidade.

A missão de Gonçalo enquanto pensador é clara: fomentar o pensamento crítico, não apenas entre seus pares acadêmicos, mas também na sociedade em geral. Ele sabe que o conhecimento é uma ferramenta poderosa de transformação, e que é por meio do debate intelectual e do diálogo racional que podemos criar soluções para os dilemas que afligem nossa sociedade. Gonçalo é um exemplo vivo do que significa ser um humanista no século XXI. Sua capacidade de ouvir, refletir e agir faz dele uma figura essencial para o nosso tempo, uma voz que não apenas questiona o status quo, mas que oferece alternativas concretas para a construção de um mundo melhor.

Portanto, ao acolhermos Gonçalo nesta Academia, não estamos apenas celebrando sua notável trajetória, mas também garantindo que o pensamento crítico e humanista continuará a florescer entre nós. Sua presença nos inspira a seguir adiante, com coragem e lucidez, na busca por um futuro em que o diálogo, a razão e a justiça prevaleçam sobre o caos e a intolerância. Como ele próprio exemplifica, é no pensamento crítico, no agir comunicativo e no comprometimento com o bem comum que encontramos as chaves para resolver os dilemas mais profundos da nossa sociedade.

A Literatura e o Amor pelas Letras

Além de sua inquestionável competência no campo jurídico, Gonçalo Antunes de Barros Neto também se destaca como um amante das letras e um defensor incansável da cultura. Seu olhar sobre o mundo, temperado pela literatura, pela poesia e pela história, o coloca em consonância com os maiores nomes da literatura brasileira. Em sua trajetória, encontramos ecos de autores como Albert Camus, para quem “o verdadeiro generoso é aquele que dá sem lembrar, e recebe sem esquecer”. A sua generosidade intelectual é inegável, assim como sua capacidade de aprender com o passado para projetar um futuro mais justo e inclusivo.

Ao olhar para nossa terra, Mato Grosso, ele é herdeiro e continuador da rica tradição literária de nossos grandes nomes. Autores como Silva Freire, que souberam dar voz às particularidades de nosso povo e nossa terra, encontrariam em Gonçalo Antunes um legítimo representante do pensar mato-grossense, engajado com as questões locais, mas sem perder de vista o contexto global. Silva Freire nos lembra que “escrever é uma forma de existir”, e Gonçalo, ao entrar nesta casa, dá continuidade a essa existência literária, feita de pensamento crítico e ação transformadora.

O Compromisso com a Humanidade

O ingresso de Gonçalo Antunes de Barros Neto na Academia Mato-grossense de Letras não representa apenas um marco em sua carreira, mas um compromisso renovado com a humanidade. A tradição acadêmica e literária que ele agora integra demanda daqueles que aqui se assentam a defesa de valores universais: a busca pela verdade, o respeito pelo outro, o amor pela cultura e a dedicação incansável à construção de uma sociedade mais justa.

Como diria o filósofo Emmanuel Lévinas, “o outro é um rosto que nos convoca à responsabilidade”. Gonçalo, com sua vasta experiência como membro da Academia Mato-grossense de Magistrados, da Academia de Direito Constitucional e da Academia de Artes e Ciências do

Brasil, além de professor universitário e da Escola Superior da Magistratura de Mato Grosso, um pensador ímpar, compreende que o verdadeiro sentido da vida reside no serviço à comunidade, na promoção da justiça e na defesa dos direitos daqueles que, muitas vezes, não têm voz. Sua entrada nesta casa literária é, sem dúvida, um sinal de que continuaremos a ouvir essa voz firme e lúcida, que tanto tem a nos engajar.

Conclusão

Neste momento de celebração, acolhemos Gonçalo Antunes de Barros Neto como um novo pilar de nossa Academia. Sua presença, rica em saber e ética, é uma garantia de que continuaremos a trilhar o caminho da reflexão crítica, da promoção da justiça e da valorização da cultura. Gonçalo, ao lado dos grandes pensadores e escritores de Mato Grosso, ocupará, com certeza, um lugar de destaque na construção do pensamento contemporâneo.

Seja bem-vindo, acadêmico Gonçalo Antunes de Barros Neto! Que sua voz, agora amplificada pelo eco destas paredes, iluminando os caminhos do pensamento, da justiça e da cultura, agora amplificada pelo prestígio desta casa literária que o recebe de braços abertos.

Discurso de posse do acadêmico GONÇALO ANTUNES DE BARROS NETO,

em 7 de outubro de 2024

Senhoras e senhores acadêmicos, excelentíssimos membros desta mesa, autoridades presentes, minha adorável Rosana Leite Antunes de Barros, meus filhos Cristiane, Michelle, Amanda, Gabriella e Gilson Neto, familiares e nobres convidados;

Obrigado, Confreira Neila Barreto (Cadeira 19), pelas palavras de recepção.

Ressalta-se que a professora Elizabeth Madureira Siqueira (Cadeira 29), em abril de 2013, foi a primeira acadêmica, mulher, portanto, a recepcionar um ingressante na AML, ocasião em que ofereceu as boas-vindas ao historiador e seu ex-aluno, o professor e sociólogo Lourembergue Alves (Cadeira 6).

Às 05h00 da manhã, há mais de cinco meses, meu telefone toca. Olho o celular, era o querido tio, professor e procurador de justiça Evaldo Duarte de Barros. Atendo e ouço sua voz firme: “Meu filho, quero te ver na Academia Mato-grossense de Letras”. Assim comecei a jornada como candidato à Cadeira 7 dessa centenária instituição, fundada por gigantes, como José Barnabé de Mesquita, seu primeiro presidente e Dom Francisco de Aquino Correa, presidente de honra.

Hoje, ao me dirigir a esta Academia, sinto o peso e a nobreza que cercam este momento. A responsabilidade de ocupar a Cadeira de número 7, cujo patrono é o ilustre Cônego José da Silva Guimarães e o último ocupante foi o incomparável Ivens Cuiabano Scaff, me enche de reverência e humildade. Esta Cadeira não é apenas um assento, mas um lugar onde a história, a memória e o espírito criador de grandes homens, e uma mulher, ecoam e nos guiam.

Como não reconhecer a grandeza deste momento? Nele se reúnem forças históricas, vozes do passado, tradições que atravessam os tempos, e a perene necessidade de transformação. Sento-me nesta cadeira, não apenas como um escritor, filósofo ou educador, mas como um filho da terra mato-grossense, cuja voz ecoa do profundo desejo de fazer desafio e engajamento à intelectualidade que aqui se cultiva.

A literatura, esse ofício sublime que carrega consigo as dores, as alegrias e os mistérios da condição humana, tem o poder de unir o que a vida, muitas vezes, fragmenta. Nesta casa, que consagra o pensamento e a criação literária, vejo-me diante de uma imensa responsabilidade: perpetuar as vozes que construíram nossa identidade cultural, e, ao mesmo tempo, lançar olhares sobre o futuro.

O patrono desta Cadeira 7, Cônego José da Silva Guimarães, foi um erudito, um homem de profunda fé e sabedoria, cuja vida nos ensina a harmonia entre o conhecimento e a espiritualidade. Seu legado é um lembrete constante de que o saber transcende o mero acúmulo de informações. Ele habita as dimensões do espírito, onde a razão e a intuição se encontram.

O Cônego José da Silva Guimarães nasceu no Rio de Janeiro, 09/11/1844, porém adotou Cuiabá como sua segunda terra natal. Sacerdote, escritor e político, foi vice-presidente da Província mato-grossense por várias vezes, tendo assumido o governo pela primeira vez, no ano de 1821. Atuou como agente pacificador no conturbado ambiente político do Brasil, nos primórdios do século XIX.

Dentre os serviços que o Cônego prestou à Província, destaca-se a criação de uma escola primária, reorganização da tipografia provincial, ali fazendo publicar o *Cuiabano Oficial*, incumbindo-se também do povoamento do Salto Augusto, no rio Tapajós. Foi um investigador da história e coisas de Mato Grosso, deixando vários trabalhos manuscritos, infelizmente perdidos.

Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e recebeu, pelo seu dedicado trabalho, várias distinções honoríficas, citando como exemplo a de Cônego honorário da Capela Imperial.

A respeito de sua obra, Alcindo de Camargo assim se referiu em tributo à sua memória: Culto e clarividente, todas as suas aspirações, preces de fé de um misto fervoroso da grandeza pátria, revelaram-se para melhoramento das condições públicas, concretizando os seus projetos sob um ponto de vista convincente, iluminados nas verdades morais e científicas que lhe exornavam a cerebração de um dos pontífices intelectuais do tempo.

As doutrinas que expõe, ou, pelo menos, os conceitos que esclarece, têm a concisão rija dos espíritos que se fizeram em cristais e agem sob a pressão de maturado estudo e indicadores de que, ele se encandeou nos melhores autores do século.

As ideias são luzes da vida, as do Cônego Guimarães, considerando-se o período histórico e a evolução espiritual, são como sóis veranicos que avançam as antemanhãs enchendo a natureza de luz e azul: são avançadas, claras, liberais, que animam e fortalecem; de respeito à liberdade e à lei, ao povo e ao Império (RAM, ano XIV, p. 30, 1946).

Faleceu no Rio de Janeiro, aos 9 de novembro de 1844.

Primeiro Ocupante: Manuel Xavier Paes Barreto

Nasceu em 24 de agosto de 1871, no município de Rio Formoso -PE, onde começou os estudos com a orientação de capelães. Formou-se na Faculdade de Direito de Recife (atual UFPE), em 1893. Em sua cidade natal, dirigiu o Engenho Mamucabas, foi prefeito (1898-1901), exerceu a advocacia, além de atuar nas comarcas de Barreiros, Petrolina, Recife-PE. Em Minas Gerais, foi promotor de Justiça de Patrocínio, Ferros, São João Batista e de Ubá. Na Bahia, atuou nas Promotorias de Juazeiro e Bonfim.

No Espírito Santo, começou na magistratura, em 1908, como juiz de Direito em Viana. Em dezembro de 1910, foi transferido para Guarapari, onde atuou até março do ano seguinte, quando foi enviado para Santa Leopoldina. Também atuou nas comarcas de Pau Gigante – atual

Ibiraçu – e Vitória. No período de 13 de maio a 2 de junho de 1908, ocupou, interinamente, o cargo mais importante do Ministério Público do Estado do Espírito Santo (MPES).

No período de 22 de dezembro de 1913 a 12 de maio de 1915, assumiu de forma efetiva a chefia do MPES. Por escolha do Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo (TJES), integrou, em janeiro de 1917, o serviço de assistência judiciária que atendia as pessoas sem condições de pagar um advogado.

Destacou-se como consultor jurídico e diretor de Segurança Pública. Colaborou na elaboração dos Códigos Estaduais de Processo Criminal, Civil e Comercial, e no projeto de Organização Judiciária do Espírito Santo. Foi juiz federal nos estados de Mato Grosso e Amazonas de 1919 a 1922, e no Acre, então território federal. Aposentou-se nesse cargo em 1939.

Participou da fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES), em 12 de junho 1916. Integrou diversas entidades, como o Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas, a Sociedade Brasileira de Geografia, a Associação dos Magistrados Brasileiros e várias agremiações literárias em Pernambuco, no Amazonas, em Mato Grosso e no Espírito Santo.

Manuel Xavier Paes Barreto era culto e dominava os idiomas francês, espanhol, italiano e latim. Publicou diversos livros, entre os quais se destacam Defesa do Rio Formoso e Ilha de Fogo. Morreu, aos 89 anos, em 12 de setembro de 1960, no Rio de Janeiro [Fonte: <https://mpes.mp.br/memp/procurador-geral-do-estado-manuel-xavier-paes-barreto/>].

Segunda Ocupante: Maria de Arruda Müller

Maria Müller nasceu em Cuiabá, aos 9 de dezembro de 1898, e teve uma vida dedicada às ações culturais, educacionais, filantrópicas e sociais de sua região. Concluiu seus estudos em 1915 pela Escola Normal Pedro Celestino, e posteriormente passou a exercer o magistério em vários estabelecimentos de ensino da capital mato-grossense

e do município de Poconé. Fundou o Abrigo dos Velhos e o Abrigo das Crianças em Cuiabá, e a Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência em Mato Grosso. Foi também uma das fundadoras do Grêmio Literário Júlia Lopes e da Federação Mato-grossense pelo Progresso Feminino; e membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Por sua atuação cultural, recebeu títulos de países estrangeiros, destacando-se em 1952 o diploma de “Miembro de Honor” pela Associazione Internazionale – Pro-Pace de Salerno, Itália, e em 1953 o diploma de “Miembro Corriespondiente” pelo Centro Filosófico “Arca Del Sur” da República Oriental Del Uruguai e “Diploma de Honor” do Conselho Superior de Cultura do Instituto y Biblioteca Panamericana, da República Argentina.

A acadêmica colaborou em vários jornais e revistas de Mato Grosso. Fez a sua estreia na imprensa em agosto de 1916, com o artigo literário ‘Baía de Chacororé, publicado em *O Povo*, e imprimiu intensa e variada produção na revista *A Violeta*, do Grêmio Literário feminino mato-grossense Júlia Lopes – assinando com os pseudônimos de Mary, Chloé, Vampira, Consuelo, Sara, Lucrecia, Ofélia e Vespertina, além do seu nome real. Foram crônicas, discursos, contos, narrativas ficcionais, composições poéticas e entretenimentos atinentes à vida social da época. Sua escrita revela um conhecimento diversificado e engajamento aos fatos contemporâneos, e sua produção literária se ocupou de temas românticos, escritos em uma linguagem fluente e sentimental (Fonte: Revista da AML, comemorativa dos 95 anos da Instituição).

Em 1972, Maria de Arruda Müller editou *Família Arruda*, um esboço genealógico dos ascendentes e descendentes de João Pedro de Arruda, enlaçando troncos portugueses que deram origem ao povoamento de Cuiabá; e em 1994 publicou, em parceria com a escritora Dunga Rodrigues, a obra *Cuiabá ao longo de 100 anos*, uma seleção de crônicas sobre fatos históricos e sociais de Mato Grosso.

Terceiro Ocupante: Ivens Cuiabano Scaff

Sucessor o saudoso Ivens Cuiabano Scaff é igualmente uma honra que carrego com gratidão e humildade. Médico de profissão e poeta por vocação, Scaff nos ensinou que a palavra tem o poder de curar. Em seus versos, ele nos brindava com uma sensibilidade rara, em que a dor humana, o amor e a natureza eram entrelaçados em uma tapeçaria de beleza e reflexão. Scaff foi um artesão da palavra, um homem que, mesmo em sua prática médica, reconhecia a dimensão poética da vida. Como não lembrar de sua célebre frase: “A medicina é uma arte e a poesia um ato de cura”. Suas palavras, sempre delicadas e precisas, tocam as profundezas da alma, revelando o poder transformador da arte e da escrita.

Cuiabano, nascido em 30 de junho de 1951. A escolaridade inicial foi realizada nas melhores escolas cuiabanas e continuada nos colégios de escol do Rio de Janeiro. A escolaridade superior foi cursada na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo feito, com destaque, residência médica no Hospital da Lagoa, no Rio de Janeiro, e, na sequência, cursos de pós-graduação na área da saúde, na UFMT.

Como professor, realizou suas tarefas didáticas tanto na Universidade Federal de Mato Grosso quanto na Universidade de Cuiabá (Unic), com especial dedicação. Médico reconhecido nos vários hospitais onde atuou, com destaque no Ambulatório de DST/AIDS/Hepatites (Cermac-SEC de SaúdeT). Ocupou o cargo de Coordenador de Cultura da UFMT, foi também Conselheiro de Cultura da SEC-MT e Conselheiro Editorial da revista *VÔTE*, entre outras atuações.

Prêmios e Condecoração

Prêmio Jornal do Dia Crônicas Carnavalescas.

Prêmio para o livro *Uma maneira simples de voar*, concedido pela Secretaria de Estado da Cultura.

Condecoração Ordem do Mérito do Governo do Estado de Mato Grosso, Grau Cavaleiro.

Obras Publicadas

Entre as inúmeras obras publicadas destacam-se: *Uma maneira simples de voar*, *O menino órfão e o menino rei*, na categoria dos infanto-juvenis; na poesia, *Mil mangueiras*, e *Kyvaverá*. Os dois primeiros, *Uma maneira Simples de voar* e *O menino órfão e o menino rei*, traçam histórias com contrapontos e metáforas que apontam o imaginário das crianças com as realidades e ficções apropriadas.

O seu estilo revela a competência da narrativa e a função da mensagem. Em 2021, lançou mais dois livros. *Embaúba: a história de uma árvore* e *Haluares: 101 haikais e Outros versus luars*, ambos com ilustração de Ruth Albernaz.

Ivens Scaff acrescenta modelos novos na escritura infanto-juvenil. *Mil mangueiras* e *Kyvaverá* são obras poéticas que nasceram para marcar, como seu, o chão cuiabano recheado da arte de poetar. Na linguagem poética, a busca e o encontro pela identidade cultural da cuiabania ampliada até os paredões chapadenses.

Outros três livros de autoria de Ivens Cuiabano Scaff foram lançados pela Entrelinhas Editora, *in memoriam*, no dia 27 de setembro de 2024, uma homenagem ao grande intelectual pelo transcurso do primeiro ano de seu falecimento.

É com o espírito de reverência a esses grandes nomes que aqui me apresento, consciente de que a história da Cadeira 7 se entrelaça com as raízes mais profundas da cultura mato-grossense.

Ao sucedê-los, carrego o peso de heranças, mas também a luz de suas inspirações, de suas histórias, de suas vidas, que tanto enriqueceram nosso patrimônio literário.

A Literatura como Caminho de Reflexão e Transformação: Alma de uma Nação

Viver através das palavras é habitar o espaço mais profundo da humanidade. A palavra escrita, como bem nos ensina Jorge Luis Borges, é uma extensão da memória. O escritor argentino dizia que “sempre imaginei o paraíso como uma espécie de biblioteca”, porque ali, nas pá-

ginas amareladas de um livro, repousam todas as experiências humanas, desde as mais sublimes até as mais cruéis.

Quando assumimos o papel de cronistas de nosso tempo, como o fez Fernando Pessoa, damos ao mundo a oportunidade de rever a si, de compreender as camadas ocultas da existência. Pessoa, com sua alma dividida em heterônimos, nos ensina que o ser humano é múltiplo, um conjunto de identidades em constante busca de sentido. E talvez seja essa busca que nos move, tanto na literatura quanto na vida.

Na literatura brasileira, encontramos a expressão de uma identidade plural, complexa e muitas vezes contraditória. Machado de Assis, mestre da ironia e da introspecção, legou-nos uma obra em que o ser humano é desnudado em suas falhas, ambições e fragilidades. Em *Dom Casmurro*, Machado não nos oferece respostas fáceis; ao contrário, ele nos coloca diante de um enigma que ecoa o dilema existencial de nossa própria condição: como interpretar o que não se vê? A dúvida, para Machado, é uma força criativa.

Como ele, Carlos Drummond de Andrade, outro gigante da nossa literatura, nos ensinou que a poesia é, antes de tudo, uma maneira de habitar o mundo. Em seu célebre poema ‘José’, Drummond faz uma pergunta crucial: “E agora, José?”. Essa pergunta, aparentemente simples, ecoa um sentimento de deslocamento e alienação, tão presente em nosso tempo. Como Drummond, todos nós, em algum momento da vida, nos perguntamos: “E agora?”. Este é o momento em que a literatura nos oferece uma saída, um caminho para o entendimento, para o questionamento, para a transcendência.

Ao lado desses titãs, também encontramos a voz de Cecília Meireles, que, em sua poesia, entrelaçou a musicalidade da língua com uma profundidade filosófica rara. Sua obra é um cântico à efemeridade da vida, ao fluxo incessante do tempo. Em ‘Motivo’, Cecília nos diz: “Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa”. Esta é a essência da poesia: viver o instante, capturar a eternidade no momento fugaz.

A Literatura de Mato Grosso: Herança e Continuidade

Não posso deixar de prestar uma homenagem aos escritores de Mato Grosso, que, em suas obras, capturam a essência única desta terra. Manoel de Barros, cujo nome ressoa como um hino à simplicidade e à sabedoria da natureza, é um desses gênios que transcenderam as fronteiras do regional para se tornarem universais. Manoel nos ensinou que o “nada” pode ser pleno de significados e que a poesia pode habitar nas coisas mais simples: “Eu não serei o poeta de um mundo caduco. Também não cantarei o mundo futuro. Estou preso à vida e olho meus companheiros”, escreveu ele. Sua poesia nos mostra que a vida é, em si, um ato de criação.

Outro nome fundamental da literatura mato-grossense é Estevão de Mendonça, historiador, poeta e jornalista, que em suas obras construiu uma ponte entre o passado e o presente. Sua busca pela identidade de Mato Grosso, sua dedicação ao estudo da história e suas reflexões poéticas sobre a vida e o tempo são essenciais para entendermos nossa própria trajetória cultural.

A Literatura Universal: Reflexão sobre o Humano

Se me detenho na literatura de Mato Grosso, é porque aqui, como em qualquer parte do mundo, a palavra é o reflexo mais puro da experiência humana. No entanto, não podemos esquecer que a literatura é, por excelência, uma arte universal, um campo onde os mais diversos pensamentos e sentimentos convergem. William Shakespeare, que soube captar como ninguém as paixões humanas, afirmava que “o mundo é um palco e todos os homens e mulheres meros atores”. Essa metáfora da vida como uma representação nos lembra de que, por trás de cada máscara, existe uma verdade profunda que a literatura busca desvendar.

Assim também foi Miguel de Cervantes, cuja obra-prima, *Dom Quixote*, é um tributo ao sonho, à loucura e à insistência humana em lutar contra os moinhos de vento da existência. Dom Quixote é a personificação do idealismo, da necessidade de acreditar em algo maior,

mesmo quando a realidade nos impõe suas barreiras mais dolorosas. E não é isso, afinal, o que fazemos como escritores? Não lutamos diariamente contra os moinhos invisíveis de nossas dúvidas, incertezas e angústias?

Os Desafios da Modernidade e o Papel do Escritor

Ao falar de literatura, não posso deixar de mencionar os desafios que enfrentamos na contemporaneidade. Vivemos em tempos de “modernidade líquida”, como definiu o sociólogo Zygmunt Bauman. Em sua visão, tudo hoje é efêmero, fluido, instável. Os vínculos humanos são frágeis, as relações sociais se tornam descartáveis e a própria identidade está em constante mutação. Nesse contexto, a literatura assume um papel crucial: o de criar pontos de ancoragem, de oferecer ao ser humano um lugar de reflexão e sentido.

A literatura, a poesia e o pensamento filosófico nos permitem olhar para o mundo com olhos mais profundos, como se cada palavra fosse uma janela aberta para uma nova realidade. Arthur Rimbaud proclamava que “é preciso reinventar o amor”, e ao fazermos isso, reinventamos também o nosso olhar sobre o mundo.

Como disse Friedrich Nietzsche, “somos tão livres quanto fortes”, e a força aqui, meus amigos, não é a da matéria, mas a da mente e da palavra. É na literatura que encontramos essa força transformadora, que nos leva a refletir sobre o que somos e o que podemos ser. A palavra, como bem sabia Jean-Paul Sartre, tem o poder de revelar o ser e desvelar a existência. A escrita, para ele, era um ato de responsabilidade com o outro, e é nesse sentido que devemos entender nossa função como acadêmicos: sermos faróis de lucidez em meio ao caos do mundo.

Michel Foucault já nos advertia que o saber não deve ser encarado como algo neutro, mas como um instrumento de poder e de transformação social. Da mesma forma, aqui, como guardiões da palavra, temos a responsabilidade de usar nossa voz para iluminar e questionar a realidade que nos cerca.

Assim, ao ocupar esta cadeira, faço-o com o compromisso de continuar a tradição de resistência da palavra contra o esquecimento. A obra de um escritor não é apenas um produto de sua época, mas um testemunho perene da condição humana.

Conclusão

Encerrando este discurso, lembro-me das palavras de T. S. Eliot, que nos advertiu sobre os “homens ocos” de nossa civilização, aqueles que perderam o sentido de profundidade e significado. Hoje, mais do que nunca, é nossa responsabilidade garantir que a literatura, a poesia e o pensamento continuem a ser um refúgio contra a superficialidade, um espaço onde possamos encontrar as verdades essenciais da condição humana.

Senhoras e senhores, encerro, ainda, com uma citação do grande Guimarães Rosa, que, em *Grande sertão: veredas*, nos presenteia com a seguinte reflexão: “O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta, esfria, aperta e afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”. A coragem que ele menciona é a mesma coragem que precisamos para enfrentar o mundo com nossas palavras, para resistir às adversidades e, através da literatura, criar pontes para o futuro.

É com essa coragem que assumo esta cadeira, consciente de que a palavra é nossa arma mais poderosa contra a indiferença, o esquecimento e a inércia. Que possamos, juntos, continuar a construir, com nossas letras e nossas reflexões, um futuro em que a literatura seja sempre um farol a iluminar os caminhos da humanidade.

POEMA DE POSSE

Cadeira 7

Entre as páginas do tempo, cá estou,
Diante do altar de letras e memória,
Onde ecos antigos ainda soam e ecoam,
Na imortalidade da palavra, nossa glória.

Aqui me sento, não só como quem ocupa,
Mas como quem ouve, ao longe, um chamado,
De Cônego Guimarães e Ivens, que sustenta
Cada letra, cada verso aqui traçado.

A cadeira que agora se oferta a mim
É feita de vozes, é tecida de história,
Dos que viram na palavra um jardim
Onde a alma encontra sua trajetória.

Mato Grosso em mim ressoa o chão profundo,
Como Manoel de Barros brincando de ser rio,
Como Estevão de Mendonça narrando o mundo
Em cada linha, em cada sonho e desafio.

Carrego comigo as dores de Machado,
As dúvidas de Bentinho, o amor sem fim,
E, como Drummond, me pergunto calado:
E agora? O que cabe a mim?

Cabe seguir, com versos que me guiam,
E na palavra encontrar a resistência,
Cabe lembrar que os poetas nunca morrem,
Vivem em sua eterna transcendência.

E assim, ao tomar posse, não sou só eu,
Mas todos os que antes semearam este campo,
Que fizeram da escrita seu céu,
E no silêncio da página, seu acalanto.

Sou poeta, sou parte, sou ponte,
Entre o ontem que me deu raízes
E o amanhã, que desponta no horizonte,
Onde a palavra há de abrir mais cicatrizes.

Mas, como Guimarães dizia em prece:
“A fé na palavra é o que nos cura.”
E assim, com o verbo, o tempo cresce,
E cada verso torna-se a alma mais pura.

Hoje, como quem herda um infinito,
Ergo a caneta como quem ergue a mão,
Pois na palavra encontro o destino escrito,
E dela faço minha eterna oração.

Muito obrigado.

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DA ACADÊMICA DIVANIZE CARBONIERI

Abertura da Sessão Solene de Posse da acadêmica Divanize Carbonieri, pela presidente Luciene Josefa de Carvalho, em 8 de março de 2024

Por entre baobás e *insights*, uma estrela brilha

Divanize: mulher pequena, voz de soprano e olhos cor de água. Não faz poesia de salão nem tem escrita de entretenimento. Nas mãos de rara destreza desta ex-aluna da USP – seu território de formação, da graduação ao doutorado – Literatura é faca afiada, desvendando paisagens emocionais cruas, corajosas e necessárias, em verso e prosa.

Divanize é imensa nas inúmeras facetas literárias com que nos brinda: professora, escritora, crítica literária, colaboradora de *sites* de Literatura, aglutinadora de coletivo de escrita, pesquisadora. A multiplicação de leitores, estudantes que escrevem sobre a sua já robusta obra, é a sinalização definitiva de que recebemos, hoje, na Academia Mato-grossense de Letras, uma escritora que engrandece a nossa instituição.

Urbana, dessas que se sente à vontade em restaurante chinês, nossa escritora se lança cada vez mais pelos interiores de Mato Grosso para ir ao encontro dos seus leitores, dialogar com professores, plantar letras. Esteve no Canadá, na África do Sul, pensa e escreve também em inglês. Divanize modela mundos, nos quais habita com seus gatos, personagens de uma narrativa que constrói no Facebook, vitrine e território da Diva, uma quase avatar da nossa empossanda.

Divanize Carbonieri é vária nessa lavoura da Literatura, que, muito além de Arte, conhecimento e registro do humano, é diálogo de almas! Vamos entrar, Divanize, pois, a partir de hoje, esta Casa também é sua!

Discurso de recepção a Divanize Carbonieri, por Eduardo Moreira Leite Mahon, em 8 de março de 2024

De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, nos últimos cinco anos, Mato Grosso ficou com o lamentável título de campeão na violência contra pessoas transgênero, o segundo onde mais se estupra mulheres, o quarto mais racista. Vivemos em meio a uma sociedade conservadora e violenta, uma fantasiosa ilha de prosperidade que abriga bolsões de miséria urbana e rural. Qual seria a relação dessa realidade misógina, racista e homofóbica com a literatura produzida aqui? A fim de responder a esta questão, basta nos lembrarmos da produção literária de Lobivar Matos, Ricardo Dicke, Teresa Albuês, Marilza Ribeiro, Pedro Casaldáliga, Rômulo Netto e, mais recentemente, Wander Antunes e Wanderley Wasconcelos, cujas obras retratam o banditismo, o coronelismo, o garimpo ilegal e a grilagem de terras.

Olhemos em torno, senhores acadêmicos. Melhor que isso: miremo-nos no espelho. Quero convidá-los a observar nossa galeria de patronos, que adorna as paredes centenárias da Casa Barão de Melgaço. O que vemos é a exclusividade masculina. Todos os patronos escolhidos pelos fundadores são homens, brancos, oriundos de uma elite proprietária que se destacou no cenário intelectual nacional e regional. Num rápido inventário, no primeiro século de existência, nossa Academia de Letras elegeu 127 acadêmicos, sendo apenas 18 mulheres. Os estudos acadêmicos de Yasmin Nadaf, Marli Walker e Adriana Lins Precioso revelaram o apagamento da escrita de mulheres em periódicos e antologias literárias, em geral produzidas por homens, para homens ou, no mínimo, como os homens fariam. Esse ano, Elizabeth Madureira lançará um belo catálogo sobre a escrita de mulheres nas revistas desta Academia de Letras que ampliará os estudos da crítica especializada.

Reparem que a maioria dos autores que elegeu o conflito social como tema central da literatura não frequentou esta instituição. Onde estão os indígenas na narrativa mato-grossense? Que estranha invisibi-

lidade é essa? Eis uma hipótese: nas primeiras décadas do século XX, os intelectuais mato-grossenses encontravam-se estreitamente ligados ao poder político e, como programa ideológico, entenderam por bem criar imagens que consolidassem a posição do estado como fronteira agrícola e a capital como centro civilizacional. Portanto, é compreensível que esse conjunto imagético fosse canonizado pela Academia Mato-grossense de Letras, uma das chaves para compreender a identidade estadual, forjada por meio da seleção entre o que é lembrado e o que é esquecido.

O intenso fluxo migratório ocorrido nos últimos cinquenta anos afetou profundamente o programa intelectual do passado. Um conjunto de obras literárias, lançadas principalmente a partir do final da década de 1980, desnudou as fissuras do progresso e questionou a nostalgia que, na intensa “memória” dos cronistas de então, omitiam tensões sociais em favor da emulação regional. Há cerca de dez anos, no entanto, a AML acolheu uma nova geração de escritores e a projetou para cargos diretivos. Na presidência, temos Luciene Carvalho e, na secretaria geral, Cristina Campos, ambas escritoras oriundas da efervescência cultural das noites do Coxipó. Do Coxipó também ecoou o grito identitário do saudoso Ivens Cuiabano Scaff que apoiava intensamente a cultura indígena, sua oralidade e suas tradições. Aliás, urge que esta Academia de Letras construa uma sólida ponte com a ancestralidade, dando espaço a perfis verdadeiramente ligados ao nosso povo.

Divanize Carbonieri não faz parte dessa geração que se deparou com as “invasões bárbaras”, como ficou conhecido o fluxo migratório do século XX. Até porque ela mesma talvez fosse classificada como invasora. Evidente que a obra de Carbonieri não tem o defensivismo característico dos escritores que se viram perplexos com a velocidade das transformações sofridas no estado e, sobretudo, na capital. Tampouco reflete antigas inquietudes mato-grossenses com o violento contexto rural e extrativista. Coronéis e jagunços, poaieiros, vaqueiros e garimpeiros não são os protagonistas de sua obra ficcional. A obra de Carbonieri não está georreferenciada com as mesmas balizas das gerações imediatamente anteriores a ela. Seu cronotopo é outro, equilibrando-se no

instável contemporâneo, tanto engajada em explicitar na literatura o desequilíbrio em que vivemos todos.

O recorte literário que Divanize escolheu diz respeito ao conflito ético da sociedade brasileira. Eis o foco temático de sua militância literária porque, indubitavelmente, a escritora desdobra-se para significar esteticamente o que acredita urgente. Daí que, nos livros de nossa nova confreira, presentes estão os dilemas sobre a tradição literária brasileira, o poder do cânone colonizador, as questões de gênero – tudo estilizado com experiências semânticas igualmente desafiadoras. Esse compromisso ético balizador da literatura, seus pressupostos, características e interação com a crítica universitária não de ser futuramente avaliados. Importa, no momento, enxergar a envergadura literária da escritora Divanize Carbonieri.

A obra da nova acadêmica é relevante e, em pouco tempo, alcançou o reconhecimento dos leitores e dos pesquisadores. Será lida, relida, apreciada e debatida. Não se trata de uma opinião pessoal, mas de uma realidade que já está posta e, nesta noite, é reforçada com a sua posse nesta Academia de Letras, cujo mérito foi acolher seu talento na primeira eleição que disputou. Além de inúmeras investigações científicas, artigos em revistas nacionais e internacionais, sublinho a produção literária de Divanize Carbonieri: *Entraves* (poesia); *Grande depósito de bugigangas* (poesia); *Passagem estreita* (contos); *A ossatura do rinoceronte* (poesia); *Furagem* (poesia); *Nojo* (contos); *Carga de cavalaria* (poesia, haicais); *O insight dos insetos* (infantil); *Vira e mexe, um pet* (infantil); e, o mais recente, *Nave alienígena* (contos). Como se vê, não preciso me esforçar na retórica para metaforizar sobre a condição de “escritora” de Divanize. De fato, ela escreve, escreve bem e, mais que isso, faz literatura.

É essencial destacar que nem todo escrito é literatura, assim como nem todo o som é música. O escape furado de um veículo, o ronco de motosserra, uma sirene de ambulância são sons, mas não música. O esforço do compositor para estilizar sons e ritmos é o mesmo com a palavra escrita que conquistou foros de arte com a dramaturgia grega e encontrou a cume da sofisticação poética com Shakespeare e Dante,

além do pioneirismo romanesco com Cervantes. É justo, portanto, que acolhamos todas as letras, mas que ressaltemos ainda mais aquelas que alcançam o patamar artístico. Nossa Academia está feliz por abrir espaço para a diversidade, desde que não descure que a literatura é a expressão que emociona mesmo no silêncio mais desolador.

Gostaria agora de me concentrar em três aspectos da produção de Carbonieri. Inicialmente, assinalo o domínio da linguagem que, na obra dela, sofre variações consideráveis, desafiada pela velocidade do contemporâneo. O marcado coloquialismo e a fluida interação entre narrador, leitor e personagens, constituem um projeto de vocalizar um espectro social bastante apagado. Outra questão que me parece relevante é o recorte temático em que Carbonieri prioriza o corpo. Na obra de Divanize, o corpo representa muito mais do que o aspecto físico, mas uma posição de ordem política. A ostensividade do *corpo indisciplinado* é uma estratégia estética de se posicionar em favor da mulher, do ser periférico e da massa oprimida. Finalmente, destaco a inversão nos papéis sociais no seu mais recente livro de contos – *Nave alienígena* – gerando perplexidade e incômodo com os tipos grotescos criados pela escritora a fim de gerar um espelho onde os homens se veem desnudados frente ao próprio machismo.

Na obra de Divanize Carbonieri, o corpo é um incômodo. Matéria-prima para sucessivas provocações, a indisciplinada corporal está presente tanto na lírica quanto na ficção. Essa deliberada desconformidade com os padrões físicos faz o contraponto com a noção romântica de beleza enquanto expressão da harmonia. O contemporâneo aprofunda cada vez mais o rompimento com a estética clássica, priorizando as singularidades desconformes. Carbonieri não se utiliza do insólito para tratar dos temas que elege. Tudo indica que o absurdo exsurge da própria realidade, que é enxergada sob uma ótica diferente da canonizada. Basta a Carbonieri mudar a lente para obter o efeito distorcido, desagradável, até repugnante. São sensações presentes em *Entraves*, *Furagem* e na *Ossatura do rinoceronte*, por exemplo, onde o corpo aparece disforme, perfurado, ensanguentado, em farrapos.

Aí está o grande mérito da artista, que convida a ver, de uma forma inédita, o mesmo ser humano de sempre. A fim de ilustrar esta última colocação sobre o corpo em crise, seleciono o poema *Paquiderme*, de Divanize Carbonieri, publicado no livro *Entraves* (2007): “a pele do paquiderme / padece na secura do deserto / ranhuras prenhes de pó / sulcos desenhados como / quadrados na epiderme / enquanto pasce ressequidos / ramos sem se impacientar / em subida e sibilante sequência / na sediciosa intempérie / uma tempestade de areia / delinea-se diante dele / sente o impulso de desertar / mas empaca apalermado / tomado de paralisia suicida / permanece parado e quieto / em pouco tempo se alquebra / enterrado no granito cristalino / sucumbe na grande estrutura / arquetônica de seu corpo / uma catedral de carne rota”.

Mas foi com o livro *Nojo* (2020) que Divanize se aprofundou radicalmente nas questões do corpo. Não se trata de qualquer corpo humano, mas do corpo feminino. Ao confrontar a disciplina corporal, forjada pelo sistema de prêmios e sanções sociais, a escritora também opera não só no gênero sexual, mas também no limite do gênero literário. Entre conto e novela, o quase-romance *Nojo* expõe uma espécie de fisiologia da repressão masculina e seus consequentes efeitos na opressão da psique feminina. A vulgaridade explicitada na linguagem funciona como estratégia estilística para causar o desconcerto diante do mascaramento do conflito. Já no livro *Nave alienígena*, a escritora traz a inversão dos papéis sociais e causa perplexidade com as caricaturas das personagens masculinas.

Sim, a boa literatura incomoda porque questiona incessantemente as gerações de leitores que se sucedem. Se é na recepção que o texto se completa, não é demais dizer que é possível enxergar as balizas de diferentes gerações, a partir do impacto que o texto proporciona. A sensação moralista, de protesto e de nojo premiou com a atenção do público diversos escritores. Desde os gregos, a arte questiona o interdito, gerando perplexidade no público. Portanto, se a obra de nossa nova confreira incomoda uma considerável faixa de leitores é porque

afeta convenções, enfrenta tabus, expõe contradições. Se é doloroso ler Divanize é porque o leitor repudia uma parte de si próprio que identificou no texto. Aliás, em geral, o repúdio nasce do desejo frustrado e há quem ataque a literatura por não conseguir produzi-la porque, afinal, o vaidoso se ressentido da própria impotência.

Senhoras e senhores, a literatura também é uma arte ingrata. Demanda tempo para escrever, reescrever, revisar, lançar e interagir com o público leitor. No mais das vezes, o reconhecimento de um livro bem escrito é tardio e modesto, muito embora seja perpétuo. Ao apresentar uma obra consistente, Carbonieri já se soma com escritores de gerações passadas no difícil ofício literário, além de ter o seu nome inscrito no rol das mulheres cuja força pessoal ultrapassou barreiras sociais para chegar até aqui, o que me faz lembrar do poema *A Passagem*, de Lêdo Ivo: “Que me deixem passar / eis o que peço diante da porta ou diante do caminho. / E que ninguém me siga na passagem. / Não tenho companheiros de viagem nem quero que ninguém fique ao meu lado. / Para passar, exijo estar sozinho, somente de mim mesmo acompanhado. / Mas caso me proibam de passar por seu eu diferente ou indesejado mesmo assim eu passarei. / Inventarei a porta e o caminho e passarei sozinho”.

Neste Dia Internacional da Mulher, receber a escritora Divanize na Academia é uma enorme alegria. Quero deixar claro, entretanto, que o mérito da produção literária de nossa nova confrreira não surge pela condição de gênero, mas é amplificado por ser ela uma mulher nesse meio profundamente masculino e repleto de catequeses barrocas e ultrapassados salamaleques. Passados mais de cem anos, a Academia Mato-grossense de Letras apresenta uma composição mais arejada e democrática, permitindo o ingresso de talentosa escritora que luta não só por ela, mas por diversos grupos dos quais faz parte. Seremos nós mais um ponto de apoio, mais uma tribuna, local próprio para discutir a cultura de Mato Grosso. Diva, seja bem-vinda! Sua literatura criou as portas e os caminhos; os escritores não estão sozinhos.

Discurso de posse da acadêmica
DIVANIZE CARBONIERI,
em 8 de março de 2024

Prezada presidente, senhora Luciene Carvalho, prezadas senhoras e senhores acadêmicos, prezadas autoridades e senhoras e senhores presentes, boa noite!

Costuma-se dizer que ser professora de literatura é ser professora de tudo. O exame de uma obra literária frequentemente exige ao menos algum conhecimento de uma multiplicidade de outros ramos do saber. História, geografia, sociologia, psicologia, filosofia, antropologia: não existe estudiosa de literatura que já não tenha sentido a necessidade de enveredar também por essas searas. Nem mesmo as ciências exatas ou as áreas técnicas podem ser de todo evitadas, como comprovam alguns ensaios atuais a respeito das relações entre a literatura e a medicina ou a matemática ou a agronomia ou... ou... ou... Eu mesma já escrevi diversos poemas em que conceitos contrabandeados da biologia emprestaram seus corpos para que a poesia se encarnasse.

E, por falar em poesia, até aproximadamente o século XVIII, a maioria dos tratados científicos era escrita em versos. Porque escrever bem, escrever refinadamente e com profundidade, era escrever em versos. Pessoas eruditas dedicadas à medicina, à arquitetura e até mesmo à astrologia, que só deixou de ser disciplina acadêmica na Idade Moderna, versejavam em suas teses e compêndios.

Além de estar no cerne desses outros saberes, pode-se dizer que a literatura é provavelmente a mais antiga das artes, pois antes de entalhar as paredes das cavernas ou criar formas a partir de pequenas rochas, nossa espécie desenvolveu a linguagem. Em sua origem, a literatura foi voz, sopro, e, assim como o sopro divino nos insuflou a vida, ela insuflou

a criatividade humana, que desde então não conheceu interrupção definitiva. Em torno das fogueiras, os primeiros seres humanos contaram histórias, celebrando caçadas e vitórias em disputas com grupos rivais. Teceram também as narrativas mitológicas que os auxiliaram a enfrentar as circunstâncias hostis em que viviam.

Depois veio a escrita e, com ela, a possibilidade de tornar as composições mais perenes, sem depender da memória dos indivíduos. Mas não podemos confundir a literatura com a escrita. Existem até hoje várias sociedades ágrafas pelo mundo, mas não existe nenhuma sociedade humana sem literatura, seja unicamente oral, seja oral e escrita – pois mesmo aquelas em que os textos escritos têm mais prestígio, como a nossa, não prescindem totalmente da arte da palavra falada.

O ser humano é, antes de tudo, um ser literário. Antonio Cândido já tratou da ânsia por fabulação que nos constitui. A sede por fabular, ou seja, por ouvir, ler ou criar histórias está tão entranhada em nossa natureza enquanto espécimes de *Homo sapiens*, que praticamente não podemos pensar em uma sem pensar na outra. Não tenho dúvidas de que só sobrevivi, neste combalido, mas ainda belo planeta, até a presente data porque recorro ao menos uma vez ao dia à atividade dos devaneios. Assim, consigo algum alívio para a sobrecarga de estímulos que o simples cotidiano me oferece. Devanear é também um pouco *divanear*. Alguns desses *divaneios* ganharam forma mais substancial nos livros que escrevi. Muitos outros aguardam a sua vez, que talvez nunca chegue, diante da sua profusão.

Juntamente com os sonhos, que são involuntários, os devaneios são o tipo de fabulação que está ao alcance de qualquer pessoa. Devanear é de graça, inclusive. Mas o devaneio não é ainda literatura. Pode ser o seu germe, a sua ignição, mas para transformá-lo em literatura é preciso reunir o exercício da vontade, o trabalho sistemático ou disciplinado, algum ou muito conhecimento das técnicas de narrar ou poetizar disponíveis numa determinada sociedade, nem que seja para romper com elas, e, fundamentalmente, o compartilhar.

A obra que postula o status de “literária”, mas segue guardada na

gaveta ou no drive, se não sair de lá, jamais vai virar literatura. O ato da escrita, para nós, literatas da palavra escrita, possibilita uma experiência existencial do fenômeno literário que frequentemente se torna bastante enriquecedora para quem escreve. Mas literatura é atividade social por excelência. Envolve a troca, o diálogo, a crítica, a resposta, o debate.

Literatura, como mencionei antes, implica trabalho. Tenho o hábito de dizer que sou mais *reescritora* do que escritora. Escrever algo a partir do nada, enfrentando a tela em branco do computador, pode ser um tanto angustiante. Mas, vencida essa dificuldade, quando algum material já se apresenta como substrato, daí sim vem o prazer, o prazer inebriante do ofício literário. Por isso, geralmente o que público já foi reescrito muitas vezes. Mesmo quando acontece o milagre de escrever um poema em trinta minutos que sobreviva à minha autocrítica, sei que aquele poema não foi escrito em trinta minutos.

Um poema assim foi escrito durante toda a vida. Começou a ser escrito com as primeiras palavras que aprendi, com os livros que li, com tudo que adquiri de bagagem desde então. A quantidade de trabalho envolvida numa composição assim chega a ser imensurável. Dessa forma, não acredito que seja possível produzir literatura acidentalmente. O que parece acidental é a produção de um cérebro que há muito já voltou sua atenção para o fenômeno literário.

Venho falando de literatura, mas ainda não disse o que entendo por literatura. Não é tão fácil realmente de definir. A palavra literatura pode ter um significado lato em expressões como, por exemplo “toda a literatura médica sobre doenças epidemiológicas foi revisada”. Nesse caso, refere-se ao conjunto de textos científicos ou técnicos escritos sobre determinado assunto. Mas não é isso que quero dizer com literatura.

O que chamo de literatura é a arte literária de quem sabe que está fazendo literatura, mesmo quando essa pessoa diz não saber ou quando ela não sabe que sabe (veem como é difícil?). Para os antigos, era diferente, mas, na sociedade contemporânea ocidental, os artigos e livros de medicina, concebidos como tal, não vão ser considerados pertencentes à arte literária, mesmo se seu conteúdo for escrito em versos. Eles têm

outra finalidade, e o valor atribuído a eles vai depender exclusivamente da contribuição ou impacto que poderão causar no campo ao qual se destinam.

A arte literária, ao contrário, pressupõe a criação de textos que vão muito além do meramente informativo, instrutivo ou utilitário. Mesmo podendo articular, em sua constituição, elementos de informação, instrução, ou até quem sabe, utilidade, a obra literária, para ser literária, precisa atingir uma dimensão que transcenda esses aspectos. Como atingir essa dimensão é que é o *x* da questão.

Quem define o que pertence à arte literária não sou eu nem você, nem mesmo o conjunto de pessoas presentes aqui. São padrões coletivos, convenções, que podem mudar – e de fato estão sempre em constante mudança –, mas que não mudam porque só uma pessoa ou um único grupo de pessoas quer. Como são padrões, envolvem conflitos, muitas vezes acirrados, e Regina Dalcastagnè tem razão ao chamar a literatura de “território contestado”. No meio dessas disputas, algumas obras vão permanecer e outras, não.

Talvez possa soar estranho, vindo da boca de uma escritora, mas ousa afirmar que o que faz uma obra se tornar literatura é a crítica literária. Não apenas a crítica literária universitária, embora ela tenha um papel fundamental, nem a crítica literária *mainstream*, que se torna dominante porque tem mais poder. Mas todos os tipos de crítica, vindos dos mais diferentes grupos nos mais diversos suportes. Formulando melhor, me refiro às camadas e camadas de discurso alheio que uma obra recebe ao longo do tempo. A obra que ninguém lê ou que quase ninguém lê, sobre a qual não se escreve ou que se escreve pouco não vira literatura, sinto lhes dizer.

Dessa forma, chego à motivação principal que me levou a me candidatar a uma cadeira nesta nobre Academia Mato-grossense de Letras, que é também uma das casas da literatura. A literatura mato-grossense merece receber cada vez mais camadas de discurso crítico. Sendo professora numa universidade, estou em condições de participar mais ativamente do debate da crítica literária universitária, que, como disse,

não deve ser vista como a única, mas que tem um importante papel na preservação, divulgação e pesquisa da literatura.

Apesar de originalmente pertencer aos estudos literários de língua inglesa, venho mais recentemente escrevendo e orientando pesquisas de mestrado e doutorado também sobre literatura brasileira. Em relação à literatura mato-grossense, já produzi resenhas e ensaios a respeito de autoras e autores, como Marli Walker, Marta Cocco, Eduardo Mahon, Luciene Carvalho, Edson Flávio Santos, Luiz Renato de Souza Pinto, Juçara Naccioli, Larissa Campos, Rodivaldo Ribeiro. Com a parceria de estudantes da pós-graduação, organizei recentemente uma antologia comentada do conto mato-grossense, que se encontra em fase de revisão.

Mas considero que ainda fiz pouco, muito pouco. Quero fazer mais, escrever mais sobre a literatura de alta qualidade que é produzida neste estado. Como membro desta casa, sinto que é esse, inclusive, o meu maior compromisso daqui em diante. Como toda escritora, desejo ainda, obviamente, que minha própria obra seja mais lida e estudada. Afinal, imortal não serei eu, graças a Deus, pois nada me pareceria mais aterrorador do que viver para sempre. Com muita sorte e, se for lida e estudada por muitas pessoas, imortal será a minha obra. Fazendo parte da Academia Mato-grossense de Letras, tenho a esperança de fazer com que meu trabalho literário desperte o interesse de mais leitoras e pesquisadoras no correr dos anos.

Não digo isso sem algum grau de embaraço porque sei que até mesmo desejar tal coisa já é de uma imensa vaidade, talvez a maior delas. Mas, como “tudo é vaidade e vento que passa”, escolho essa para ser a minha. Tenho também outra grande ambição, a de viver numa sociedade mais igualitária, num mundo em que não haja tantas colonialidades (ou hierarquizações) de gênero, raça, classe, orientação sexual, religião, origem, entre tantas outras. Talvez seja tão ou mais difícil do que ter a obra realmente imortalizada, mas cada um tem o seu carma, e o meu é o de querer e tentar essas coisas praticamente impossíveis.

Sendo uma mulher branca de classe média, doutora em Letras,

professora universitária, escritora de obras publicadas, sei que sou privilegiada. A maioria das mulheres do meu país não teve nem tem as mesmas oportunidades que eu, ainda que minha vida também tenha encontrado desafios. A vida de ninguém é fácil, mas para a maior parte do nosso povo ela é muito mais difícil. Nós, que estamos em certas posições de prestígio, temos a obrigação de atentar para isso.

Venho tentando usar a minha condição de professora universitária não para reforçar os privilégios raciais e sociais que me levaram até ali, mas para interrogá-los e combatê-los, para que um dia não mais existam. Para que um dia, qualquer pessoa, independentemente do gênero, orientação sexual, raça, classe ou origem, possa, se assim o desejar, atingir o mesmo posto ou outros mais elevados.

Pretendo proceder da mesma forma enquanto membro da Academia Mato-grossense de Letras. Espero contribuir para a democratização desta casa, processo que já vem acontecendo de forma intensa há alguns anos. E a prova disso é a minha própria eleição. No Dia Internacional da Mulher, não posso deixar de ressaltar a importância histórica deste momento, em que uma mulher toma posse durante a gestão da primeira mulher negra a assumir o cargo de presidente da Academia Mato-grossense de Letras, a poeta e contista Luciene Carvalho, que, por sua vez, recebeu o posto de uma outra mulher, a escritora e jornalista Sueli Batista. Nos mais de cem anos de existência desta casa, é a primeira vez que isso acontece.

Contudo, penso que esta agremiação ainda deve estar aberta para receber, entre seu corpo de acadêmicas e acadêmicos, mais mulheres, mais pessoas negras e indígenas, mais pessoas lgbtqia+, mais pessoas com deficiência, mais pessoas da classe trabalhadora. Porque, nesses grupos, também há intelectuais e escritoras e escritores que estão produzindo literatura, arte e cultura de primeira grandeza. É só uma questão de ter olhos para ver. É só uma questão de buscar conhecer.

Sou a primeira mulher a ser eleita para ocupar a Cadeira 17, cujo patrono é João Severiano da Fonseca, que, tendo nascido em Alagoas, em 1835, era irmão do primeiro presidente da República, Marechal Deodoro

da Fonseca. João Severiano da Fonseca ingressou na carreira militar e, após formar-se em medicina, atuou no Corpo de Saúde do Exército brasileiro, prestando serviços médicos, inclusive, na Campanha da Guerra do Paraguai. Mais tarde, passou a lecionar no Imperial Colégio Militar. Foi imortalizado no livro *Viagem ao redor do Brasil*, publicado em 1880 e que reúne anotações realizadas em diversas expedições, sobretudo na região da então Província de Mato Grosso, território que hoje abrange os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia.

A Cadeira 17 teve cinco ocupantes anteriores. O primeiro deles é Carlos Gomes Borralho, nascido em 1878. Além de professor e jornalista, destacou-se na carreira política, elegendo-se três vezes como deputado estadual e uma vez como deputado federal, além de ter assumido o cargo de secretário de estado.

O segundo ocupante, Humberto Marcílio Reinaldo nasceu no Piauí e, assim como eu, era descendente de italianos. Ainda durante seus estudos secundários, atuou no jornalismo. Depois, formou-se em medicina e iniciou sua carreira de médico em Guiratinga, cidade da qual se tornou prefeito. Foi deputado estadual na década de 1950 e, posteriormente, realizou extensas pesquisas a respeito da educação em Mato Grosso, publicando o livro *História do ensino de Mato Grosso* em 1963, obra de referência para a historiografia da educação no estado.

O terceiro ocupante foi Frederico Augusto Rondon, nascido em Cáceres em 1898. Dedicou-se à carreira militar, servindo ao Exército brasileiro, onde se destacou na Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, publicando diversas obras importantes para o estudo da geografia do Centro-Oeste, entre elas, *Uaupés: hidrografia, demografia e geopolítica*, de 1945.

O quarto ocupante foi o Padre Pedro Cometti, nascido na Itália, terra natal do meu avô paterno, em 1918 e naturalizado brasileiro em 1951. Estudou filosofia, pedagogia e teologia, tendo lecionado filosofia, latim, história e francês em diversos colégios e faculdades, tanto em Campo Grande quanto em Cuiabá. Teve destacada atuação entre os salesianos,

publicando uma série de livros, reunindo, sobretudo, estudos do campo eclesiástico, entre eles, *História da Igreja em Mato Grosso*.

O quinto ocupante da Cadeira 17, Avelino Tavares, era, como eu, pisciano do mês de março, sendo eu do dia primeiro e ele, do dia onze. Nascido em 1926, estudou no Liceu Cuiabano e foi Chefe de Gabinete Parlamentar e Assessor de Jornalismo na Câmara Municipal de Cuiabá. Trabalhou no jornalismo por mais de 50 anos, colaborando nos seguintes jornais: *Estado de Mato Grosso*, *Diário de Cuiabá*, *Jornal do Dia*, *Correio da Imprensa*, *A Gazeta*, *Folha do Estado*, entre outros. Foi poeta e prosador, autor do livro *Janela do tempo*.

Sobre mim, que me torno hoje a sexta ocupante da Cadeira 17, sinto que já falei bastante. Gostaria agora apenas de agradecer. Meus agradecimentos à minha mãe e ao meu pai pela educação que me deram. Aos membros da Academia Mato-grossense de Letras pela confiança em mim depositada, com a minha eleição, especialmente às amigas Marli Walker e Lucinda Persona e ao amigo Eduardo Mahon, que me incentivaram e apoiaram durante todo o processo que me conduziu até aqui. A Ivens Cuiabano Scaff, pelo imenso legado poético que nos deixou. Ao dispositivo de honra que compôs essa mesa e às autoridades presentes. Às amigas Jussivânia Pereira e Bia Corrêa e ao amigo Edson Flávio Santos, pelo valioso auxílio que estão me prestando. Ao pessoal do UFMT em cordas, a Rubia Yatsugafu e a Oliver Yatsugafu, por abrihantarem a nossa noite hoje. Ao amigo Hélivio Moraes, pelo show de logo mais. À família do Sr. Avelino Tavares, que não pôde estar presente por motivos de força maior. Por fim, a todas as pessoas que puderam comparecer a esta cerimônia. Muito obrigada.

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DO ACADÊMICO LUÍS FABRÍCIO CIRILLO DE CARVALHO

Abertura da Sessão Solene de Posse do acadêmico Luís Fabrício Cirillo de Carvalho, pela presidente Luciene Josefa de Carvalho, em 29 de fevereiro de 2024

Hoje, nós nos reunimos na Casa Barão para receber, na Academia Mato-grossense de Letras, o mais popular maestro que nosso Estado já conheceu: Fabrício Carvalho! Com sólida formação erudita, o nosso maestro semeia música: clássica, popular, regional... MÚSICA! Eis um homem de ideias, que não se furta frente à oportunidade de defendê-las e executá-las. Gestor acadêmico, que múltiplas vezes se prontificou a colaborar para o florescer da atual Universidade Federal de Mato Grosso. A UFMT é a sua casa desde tenra idade, na sua iniciação musical. É da natureza deste cuiabano, nascido em São Paulo, cuidar da sua casa e ir além, sem recuar diante de novos desafios: política, publicações, colaborações interinstitucionais... O novo é um horizonte de chamada para o nosso empossando.

O pai da Maitê e do Miguel ama passear pelo Centro Histórico. Sonha com possibilidades para esta região da Cuiabá que o acolheu há quase quarenta anos e apresentou-lhe Raquel, a bela cuiabana que falou de um inédito Fabrício: o cantor de boleros, que os interpreta tão bem quanto Luís Miguel, e um exímio dançarino. Enfim, musicalidade plena. Diplomático, competente, sensível, empático, nosso maestro é um desses seres humanos que trazem a emoção acordada para o mundo em que vive. Aos 14 anos, veio à Academia Mato-grossense de Letras pela primeira vez para uma apresentação musical. O juvenzinho ficou encantado com os azulejos hidráulicos, com a Galeria dos Patronos...

Bem-vindo, maestro! A Casa reconhece a força da sua jornada. Bem-vindo à Cadeira 23!

**Discurso de recepção a Luís Fabrício Cirillo de Carvalho,
por Valerio de Oliveira Mazzuoli,
em 29 de fevereiro de 2024**

Prezados Confrades e prezadas Confreiras da Academia Mato-grossense de Letras. Ilustres membros do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Distintas autoridades e dispositivo de honra.

Senhoras e senhores.

Passado mais de um século em contínua atividade, a Academia Mato-grossense de Letras hoje novamente se reúne, nesta sessão extraordinária, para receber em seu seio e dar posse a mais um importante acadêmico. A presente data, que, por si só, já seria completamente significativa dada a sua relevância e importância, ganha também uma característica literalmente ímpar, exatamente porque hoje – 29 de fevereiro de 2024 – é dia que somente vem à luz a cada quatro anos, pela conhecida necessidade de ajuste do calendário terrestre com inclusão de mais um dia nos anos bissextos. Este ano de 2024 é bissexto e, exatamente hoje, aqui estamos a suplementar com este dia ímpar o mês de fevereiro. Por isso, a data de hoje é, por mais de um motivo, única. Estou certo de que a mística e a singularidade desde ano e dia também tornarão especial este momento de posse e de recepção de novo Confrade no seio da nossa Academia de Letras, esta que tem sido o berço dos escritores que laboram em Mato Grosso, durante mais de um século. Mas não só isso. É também a Casa que tem se permitido, especialmente nos últimos tempos, estar cada vez mais aberta às artes e à cultura em geral, e esta noite é a prova mais fiel dessa constatação. Talvez, num passado recente, não nos tenhamos dado conta do que viríamos a presenciar no futuro. Porém, hoje, tem sido possível melhor compreender o que autoriza que outras expressões intelectuais rompam a barreira até então intransponível e meramente livresca das Academias de Letras, para penetrá-las e delas fazer parte, tal o filho temporão que chega à família a destempo e modifica os hábitos de uma rotina, muitas vezes, entediante e enfadonha.

Nos dias atuais, passamos finalmente a aceitar que não só de palavras sobrevive uma Academia de Letras, senão também daquela literalidade que navega por outros mares do conhecimento, como as artes. Assim, sabe-se bem, é a ópera, o oratório ou a cantata junto ao libreto. Assim é, também, o intelecto do músico que faz do acompanhamento do solista a sua profissão de fé, compreendendo todo o fraseado e o sentido linguístico operado pelo interlocutor cantor para o fim de preencher com harmonia aquela expressão fonética da cultura, transformando o canto – e as palavras que nele se contêm – numa simbiose de períodos e sons inseparáveis, em um todo que só faz sentido unido. Esta Academia de Letras se abre, hoje, a várias dessas expressões culturais, que a preenchem de significado nestes tempos em que a arte e a cultura de alto nível parecem tão desprestigiadas. As portas deste Sodalício representam o acesso a um universo sonhado por muitos, mas atingido por poucos; e, por sermos tão poucos, temos a enorme responsabilidade de fazer ingressar nesta Academia de Letras homens e mulheres de alto valor cultural, sobretudo para Mato Grosso e para os milhares de pessoas que, do lado de fora desta Casa, anseiam por receber de nós uma resposta viva daquilo que se faz passar e produzir aqui dentro. Esta responsabilidade, não tenho dúvidas, foi completamente atingida com a eleição do novel acadêmico que passamos a receber e a abraçar agora, dando-lhe posse nesta Instituição centenária. A sua história, a sua trajetória, a sua produção intelectual e artística, bem como o seu incontestável carisma foram determinantes para a nossa decisão de trazer à Casa Barão de Melgaço este novo acadêmico, que chega agora para somar conosco na sublime – e, paradoxalmente, também penosa – tarefa de sustentar as letras produzidas neste Estado.

Senhoras e senhores. Desde a sua fundação, esta Academia tem recebido em seu seio homens e mulheres movidos pela incandescência da produção intelectual, pela vontade de transformação e pela necessidade premente de manter viva a cultura, nas suas mais variadas formas. Tal produção intelectual tem sido expressa, como tradição, à base física do que se denomina livro. No entanto, não apenas a literatura poética,

bem como a dos romances, dos contos e das novelas tem sido aceita nesta Academia de Letras desde sempre, senão também outras formas de expressão literária, como a provinda da pena dos jornalistas, dos historiadores e dos juristas. Tal foi o que levou Dom Aquino Corrêa a eternizar, no discurso que proferiu por ocasião da instalação do Centro, hoje Academia Mato-grossense de Letras, em 7 de setembro de 1921, a verdadeira razão de ser desta tão seleta agremiação, colhendo-a dos escritos de Jesus Ben Sirac no deuterocanônico livro de Eclesiástico, Capítulo 44, Versículo 6: *Pulchritudinis studium habentes*, ou, no vernáculo, os “estudiosos da beleza”. Quando se lê todo o Versículo 6 do Capítulo 44 do Eclesiástico – este livro que foi escrito por volta de 180 a. C – tem-se a exata noção daquilo que pretendeu o nosso fundador Dom Aquino ao fixar, vez por todas, o signo imortal desta Academia: “Homens ricos de virtude, que tinham gosto pela beleza...”. É o gosto pela beleza, portanto, que deve unir aqui Confrades e Confreiras em prol de um ideal comum, que é fazer desenvolver as letras, a arte e a cultura no Estado de Mato Grosso. Essa, não há dúvidas, é a nossa razão de ser enquanto Instituição e agremiação lítero-cultural, certo de que, hoje, esta Casa honra mais uma vez a sua tradição, pois passa a receber em seu seio pessoa de trato refinado, que ama e adora o belo, que compreende devidamente as expressões culturais e é especialista na arte de fazer música. Pela primeira vez nesta Academia de Letras nestes mais de cem anos não estamos a receber um professor de literatura, um poeta, um romancista, um jornalista, um historiador ou um jurista, mas sim um Maestro no sentido técnico-musical da palavra, habilitado na arte da regência e da composição musical (CORRÊA, Dom F. de Aquino. *Terra natal: versos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940, p. 21). Estamos a seguir, aqui, o que já fez a nossa coirmã Academia Paulista de Letras em dezembro de 2009, quando empossou, como acadêmico, o Maestro Júlio Medaglia, na Cadeira nº 3, sob o patronato de Mathias Aires, e que, em abril de 2018, tornou também imortal o Maestro João Carlos Martins, na Cadeira nº 13, sob o patronato de Alexandre de Gusmão. Em tempos mais remotos, nos idos de 1968, tomava posse na Academia Norte-

-Rio-Grandense de Letras o maestro e compositor Oswaldo de Souza, primeiro ocupante da Cadeira nº 33 daquele Sodalício. Estamos aqui, portanto, muito bem acompanhados. Hoje, Mato Grosso se ombréia às Academias coirmãs brasileiras para dar posse, como acadêmico, àquele que podemos chamar de “nosso” Maestro.

Confrades e Confreiras. Distinto dispositivo.

Luís Fabrício Cirillo de Carvalho é paulistano, que nasceu em 26 de setembro de 1974, filho de Eduardo de Carvalho e de Nilza Cirillo. Começou, desde muito cedo, a estudar música, iniciando, em Barueri, interior do Estado de São Paulo, com aulas de piano com a sua primeira professora, Ruth Fujimoto. Alguns anos depois, já pré-adolescente e residindo em Cuiabá, após mudança com a família acompanhando a transferência de trabalho do pai, matriculou-se, em 1985, no Colégio Patronato Santo Antônio, da Missão Salesiana de Mato Grosso, continuando os estudos normais sempre junto dos estudos musicais. No ano seguinte, ingressa na Escola Preparatória de Instrumentistas da Orquestra Sinfônica da UFMT, e, na mesma Universidade, inicia, em 1992, o curso de engenharia civil, abandonando-o definitivamente em 1997 para seguir e dedicar-se exclusivamente à música. Àquela altura, tinha já sido aprovado em concurso público da UFMT para técnico instrumentista, tomando posse no quadro técnico da Instituição em 12 de janeiro de 1995. Transcorridos exatos dois anos e meio de sua posse, em 12 de julho de 1997, ascende ao posto de Regente Titular e Diretor Artístico da Orquestra Sinfônica da UFMT, posição em que permanece até hoje. No âmbito acadêmico, graduou-se em Regência Orquestral pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro (2000) – e ali foi aluno dos renomados maestros Marco Maceri, Alceo Bocchino e Eduardo Ostergren – e fez Mestrado em Música na Universidade de Campinas – Unicamp (2004). No âmbito da gestão universitária, foi Pró-Reitor de Cultura, Extensão e Vivência da UFMT por três mandatos: o primeiro de 2008 a 2012, o segundo de 2012 a 2016 e o terceiro de 2022 a 2024, buscando sempre ampliar o acesso da comunidade universitária

às ações culturais da Universidade nas plataformas de audiovisual, das artes plásticas, do cinema e do teatro. Foi também Secretário de Articulação e Relações Institucionais da UFMT de outubro de 2016 a 2018, cujo trabalho foi expandir as relações institucionais da 8 Universidade com o mercado produtivo, as prefeituras, o Governo do Estado e o Governo Federal, proporcionando convênios e permitindo que a pesquisa aplicada chegasse até a sociedade de maneira direta e, sobretudo, prática. À frente da Orquestra Sinfônica da UFMT, tem desenvolvido projetos de dinamização da música erudita orquestral, por meio de concertos realizados em Cuiabá e no interior do Estado. Guarda grande preocupação com a música brasileira de concerto, programando, sempre, obras de compositores nacionais e estreias mundiais em seus concertos. No campo da música popular brasileira, trabalhou, entre outros, com Gilberto Gil, Gal Costa, Flávio Venturini, Guilherme Arantes, Renato Teixeira e com os grupos Roupas Nova e 14 Bis, na direção de espetáculos junto à Orquestra Sinfônica da UFMT. No Rio de Janeiro, regeu as Orquestras de Câmara do Conservatório Brasileiro de Música e da Petrobrás Pró-Música. Em São Paulo, regeu a Orquestra Sinfônica de Bragança Paulista e de Campinas, e, em Minas Gerais, a Orquestra do Sesi-Minas e a Orquestra Opus. Produziu e dirigiu a primeira ópera realizada em Mato Grosso, *A Flauta Mágica*, de Mozart, em parceria e com recursos da iniciativa privada e do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Além das atividades de regência orquestral, é autor de trilhas sonoras para teatro, cinema e televisão, tendo canções gravadas por diversos artistas do país. Na iniciativa privada, é sócio-proprietário da Cia. Sinfônica, uma das três maiores produtoras de eventos artísticos do Brasil em sua área, com participações em todo o país e em países como Estados Unidos, México, França, Itália, República Dominicana, Argentina, Paraguai, Canadá e Japão. Num país que consome pouquíssima música de qualidade, que não permite que crianças e jovens conheçam os artistas universais e tornem-se músicos de gabarito, e que não conta com políticas públicas adequadas voltadas à valorização da arte e da cultura, o trabalho do Maestro Fabrício Carvalho constitui, *per se*, um

diferencial a ser levado em consideração. Trabalhamos, eu e o Mastro Fabricio, na mesma Universidade. Separa-nos uma avenida, que divide a Faculdade de Direito do Teatro Universitário. Aos meus alunos, nas noites engalanadas de Teatro iluminado, digo sempre para atravessarem a avenida e frequentarem o teatro, pois é ali que a arte e a cultura se realizam em nosso seio. No entanto, se temos nós a ventura de frequentar espetáculos atravessando uma avenida dentro da Universidade, esta não tem sido, lamentavelmente, a sorte de milhões de brasileiros. Por isso, o labor do novel acadêmico que ingressa agora a esta Casa Barão de Melgaço é digno de nota, especialmente porque – repita-se mais uma vez, num país que não valoriza a arte e a cultura e não destina recursos coerentes para o seu progresso e desenvolvimento – nadar contra a corrente e vencer a correnteza é mister que poucos logram realizar com êxito. Ademais, não faltassem outras razões para tanto, o Maestro Fabrício Carvalho é intelectual que orgulha o Estado de Mato Grosso, onde, desde muito cedo, desenvolve a sua atividade artística e cultural, bem assim, mais recentemente, literária. Quanto a esta última, no entanto, tenho a obrigação de tecer mínima advertência ao novel acadêmico que hoje aqui passa a ingressar, para o fim de que conheça a verdadeira insígnia de pertencer a esta agremiação tão pequena numericamente, mas tão sublime e grandiosa em seus reais e efetivos propósitos.

Senhor Maestro Fabrício Carvalho.

Existe – poucos sabem desse verdadeiro mister – uma responsabilidade intrínseca a todos aqueles que integram as Academias de Letras, tanto aqui como em todo o resto do mundo, relativa à obrigação de manter imorredoura a palavra, pelo que, como decorrência, há de se levar a cabo, com insistência, a nobre e sublime missão de escrever. Estamos, portanto, quase que obrigados a escrever sempre e cada vez mais aprofundadamente, preservando as letras da terra para o porvir imorredouro, como emblema daquilo que é belo e duradouro. A escrita, em todas as áreas do conhecimento, é o meio que a humanidade encontrou de propagar ideias, de trazer à luz os sonhos e de implementar ideais. Mas não só isso. É o modo pelo qual podem todos os temas e

assuntos serem apresentados, noticiados, formulados, contados, recontados e, até mesmo, adulterados ou falsificados. A par dos seus benefícios, observe-se, os meios de comunicação e a evolução da Internet tornaram também possível, com velocidade incomparável, maior do que em qualquer outro tempo da história, a propagação de *fake news* e do chamado *hate speech*, ou discurso de ódio. Bastaram duas linhas escritas e alguns cliques para que milhares de insurgentes tomassem prédios públicos e atentassem contra a ordem democrática e o Estado de Direito, dilapidando o patrimônio público e muito do acervo artístico e cultural brasileiro, em uma das cenas mais abjetas já vistas em nosso País. As agremiações literárias, não bastassem suas atividades tradicionais, têm, doravante, também a responsabilidade de combater ferozmente aqueles que, em nome do que julgam ser “liberdade”, destroem sem causa os emblemas maiores de uma Nação. As Academias têm, portanto, o dever de bem e fielmente informar, trazendo para si essa responsabilidade, de tempos em tempos tão necessária, não só ao esclarecimento da sociedade, bem como daqueles que a lideram e a governam. Este o motivo principal, senhor Maestro Fabrício Carvalho, porque devemos estar alertas a tudo quanto se produz e se realiza no âmbito de agremiações literárias, sempre abertos à sociedade para além dos muros e livres de todo e qualquer tipo de opressão, combatendo ferozmente a propagação de notícias falsas, de discursos de ódio e quaisquer formas de discriminação. Devemos, como decorrência desse mister, deixar a nossa impressão e a nossa marca no entorno das pessoas que nos envolvem, enquanto união de homens e mulheres versados nas letras e amantes da cultura, porque, além do culto à beleza – lembremo-nos novamente do nosso emblema *pulchritudinis studium habentes* –, temos também a fiel obrigação de cultivar a verdade. Por outro lado, mesmo à luz daquelas letras que se mantêm sóbrias, corre-se o risco imenso de cedência à vaidade. Mathias Aires destacou com clareza cristalina, em suas *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, que “[a] vaidade das letras é maior do que a vaidade das armas”, pois enquanto “as armas fazem o mal, mas acabam com ele, as letras o mal que fazem, dura; as armas, causam; as

letras, não; a espada nem sempre pode usar de força e de traição; a pena sempre pode ser traidora e aleivosa; é arma que não pode acautelar-se; quanto mais leve e mais sutil, mais perigosa: aqui vem o serem as letras de algum modo inexpugnáveis, e por consequência vaidosas, porque o ser invencível precisamente influi vaidade” (AIRES, Mathias. *Reflexões sobre a vaidade dos homens & Carta sobre a fortuna*. 2. ed. São Paulo: Escala, 2008, p. 126-127). Tenho a certeza, senhor Maestro, de que o seu ingresso como acadêmico neste Sodalício vem acompanhado de tais características, com sobriedade e alheio às vaidades, pois de todos é conhecida a sua figura política – para além de artística – como gestor na Universidade Federal de Mato Grosso e enquanto espectador engajado das questões culturais e sociais deste Estado. As suas preocupações têm sido estampadas na imprensa mato-grossense há vários anos, dando o tom de sua sensibilidade política, para além de artística, certo de que esse reconhecimento chega com grande vigor agora, com a sua eleição e posse nesta Academia de Letras. Por isso, não tenho dúvidas de que ganhará muito a Casa Barão de Melgaço com a pessoa do senhor em nosso seio no âmbito desta confraria, seja em razão de sua própria figura, representativa do regente e do artista reconhecido, ou por conta do seu carisma e sensibilidade para tratar dos temas e assuntos que nos interessam enquanto agremiação literária e cultural do Estado de Mato Grosso, guardada, me permita esta breve e necessária advertência que acabo de lhe empenhar.

Senhoras e senhores.

O novel acadêmico aqui ingressa pela difusão de ideias que agregam a cultura à política e aos temas sociais. A par disso, recordo que o novel acadêmico já participou de dois trabalhos de minha lavra, tanto com o belíssimo prefácio ao meu livro *Chopin* quanto com o ensaio sobre sensibilidade e verdade das informações na equalização das diferenças sociais, na obra *Arte, cultura e civilização* que organizei pela Editora Letramento em 2021. Neste momento, no entanto, é hora de compreendermos o papel além da orquestra do Maestro Fabrício Carvalho, a partir do lançamento de seu livro primogênito *Outros ensaios*.

Fui brindado pelo autor a prefaciar este seu significativo livro, que nos apresenta um Maestro agora preocupado com a situação do Brasil atual e engajado nas transformações sociais de que a nossa sociedade carece. Seus comentários e suas preocupações têm atingido milhares de interessados, como eu, preocupados em conhecer a visão do intelectual e artista sobre os temas lançados à luz nos periódicos de nosso Estado. Este seu primogênito livro reúne os principais ensaios publicados pelo Maestro nos últimos anos, revelando a sua visão de mundo – sobretudo da arte, da cultura e da política – e o seu entendimento sobre cada qual dos temas investigados. Não se trata de assuntos intrinsecamente ligados, não obstante os temas artísticos, culturais e políticos seguirem sempre uma linha coerente de pensamento. Ademais, o que revela a singularidade deste opúsculo é exatamente a diversidade que nele se faz estampar, seja a de assuntos ou a de ideias e pontos de vista (MAZZUOLI, Valerio de Oliveira. *Chopin: elementos de pianística e impressões sobre a vida e obra*. Belo Horizonte: Letramento, 2020, p. 11-14 [Prefácio]; MAZZUOLI, Valerio de Oliveira; MORBACH, Gilberto (Orgs.). *Arte, cultura e civilização: ensaios para o nosso tempo*. Belo Horizonte: Letramento, 2021, p. 172- 177; CARVALHO, Fabrício. *Outros ensaios: reflexões sobre arte e sociedade*. Cuiabá: Umanos, 2022). Quem, como eu, conhece o Maestro Fabrício Carvalho e desfruta de sua amizade há tantos anos sabe como a diversidade é também regente de sua própria existência, não apenas advinda da alma do respeitado artista e músico, senão também de sua presença marcante em outros palcos, como o político. De fato, na personalidade e na conduta do Maestro Fabrício Carvalho há sempre essa marca constante, perceptível a todos, de respeito à variedade e multiplicidade de ideias e de aquiescência plena ao debate franco e aberto, com ações concretas, sem conjecturas menores. Tal é o que o retira da condição – cômoda a muitos intelectuais – de espectador à distância dos problemas apresentados, trazendo-o para o cerne do debate social – artístico, cultural e político – presente nos tempos atuais em Mato Grosso e no Brasil. Somadas essas características pessoais e intelectuais do Maestro Fabrício Carvalho, tenho a certeza

de que novel acadêmico aqui ingressa com notáveis qualidades, e que saberá utilizá-las em proveito desta Academia de Letras e da sociedade mato-grossense em geral, à guisa do tem feito durante todos esses anos na Universidade Federal de Mato Grosso, *locus* de educação e cultura de que tenho a honra de também integrar na qualidade de docente efetivo da Faculdade de Direito. A sua inteligência e sabedoria certamente contribuirão para o desenvolvimento de uma musicalidade tão necessária a esta Casa de Letras, que tem às vezes carecido de maior oportunidade artística e cultural, não obstante todos os esforços realizados nesse sentido há algum tempo, notadamente nas duas gestões da Confreira Sueli Batista dos Santos. Oxalá que se abram as portas desta Academia para todas as formas de manifestação cultural, deixando para as nossas letras a imortalização de todas essas realizações. Apenas assim lograremos unir as artes às letras em um só mosaico cultural, em prol do Estado de Mato Grosso e do Brasil.

Senhor Maestro Fabrício Carvalho.

Com o seu ingresso em nosso seio e em nosso meio, a batuta e a caneta passam, doravante, a andar juntas: uma regendo a orquestra, dando vida à música, e outra demarcando espaços e fixando os verdadeiros propósitos na escrita que lhe compete. Noto, nesse sentido, como a escrita guarda correlação estreita com a música, em mesma ou maior complexidade do que com a literatura, pois, de fato, a música é também escrita em linhas próprias, naquilo que se denomina partitura. De fato, a expressão musical se escreve tal a expressão literária, inclusive com as mesmas ferramentas: antigamente, o lápis e a borracha; hoje, o teclado e o mouse do computador. Aqui, no entanto, estou a falar do regente – não do compositor – que se tem transformado ultimamente em escritor, é dizer, em escritor de literatura lato sensu, em escritor, podemos assim dizer, literário, no âmbito daquilo que lhe interessa, não daquele que transfere para o papel a sua intenção musical, que, não há dúvidas, também é o seu caso. Aqui, contudo, estamos e pertencemos a uma Academia de Letras, tais as que lhe trouxeram até este momento de jubilosa posse. Qual, então, as diferenças e semelhanças entre a batuta e

a caneta? Explico. A batuta é leve, consegue brincar no ar e está sempre altiva, a todo momento com a cabeça erguida, parecendo, aos olhos da criança, uma varinha mágica, que verdadeiramente faz “mágica”. A batuta é, como se sabe, objeto maleável, flexível, que, a gosto do maestro, pode alterar repentinamente o andamento ou a intensidade sonora de uma determinada peça. Por isso, é quase lúdica nas mãos do regente, que a mantém em mãos, no entanto, com enorme responsabilidade. A caneta, a seu turno, têm os olhos voltados para baixo, além de ser dura e inflexível, funcionando apenas quando pressionada, em contato firme com o papel, chegando a maltratá-lo e, às vezes, a machucá-lo. Uma vez escrito e estampado, o texto e as palavras que o compõem não se alteram, não se modificam, nem na sua cadência nem na intensidade de seu significado; e, se pretender o seu “regente” – o escritor – levar a cabo qualquer alteração posterior, estará impedido pela muralha impenetrável da capa e da lombada do exemplar, protegidas por cola e por costura firmes. Na orquestra, a cada espetáculo, uma nuance ou interpretação distinta sempre vêm à tona, pois o espírito do maestro não é o mesmo, o dos músicos não é o mesmo, as afinações e suas respectivas frequências já não são as mesmas, e os espaços de exibição, muitas vezes, também são distintos. A cada espetáculo, da mesma forma, a flexibilidade da batuta tem o poder de modificar toda a atmosfera da obra. Nada disso ocorre com a caneta e com o papel, porque, uma vez escrito e publicado, o texto jamais se apaga, os acentos permanecem intactos e as vírgulas não saem do lugar. Tudo é absolutamente imóvel, completamente fixo. Nada se move e não há nuances em um singular, em um plural ou em uma concordância grafada equivocadamente. A caneta é, enfim, duríssima. O texto é estático e o livro é físico. Portanto, passar da regência para a composição, musical ou literária, transferindo a batuta para a caneta, é um salto que apenas 19 os grandes conseguem dar. É por isso que se diz serem imortais os membros das Academias de Letras, pois tudo o que se escreve se torna *perene, ad aeternum*; dialoga-se com o porvir, sabendo-se já que o nosso fim será breve; espera-se do futuro que se reconheçam os feitos do presente, sem confirmação alguma sobre tal

expectativa. O senhor – prezado Maestro Fabricio Carvalho – entra hoje para a esta imortalidade, podendo brilhar também neste novo palco, a reger tudo quanto pretender na produção intelectual que, doravante, a sua inteligência venha a proporcionar. Por isso, tenho a grata satisfação de lhe dizer, em meu nome e em nome dos Confrades e Confreiras que o elegeram para esta Casa de Letras, que muito felizes estamos em franquear-lhe este palco da cultura letrada mato-grossense para o seu espetáculo unipessoal. Este palco, meu caro Maestro, a partir de hoje, passa a também ser seu. Desfrute-o bem, unindo-se a nós para fazer dele – com a batuta, com a caneta, ou com ambos esses instrumentais – aquilo que nós aspiramos e desejamos quando decidimos torná-lo um de nossos Imortais. Seja muito bem-vindo!

Discurso de posse do acadêmico LUÍS FABRÍCIO CIRILLO DE CARVALHO,

em 29 de fevereiro de 2024

Digníssima presidente da Academia Mato-grossense de Letras
Luciene Josefa de Carvalho,
Caras Confreiras e Confrades,
Colendas Autoridades,
Queridas Amigas e Amigos,
Amados familiares,
Boa noite!

I.

Cumpre-me dizer, de plano, que recebo com mãos firmes e extremo comprometimento a generosa honraria que me concederam, pelo caminho da Cadeira 23. Agradeço aos queridos amigos acadêmicos que votaram e aprovaram meu ingresso para esta Casa, ressaltando minha imensa alegria quando soube que minha aprovação se deu por votação tão expressiva. Sou muito grato a todos os meus caríssimos pares aqui presentes, pela generosa acolhida que hoje se consuma. Será engrandecedor conviver e aprender com vossas senhorias. Sinto-me honradíssimo por ter sido conduzido até este recinto pelos dignísimos, agora, confreriras e confrade, Marta Cocco, Elizabeth Madureira Siqueira e Allan Kardec Benitez e, por ter sido vestido, com o símbolo da honra acadêmica – a pelerine – por Ernani Calháo, um padrinho, um amigo de longa data e muitas histórias. O meu muito obrigado a vocês! De forma especial, nesta Cerimônia de Posse, quero reverenciar e manifestar profunda gratidão à pessoa do acadêmico, meu amigo, Valerio de Oliveira Mazzuoli – jurista, personalidade artística, cultural e humanista; não só desta Academia – por plantar em mim o estímulo inicial que me conduziu até aqui, a esta

Casa que hoje me acolhe, e pela grande generosidade em me receber com o discurso que ouvimos há pouco. Em você tive um sábio conselheiro e condutor. Minha gratidão e admiração ao Magnífico Reitor da Universidade Federal de Mato Grosso, Sr. Evandro Aparecido Soares da Silva, a quem eu tenho a honra de chamar de amigo e companheiro de causas e jornadas; hoje aqui, compondo a Mesa de trabalhos, representando as outras autoridades presentes nesta solenidade. Com carinho e afeto, agradeço o apoio de minha esposa, Raquel; e a energia vital que recebo todos os dias dos meus dois filhos, Maitê e Miguel; minha família, sem a qual nada do que vivi e vivo faria sentido. Sempre farei por vocês.

II.

Nesses meses de espera, entre minha eleição – no dia 16 de setembro de 2023 – e esta sessão solene de dimensão especial em minha trajetória, venho buscando o que dizer aqui, agora. Pois bem. Aqui estou, cumprindo a tradição, vivenciando o sábio rito acadêmico de incorporar-me à Casa Barão de Melgaço, por meio do qual chancelo o compromisso que sempre tive com a cultura em seu sentido lato, estando certo de que esta minha missão de vida, agora legitimada de forma indelével, une-me à Comunidade em que hoje me integro; seja aos acadêmicos presentes, aos acadêmicos de ontem ou aos acadêmicos de amanhã. É uma honra imensa me tornar membro de um grupo tão relevante de pensadores e intelectuais que engrandecem a cultura de nosso Estado por meio da linguagem escrita. São mulheres e homens pelos quais tenho grande apreço, admiração e respeito, profissionais das mais diversas áreas de atuação no Estado, que se equiparam por usar a palavra como instrumento de comunicação e de saber. Somos criadores de cultura. Somos seres da palavra. Utilizamos as letras como meio de expandir mensagens para muito além do nosso próprio tempo e espaço.

Neste tradicional rito, também tenho o privilégio e a grande responsabilidade de recordar e reverenciar a vida e obra daqueles que me antecederam nesta Cadeira, anunciando e exaltando seus nomes, porque imortais. A bela essência da Academia, contida nesta cerimô-

nia, é consagrar de forma perene a atividade de quem escreve e cria cultura. Do mesmo modo – suponho, ao menos! – um dia, no futuro, breve ou não, ainda não sei, minha memória será lapidada pelos meus sucessores como preconiza o costume acadêmico, no que consistirá a minha imortalidade. E por isso, desde já prometo honrá-la, com muito esmero, trazendo a este Sodalício pujança para a arte e para cultura, profundamente intrínsecas à Casa, projetando para a sociedade mato-grossense o meu papel e missão de construí-las e cultivá-las – a arte e a cultura – nos seus mais amplos sentidos. Dedicarei esforços para fortalecer toda a nossa comunidade artística, bem como a imagem intelectual de Mato Grosso.

Sou músico com muito orgulho. Com meu acolhimento nesta Casa, aspiro estreitar os laços da Academia com a música e a cultura popular de nosso Estado. Acredito piamente ser este um objetivo válido e possível. Ambiciono novos horizontes.

A música, especialmente a popular, como disse Gilberto Gil, nosso imortal na Academia Brasileira de Letras: “é a palavra cantada, a oralidade levada ao extremo pela presença da música; pela junção com a música, com o ritmo, com a melodia” (informação verbal). Estar dentro da academia hoje, sendo músico e maestro, tem significado de abertura, de possibilidade de uma popularização, no sentido de levar à toda sociedade aquilo que engrandece.

Por oportuno, repito, aqui, a bela colocação da minha querida amiga, agora congreira, Marta Cocco, quando, no dia de minha eleição, veio fazer-me o comunicado oficial: “A música e a literatura são duas artes irmãs, sendo que a poesia nasce do canto [...]”. Destarte, estou, sim, no meu lugar. A literatura é uma constante fonte de inspiração para a música. O elo, existente entre estas duas linguagens artísticas, é muito forte. A literatura pode ser cantada e a música pode ser lida; se complementam. Quero explorar este mundo de convergências para contribuir com a Academia, espelhando todas as benesses para a sociedade.

Na minha profissão, nunca me senti sozinho. No meu caminho passaram pessoas incríveis. Minha vida musical traz a mim incontáveis

e memoráveis companheiros e inspirações. E por agora estar dentro deste Sodalício, é propício enaltecer e saudar a memória de duas dessas grandes inspirações. A primeira, tive a honra de conhecer pessoalmente lá pelos idos de 1986. Falo de Dunga Rodrigues. Professora, musicista, compositora, memorialista e escritora, além de profunda conhecedora do rasqueado, patrimônio imaterial cuiabano. Dunga foi importante contribuinte para a cultura e literatura mato-grossense e ocupou, em um período predominantemente masculino, uma cadeira aqui nesta Casa. Ao rememorar-la pretendo registrar solenemente, perante todos, a importância que é para mim, como músico, estar hoje inserido na mesma Casa em que Dunga foi imortalizada e, ainda, aproveito o ensejo dessa lembrança para saudar todas as mulheres da Academia, hoje minhas confradeiras. Mulheres que para aqui estarem, percorreram caminho muito mais desafiador e estreito - historicamente para as mulheres tem sido assim, sabemos! - mas que brilhantemente se colocaram e possuem força e sabedoria para abrirem espaços para as gerações que estão aqui e para as outras que virão. Precursoras de mudanças importantes. Vocês têm a minha profunda admiração. Será uma honra conviver e aprender.

A segunda inspiração, que reverencio neste rito de ingresso, é o saudoso e grande Professor Dorileo, hoje aqui representado por sua filha, Izis Dorileo, profissional impecável, que comanda, sob sua batuta, a cerimônia desta noite. Dorileo ocupou a Cadeira 26 desta Casa. Foi advogado, político, especialista em Direito Educacional, historiador e escritor. Todavia, quero hoje enaltecer o Dorileo professor fundador da UFMT – de onde veio a se tornar reitor – sendo ele uma das pessoas que mais se dedicou à implantação da instituição em Mato Grosso. Enaltecer, especialmente, o Professor Dorileo idealizador da Orquestra Sinfônica da UFMT, da qual estou à frente todos esses anos. A Orquestra que, segundo a sua percepção, foi fruto de muito esforço e engajamento da comunidade acadêmica; a Orquestra que, conforme suas colocações orgulhosas, trouxe pela primeira vez em solo mato-grossense instrumentos eruditos como, por exemplo, o oboé. Enaltecer, também, o Professor Dorileo idealizador do Coral da UFMT, capaz de proporcionar à socie-

dade local o contato com a música erudita e de qualidade. Agradeço e muito – com o meu coração e minha razão – estar sendo aceito agora nesta Casa, por onde também passou este grande homem, protagonista e referência da nossa mais alta Cultura. Daquelas gratas surpresas do destino: ter a chance de reverenciar aquele que possibilitou ser quem sou hoje. Sem a Orquestra Sinfônica da UFMT certamente não seria o Maestro Fabricio Carvalho que hoje conhecem. Sem medo de exagerar, não vejo minha vida sem a Orquestra. Serei, portanto, eternamente grato.

Para finalizar este preâmbulo, restando cristalina a minha intenção de estreitar os laços da Academia com a música e a cultura popular de nosso Estado, imperioso consignar que considero também fundamental aprofundar-nos na importância do escritor para a sociedade; no seu papel enquanto um personagem crucial não só para o entretenimento e distração, mas também – e especialmente – para o equilíbrio social, via educação, o qual possui enorme relevância na economia criativa, quando pensamos nas inúmeras possibilidades de geração de emprego e renda que advêm deste trabalho. De forma geral, a literatura, para muitos públicos, não aparece. É de causar indignação essa premissa de invisibilidade, sobretudo para os jovens. É preciso analisar a demanda, oferta e oportunidades de prospecção. Vejo aqui um dos problemas culturais contemporâneos a ser pensado. A AML tem muito a contribuir nesse debate. E eu gostaria, aqui, de colaborar para o debate, em prol da cultura e da equalização social.

Uma academia é, sobretudo, uma casa de bom convívio. E é no convívio respeitoso que surgem as melhores ideias, para disseminar cultura, notadamente entre crianças e jovens, que são o amanhã, o reconstruir. Faço, aqui, uma ressalva: há idosos - na idade – que preservam a juventude e a vontade de aprender e conhecer sempre mais; há jovens que, talvez por questões da vida, já nasceram desesperançados. Então, vamos levar a todos aqueles que desejam e precisam desta riqueza, a ser generosamente partilhada.

Escritores mostram e acrescentam perspectivas. Mudam o mundo porque capazes de mudar a forma das pessoas verem as coisas. Dão a elas

capacidade de ver por um lado que talvez antes não vissem. Possibilitam conhecimento acerca de uma situação ou problema de forma completa. Exploram as palavras, em seus sentidos usuais e também abusando dos seus sentidos não literais. Escritores são aqueles que dão vida às palavras: expressando-as, articulando-as, explorando-as, dando-lhes os mais variados significados e sentidos. Podem complicar ou descomplicar; explicar ou plantar dúvidas importantes para desenvolvimento do tão necessário senso crítico. Em vista disso, parafraseando o pintor francês Eugène Delacroix, afirmo, sem medo de errar, que o mais belo triunfo de um escritor é fazer pensar os que podem pensar.

Então, nesta solenidade, além de propor essa reflexão acerca da importância de resgatarmos esses valores neste momento em que vivemos, celebro todos que presenteiam toda a humanidade com sensibilidade, esmero e dedicação necessários para construir pontes, mundos, vidas, subjetividades e refúgios. Aqueles e aquelas que, por ofício ou não, são capazes de oferecer companhia em tempos de solidão; aqueles que ensinam e perpetuam histórias e culturas; aqueles cuja imaginação possui o poder de estimular a imaginação alheia, dando-lhes asas e acesso a novos mundos para explorar.

Encerro, assim, este prólogo, dizendo a vocês, senhoras e senhores, que a Academia Mato-grossense de Letras é um dos espaços mais interessantes e instigantes, dentro do qual terei força, apoio e lastro necessários para continuar a perseguir meus ideais, eliminando ou, ao menos, minimizando, com muita dedicação e paixão, gargalos que impedem o desenvolvimento da cultura em nosso Estado. Quero contribuir, levando mais e mais. Levando a muitos, levando a todos, esse é meu desejo. Espero alcançar.

III.

Senhoras, senhores,

Sigo, então, cumprindo o rito da Cerimônia de Posse, com a recapitulação de nossos ancestrais acadêmicos. A Cadeira 23 da Academia Mato-grossense de Letras traz em seu histórico o talento, a força e a

capacidade intelectual de pessoas ilustres; figuras altamente importantes que me precederam nesta Cadeira, cujo patrono é Antônio Gonçalves de Carvalho; o fundador Raimundo Maranhão Ayres; o primeiro sucessor Agenor Ferreira Leão e o segundo sucessor Tertuliano Amarilha – este último a quem sucederei.

O Patrono desta Cadeira 23, de que hoje me aposso – graças ao voto generoso de meus confrades e confreiras – é Antônio Gonçalves de Carvalho, declarado, pelo Barão de Vasconcelos, no trabalho *Arquivo nobiliárquico brasileiro*, à p. 31, como “um dos mais puros e austeros magistrados brasileiros”. Nasceu em 31 de agosto de 1843, no Rio de Janeiro. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de São Paulo, onde recebeu o grau de Bacharel em 10 de dezembro de 1863. Poeta memorável – o poeta *Flor de Neve*, como foi notabilizado em Mato Grosso por sua composição de linguagem apurada intitulada com o mesmo nome. Poeta que magistralmente rimava versos sobre “sua Flor”; sobre o movimento abolicionista – vale dizer: foi um dos precursores da campanha abolicionista neste Estado – e não raras vezes acerca das paisagens vivas do Oeste. Sua obra foi produto de suas peregrinações. Obras vivas, que retratam aspectos da natureza e eram cheias de sentido humano – tinha imensa facilidade de expressão para transmitir seus sentimentos. Um poeta vindo doutras bandas, mas que se caracterizou como um regionalista que em muito cooperou em favor de Mato Grosso.

Além de insigne poeta, foi brilhante jornalista. Sua obra literária como poeta e jornalista sempre vinha assinada pelos pseudônimos de A. Bueno e Americano. Por conta de seu brilhantismo poético e sua dedicação ao jornalismo, conseguiu a atenção dos homens ilustrados de seu tempo, inscrevendo o seu nome entre os daqueles que contribuíram para o enriquecimento do acervo cultural de Mato Grosso. Como jornalista foi capaz de interpretar os sentimentos coletivos e transmiti-los às massas, em linguagem compreensível, com vigor de seu estilo puro e palpitante.

Antônio Gonçalves de Carvalho também ficou conhecido nesta

capital como Dr. Carvalhinho, quando se elegeu para Deputado Provincial, em 1881. Como parlamentar desenvolveu grande atividade. Sempre com alto sentido nacionalista e sagrado ideal pela prosperidade da destas regiões, estudou outros assuntos, como regimes fiscais, abordou com clareza o abandono da instrução, além de outros que sempre empolgaram a sua figura culta e brilhante que lhe deu lugar de destaque na história política do nosso Estado.

Retrocedendo, aqui, um pouco a sua história de vida, dou especial destaque ao Jurista de méritos que foi. Ao deixar São Paulo após a conclusão do curso de Direito, desempenhou inicialmente a função de Auditor de Guerra em comissão junto às forças em operações no Sul da província de Mato Grosso, durante a Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai. Posteriormente foi transferido para o exército em operações no Paraguai, onde assistiu a toda a campanha; tornando-se, ainda, membro da Junta Militar de Justiça e sendo nomeado, neste mesmo ano, Major em comissão pelo Comandante-Chefe de todas as forças brasileiras em operações no Paraguai. Após a luta, cessados os combates, restabelecida a ordem e a paz, veio novamente a Mato Grosso como juiz de Direito em Cuiabá e, posteriormente, em outras comarcas, inclusive fora do Estado. Reto nas suas sentenças e despachos, sobressaindo deles a Justiça, sempre foi juiz que jamais se deixou levar por paixões capazes de apor no papel decisões injustas ou falhas. Em sua carreira de magistrado provou ser um erudito conhecedor das leis e da cultura jurídica. Sua vida foi de completa ascensão, tendo falecido em 1901, em sua cidade natal, como Ministro do Supremo Tribunal Federal, onde sua atuação não destoou das normas do início de sua brilhante carreira.

A Cadeira 23 teve como primeiro ocupante o intelectual, jornalista, escritor e poeta, Raimundo Maranhão Ayres, figura marcante na literatura brasileira e na luta pela paz e pela irmandade entre os povos. Raimundo nasceu no Maranhão, na cidade de Carolina, no dia 3 de outubro de 1914 e foi nesta cidade que fundou um grêmio literário denominado Casa Humberto de Campos, o que já demonstrava seu pendor para a literatura. Já em Mato Grosso, Raimundo Maranhão fundou, no ano

de 1945, em Guiratinga, pequena cidade do interior do Estado, o jornal *Novo Mundo*, órgão de Intercâmbio Cultural em todas as Américas, e, posteriormente, órgão de Intercâmbio Cultural em todas as Américas e Europa, o qual reunia publicações de poetas de todos estes lugares, além de circular por mais de 70 países; das Américas, Europa, Ásia e África. O *Novo Mundo* constitui-se no único periódico publicado no Brasil a se pautar na busca de troca cultural entre os povos, com um apelo voltado à unidade intelectual e humana. Fundado após o término da Segunda Guerra Mundial, o seu objetivo consistia na busca da fraternidade intelectual e humana e na difusão da cultura entre os povos, buscando unir o ideal humanista ao cultural. Ou seja, o engajamento a causas cívicas, sociais, políticas e estéticas de paz, de união, de liberdade do pensamento, de civilização, de progresso e de beleza, aliadas à cultura, era o ideal declarado à sua existência. O *Novo Mundo* era um jornal com características inovadoras e capazes de chamar a atenção da mídia nacional e de várias academias e movimentos importantes daquele tempo. À época, causou enorme surpresa a existência de um jornal que propunha intercâmbio cultural, dirigido e impresso em Guiratinga – uma região de extração garimpeira em meio ao sertão de Mato Grosso – fora do eixo Rio-São Paulo, onde havia maiores facilidades de comunicação.

Contudo, em que pese toda essa grandiosidade, lamentavelmente, o jornal desapareceu possivelmente em 1954, enfrentando dificuldades financeiras para se manter. Muitos dos seus escritos, em português, foram traduzidos para outros idiomas, entre eles, o espanhol, o francês, o inglês e o italiano, proporcionando uma maior difusão do seu nome e de sua obra. Por sua significativa produção literária, ocupou a Cadeira 23, da Academia Mato-grossense de Letras, entre seus escritos estão os seguintes livros: *Ronald de Carvalho*; *O poeta da “Flor de Neve”*; *Poesia e fraternidade* e *Síntese cultural do Paraná*, além dos inúmeros artigos publicados no *Novo Mundo* e em outros periódicos. Vitimado por problemas de saúde faleceu ainda novo, com apenas cinquenta e oito anos, em 1972, em Guiratinga-MT. Foi uma estrela de grande luminosidade que brilhou um tempo relativamente curto. Deixou vasto

acervo pessoal contendo textos inéditos. O seu acervo foi doado pela sua família para o Arquivo da Casa Barão de Melgaço, hoje organizado e digitalizado. Quanta honra hoje estar ocupando a sua Cadeira! Desejo, de alguma forma, poder contribuir, nos dias de hoje, com seus ideais de entrelaçar culturas.

Com o primeiro sucessor, Agenor Ferreira Leão, voltamos à cidade de Guiratinga. Nascido na cidade de Andaraí, na Bahia, aos 11 de novembro de 1922, se mudou, com a família, para a cidade mato-grossense, aos 11 anos de idade. Estudou no Liceu Salesiano São Gonçalo, em Cuiabá e, em 1938, deixou Mato Grosso rumando para o Rio de Janeiro a fim de complementar seus estudos de admissão e propedêutico de comércio no instituto Lafayette. Quando estava cursando o segundo ano do atual ensino médio, foi convocado a prestar serviço militar em Cuiabá. Se diplomou em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Mato Grosso, precursora da nossa atual Universidade, em 1961. Advogado militante, integrou, por diversas vezes, o Conselho da OAB-MT, tendo presidido a Ordem dos Advogados do Brasil, seccional de Mato Grosso, em gestão profícua entre o biênio 1977-1978. Foi Procurador Fiscal da Prefeitura Municipal de Cuiabá, durante a gestão de Emílio Vuolo e ocupou o cargo de Promotor de Justiça *ad-hoc* em Corumbá. No âmbito do Magistério, foi professor de Geografia Humana do Brasil, Prática Jurídica Geral, Comercial e Mecanografia junto à Escola Técnica de Comércio de Cuiabá. Publicou, em 1950, o livro *Três escolas econômicas*, que é o resultado de vinte anos de magistério em Economia Política, na Escola Técnica de Cuiabá. Como jornalista, foi diretor do jornal *Tribuna Acadêmica 8 de Abril* e colaborador de vários jornais da capital e do periódico *O Roteiro*, do Rio de Janeiro. No campo literário, fundou o *Grêmio Literário Lamartine Mendes*, ao lado de Benedito Santana da Silva Freire, Wladimir Dias Pino, Augusto Mário Vieira, Alberto de Oliveira e Newton Alfredo. Buscando tornar mais conhecidas suas produções literárias, participou, com Leal de Queiroz, Othoniel Silva e outros jovens, da ‘Festa dos Novos’, à época promovida por esta Academia. Suas obras publicadas são: *O canto-mensagem* (poesia); *Herói sem*

troféu e outras crônicas; Maria Taquara e outros poemas; Sonetos; a já mencionada *Três escolaseconômicas*, dentre inúmeros artigos veiculados em periódicos regionais e nacionais. Das poesias que mais caracterizam seus sentimentos, destacam-se: ‘Solidão’, ‘Maria Taquara’ e ‘O boêmio’, onde diz o seguinte “[...] Podia ser professor... Ao nascer trouxe consigo o destino já traçado: ser boêmio... e nada mais”. Refletindo, com maestria, o espírito rueiro que morava dentro de sua alma. Agenor Leão era um amante da natureza. E ele, já naquele tempo, diante do grave problema que até os dias atuais assola nosso Estado todos os anos, especialmente no mês de agosto, com senso poético e crítico, manifestou seu inconformismo, seu repúdio e descontentamento diante do fogo que devasta com fúria incontável, matas e campinas; o fogo que marca terrível da destruição.

Num tempo em que não se falava como hoje, os olhos do poeta já enxergavam e seus escritos já criticavam a insensatez do homem, impassível diante do efeito de suas criminosas ações. E assim, ele se manifesta:

Mês de agosto
...campo seco,
alguém, talvez por maldade,
ateia fogo à canícula.
ó fogo horrendo, sinistro,
que o campo seco incendeia,
eu maldigo a tua fome
que devora, em combustão,
toda a vida que sonhava
a glória da floração.

Com deferência, me utilizo de seus versos para jogar luz à questão, para que a beleza ainda conservada encha os olhos das pessoas de todas as regiões do nosso Brasil.

Agenor Ferreira Leão faleceu em Cuiabá, no dia 22 de fevereiro de 1983, um ano antes da minha chegada aqui nesta cidade.

Chego, enfim, ao meu antecessor imediato: Tertuliano Amarilha, que nasceu em Campanário, Município de Ponta Porã, antigo Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, aos 26 de abril de 1924. Iniciou seus estudos em sua terra natal, transferindo-se mais tarde para a cidade de Campo Grande, no mesmo estado, onde permaneceu interno no Ginásio Oswaldo Cruz durante alguns anos. Foi contabilista, jornalista, escritor, dicionarista, contista, poeta e compositor. É incomensurável a sua contribuição para a literatura. São mais de quinhentos títulos publicados em português, espanhol e em guarani; e em igual número, títulos ainda inéditos. Acompanhando a inovação e modernização dos meios, Tertuliano ainda disponibilizou suas prosas e seus versos, em mais mil títulos, para serem lidos na rede social Facebook. Sua dedicação à arte de escrever resultou, ainda, em diversos artigos para a *Revista Mocidade* – Casa Publicadora Brasileira de Santo André, em São Paulo; *Jornal do Comércio*, de Campo Grande-MS e aos periódicos mato-grossenses: *Diário de Cuiabá* e *Folha do Estado*. É considerado “poeta internacional”. Teve seus livros publicados também no Paraguai, no México, em Portugal e no Chile.

Quero colocar que promover a Cultura é desafio permanente, que exige o superior da inteligência humana. Tertuliano foi engajado, teve adesão de alma, foi impulsionado pelo amor às letras. Deu sua contribuição de forma exímia, interferindo na realidade, provocando mudanças. Seu legado cultural tornou o mundo mais belo e mais instigante. Deixou à disposição das pessoas um mar de lindas e enriquecedoras descobertas; imortalizadas. Desde muito cedo revelou propensão para as letras, não obstante, não pôde prosseguir em seus estudos por diversos fatores que o impediam de atingir a meta sonhada. Decidiu dedicar-se assiduamente ao culto da poesia, conseguindo salientar-se em virtude da beleza e espontaneidade de suas produções. A sensibilidade e o talento fizeram com que Tertuliano transformasse fatos da vida cotidiana em arte literária, dando origem a crônicas, poemas, literatura infanto-juvenil, memórias e letras de música.

Tertuliano tem cerca de 60 composições musicais gravadas por artistas regionais e nacionais. Algumas se tornaram destaque nacional,

como ‘Moreninha linda de Mato Grosso’, gravada pela dupla sertaneja Matogrosso e Mathias; ‘Sou mato-grossense’, com Nenete e Dorinho; e ‘Brasil-Paraguai’, gravada por Tônico e Tinoco. Neste particular de sua obra, hei de confessar, aqui neste púlpito, que suas composições musicais foram impulsionadoras de minha inscrição para a vaga da Cadeira 23. Como músico, e ciente de sua grande e valiosa contribuição para a música popular brasileira, é uma honra sucedê-lo.

Polivalente, a representação, em prosa e verso, da vida de personalidades ilustres da região também foi uma das características da obra de Tertuliano. Esse traço lhe rendeu o convite do então governador do Estado de Mato Grosso, posterior presidente do Senado Federal, Dr. José Manoel Fontanillas Fragelli, insígne estadista, para que ele viesse morar em Cuiabá, na década de 1970. À época, Tertuliano foi secretário particular e chefe de gabinete do político. Logo que chegou a Cuiabá, recebeu destaque com a conquista da Estatueta Bandeirante, prêmio de poesia promovido na capital. Por esta regionalidade foi digno de receber homenagens em vários estados brasileiros, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e em sua terra natal, Mato Grosso do Sul. Foi homenageado na Academia Brasileira de Letras (ABL), pelo do acadêmico e jornalista Murilo Mello Filho quando foi considerado “admirável intelectual, autor de uma obra importante na relação entre os idiomas guarani e português”. Por estes caminhos, Tertuliano recebeu um convite da Fundação das Casas de Fronteira e Alorna de Portugal para participar do Projeto Camões, que consiste em levar intelectuais brasileiros a Portugal, para reforçar o intercâmbio entre as duas culturas. Outro destaque internacional, para aqui mensurarmos, minimamente, a grandiosidade do seu trabalho, a Library of Congress Office Brazil, solicitou remessa de seus livros à biblioteca de Washington D.C.

Dentre os inúmeros trabalhos importantes de Tertuliano, destaco a tradução de documentos da história da região e o relato de Domingo Martinez de Irala, durante expedição sobre o rio Paraguai, em 1542, traduzido do espanhol para o português. A obra faz parte do acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Filho de Eduardo Amarilla e Carmen Ávalos Amarilla, ambos de nacionalidade paraguaia. Foi casado com a senhora Guiomar. Tiveram quatro filhos, três netos e dois bisnetos. Na pessoa do Sr. Gilson Ottoni Amarilha, hoje aqui presente, com lugar de honra à Mesa que preside os trabalhos, agradeço e referencio meu antecessor direto, seu pai, este homem por muitos títulos admiráveis, que fez de nossa Academia Mato-grossense de Letras a Casa de sua devoção literária e cultural.

Ocupo, agora, o lugar dele neste Silogeu que zela pela cultura de Mato Grosso. Quanta responsabilidade! À sua memória, rendo aqui minha justa e sincera homenagem, trazendo novamente a este recinto suas sábias palavras, ditas em seu Discurso de Posse, aqui mesmo, na Casa Barão de Melgaço:

A cultura de um povo marca a sua posição na escala do universo. Já houve quem dissesse que é feliz a nação que tem homens cultos e sábios. A humanidade, sem a literatura, desceria ao nada. Mas, alicerçada na inteligência e no saber, projeta-se para o alto, afastando-se das trevas, para sorver os eflúvios da eterna bem-aventurança.

A genealogia da vigésima terceira cadeira hoje avança uma casa. Assim, como seu próximo ocupante, desejo fazer eco às palavras de Tertuliano; com afinco trabalhando em prol das letras e da cultura em seus mais variados espectros, construindo caminho de luz e de aprazível fragrância ao nosso povo, à nossa sociedade.

IV.

Senhoras acadêmicas,
Senhores acadêmicos,
Senhoras e senhores,

Quanto a mim, o atual ocupante da Cadeira 23, sou filho de uma professora primária, minha saudosa e querida mãe, Nilza Cirillo. Com ela tive meus primeiros contatos com as letras. Neste momento, passa

um filme na minha cabeça. Rememoro com alegria como a música, as artes e os livros sempre estiveram presentes na minha vida. E constato o quanto tem de sua influência em tudo isso que hoje vivo. Estaria aqui, na primeira fileira, orgulhosa, se o tempo dela aqui conosco neste plano tivesse se estendido. Minha eterna e imensa saudade. Ao trazê-la para essa cerimônia, em lugar alto, saúdo meus irmãos: Eduardo, Álvaro e Priscila. Meus complementos. Companheiros nas asperezas da vida; nos dias de glória e de superação.

Sou um homem de campanhas e lutas, dedicado às causas que acredito, especialmente àquelas que combatam as desigualdades e as injustiças sociais. Tanto nos palcos como na Universidade Federal de Mato Grosso, faço o que amo, com o objetivo precípua, por vias diversas, de levar às pessoas, à sociedade, aquilo que me move: arte e cultura. É o que pretendo fazer aqui também.

Falo, neste momento, como um acadêmico desta Casa: eu nunca desejei ocupar uma de suas Cadeiras por vaidade ou realização pessoal. Sempre foi uma questão de me colocar à disposição desta Casa centenária, na qual acredito e a qual partilha das letras e da cultura ampla, a favor da coletividade. Esta é – e sempre foi – para mim uma premissa de vida: estar a favor da sociedade. Assumo perante todos aqui a minha função de trabalhador das letras e das artes, cada vez mais, para a cultura do nosso Estado, do nosso país.

Chegando realmente ao fim, considero-me um homem de sorte. Sou grato à vida que me deu como bens preciosos uma família linda e saudável, a amizade de tantos queridos amigos e o amor genuíno de algumas pessoas. Muitos hoje aqui presentes. Então, eu lhes digo: imortal são vocês! Imortais no meu coração. Por estarem usufruindo e celebrando comigo esta conquista. Alegria imensurável tê-los aqui neste momento. Isto é tudo.

Obrigado a Cuiabá! Obrigado a esta Casa que me acolhe! Obrigado a todos que aqui estão!

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DO ACADÊMICO ALLAN KARDEC PINTO ACOSTA BENITEZ

Abertura da Sessão Solene de Posse do acadêmico Allan Kardec Pinto Acosta Benitez, pela presidente Luciene Josefa de Carvalho, em 6 de dezembro de 2023

Allan Kardec Pinto Acosta Benitez nasceu em Cuiabá, em 24 de janeiro de 1978. Temos um cuiabano adentrando esta casa, um cuiabano da Baixada, que viveu a primeira infância em Santo Antônio do Leverger, no Rio Abaixo. Talvez eu devesse registrar que este homem, no vigor da juventude adulta, é uma joia intelectualmente lapidada pela Universidade Federal de Mato Grosso, onde se graduou, especializou-se, mestrou-se e doutorou-se. Um estudioso, enfim, com robusta capacitação e professor de carreira. Talvez eu devesse ir além do servidor público e falar sobre o homem público que ressignificou sua jornada em representatividade, como vereador e, posteriormente, como deputado estadual. Politétrico, Allan serviu a Mato Grosso como secretário de Estado de Cultura, Esporte e Lazer. Hoje, é secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação; compõe o Conselho Estadual de Educação; e os Conselhos Estadual e Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. O tempo parece expandido quando se trata do nosso empossando. Contudo, escolho deter meu olhar sobre um Allan que, a meu ver, pode ser inspiração para milhares de meninos deste Mato Grosso: trago o filho do seu Cristóvão Benitez e da professora Nilza Lina Acosta Benitez, sua grande referência. Instiga-me o olhar, a parceria de trabalho que conquistou a lealdade do brilhante baiano Vinícius Brasilino. Allan Kardec é um ser humano de amigos, que desenham um arco de ações políticas de recorte singular. Breno 16 diz:

“Para Allan, nada é monstro; ele se reinventa e vai pra cima, pra cima, pra cima! Se for pra resumir o cara em três palavras, seriam: apressado, destemido e sagaz”.

Allan traz para esta Casa de Saberes o conhecimento de um dos mais marcantes traços culturais do Brasil aos olhos do mundo: o futebol, o futebol de várzea, o profissional que vai se tornando orgulho em nossa terra. Mas saibam: ele era jogador de basquete e jogava em Jaciara, em 1995, quando encontrou sua encantadora Carol, que jogava vôlei, e o esporte foi costurando o afeto no correr do tempo. O ano de 2013 selou esse encontro, que frutificou em família. Allan é esse cuiabano que abre os braços para as possibilidades de aprender, de crescer, de brilhar, de amar, de se propor. Ei-lo! A Academia Mato-grossense de Letras celebra a sua chegada!

Discurso de recepção a Allan Kardec Pinto Acosta Benitez, por João Carlos Vicente Ferreira, em 6 de dezembro de 2023

Cumprimentos a todos!

Que a estrada se erga no encontro do seu eu,
que o vento esteja sempre às suas costas,
que o sol brilhe quente sobre sua face,
que a chuva caia suave sobre seus campos
e, até que nos encontremos de novo,
que Deus o guarde na palma de sua mão.

Sob a inspiração dessas sábias palavras denominadas ‘Bênção Irlandesa’ e representando os demais membros da Academia Mato-grossense de Letras, saúdo o acadêmico Allan Kardec Pinto Acosta Benitez, a ser empossado para ocupar a Cadeira 30 deste sodalício, após ser eleito por seus confrades e confradeiras. Esta Cadeira 30 tem como patrono Manuel Esperidião da Costa Marques e teve como último ocupante o acadêmico Francisco Leal de Queiroz, que era poeta, cronista, político e jurista. Agradeço a honrosa escolha, fruto dos laços de respeito e amizade que traçam nossos caminhos há tempos.

De acordo com Sigmund Freud, “o sonho representa a realização de um desejo”. Portanto, meu caro Allan, abra seus horizontes, pense cada vez melhor e siga em frente, pois a sorte está ao seu lado. Continue sempre a buscar novos caminhos para alcançar seus objetivos. Esse princípio nortearia a vida do menino levergense Allan Kardec, nascido em 24 de janeiro de 1978, na antiga cidade de Santo Antônio do Rio Abaixo, hoje, do Leverger, lugar de ícones da história econômica e cultural de Mato Grosso, a exemplo de Antônio Paes de Barros – o Totó Paes – e do ínclito Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, sem contar outros notáveis, também de grande importância para nós, mato-grossenses.

Allan Kardec é mestre e doutor em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO), pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), onde também se formou em Educação Física. Sua jornada acadêmica inclui uma especialização em Gestão Educacional e o curso de Eletrônica na antiga Escola Técnica Federal, atual IFMT. O acadêmico Allan Kardec tem destaque na história política de Mato Grosso. Em 2012, elegeu-se vereador por Cuiabá, com 2.976 votos. Posteriormente, disputou o cargo de deputado estadual e assumiu sua vaga em janeiro de 2017. No ano seguinte, em 2018, disputou e ganhou eleição para deputado estadual. No entanto, não permaneceu em seu gabinete na Assembleia Legislativa, pois aceitou o convite para ser Secretário de Estado de Cultura, Esporte e Lazer, onde permaneceu de 6 de fevereiro de 2019 até 8 de julho de 2020, ocasião em que desempenhou um notável trabalho em prol da cultura de nossa terra. Em 2022, disputou eleições gerais pleiteando o cargo de deputado federal; apesar de seus quase 50 mil votos, não logrou êxito. Porém, sua trajetória política e conhecimento em áreas específicas o credenciaram ao cargo de Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação, o qual ocupa até os dias de hoje.

Allan Kardec é professor universitário da Univag, há 18 anos, e da rede estadual de ensino, onde é concursado. Atualmente, é vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, instituição à qual pertence desde agosto de 2018. Dentre outras obras e artigos, é autor do livro *O futebol em Mato Grosso – história, legado e projeções*, publicado pela Entrelinhas Editora.

Allan, com este currículo e serviços prestados à nossa história e memória, esta conquista é mais do que merecida e não poderíamos estar mais felizes por você.

Conhecemos Allan há muitos anos e, desde o primeiro dia, ficou claro que estávamos diante de um espírito brilhante e um talento literário excepcional. Seu compromisso com a preservação das histórias de nossa terra é notável. Ao longo de sua vida, ele demonstrou paixão por Mato Grosso, por Cuiabá e pelas riquezas culturais que esta região tem a oferecer.

Caro Allan, ao vê-lo assumir a Cadeira 30, nesta Academia Mato-grossense de Letras, meu coração transborda de emoção. Este não é apenas um marco estimulador em sua carreira como escritor, mas também um tributo especial à sua família, um legado que é a essência de sua paixão por esta terra, por nossas raízes e pela preservação de nossa história e nossa cultura.

Ao discorrer sobre um breve recorte da vida de Allan Kardec, quero estender minhas homenagens à família Acosta Benitez, aqui representada por seus pais, Neusalina e Cristóvan Benitez, assim como à família Padilha, de Santo Antônio do Leverger. Estendo os nossos cumprimentos, de forma especial, à sua querida esposa, Professora Carol Lima, e ao seu filho, Frederico Mezzon Lima Benitez.

Meu caro Allan, sabe bem que a vida é mestra em tecer seus enredos inesperados. Você teve a bênção de ter Cristóvão Benitez como seu pai, o homem que o criou e que o educou, um paraguaio da mais fina cepa, nascido na histórica cidade de Nuestra Señora de Asunción que, após unir sua vida à de sua mãe, a dona Nilza Lina, o acolheu com um amor profundo e incondicional. Como a vida só pode ser compreendida olhando-se para trás, porém sendo vivida olhando-se para a frente, cito uma frase do norte-americano Henry Thoreau, famoso por seu ensaio *A desobediência civil*, e que cabe bem ser citada neste momento: “Felicidade é como uma borboleta: quanto mais você tenta apanhá-la, mais ela se afasta de você. Mas, se você dirigir sua atenção para outras coisas, ela virá e pousará suavemente no seu ombro”. Com palavras inspiradoras e paixão pela escrita, Allan Kardec será uma voz singular em nossa Academia, um embaixador da riqueza e diversidade da cultura mato-grossense – isso tenho segurança em falar. Deixar um legado é uma responsabilidade ímpar, e esse legado Allan Kardec já iniciou nesta Casa Barão de Melgaço. Muito do que nós, desta Casa, estamos projetando e construindo tem a digital deste novel acadêmico. Parece uma receita simples para a felicidade, mas sabemos que não é. A maioria de nós, cidadãos comuns, raramente pensa em deixar um legado. Vivemos nossas vidas acreditando que, ao simplesmente viver,

já cumprimos nosso papel. Nesse sentido, a missão de Allan se torna hercúlea. A gestão cuidadosa desse legado é essencial para garantir sua continuidade como fonte de força e unidade. Cientistas passam suas vidas em laboratórios, escritores se dedicam incessantemente à literatura, músicos nunca abandonam seus instrumentos, todos na busca incansável por descobertas que enriqueçam a humanidade. Eles escolhem uma nova forma de enxergar o mundo, de dançar com a vida, de criar, alimentar e preencher o mundo com novos saberes. Para Allan, a missão é entender seu papel dentro de sua família, neste estado, nesta cidade e ir além. Muito além...

Em nome de todos os amigos e amigas, familiares e admiradores de Allan Kardec, tenho a convicção de que este é apenas o início de uma grande jornada. Hoje, celebramos não apenas sua entrada na Academia de Letras de Mato Grosso, mas, também, a promessa de enriquecer e enaltecer as narrativas da nossa terra.

Parabéns, Allan, por esta conquista mais que merecida, e que cada palavra sua continue a cativar, emocionar e enriquecer nossa cultura, nossa literatura e nossa política. Temos a certeza de que o novel acadêmico cumprirá tenazmente com os objetivos deste sodalício face à competência e à dignidade da sua trajetória de vida, levemente que honra Mato Grosso como professor, pesquisador, mestre e doutor em Estudos da Cultura Contemporânea.

Charles Chaplin, personagem marcante da história universal, nos ensina que “a persistência é o caminho do êxito”. Amigo e confrade Allan Kardec Pinto Acosta Benitez, símbolo da persistência e da vitória, seja bem-vindo à Academia Mato-grossense de Letras!

Discurso de posse do acadêmico
ALLAN KARDEC PINTO ACOSTA BENITEZ,
em 6 de dezembro de 2023

Excelentíssima Senhora Luciene Carvalho, Digníssima Presidente, da Academia Mato-grossense de Letras, em nome de quem saúdo as autoridades que compõem a mesa diretiva desta solene cerimônia de posse e também a todos os acadêmicos que integram a egrégia, centenária e imortal Academia Mato-grossense de Letras.

Excelentíssima Sr^a Jornalista e Historiadora Neila Maria Souza Barreto, minha amiga, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em nome de quem saúdo todos os confrades e congreiras deste Instituto, ao qual tenho a honra de pertencer.

Ao Amigo e Secretário Chefe da Casa Civil, Deputado Federal Fábio Garcia.

Ao meu amigo Secretário Adjunto de Cultura e colega de mestrado e doutorado no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea na Universidade Federal de Mato Grosso, Jan Moura.

Meu amigo, professor e padrinho Dr. Alexandre Luiz César, Procurador do Estado de Mato Grosso.

Ao meu amigo e calouro da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso, Jefferson Neves, Secretário de Estado de Cultura, Esporte e Lazer. Como bem nominado e descrito pelo Ex-secretário de Cultura João Carlos Vicente Ferreira, vem sucedendo essa gestão junto com o Beto Dois a Um logo após a minha passagem também pela Secretaria.

Meu amigo Porto, Vice-Reitor da Universidade do Estado de Mato Grosso. Gratidão, Porto, por você estar aqui.

E nosso Magnífico Reitor da Universidade Federal de Mato Grosso Dr. Evandro.

Registro a presença muito importante de meu chefe há mais de dez anos no Centro Universitário de Várzea Grande, daqui a pouquinho Dr. Flávio Foguel.

Obrigado Professor Mestre Dimorvan Brescancin, meu adjunto, hoje nessa missão frente à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação.

Ilm^a Senhora Tania Maria Pinheiro, minha querida professora Teka, em nome de quem saúdo todos os convidados aqui presentes. Comprimento aqui uma pessoa muito importante que estará na transcrição desse texto, minha Professora da Escola Técnica Federal de Mato Grosso, gostaria que ficasse em pé, para que também pudesse ser recebida por palmas, Professora Tania Maria Pinheiro, a Teka.

Senhoras e Senhores convidados aqui presentes que me deram a honra de prestigiar esta noite de posse.

Senhora Presidente, dê-me licença para declamar e colocar na imortalidade esse primeiro discurso de posse desse novo empossado.

Em nome de minha Mãe, Professora Nilza Lina Acosta Benitez, meu Pai Cristóvão Benitez, e do meu pai biológico que não está entre nós, Professor Ugo Padilha. Do meu irmão Rafael Taques Padilha que está aqui, da minha irmã Aline. E em seu nome, Aline, eu comprimento todos meus irmãos, meus sobrinhos, meus filhos Fernando, que não está aqui, e Frederico que está em casa. Todos os Familiares, amigos, companheiros dessa jornada.

Agradeço profundamente ao governador Mauro Mendes, Fabinho, por me dar a oportunidade em duas ocasiões de estar na condição de Secretário. Primeiro governo na condição de Secretário de Estado de Cultura, Esporte e Lazer e agora nesse segundo mandato, Secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação.

Gostaria de agradecer profundamente os familiares do meu patrono da Cadeira 30, e também aqueles que me antecederam. O primeiro ocupante e o segundo ocupante, sobre os quais falarei no decorrer do meu texto.

Agradeço a Deus, Grande Arquiteto do Universo, pelo dom da Vida e da saúde.

Eis-me aqui, um Cuiabano do rio abaixo, nascido em Cuiabá no Hospital Geral a *forceps*, com um trabalho de parto de mais de meio dia. E minha jovem mãe, com 21 anos de idade, me colocou no mundo. Mas a recuperação desse parto já foi em terras levergenses. Nasci em Cuiabá e fui em criado em Santo Antônio de Leverger, por mãe, tios e tias, sim, eu sou criado com vó. Sou de uma família muito grande ligada à educação. Minha mãe, Professora Nilza, é a filha mais velha de oito irmãos, sendo cinco mulheres, todas professoras (três estão aqui) e três homens, todos os três policiais. Oito irmãos servidores públicos estaduais de carreira e de vocação. Sou o neto mais velho dessa gigante família, família de uma matriarca: Magdalena Pinto Acosta, minha avó, costureira, parteira, curandeira, rezadeira, bordadeira, professora e calígrafa, no primeiro cartório, uma caligrafia desenhável. Ela, a minha mãe e as minhas tias, começaram o processo da minha alfabetização ainda em casa, aos 4/5 anos de idade, pois eu tinha o desejo de ler aquilo que eu assistia na TV preto e branco. Os contos de Narizinho, as travessuras de Pedrinho, do grande Monteiro Lobato. E ao conseguir ler eu ganhei a coleção completa de Monteiro Lobato. Vivendo em Leverger, tive a oportunidade de me alfabetizar aos seis anos de idade, sob os cuidados pedagógicos do Professor Edson Monteiro Salgado. Meu querido professor Neno. Do Programa ALFA, em 1984, na Escola Estadual Dr. Hermes Rodrigues de Alcântara, cuja Diretora está aqui na minha posse, antes ainda, estudei na escola Leônidas de Matos no período Pré-escolar.

Mantive a trajetória dos meus estudos nas escolas públicas onde minha mãe trabalhou na condição professora de Língua Portuguesa, língua estrangeira-inglês, literatura e produção de texto. Escola Souza

Bandeira, Escola Raimundo Pinheiro da Silva Escola, Escola Hermelinda de Figueiredo, posteriormente, já na condição de professor efetivo da rede estadual, tive a oportunidade de dar aula. E na condição de deputado estadual, tive a oportunidade de tirar uma triste lembrança daquela escola que era “escola de lata” que passou no Fantástico. Naqueles anos horríveis que nós passamos, de pouco investimento na educação, e hoje sobre os auspícios do Governo Mauro Mendes ela voltou a ser referência para o Coxipó, a escola em que eu concluí o meu Ensino Fundamental. E tive a oportunidade de me preparar para ingressar no primeiro grande desafio estudantil da minha vida, Secretário. Terminei a 8ª Série, antigo Ensino Fundamental, na escola do meu bairro. Com as professoras e professores meus vizinhos. Da minha quebrada. Lá do Jardim Gramado, do Parque Georgia, do Cophema e do São Gonçalo Beira Rio, na Escola Hermelinda de Figueiredo.

Fui o segundo da família a ingressar na antiga e saudosa Escola Técnica Federal de Mato Grosso, a primeira de minha família é minha tia Rosélida, que está ali, presente em minha posse. Tive a oportunidade, de ainda em vida, ver minha avó costurar o meu uniforme da Escola Técnica Federal e bordar o símbolo no bolso. Orgulhosamente, no ano em que ela faleceu. Na Escola Técnica eu pude viver não só o curso de Eletrônica, mas uma educação integral. Na música da banda dos mestres Juca e Bolinha, no teatro com o gigante Gilberto Nasser. E especialmente no esporte. Você acertou, Presidente. No basquete que eu fui rei. Quando eu fui escolhido para participar da seleção da Escola Técnica pela professora Tania Maria Pinheiro, a minha grande referência na juventude, no esporte, na disciplina, referência na música (que é poeta e musicista), referência na capoeira, irmã de Pulula, que me ensinou tocar atabaque e berimbau. “Essa preta é massa”. Servir a Escola Técnica sob o seu comando. Sob o seu comando eu servi a seleção de Cuiabá. Bicampeão Estadual. Sob o seu comando eu servi a seleção de Mato Grosso, Campeã Brasileira Juvenil em 1995. Da Escola Técnica para a Universidade Federal de Mato Grosso. Já não tinha mais condições de eu partir para as trilhas da eletrônica, telecomunicação, da Engenharia...

Eu já estava impregnado pela Educação Física, pelo esporte e lazer, pelas vivências corporais que a Teka passou para mim naquele momento.

Na Universidade Federal de Mato Grosso, Magnífico Reitor, eu tive a oportunidade de participar da vida política. Na Escola Técnica, no Grêmio Estudantil Nilo Peçanha, no Centro acadêmico de Educação Física, no DCE e movimentos estudantis. Para aquilo que a gente ansiava naquele espaço de construção do conhecimento e construção de vida. Tive a oportunidade de também fazer o mestrado e o doutorado em estudos de cultura contemporânea. O doutorado foi documentário *Futebol de Várzea também é cultura* gravado 100% no São Gonçalo Beira Rio. E o Primeiro Livro junto com meu orientador Professor Doutor Francisco Xavier Freire Rodrigues. Dessa vez trocando os papéis, Chico Xavier orientando Allan Kardec. Na tese de doutorado fomos buscar a origem do futebol de Mato Grosso, e tudo aquilo que esse esporte, elemento cultural da nossa identidade, trouxe para Cuiabá e para Mato Grosso. O primeiro campo, a primeira bola, as primeiras regras, na virada do século XIX para o século XX. Esporte de elite, de acadêmicos. O Campo Duric, o Campo do Comércio que hoje ainda existe e é tombado pelo patrimônio histórico e cultural, é o campo do Colégio Liceu Cuiabano.

Os investimentos que vieram para cá a partir do futebol. O Decreto de Getúlio Vargas de 1930 proibindo as touradas e definitivamente o futebol, a partir daí, passa a ser elemento popular. Até então eram as touradas, com a proibição, o futebol passa ser elemento de deguste popular e lotamos então as beiras dos campos. Os investimentos como, por exemplo, na construção do Dutra, nosso estádio querido, Eurico Gaspar Dutra. Com o advento de investimento nacional com a copa do mundo de 1950 no Brasil. A construção do Maracanã e a vinda de recurso para construção do primeiro grande estádio de futebol em nosso estado. Recursos suficientes que fizeram com que o Bairro Porto, presidente, recebesse também investimento para pavimentação sólida, iluminação pública, e os trilhos do bonde a animais. Da praça 13 até à frente do Estádio Eurico Gaspar Dutra. Os investimentos do futebol para a construção do grande morenã, desta vez não em Cuiabá, mas

em Campo Grande-MS. Os cuiabanos revoltados por ter um estádio maior de futebol, na cidade morena, não na cidade verde. E então chega a década de 70 da construção do Grande Verdão. Um pouco mais disso, vocês vão encontrar no meu livro.

Aqui compareço, Senhores acadêmicos, com o olhar atento à grande responsabilidade de ingressar nesta egrégia e centenária Academia Mato-grossense de Letras, templo sagrado de escritores imortais. Com profundo respeito, possuído de intensa emoção, ingresso nesta casa, em cuja sede residiu Augusto João Manoel Leverger, figura importante na História de Mato Grosso, sendo que dois municípios recebem o seu nome: Santo Antônio de Leverger e Barão de Melgaço. Tomo assento na Cadeira 30, cujo patrono é Manuel Esperidião da Costa Marques.

Manuel Esperidião da Costa Marques

Nasceu em Poconé-MT, no ano de 1859. Seus primeiros estudos foram feitos na sua cidade natal, sendo que o superior junto à Faculdade de Ouro Preto-MG, onde se bacharelou Engenheiro de Minas. Chegando formado em Mato Grosso, residiu inicialmente em Cuiabá, auxiliou na organização e funcionamento de um Externato, estabelecimento de ensino que dirigiu e onde lecionou. De Cuiabá mudou-se para Cáceres, ocasião em que engajou na política, elegendo-se Deputado Geral (Federal), no período de governo do Ministro João Alfredo, tendo contribuído nas discussões da Lei Áurea, no interior da Câmara. Como engenheiro, chefiou uma expedição científica de observação e estudo das condições de navegabilidade do rio Jauru, afluente do Paraguai, assim como a viabilidade de acesso por terra à primeira capital de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade. Publicou: *Projeto de comunicação: exploração dos rios Jauru, Aguapei, Guaporé e Alegre; Usina Ressaca, Região Ocidental de Mato Grosso e Viagem e estudo sobre o vale do Baixo Guaporé: da Cidade de Mato Grosso ao Forte do Príncipe da Beira*. Faleceu em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, aos 18 de abril de 1906.

Meus Antecessores

Primeiro ocupante: Otávio Cunha Cavalcanti. Nasceu em Goiauna, também conhecida como Boiana, no Estado de Pernambuco, aos 18 de maio de 1882, descendendo de Feliciano da Cunha Cavalcanti e de Rosa Amélia Cavalcanti de Arruda Câmara. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Ciências Jurídicas e Sociais de Recife, no ano de 1906. No campo jurídico, foi Promotor de Justiça da Comarca de Gurupá-PA, em Bragança. Veio para Mato Grosso no ano de 1912, onde foi Procurador Fiscal da Fazenda Nacional, e, mais tarde, Juiz de Direito das comarcas de Poconé, Rosário Oeste e Cuiabá. No ano de 1930 foi elevado ao cargo de Desembargador do Tribunal de Justiça estadual. Militou na imprensa em todos os Estados onde residiu, iniciando como redator do jornal *Diário de Pernambuco*, atuando também junto aos periódicos pernambucanos *A Província* e *O Jornal de Recife*. No Pará, junto à Província do Pará, *O Jornal* e *O Caeté*. Em Mato Grosso contribuiu em diversos jornais, a exemplo de *O Debate*, *O Mato Grosso*, *O Gladiador*, e no Rio de Janeiro, o periódico *Rua do Ouvidor*. Publicou na Revista do Centro Matogrossense de Letras. Deixou publicadas inúmeras peças poéticas: *O Cuiabá*, *A esperança*, *Êxtases*, *Bem secreto*, *Maldição*, *Sonetos do poeta Ida*, *Mentira*, e outras. Faleceu em Cuiabá-MT, aos 16 de outubro de 1958.

Segundo ocupante: Francisco Leal de Queiroz. Nasceu na cidade de Paranaíba-MT (hoje Mato Grosso do Sul), no dia 8 de janeiro de 1927, sendo filho de José Queiroz e Dolorita Leal de Queiroz. Realizou os estudos primários na Escola 2 de Julho; o secundário junto ao Instituto Americano de Lins-SP, o superior como Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito, Rio de Janeiro. Tem uma trajetória profissional ligada às atividades políticas e jurisdicionais, sendo que exerceu os seguintes cargos: 1949 – Promotor de Justiça, na Comarca de Paranaíba-MS; 1950 – Deputado Estadual na Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, reeleito em 1954; 1958; Prefeito Municipal de Três Lagoas-MS; 1962 – Deputado Estadual na Assembleia Legislativa, MT; 1966 – Secretário do Interior e de Justiça de MT, até 1971; 1983 – Re-

presentante de Mato Grosso do Sul em Brasília-DF; 1986 – Secretário de Justiça de MS; 1987 – Secretário de Segurança Pública de MS; e no ano de 1988 – Procurador do Ministério Público Especial Junto ao Tribunal de Contas, MS. Último cargo que se tem registro. Além da sua vinculação como membro da Academia Mato-grossense de Letras, pertenceu também às seguintes instituições: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Academia Sul-Mato-grossense de Letras, da qual foi presidente e ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Dentre suas publicações: *Pequena história de Sant'Anna do Paranahyba*; *Enquanto a lira tange* (poesias); *O violino das galeras* (poesias); *3 Histórias*; *Crônicas de Leal de Queiroz – Poesia completa e alguma prosa*. Elaborou o prefácio do livro *Frutos colhidos*, de autoria do acadêmico José Ferreira de Freitas.

Ao tomar posse da Cadeira 30, declaro estar consciente das atribuições estatutárias. Tenho a honrosa oportunidade de ingressar na qualidade de aprendiz, para beber da fonte-sabedoria de uma instituição, que desde sua criação é baluarte da cultura de Mato Grosso. Nesse caminhar de 102 anos, a centenária Academia Mato-grossense de Letras deixou um importante legado na área literária e também histórica, visto ter sido a protagonista da literatura de Mato Grosso. Esse legado está depositado em sua Revista comemorativa do centenário, desde 1921 até 2021, e é um repositório intelectual e literário de todos os acadêmicos.

Entendo que ocupar uma Cadeira nesta distinta instituição é alcançar a mais nobre honra intelectual enquanto escritor e coloco desde já meus pequenos conhecimentos literários na área da cultura, da educação e dos esportes aos serviços desta Casa. Então, agora promovido a acadêmico da Academia Mato-grossense de Letras, ciente das minhas responsabilidades estatutárias, deixo aqui registrado que cumprirei fielmente o meu juramento.

Aos meus colegas acadêmicos quero agradecer do fundo do coração a acolhida, através dos votos no processo de eleição. Mas especialmente esta noite inesquecível para mim e para minha família, em que os senhores e senhoras nos acolhem com tamanha, mas tamanha galhardia

que não terei como agradecê-los. Agradeço imensamente as palavras do ocupante da Cadeira 27, meu amigo João Carlos Vicente Ferreira, que é morador do pé do morro de Santo Antônio de Leverger. Gratidão, João. Por tudo. E ousou, neste momento, agradecendo ao meu pai Ugo e toda família Padilha pela oportunidade de conhecê-lo na Escola Técnica. A minha mãe Nilza Lina e o meu pai Benitez, que ao casar com a minha mãe não casou só com ela, casou comigo também, com um ano de idade, de vida. E que me registrou. Terei sempre muito orgulho do Senhor.

Peço licença para os poetas dessa casa, especialmente para a minha mãe, Professora de Literatura e redação. Vou ousar declamar um poema de minha autoria que escrevi para esta ocasião. Convido o Maestro Fabrício Carvalho para ladear Pescuma e Beto Dois a Um.

O MENINO E O RIO ABAIXO

Quero, hoje, nesta feita carregado de emoção, um poema declamar...
Onde o encontro do menino com o rio sempre esteve em meu pensar.

Será sempre um primeiro encontro,
Não importa onde estiver nem tampouco o caminhar...
Pois tanto o menino quanto o Rio nunca serão
Os mesmos depois de um primeiro olhar.
Afim as águas correm em direção ao mar custe o que custar,
E no mar das emoções o menino há de crescer...
Apresentado para o mundo sua vontade de viver.

Ele vem do Rio Abaixo, recanto de pescadores, canoieiros, almirantes,
Usineiros, coronéis, marechais e senadores...
E hoje vai marcar imortais seus escritores.
De lendas e histórias que nunca fim terão, do Siriri, do Cururu,
Do boi-a-serra, rasqueado e também do lambadão...
Do peixe frito e ensopado que vem lá do Ribeirão.

O Rio Abaixo que também já foi Meio, meio de vida,
De transporte, de renda e produção...

O que é pra minha sorte uma grande inspiração.
Chacororé e Sinhá Mariana de beleza sem igual...
No balé de suas águas te apresento o Pantanal.
Fauna e flora encantada que aquece o coração...
De saúde delicada que carece de atenção.

E por fim o Rio Acima,
Que recebe o Coxipó, rio de corredeiras e riquezas ancestrais...
Dos primeiros moradores que já não existem mais.

Ó Coxiponé esse povo originário guerreiro e navegantes...
Foram todos dizimados pelos primeiros bandeirantes.

Ó grande Coxipó você é minha morada...
Mas pela prefeitura está quase abandonada.
Com esgoto a céu aberto e escuridão sem fim,
Muitos bairros sem asfalto nem pra tu e nem pra mim.
O espaço Silva Freire homenagem ao poeta você pode acreditar,
Abandonado igualmente má vontade de arrumar.

Volto ao prumo do poema a nossa Cuiabá,
De gente hospitaleira igual aqui não há.
Que outrora fora chamada também de Cidade Verde...
Atualmente é conhecida como a cidade mais quente.
Cuiabresa pode crê, cuiabresa pode pah,
Igual você no mundo nunca haverá.

O seu povo aqui trabalha pois tem garra e muito brio,
Não podemos esquecer do São Gonçalo Beira Rio.
Nossa gente que resiste num constante acreditar,
No menino e no rio que não param de lutar.
Ó Academia Mato-grossense de Letras, que reside na casa Barão,
Te prometo algo grande do fundo meu coração,
Você minha eterna morada haja o que houver
Pode contar com este menino da terra de Leverger.

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DA ACADÊMICA MARLI TEREZINHA WALKER

Abertura da Sessão Solene de Posse da acadêmica Marli Terezinha Walker, pela presidente Sueli Batista dos Santos, em 14 de setembro de 2021

Ela se define como “uma mulher do Oeste. Talhada para a luta”. Reconhece pertencer a Mato Grosso, até mesmo como expressão do puro sentimento de gratidão, por tudo o que é, e pelo que se tornou. A novel acadêmica adentra este sodalício, no mês do centenário da Academia Mato-grossense de Letras. Não esconde a sua pretensão de marcar o seu território, trazendo junto a literatura que é sua vida e o feminismo, que considera uma filosofia a pautar suas ações. Traz também o diálogo construtivo da poeta, da escritora, da professora, da pesquisadora e a voz da floresta que tanto ela ouviu e sentiu a respiração, dando-lhe a inspiração. Em sua poesia ‘Assim será...’ traduziu o que nem sempre vem de um solo gentil.

Quando o verde se perder
Todo o verde se queimar
Todo verde sangrar
Escorrendo em veias abertas
No chão permissivo de tudo o que fui
Pedirei a chuva para lavar minhas dores

O tempo, que precedeu as suas experiências vividas na floresta amazônica, é carregado com suavidade em suas lembranças. Estudou em comunidade, no extremo oeste catarinense, lugar sem biblioteca.

Felizmente em sua casa haviam fartos materiais para a leitura, em formas de livros, jornais e revistas. Ter visto os seus pais e irmãos mais velhos lendo, foi o modelo mais efetivo para ela tornar-se também leitora. Desde cedo sentiu o gosto do pai pelas modas de viola e contação de causos.

Sua avó materna, lendo revista alemã, que assinava e chegava pelo correio, foi um fato que ficou gravado em sua memória, como uma metáfora de que o mundo tem suas dimensões reduzidas para quem lê. Inspirada na avó mostrou o mundo aos pequenos aprendizes que ela alfabetizou em meio à floresta amazônica, no nortão de Mato Grosso, na década de 80. Através do rico tempo da mudança, ela abraçou não só as árvores, mas a educação, a arte da criação literária, a arte da criação materna, com o melhor da sua produção, o Wilson Junior e a “avoter-nidade”, como costuma dizer com afeto, através do seu triplo e terno abraço para Giovana, Isabel e Isaac.

É explícito no seu cotidiano, ela trabalha com literatura, ensinando e faz literatura, criando e publicando. Conduzida pelas asas das letras, a poesia lhe deixa centrada, a orienta, tanto a leitura quanto a escrita. Permitiu-lhe abrir fendas no seu *Coração madeira* sem, contudo, deixá-lo como descarte em *Pó de serra*, aguardando pelas *Águas de encantação*. Possibilitou-lhe visitas ao *Jardim dos ossos* e de experimentar a ida do *Inferno ao paraíso*, e mais do que isso a conectar-se com *Mulheres silenciadas e vozes esquecidas*. Escreveu:

Esse cenário balbuciante modula as vozes silenciadas e marginais, elaborando conceitos próprios para pensar a participação, a exclusão, o apagamento do sujeito mulher na produção literária do cenário hegemônico.

Escrita feminina, mulheres descritas. Clarissa Pinkola Estés, escritora norte americana, no livro *Mulheres que correm com os lobos*, obra que identifica a essência da alma feminina, fala sobre um espaço similar, de exclusão, ao exemplo do que abordou a pesquisadora.

Minha própria geração, posterior à Segunda Guerra Mundial, cresceu numa época em que as mulheres eram infantilizadas, e tratadas como propriedade. Elas eram mantidas como jardins sem cultivo... mas felizmente sempre chegava alguma semente trazida pelo vento. Embora o que escrevessem fosse desautorizado, elas insistiam assim mesmo...

Sementes trazidas pelo vento, pela estrela do extremo oeste, pela força viva das florestas do nortão... o importante é a chegada. “Temos que ter essa moça com a gente”, as palavras de Marília Beatriz de Figueiredo Leite, a última ocupante da Cadeira 2, ainda ecoam na minha mente e faz muito sentido, por ela ter sido presciente demais. Na última vez que nos vimos, nesta casa, há menos de dois meses da sua partida, ela manifestou o desejo de ampliarmos a voz da literatura na Academia Mato-grossense de Letras, falando sobre um nome a se levar muito em consideração, o nome de quem hoje a sucede.

O mar mudou sua rota repousando a espuma de suas ondas na ilha, haverá uma nova leitura do mar... Mar (li) Terezinha Walker, que agora está com a gente, de forma muito presente. Você é a terceira mulher, a quem damos posse em dois anos de gestão, a única mulher que disputou as eleições, nas quais haviam onze candidatos para duas cadeiras, um exemplo de equilíbrio de gênero. É a mulher que completa o quadro dos quarenta acadêmicos efetivos da Academia Mato-grossense de Letras. Completude! Faço uma alusão aos seus próprios escritos e lhe digo, que carregou agosto, está atravessando setembro e logo colherá os melhores cajus molhados da chuva. Seja muito bem-vinda, que a nossa casa seja um solo sempre fértil para suas leituras, seus escritos e, para uma feliz e construtiva convivência com os que também disseram sim para as letras.

**Discurso de recepção a Marli Terezinha Walker,
por Marta Helena Cocco,
em 14 de setembro de 2021**

Exm^a Presidente da Academia Mato-grossense de Letras, Sueli Batista dos Santos;

Exm^o Secretário de Cultura, Esportes e Lazer do Estado de Mato Grosso, Alberto Machado;

Exm^a Secretária de Cultura do Município de Cuiabá, Carlina Jacob;

Demais autoridades presentes,

Familiares de Marília Beatriz de Figueiredo Leite;

Familiares de Marli Walker;

Acadêmicas e acadêmicos;

Senhoras e Senhores:

Academia Mato-grossense de Letras, que completou cem anos na semana passada, recebe, pela primeira vez, uma voz lírica que ecoa desde o Norte de Mato Grosso. Uma voz que brota nas entranhas do sertão e floresce Brasil afora num ritmo pulsante, afetivo, firme e essencialmente feminino.

Estas paredes que acolhem a nova acadêmica emolduram retratos de patronos homens, apenas; as quarenta cadeiras que se completam por ora, ainda denotam desproporção de gênero. E, em parte pela tradição oral que perdurou por milhares de anos, a ancestralidade enraizada nas quarenta e quatro etnias indígenas que sobrevivem em Mato Grosso ainda não entrou nesta casa. Mas, hoje, a despeito de lacunas e desproporções, celebramos um acréscimo. Quem assina a voz lírica que toma assento na Cadeira 2, nesta noite, é Marli Terezinha Walker.

Nascida em Santa Catarina, no município Bom Jesus do Oeste, filha de Afonso e Rosina, mãe de Wilson Jr. e avó de Giovana, Isabel e Isaac, Marli Walker formou-se professora pela Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* de Sinop; tornou-se Mestre pela Universidade Federal

de Mato Grosso e doutora pela Universidade de Brasília. Atualmente leciona Língua Portuguesa no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, *campus* Cuiabá Cel. Octayde Jorge da Silva, e Literatura na pós-graduação em Letras da Unemat, *campus* de Sinop.

Com significativa produção na área acadêmica, expressa em artigos e participações em eventos, integra grupos de pesquisa voltados para a Literatura Brasileira produzida em Mato Grosso e coordena a linha de pesquisa “A Escrita do Gênero”, que investiga o silenciamento das vozes femininas e as marcas da escrita do gênero na historiografia literária local. É membro do Grupo de Trabalho Mulher e Literatura, da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. Publicou livros importantes como o que destaca a produção literária de uma camponesa e um estudo primoroso sobre as obras de autoras mulheres em Mato Grosso, entre outras produções (que podem ser verificadas a qualquer momento em sua página do currículo lattes) e, pela relevância do trabalho prestado, recebeu o título de cidadã mato-grossense, em 2019, da Assembleia Legislativa de Mato Grosso. Poderia continuar citando os feitos acadêmicos da empossanda, mas peço a atenção das senhoras e senhores para me deter no que forjou a poeta e a prosadora.

Nos idos dos anos 1980, a jovem Marli Walker sai do aconchego da casa amarela materna e paterna para um mundo inusitado. No nortão de Mato Grosso, no meio da floresta, em casas improvisadas numa colônia de madeireiros, Marli vive intensas efusões do espírito diante do tombamento e empilhamento de árvores. Dessa experiência, nasceria em 2006 o primeiro livro, o livro de poemas *Pó de Serra*, de onde se lê versos como estes:

Noite alta na Amazônia...
Desperto do sono aflito
Acuada pelos teus gritos...
Uma lâmina invade tuas carnes
Outra alinha e destopa...
[...]

No suor dos corpos fortes
Que te conduzem no corredor da morte
tatuas teus últimos suspiros
Pó de serra nas minhas madrugadas.

Não somente a mata, mas a cidade que se formava na grande clareira, com um nome Sigla: SINOP, não escapou aos olhos abertos da poesia, quando um nome de Madeira de Lei de uma avenida foi substituído por um nome de político: “O poder serrou o Mogno da tua avenida [...]. Teu povo ainda cuida da ferida”.

A poesia denuncia, debate, expõe, mas também deseja cura, clama por regenerescências. Assim, nasce em 2012, *Águas de encantação*, o segundo livro de poemas, com ilustrações da artista plástica Mari Bueno, de onde extraí estes versos:

Quando eu erguer meu canto aberto
E encontrar entre todos o teu eco
Seremos versos leves e libertos
Sem pressa, sem letras breves...

Em 2016, com o livro *Apesar do amor*, Marli rompe as fronteiras de Mato Grosso, quando o livro inscrito no edital pela editora Carlini e Caniato é selecionado pelo Ministério da Educação para compor o acervo das escolas brasileiras. O país é aspergido por versos fortes que bradam: não dizer é morrer, dizer é viver. Dele, destaco o poema *Ciranda*:

Das poucas coisas que julgava saber
Uma era certa
Aquilo que convinha ao bicho homem
Aquilo que justificava sua vida e sua morte
Era a fome
De todas as fomes que julgava conhecer
Uma era certa

Aquilo que convinha ao bicho homem
Aquilo que justificava sua fome e sua morte
Era a vida
De todas as vidas que julgava conhecer
Uma era certa
Aquilo que convinha ao bicho homem
Aquilo que justificava sua fome e sua vida
Era a morte.

Opondo fartas lavouras à fome de pão e de sonhos do presente e do futuro, Marli aponta os paradoxos em poemas como este:

ENTRESSAFRA

Se houve um tempo de semeio
Se houve um tempo de seara
Houve pão se não está na mesa do menino?

Mas não deixa de exercer a esperança, quando afirma que:

Florescerá
Talvez no futuro
A escassa semente do amor.

Nem deixa de confiar nos poderes infinitos da grande Mãe Natureza, da Grande Mãe Padroeira, do princípio feminino de acolhimento e amor:

MULHER

Ventre repouso do homem
Vem de deus a tua lida
Virgem Eva Aparecida
Imagem santa e pagã
Elã do mundo imundo

Pecado e poço de vida
Esquecida apedrejada
Morta viva maculada
(rogai por nós Mãe querida).

Em 2020 nasce *Coração madeira*. O primeiro romance da escritora e a primeira mulher a escrever em Mato Grosso sobre o universo amazônico. Antes de Marli, Tereza Albuês se embrenhou pelos sertões, desvendando as realidades do universo pantaneiro e da baixada cuiabana. *Coração madeira* opera uma transição entre uma temática recorrente nos versos da autora, a da ocupação da Amazônia, para o universo das lutas feministas. No romance, embora o pano de fundo seja, na primeira parte do livro, a vivência da protagonista nas clareiras do sertão, o fio condutor da trama é a assunção da voz de uma mulher formada nos moldes do patriarcado, onde o verbo conquistar é predominantemente regido pelo homem. A protagonista precisou encarar o corte, cuidar do ferimento e buscar, por conta própria, outro modo de viver, outro mundo, outros significados. Contou para isso, com as forças das ancestrais da família e com a oportunidade de uma formação acadêmica que a ajudaram a ouvir e a desvendar as vozes do coração. Nesse sentido, é uma narrativa exemplar do sonho possível. Ouçamos dois trechos lapidares. O primeiro, sobre um parto dentro de uma concha de retroescavadeira, único veículo capaz de chegar até a vila sem ficar no atoleiro:

Àquela altura da noite, a máquina pá carregadeira dormia na boca da serraria [...]. Então, a filha do meio falou o que fariam e assim fizeram: forraram a concha da máquina com a ponta de uma lona e sobre essa parte da lona colocaram um colchão e sobre o colchão lençol e travesseiro e sobre tudo isso a menina com seu rebento querendo vir para ver chuva e noite escura nas estranhas do sertão.

E, no trecho a seguir, verificamos como o sistema patriarcal facilita a vida dos meninos e impõe restrições às meninas:

Viu mais paredes e janelas, porque portas eram sempre abertas para os filhos meninos, mas quase sempre fechadas para filhas meninas que só saíam acompanhadas pelos pais ou por irmão mais velho, como era o costume no sertão de lá.

Com esses fragmentos, acompanhamos o florescimento da escritora que passa a compor um jardim de vozes com as mulheres desta Casa, desde a primeira até hoje, as quais passo a elencar: A primeira e única mulher a participar da fundação do Centro Matogrossense de Letras, em setembro de 1921, foi Ana Luiza da Silva Prado Bastos. Professora e também fundadora do Grêmio Literário Júlia Lopes. Uma década depois, a segunda a ingressar foi a poeta e professora Maria de Arruda Müller, em janeiro de 1931. Cinco décadas depois, em março de 1982, foi a vez da cronista e historiadora Vera Iolanda Randazzo, a terceira e a quarta; em setembro de 1984, Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues), professora, cronista e musicista. Uma década depois entraram mais três mulheres: a quinta, em novembro de 1993, Nilza Queiroz Freire, contadora e cronista, a primeira mulher a presidir esta Casa; Yasmin Jamil Nadaf ingressou em outubro de 1995, a sexta mulher, pesquisadora e doutora em Literatura, pioneira nas pesquisas sobre a produção feminina em Mato Grosso, seguida de Elizabeth Madureira Siqueira, a sétima, em novembro de 1995. Professora, historiadora, doutora em Educação, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e atual Curadora da Casa Barão de Melgaço. No começo deste século, ingressou Amini Haddad Campos, em setembro de 2006, a oitava. Professora, juíza de Direito e Doutora em Direitos Humanos. Uma década se passou, quando, em setembro de 2013, tomou posse Marília Beatriz de Figueiredo Leite, a nona. Advogada, professora, agente cultural, atriz e poeta, a segunda mulher a presidir esta Casa. Em 2014 ingressaram mais três mulheres: Lucinda Nogueira Persona, a décima, em setembro. Bióloga, poeta, prosadora, professora, a primeira escritora mulher a conquistar um prêmio em âmbito nacional. Na sequência, Marta Helena Cocco, em outubro, a décima primeira, escritora, pro-

fessora, doutora em Letras e pesquisadora do grupo Leitura, literatura e ensino, seguida de Sueli Batista dos Santos, em novembro, a décima segunda. Poeta, jornalista, líder de associação de mulheres empreendedoras, atual presidente desta Casa. Em 2015, mais três: Maria Cristina de Aguiar Campos, em maio, a décima terceira. Escritora, professora, pesquisadora, uma das principais estudiosas do Intensivismo, movimento de vanguarda desencadeado em Mato Grosso. Também em maio, Olga Maria Castrillon Mendes, a décima quarta. Professora, crítica literária e a segunda mulher a dirigir a Universidade do Estado de Mato Grosso; em agosto, Luciene Carvalho, a décima quinta. Escritora, poeta, a primeira mulher a assumir-se preta e a se tornar a grande referência de outras mulheres e jovens na luta contra o racismo estrutural; em novembro de 2019, ingressou Lindinalva Correia Rodrigues, a décima sexta. Mestre em Direitos Humanos, promotora de Justiça, a primeira no Brasil a aplicar a Lei Maria da Penha; Também em 2019, a décima sétima, Neila Maria Souza Barreto, jornalista e historiadora, mestre em História, atual presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e primeira secretária desta Academia. E, neste 2021, chegamos ao centenário com a décima oitava mulher, Marli Terezinha Walker.

Em cem anos, Senhoras e Senhores, dezoito mulheres. Quantas aprenderam a ler e a escrever? Dessas, quantas se tornaram escritoras? E dentre elas, quantas chegaram aqui? Virgínia Wolf fez uma observação importante sobre o passado: é possível que muitos dos autores anônimos tenham sido mulheres que não podiam assumir a autoria. Não por acaso, foi ela quem escreveu: “pensei o quanto é desconfortável ser trancado do lado de fora. E pensei o quanto é pior, talvez ser trancado do lado de dentro”.

Um parêntesis para me dirigir aos homens desta casa, que também destaque e aos quais agradeço por ombrearem conosco as empreitadas pela igualdade de direitos civis e humanos. Reverencio a todos em nome de Ivens Scaff, o primeiro escritor que conheci em Mato Grosso e que me abriu as portas do mundo literário, e de Moisés Martins que, a despeito das dificuldades de movimentos, está conosco nesta celebração.

Falávamos de jardim de vozes. Em 2019, Marli recebe o prêmio Estevão de Mendonça de literatura, na categoria poesia, com o livro *Jardim de ossos*. Nele, a temática feminina se evidencia, como observamos no poema denominado ‘Primitiva’:

Meus ossos minerais
Carregam várias mulheres
Sinto-as todas
(antigas e constantes)
Sobre a coluna cervical

(Aguente firme, diz uma tia-avó)
É melhor não se envolver, diz outra

São tantas mulheres
Em meus ossos paleolíticos
Tantos detritos
Tantas noites em claro
Tantos partos e perdas
O leite empedrado no seio
De todas elas em mim

No fundo escuro da caverna
Eu (primitiva e extenuada)
Ainda afago os cabelos
De minha bisavó
(e às vezes choro um pouco).

Dirijo-me à Marli, para dizer: as colunas cervicais desta Casa desejaram o complemento substancial dos seus versos. O que te traz aqui? O realce da vaidade pelo título? O gosto pela distinção numa sociedade tão desigual e injusta? O desejo de contribuir para que esta Casa seja um espaço arejado, por onde circulem em simbiose com a memória,

pensamentos, expressões e anseios de todos os matizes das gerações contemporâneas? A resposta, Marli, creio que já tenha sido dada pela sua atuação profissional responsável e compromissada e, sobretudo, a resposta está sendo dada pela sua produção literária, atenta e sensível ao que corre por dentro e por fora desta nossa humanidade complexa e contraditória.

Senhoras e senhores, escrever é uma forma de lutar. Uma luta que não propõe a morte, mas, às vezes, causa um necessário ferimento. A escrita nem sempre diz, às vezes silencia. Mas quando diz, pode ser dúvida, esclarecimento, denúncia, alerta, desejo, contemplação. Em momentos de dor e de escuridão, pode ser um canto de esperança, entre tantas expressões. A literatura de Marli Walker é assim. Mais do que nunca, necessitamos de vozes como a dela, porque o mundo está passando por um período tão nebuloso que, não fosse pelo tom curativo, revolucionário e utópico que as artes nos oferecem, arriscaria a dizer que estamos a um passo do fim da Terra. São retrocessos em direitos humanos, são as expansões dos fundamentalismos religiosos, são os problemas ambientais, são as acentuadas desproporções entre os que acumulam demais e os que perdem demais. E são os investimentos bilionários em pesquisa espacial, a procura de outro planeta. Por quê?

Senhoras e senhores, estamos aqui de passagem. O que vamos deixar às nossas crianças? Títulos, honrarias, posses, sobrenomes importantes? Que relevância isso terá num mundo com catástrofes naturais e ideológicas? Não estamos imersos neste sistema de vida - que criamos - porque era a melhor opção, mas, sim, porque a ambição está na nossa natureza. Entretanto, passamos do ponto, do ponto de mutação. Reconhecemos isso e continuamos agindo como se nada fosse acabar. Somos profundamente contraditórios. Faltou e falta ao mundo uma educação para a sensibilidade, para que as ações de quem ocupa posições de destaque e de liderança nas diversas esferas de poder, contagie a maioria das pessoas a agir com mais responsabilidade e empatia. Esse é o papel da formação humana, para a qual a literatura pode contribuir imensamente. Há um movimento, eu diria letal, a fim de anular a formação humana e

crítica dos currículos. Gabriel García Marquez, há 55 anos, por meio de uma personagem de *Cem anos de solidão* vaticinou: “El mundo habrá acabado de joderse el día en que los hombres viajen en primera clase y la literatura en el vagón de carga”.

É por isso que momentos como este, predominantemente festivos e de celebração, também podem ser momentos de valiosas introspecções. A vida vale por qual luta? Passados cem anos, como esta Instituição pode contribuir?

Desde 1605 a imagem do Quixote diante de moinhos de vento pode soar fantasiosa e rizível. Mas, jamais, a alegoria e as palavras de Cervantes: “mudar o mundo, meu caro Sancho, não é loucura, não é utopia, é justiça”. Contra os moinhos, Senhoras e senhores, Marli Walker, vamos elaborando os sonhos e a fé vivos nas palavras que escrevemos, que acolhemos, que repartimos.

Por fim, Confreiras e confrades, ao trazermos Marli Walker para junto de nós, preenchemos a lacuna de uma região de Mato Grosso, o Nortão, até aqui sem nenhuma representação. Concretizamos o desejo da nossa querida Marília Beatriz, certamente entre nós em espírito, de ter Marli Walker em uma destas cadeiras e, sobretudo, o desejo de que esta Casa seja um território de afetos e de partilha. Ao trazermos Marli Walker para junto de nós, trazemos uma voz lírica potente e madura e uma mulher vencedora, a qual confiamos os propósitos de respeito e fraternidade.

Marli Walker, nós acadêmicas e acadêmicos desta Casa, juntamente com suas leitoras e seus leitores, com um coração verdadeiro e feliz, te recebemos: bem-vinda!

**Discurso de posse da acadêmica
MARLI TEREZINHA WALKER,
em 14 de setembro de 2021**

Escrever para viver

Senhora Presidente Sueli Batista dos Santos;
acadêmicas e acadêmicos;
Autoridades Presentes;
Sra. Moema de Figueiredo Leite, irmã de Marília Beatriz de
Figueiredo Leite, a quem sucedo a partir desta cerimônia de posse;
Familiares, amigos, colegas, estudantes, senhoras e senhores.

“É fácil não ferir meu semelhante / Difícil é não ferir / o que de mim é diferente”. É com estes versos de Santiago Villela Marques, em memória ao poeta e prosador, dos maiores que Mato Grosso já conheceu e a quem incentivei a entrar nesta casa antes de mim, que chego para vos falar nesta tribuna. É com ele e Marília Beatriz que venho, sentindo que ela nos abraça e faz festa com nossa chegada! Faz festa também, neste 14 de setembro, ao norte de Mato Grosso, a minha querida Sinop, que celebra hoje mais um aniversário de emancipação.

Eu não chego só. Venho do extremo oeste catarinense, depois de haver percorrido a longa travessia que foi a Marcha para o Oeste, rumo ao nortão amazônico de Mato Grosso. Venho trazendo comigo os caminhos sem fim do sertão brasileiro, as canções e instrumentos populares, a poesia e as trovas simples do povo, mas trago, sobretudo, a perspectiva feminina sobre o que somos, projetando expectativas para um futuro que possa tornar nossa sociedade e nossa Arte menos excludentes e mais democráticas.

Dediquei-me, durante as últimas semanas, ao estudo detalhado dos que me antecederam na Cadeira 2 da Academia Mato-grossense de

Letras. Retornei ao ano de 1921, quando um grupo de 12 intelectuais fundou o Centro Matogrossense de Letras. Pouco mais de uma década depois, numa evolução natural, o Centro transformou-se na AML, como a conhecemos hoje. Nesse fio histórico, um século depois, tenho a imensa honra, nesta noite, de ser recebida e empossada na Cadeira 2.

O patrono, Joaquim da Costa Siqueira, nasceu em São Paulo, no ano de 1740. Foi destaque na política, tanto na Capitania como na Província, ocupando os cargos de Vereador e a presidência do Senado da Câmara de Cuiabá. Cronista atento ao seu tempo, registrou as festas cuiabanas, deixando inúmeros textos escritos.

O primeiro ocupante da cadeira, Gervásio Leite, progenitor de Marília Beatriz de Figueiredo Leite, nasceu em Cuiabá-MT, em junho de 1916. Foi um homem das Leis e da Letras. Diplomado na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, ingressou no Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso na categoria de Desembargador, chegando à presidência Casa. Foi Deputado Estadual e Constituinte em 1947. Presidiu a Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de Mato Grosso. acadêmico de realce, chegou à presidência desta Academia de Letras. Sua contribuição no campo educacional foi expressiva. Nessa área, deixou uma obra que coloco em relevo, *Um século de instrução pública*, um clássico da historiografia da educação brasileira e matogrossense. Dentre os diversos livros publicados, sublinho os títulos *Aspecto mato-grossense do ensino rural* (1942) e *Cuiabá, terra agarrativa e linda* (1969).

Satyro Benedicto de Oliveira, segundo ocupante da Cadeira 2, nasceu no dia 6 de julho de 1931, em Uberaba-MG. Dedicado à advocacia, integrou a Ordem dos Advogados do Brasil. Foi Vereador e Deputado por Minas Gerais. Atuou como professor de Direito nas Universidades de Minas Gerais e de Mato Grosso. Como Promotor e Procurador de Justiça em Mato Grosso, destacou-se no campo da oratória, tendo proferido significativos discursos. acadêmico atuante, Satyro Benedicto de Oliveira presidiu a Academia Mato-grossense de Letras de janeiro de 2003 a julho de 2004.

A terceira ocupante da Cadeira 2, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, foi uma mulher excepcional, de uma vivacidade ímpar e generosidade incomparável. Nascida no Rio de Janeiro-RJ, em 3 de setembro de 1941, foi trazida a Cuiabá ainda bebê de colo, quando a família para cá se mudou. Anos mais tarde, na mocidade, alinhando-se à formação de seu progenitor, retornou ao Rio de Janeiro para cursar a Faculdade de Direito da Universidade do Estado da Guanabara, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Em seu retorno a Cuiabá, especializou-se em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso e em seguida titulou-se Mestre em Comunicação e Semiótica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Marília atuou como advogada na cidade do Rio de Janeiro e em Cuiabá, MT. Em 1970, tendo ingressado como docente na Faculdade de Direito da UFMT, de cuja instituição foi professora fundadora, exerceu a docência nas áreas de Direito Civil e Direito do Menor. Na mesma Universidade, foi chefe do Departamento de Artes a partir de 1978 e passou a coordenar o Departamento de Cultura, em 1983, atuando no Curso de Artes Visuais, Teatro e Música para os professores da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso. Dirigiu peças teatrais na antiga ETF-MT, hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso. Coordenou o Projeto *O Folclore Cuiabano – Siriri*, desenvolvido pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro em parceria com a Fundação Nacional de Arte – Funarte. Foi também coordenadora do Museu de Artes e Cultura Popular. Adaptou e dirigiu o espetáculo-texto ‘Cidade aberta a todos os ventos’, e o espetáculo ‘Com a roupa do corpo’, para o qual escreveu dois textos, ambos apresentados no Teatro Universitário da UFMT. Com Wladimir Dias Pino, elaborou o projeto 1ª Bienal de Poesia Visual, em 1995. Foi colaboradora em periódicos cariocas e mato-grossenses, entre os anos de 1959 e 1990, dentre os quais se destacam *Tribuna da Imprensa – RJ* e *O Estado de Mato Grosso e Folha do Estado – MT*. Na seara da escrita, a contribuição intelectual que nos deixou a distinguem pelo incansável empenho em favor da Arte, cujos textos a situam como dramaturga, poeta, crítica literária, ensaísta e prefaciadora. Em 1993, como Chefe

do Departamento de Artes, Coordenadora de Cultura e Pró-reitora de Cultura, publicou o livro de ensaios *DE (SIGN) AÇÃO: Arquigrafia do prazer*. Como poeta, deixou os seguintes títulos: *O mágico e o olho que vê* (1982), (1993), *Viver de véspera ou antes mesmo* (2018), *Agudas ou crônicas* (2019), *Corte de vinho* (2019), *Lugar do desejo: confesso?* (2020), *Tremor essencial* (2020) e em parceria com Caio Augusto Ribeiro, *Loucos e sábios: o livro dos diamantes* (2021). Tomou posse na Academia Mato-grossense de Letras em 10 de setembro de 2013, para ocupar a Cadeira 2, que fora inaugurada por seu pai, Gervásio Leite. E seguindo mais uma vez os passos dos paternos, Marília Beatriz também presidiu a instituição, tomando posse em 2015. Entretanto, para imenso pesar da família, de amigos, artistas, literatos, intelectuais e admiradores, ela nos deixou no dia 3 de julho de 2020, aos 79 anos, vítima da Covid-19. Contudo, Marília Beatriz não se foi. Imortal é a sua obra, o seu brilho, sua irreverência e ousadia! Quando me telefonou, em agosto de 2019, convidando-me para um café na Padaria América, lugar de sua preferência para encontros informais e conversas sobre Arte e Literatura, eu não podia supor que seria um de nossos últimos encontros. Entregou-me, na ocasião, o texto original do livro *Lugar do desejo: confesso?*, honrando-me com o pedido para prefaciar a obra. Do encontro afetuoso restou um registro fotográfico e o livro, cujo prefácio aos poemas finalizo da seguinte forma: “Qual é, afinal, o lugar do desejo? E se tivermos resposta que valha, qual é o espaço que ocupa em meio a tantas demandas? É a própria voz poética que elucida a questão. Estamos condenados à busca do lugar, do espaço, da palavra transmutada que decifre os desejos, porque “Entre altos e baixos muros da intenção / Os dedos não alcançam / A matéria desejan-te / Que em perigo / Encosta na fresta”. O meu desejo, por ora, é que Marília permaneça desejan-te e transponha muros e frestas para trazer até nós, muito e sempre, a potência de sua linguagem poética. Desejo ao leitor que encontre neste *Lugar do desejo* o espaço reconfortante ou inquietante que só a linguagem, por meio da instância poética, é capaz de trazer. Desejo, ainda, que encontre outras respostas e as traga até mim. “Ave, Palavra!”

A imortalidade da irreverente, produtiva, afetuosa, comunicativa, cativante e inquieta Marília reside não apenas em sua obra, mas também em seu espírito livre, atuante e combativo. Eu a conheci aqui, nesta Casa, no ano de 2013. Ao trazer alunas do Curso Superior de Secretariado Executivo para um evento promovido pela AML, fomos apresentadas. Recebeu a mim e às alunas com seu sorriso franco e largo, declamando versos e agradecendo a presença. Sabemos que um dos maiores desejos de Marília Beatriz era abrir as portas desta Casa para acolher e receber aqueles que quisessem compreender o que se passava no antigo casarão. Ela era partidária da democratização da cultura e do saber, assim como seu pai, Gervásio Leite, foi preocupado com a questão do ensino nas comunidades rurais num longínquo Mato Grosso em que as distâncias ainda mais se espriavam e dificultavam a disseminação de uma educação igualitária.

É neste ponto específico que observo a intercessão entre nossas trajetórias. Gervásio, Satyro e Marília foram, como eu, professores. A convergência, no entanto, alcança similitudes mais estreitas com minha antecessora, pois para além do exercício docente, a preocupação com o outro, com as minorias colocadas à margem do sistema irradiador da Cultura e das Artes, é o aspecto que nos aproxima mais estreitamente. O fator divergente, entretanto, é que ao contrário de Marília Beatriz, venho de uma formação profissional tardia e conheço as barreiras que uma mulher nascida e criada nas sendas de uma educação conservadora e patriarcal precisa enfrentar para conquistar esse direito. Reporto-me às últimas décadas do século passado, quando já era permitido à mulher brasileira formar-se e seguir carreira, assim como Marília o fez.

Entretanto, dentre os vários sertões existentes, do Sul do país aos rincões das glebas mato-grossenses, por vastidões infindáveis deste Brasil profundo, já madura e ciente de uma força interior que me impulsionava para a escrita, movimenteimei-me com a energia do espírito e do intelecto em busca de formação e da realização pessoal por meio da criação literária. Aqui estou, senhoras e senhores, coroando esta jornada. Aqui estou, acadêmicas e acadêmicos, sucedendo a insubstituível Marília Beatriz

para fazer, de alguma forma, aquilo que ela se empenhou em realizar: manter os laços com a comunidade, estabelecer contato direto com as novas gerações e diminuir a distância entre esta centenária e seletíssima Casa e a sociedade na qual está inserida.

Somos um Estado gigante, de uma diversidade cultural extraordinária, ainda não olhada, considerada e prestigiada pela elite intelectual. É preciso abrir os olhos para ver além das fronteiras de Cuiabá. Além das manifestações clássicas e eruditas da Cultura e da Arte, pois há uma série de movimentos, eventos e sujeitos produzindo bens culturais distintos e desejando participar da história que está sendo construída. Quando digo isso, penso também na jovem leitora e no jovem leitor de uma escola pública de um pequeno município de um dos extremos das nossas fronteiras e até mesmo de escolas aqui da capital, que não fazem ideia da nossa existência. Afirmo isso em âmbito de testemunho, pois a cada nova turma que assumo no IFMT – *Campus Cuiabá* – que leva o nome de Octayde Jorge da Silva, o segundo ocupante da Cadeira 9 desta Academia, ainda assim, a cada ano, os jovens estudantes chegam ao *Campus* sem saber que existe aqui, a poucas quadras do centenário Instituto Federal, uma instituição também centenária que abriga o universo das Letras Literárias e Jurídicas.

Assim como Marília, sou partidária da ideia de que nossa existência só fará sentido quando alcançarmos o outro, quando fizer também sentido para o outro. Para isso, o acesso aos bens simbólicos e culturais deve ser assegurado aos que estão à margem dos grupos detentores do capital intelectual. É por meio deste filtro que olho para o futuro. Quando uma menina olhar para mim, assim como eu um dia olhei para as acadêmicas desta Casa, e assim como eu, ela pensar: eu posso estar também neste lugar. Quando o pensamento decolonial deixar de ser uma filosofia para se tornar uma prática, quando a pluralidade de vozes e estilos for a tônica do convívio social, poderemos vislumbrar uma sociedade mais justa e inclusiva.

Para nós, mulheres, a voz e o caminho têm sido construídos a duras penas. Muitas das que nos antecederam, dedicaram a vida a des-

contruir conceitos cristalizados e elaborar novas concepções a partir da perspectiva da mulher pensadora, pesquisadora e escritora. Chamo o conhecido sociólogo jamaicano Stuart Hall para pensar como o movimento feminista, surgido no século passado (na década de 1960) alterou o sistema estabelecido:

o feminismo trouxe, incontestavelmente, uma nova agenda social, apelando para as identidades sociais de seus apoiadores, como a discussão de uma política sexual para homossexuais e lésbicas; as lutas contra o racismo e contra as guerras. Esse é o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política da identidade, ou seja, uma nova identidade para cada movimento.

As mulheres protagonizaram, no século XX, um período de profunda transformação, de descentralização do pensamento ocidental hegemônico. A cada ruptura, porém, novas forças se opõem e novos movimentos são necessários para garantir que as transformações estejam asseguradas para as gerações futuras. As forças discursivas totalitárias têm demonstrado que, ao menor contratempo, os direitos conquistados são questionados e colocados em xeque. Sobre esse aspecto, Simone de Beauvoir já alertava: “nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a vida”. O momento histórico que testemunhamos hoje sobre a realidade das mulheres afegãs é exemplo acabado e cruel da infeliz atualidade das palavras de Beauvoir. Seguimos, pois, em constante vigília e árduo trabalho.

No campo da literatura, criamos teorias e concepções para pensar o cânone proeminentemente masculino, estabelecido século após século, e reivindicar o lugar das mulheres nas historiografias literárias e posicionarmos-nos como autoras no processo literário e na vida acadêmica e pessoal. Mulheres intelectuais determinadas a alterar esses quadros, vêm elaborando a crítica literária feminista, desde a segunda metade do século

XX, a partir de aspectos considerados fundamentais, como o resgate de obras escritas por mulheres que, no decorrer do tempo, foram relegadas ao ostracismo, e a releitura de obras literárias, independentemente da autoria, detectando, através do estilo, da temática e das diferentes vozes do texto, a condução das narrativas da mulher escritora e do homem escritor. Dessa maneira, desde a proposição inicial até hoje, a fixidez do cânone centrado na hegemonia masculina vem sendo alterada, em virtude do exaustivo trabalho de pesquisa, resgate e leitura crítica.

Em Mato Grosso, um movimento expressivo de escritoras, o Grêmio Literário Júlia Lopes, que desenvolveu um intenso trabalho criativo nos anos de 1916 a 1950, quando as mulheres editaram e produziram o periódico *A Violeta*, como instrumento portador das vozes femininas que desejavam, desde então, manifestar-se. O tema foi objeto de pesquisa de Mestrado da acadêmica Yasmin Nadaf, cujo registro é de importância crucial para estudos de jovens pesquisadoras e pesquisadores que se empenham em resgatar e reescrever a história da escrita da mulher, como o fiz em tese de doutoramento. Da segunda metade do século XX até os dias de hoje, cobrindo uma lacuna de setenta anos, surge o Coletivo Literário Maria Taquara, ligado ao Mulherio das Letras Nacional, que congrega novamente as mulheres escritoras da comunidade. Conduzido em Mato Grosso pela excepcional escritora Divanize Carbonieri, finalista do maior prêmio de literatura do Brasil, o Jabuti, eu acentuo, como integrante fundadora do coletivo, a importância dos encontros para o debate de temas relevantes ao contexto da mulher escritora, o valor da sororidade e o incentivo à produção que umas demandam às outras, como aspectos fundantes do nosso exercício da escrita. Destaco, também, as mulheres editoras que protagonizam uma atividade até há pouco realizada somente por homens, Elaine Caniato, Doriane de Abreu Miloch e Maria Teresa Carrión Carracedo, na edição do livro impresso, e Divanize Carbonieri, Lígia Bertges, Ângela Coradini, Anna Maria Moura, Paty Wolff e Marianna Marimon na edição de revistas eletrônicas. São mulheres atuantes e incansáveis na efervescente cena da literatura contemporânea em Mato Grosso.

Quando traço esse panorama sobre a presença da mulher na literatura e no processo editorial, o intuito não é promover a cisão. Longe e ao contrário disso, o objetivo é acrescentar a uma narrativa já posta aquilo que foi omitido, silenciado ou renegado, pondo em relevo também o protagonismo da mulher, ilustrando um quadro histórico mais justo e completo. Para isso, contamos com a parceria de pesquisadores homens solidários à causa e sensíveis ao empenho em reparar uma lacuna histórica de omissão sobre as mulheres escritoras. Em Mato Grosso, exemplo disso vem do editor da *Revista Literária Pixé*, Eduardo Mahon, também poeta, escritor e acadêmico da AML, que concedeu uma edição especial do periódico para a escrita produzida por mulheres.

É bom lembrar, embora pareça desnecessário, que feminismo não é o oposto de machismo. O machismo é agressivo, sufoca, mata e destrói. O feminismo é a luta das mulheres pela igualdade de direitos civis, de participação em ações sociais, culturais, econômicas e políticas. Acentuo a distinção, porque às vezes é preciso declarar o óbvio, pois estamos num campo em que qualquer palavra retirada do contexto ou mal interpretada, pode gerar inúmeros equívocos. Vivemos hoje num país dividido, em que posicionamentos políticos são confundidos com ideologias politiqueras. Por isso, reitero: quando trago a questão da crítica feminista, proponho aliança, apresento a esperança na reconstrução de laços e na projeção de um futuro mais humano, igualitário e fraterno.

É nesta posição e a partir deste princípio filosófico que me apresento a vocês como sujeito social, cultural e político. Retomando o prefácio que escrevi à poesia de Marília Beatriz, acrescentaria que o meu maior desejo é que o discurso sobre o feminismo se torne completamente desnecessário. Que minhas netas possam viver numa sociedade em que esse tema esteja superado e a igualdade esteja assegurada. Minha vida, meu trabalho investigativo, minha prosa e minha poesia são dedicados a isso.

Sou composta de palavras e a linguagem me abraça com toda a força de sua malha discursiva. Venho dos longes, de rincões e sertões sem fim, da cultura popular mesclada à erudita. Venho cautelosa, ciente do terreno movediço que a mulher ainda precisa pisar para atravessar o

território denso das contendas e disputas patriarcais pelo poder nos mais variados campos de atuação. Mas venho resoluta. É assim que chego, espelhando-me em Marília Beatriz, em sua coragem e determinação. E é com o poema ‘Verbo’, dentre todos os que já escrevi, talvez o meu preferido, que finalizo este discurso de posse: “não dizer / é afogar / no próprio sangue / o filete de ar / e morrer / dizer / é ferir à faca / a palavra / e sangrar / até viver”.

Muito obrigada!

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DO ACADÊMICO ANTÔNIO ERNANI PEDROSO CALHÃO

Abertura da Sessão Solene de Posse do acadêmico Antônio Ernani Pedroso Calhão, pela presidente Sueli Batista dos Santos, em 31 de agosto de 2021

Como se fossem gravadas numa matriz, de uma placa metálica destinada para a impressão de textos e imagens, as lembranças de distintas épocas ganham fluidez na mente de Antonio Pedroso Ernani Calhão, que se emociona em ter sua vida em detalhes. Dentre suas recordações, lá está uma casa feliz, com um avô intelectual. Educador, jornalista e empresário gráfico e uma avó, mulher forte, muito avançada para seu tempo. Da sua cadeira de balanço dizia ela: “Antônio, você será um grande homem”. Um patrocínio positivo, ou uma profecia, de quem contribuiu para extrair do neto o seu melhor na construção de uma trajetória dedicada aos estudos, à profissão e à família. Ao olhar para o passado, é comum o novel acadêmico lá encontrar seus avós, mostrando-lhe caminhos para a educação, com a luz do conhecimento, com a retidão de caráter, para que passasse a seguir na jornada da vida com sua conduta ética.

No que tange às suas referências histórico-culturais, que lhe foram transmitidas como uma herança de família, estão no composto a religiosidade, os rituais, as festas, as cores, os sabores afetivos dos quitutes maternos, os acordes da música instrumental, sempre em perfeita composição, juntando-se, como num *muxirum*, para trazer à tona mais forças para as suas lembranças, incluindo as doces memórias do amor, que o uniu em laços há mais de 40 anos, com Silvana,

colhendo os melhores frutos, em forma de filhos, filha e netas. Foi ao lado do seu pai, fazendeiro e comerciante que entrou na vida. Encontrou cedo os caminhos condutores do seu crescimento, que não estavam relacionados aos negócios da família. Nos estudos, a Economia foi como pedra preciosa a fazer brilhar seus olhos, abrindo-lhe a visão para outros voos profissionais no decorrer dos anos, em um deles o Direito passou a fazer parte da sua vida, trazendo mais luz através da graduação, mestrado e doutorados nas mais influentes instituições de ensino, direcionando-o ao exercício da profissão exitosa na advocacia, e foi também que o tornou um educador, sendo que na docência se diz mais realizado, diz ele:

Entrego-me inteiramente para construir pessoas a partir das disciplinas. A nobre missão de ensinar exige uma combinação permanente de produção da informação, como também, de formação da nossa juventude. É um processo contínuo de criação e recriação das ciências para a vida das futuras gerações. Temos que nos colocar em uma relação dialética. No dizer de Rubem Alves, é um constante “desaprender para aprender de novo. Raspar as tintas com que nos pintaram. Desencaixotar emoções, recuperar sentidos”. Na essência desse pensamento está a educação das sensibilidades, posto que sem estas todas as habilidades são tolas e sem sentido.

Foi buscando sempre uma vida com sentido que se desviou dos caminhos da desconstrução daquilo que tem como propósito, principalmente quando este está firmemente embasado em uma carreira profícua, pautada constantemente no conhecimento e no seu compartilhamento.

Seu caminhar teve passos firmes e decididos e foi através dele que chegou até aqui. Sua saga para ingressar neste sodalício mostrou que em seu DNA tem o que foi de muito marcante do seu bisavô, Joaquim José Rodrigues Calháo: a perseverança. Talvez o que lhe faltasse para o êxito, de seu intento, seria um resgate através do Elo perdido, obra de importância singular, por sua abordagem no contexto literário, referindo-se

ao primeiro livro de poesias de Mato Grosso, daquele com o qual tem relevante vínculo genealógico.

Hoje você passará a ocupar a Cadeira 26, cujo patrono foi Joaquim Duarte Murtinho, e seus ocupantes: Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, Oscarino Ramos e Benedito Pedro Dorileo. Grandes homens que tiveram, cada qual ao seu tempo, suas trajetórias marcadas por histórias exitosas.

Antônio, você será um grande homem... Isso já não é mais eco do passado. Seja muito bem-vindo, Antônio Ernani Pedroso Calháo. Você acreditou que a sua grandeza também estaria na imortalidade, conquistada pelo mérito de toda a sua vida. A Academia Mato-grossense de Letras te recebe com toda distinção merecida.

**Discurso de recepção a Antônio Ernani Pedroso Calháo,
por Sebastião Carlos Gomes de Carvalho,
em 31 de agosto de 2021**

Excelentíssima Senhora Presidente da Academia Mato-grossense
de Letras

Caros colegas membros do Instituto Histórico e Geográfico de
Mato Grosso

Prezados confrades e confradeiras

Senhoras, Senhores

Novel acadêmico

Mário Benedetti escreveu um verso que pode muito bem servir como preâmbulo a este nosso encontro festivo: “*Me parezco al que llevaba el ladrillo consigo para mostrar al mundo cómo era su casa*”. O poeta uruguaio, lutador das causas democráticas em seu país, utilizando uma frase do genial Bertold Brecht, escreveu o poema no exílio e nele expressou o seu amor à sua casa, isto é, a sua terra, ao seu país. Numa tradução livre: “Pareço aquele que carregou o tijolo com ele para mostrar ao mundo como era a sua casa”. Um pedacinho de sua casa, o tijolo, era o orgulho do homem afastado do torrão natal. Por onde ia, mundo afora, carregava aquela partícula de seu berço e a exibia com amorosa nostalgia. Assim, nas devidas proporções, tem sido a atuação do novo acadêmico seja em seu mister como professor em instituições superiores em São Paulo, ou nas suas atividades culturais em Cuiabá, como a seguir veremos. Em síntese, o orgulho do pertencimento a esta nossa agarrativa Capital, que é, sem dúvida, o mesmo que une a tantos dos aqui presentes.

Senhoras e Senhores

O que leva uma pessoa a buscar a glória acadêmica que, no dizer de Machado de Assis, “eleva e consola”, e que Euclides da Cunha, ao entrar para a Academia Brasileira de Letras, afirmou não haver “nenhum

posto mais elevado neste país”? Sabemos que valores, os mais altos, colocam-se na meta a ser alcançada pelo intelectual íntegro e imbuído de compromissos éticos. Sabe ele que não deve estar norteados pela busca da vã glória ou a da pseudo aristocracia do saber. Neste caso podemos, em síntese, concluir que o pertencimento a ser conquistado não nos proporciona bens materiais, mas muito acima disso, o enriquecimento do intelecto e do espírito. E, se tivermos em mente o ensinamento de Tomás de Kempis, de *Sic transit gloria mundi* – toda glória do mundo é transitória – haveremos de recordar sempre que só as conquistas do espírito podem eternizar os Homens e torná-los imortais. E é, pois, em tal contexto, que a admissão no panteão acadêmico deve encher de orgulho a quem nele adentra.

Quis o destino que Vossa Senhoria, Senhor Antônio Ernani, adentrasse a esta Casa de Letras numa data especialmente solene, digo até simbólica. Este Sodalício, neste setembro, completa seu primeiro centenário. Uma longa e produtiva vida. Longeva, não tanto pela cronologia de sua existência, apenas um terço do tempo de nossa vetusta capital, mas particularmente pelo que, nesse decurso, ela representou para a comunidade mato-grossense.

Com efeito, desde o seu alvorecer, esta Casa albergou alguns dos melhores homens e mulheres que estiveram voltados à cultura, ao conhecimento, ao saber. Aqui se encontraram historiadores, poetas, jornalistas, professores, cronistas, críticos literários, juristas, todos, indistintamente, numa comunhão devotada a celebrar o amor ao estudo na precisa expressão da legenda bíblica, que foi eleita para encimar a nossa tradição: *Pulchritudinis studium habentes*: “Os estudiosos da beleza”. Beleza que, ao longo dos anos, aqui passou a expressar não somente a sua dimensão Estética, como igualmente a significar o mais alto cume a ser alcançado pelo saber. Beleza que ao intelectual não faz fugir à dura verdade da vida. Uma beleza firme e flamante, encantadora e áspera. Procurei expressar em um poema já antigo esse entendimento no qual compreendo a poesia, e por ela a beleza, que é

escape e também couraça com a qual se engolfa na realidade da vida. É encantamento, é tormento. É espanto. É brisa suave, ora abismo. É o arco e é a flecha. O caos e a lucidez. O aço fino penetrando as fímbrias da consciência ou da loucura.

Assim, é que não é contraditório estar em uma instituição centenária e, celebrando o passado e a tradição, estar antenado com as angústias do tempo presente. E é deste modo que, sob a inspiração de nossos respeitados Patronos e dos avoengos confrades e congreiras, mas com os pés firmes no presente, que a nossa instituição vem caminhando e assim deve continuar a fazê-lo enquanto nesta terra existirem homens e mulheres que amam a beleza do saber. É neste sentido que a beleza é aqui também entendida como a pluralidade do conhecimento dentro de um convívio fraterno com a diversidade de visões sobre a existência e o mundo.

E foi com esta perspectiva que a Academia Mato-grossense de Letras, tal como o Instituto Histórico e Geográfico, foi durante décadas, protagonista de importantes estágios da história cultural, educacional, social e mesmo política de nosso Estado. Reuniu ela, nas várias vertentes do saber, também uma pluralidade democrática sem par, na medida mesmo em que não só mato-grossenses natos tiveram a ela acesso, mas abraçou, com um coração dadivoso, brasileiros advindos de todos os rincões, e ademais com igual largueza de espírito, acolheu e vem acolhendo representantes femininas, sendo uma das primeiras de nosso país a fazê-lo, desde a pioneira Ana Luiza da Silva Prado, e vale dizer, mais de meio século antes que a Academia Brasileira de Letras tivesse a mesma iniciativa.

Durante largo tempo, este Casarão de mais de dois séculos, foi a silenciosa testemunha da vida de um homem que, nas madrugadas serenas, estudava, pesquisava e escrevia sobre a história, a geografia, a economia e as potencialidades do ecossistema regional. E o fez como poucos. Antônio João Manuel du Leverger, o estrangeiro mais cuiabano que esta terra jamais conheceu, deixou uma obra, particularmente no

campo da potamografia, da botânica e da geografia, ainda hoje fundamental, não somente para o acervo de Mato Grosso como mesmo para os estudos brasílicos. E foi sob este teto, que aquele que se tornaria conhecido como o Barão de Melgaço, traçou a estratégia para a defesa do território pátrio ameaçado pelo audacioso autocrata guarani. E foi assim que, homem de ação e de pensamento, administrador da Província, a que por quatro vezes foi conduzido ao seu governo, combatente de reconhecida bravura e vigoroso estudioso, aquele a quem Virgílio cognominaria de o “bretão cuiabanizado”, tornar-se-ia uma presença das mais marcantes na história da gente mato-grossense. E em igual passo, em um dos símbolos deste panteão da cultura. Ao depois, ao longo dos anos, este espaço físico presenciou alguns dos nomes mais notáveis do cenário social, cultural e político deste nosso torrão aqui se reunirem para, como que em um eterno preito ao antigo morador, dar seguimento ao seu labor intelectual.

Não foi sem outra razão que, décadas depois, em 23 de novembro de 1930, ao destinar a casa do Barão para abrigar definitivamente o Centro Matogrossense de Letras e o Instituto Histórico, o interventor federal Antonino Menna Gonçalves justificava o decreto por seu objetivo de “fazer perdurar na referida casa o mesmo ambiente de intelectualidade que ali existira em vida do bravo almirante”. E, assim o foi.

Numa época em que inexistiam cursos superiores por estas bandas de Brasil, era no ambiente generosamente acolhedor da Academia de Letras e do Instituto Histórico que aportavam os cérebros sedentos de saber. Parte representativa dos moradores desta cidade aqui acorria para assistirem memoráveis tertúlias literárias ou para ouvirem atentos exposições sobre a história, a cultura e a geografia de Mato Grosso. Os temas mais importantes da época foram aqui tratados. Sob este secular telhado e entre estas sólidas paredes de adobe pontificava a oratória gongórica de D. Francisco de Aquino Corrêa, membro da Academia Brasileira de Letras e ex-Presidente do Estado, ressoava a fala pausada de Virgílio Corrêa Filho, o maior historiador de Mato Grosso, se ouvia o português escorreito de José Mesquita, aquele que reputo ser o mais

completo e polimorfo intelectual mato-grossense, a voz firme de Estevão de Mendonça, e de tantos outros homens e mulheres hoje inscritos na nossa memória histórica. A estes nomes há de se reunir outro, de grandeza única, membro do Instituto Histórico e admirador de Leverger, que se tornou em inesquecível patrimônio do Brasil e um dos legados contemporâneos da humanidade: Cândido Mariano da Silva Rondon. Assim é que, sem exagero, pode-se afirmar que, guardadas as devidas proporções, estas instituições eram a Universidade da época. Assim é que somos hoje herdeiros e responsáveis por manter essa honrosa tradição. Mais que uma Casa de Letras, aqui foi, por largo tempo, um templo do saber.

É para esta Casa de tantas heranças que Vossa Senhoria, senhor Antônio Ernani Pedroso Calháo, postulou a sua admissão.

Estamos convencidos de que o novo acadêmico buscou entrar para esta Casa de Letras não para obter uma glória transitória ou para alcançar uma aristocracia intelectual. Ainda que ao acadêmico se denomine de imortal, o que dele se espera é que o novo galardão seja antes um acicate, um estímulo ambicioso para produzir mais e melhor. É para esta morada e com esta exigência que Vossa Senhoria está sendo convocado.

O Acadêmico

Minhas caras congreiras, meus prezados confrades.

Antônio Ernani Pedroso Calháo é cuiabano, nascido em 8 de novembro de 1953. Seus pais Ernani Calháo e Alice Pedroso Calháo. É graduado em Economia e Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso e mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde está concluindo o Doutorado, e mestre em Direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. É Advogado e professor assistente da Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Professor convidado do Programa de Pós-graduação da Escola de Direito de São Paulo/GV Law no Curso de Gestão Pública Judiciária e, até 2010, foi professor na Universidade

Federal de Mato Grosso. Aposentou-se como analista do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo, tendo recebido a comenda da Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho de São Paulo.

É membro das seguintes instituições culturais: a Academia Paulista de Letras Jurídicas, sendo atualmente seu Vice Presidente; do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Sociedad Hispano Brasileña de Derecho Comparado - Valladolid/São Paulo. Realizou os seguintes Pós-doutorados: em Direito e Democracia e Direitos Humanos, pelo “Ius Gentium Conimbrigae” – Centro de Direitos Humanos da Universidade de Coimbra – Portugal; em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo e em Ciências Jurídico – Políticas pela Universidade de Lisboa. Em 2010 figurou entre os indicados ao Senado Federal para concorrer ao cargo de Conselheiro do Conselho Nacional de Justiça.

No campo jurídico, publicou: em 2007, *O princípio da eficiência na administração da Justiça*, e, em 2010, *Justiça célere e eficiente – uma questão de governança judicial*. Na seara da literatura, o novo acadêmico trouxe a lume, em 2018, o livro de contos *Zunzum do rio*, e acaba de lançar *O elo perdido*, estudo lítero-biográfico sobre Joaquim José Rodrigues Calháo.

Contudo, Ernani não é apenas o estudioso do Direito, e mais recentemente praticante da literatura, mas é de igual modo um agitador cultural que luta há anos, e mais incisivamente desde que ajudou a fundar em 1989 a associação Muxirum Cuiabano, para que sejam resgatadas e valorizadas as raízes das tradições culturais e humanistas da terra que acolheu um Luís Pereira de Melo e Cáceres, o grande estadista do período Colonial, de Ricardo Franco de Almeida Serra, e gerou Antônio João Ribeiro, Joaquim Murтинho, Prudêncio Giraldes Veiga Cabral, Cavalcanti Proença, a que se somam os nomes que anteriormente declinei e de tantos outros significativos no panteão pátrio. Neste sentido, Antônio Ernani, ao lado de alguns de nossos melhores pesquisadores, está empreendendo o valioso projeto de pesquisa denominado ‘Famílias Pioneiras’. Estruturado em três etapas, compreendendo os períodos Colonial (de 1719 a 1822), Monárquico (de 1822 a 1889) e Republicano (1889-1977),

o estudo objetiva mapear o processo migratório com destino a esta Capital procedente das várias regiões do Brasil e mesmo do exterior, e no qual já se acham catalogados cerca de 600 troncos familiares.

Os Ancestrais

O acadêmico Calháo realiza tal mister quase que como uma missão e, sem dúvida, como um tributo a ancestrais seus que aqui lançaram raízes desde meados do século XIX. Pois foi no ano de 1856 que aqui chegou, vindo da Bahia, Joaquim José Rodrigues Calháo. Veio em busca de sua Dulcineia que, contra a própria vontade, fora para cá trazida pelo irmão. Como a distância e os caminhos inóspitos jamais foram obstáculos ao amor verdadeiro, com ela se casaria no ano seguinte. Assim, Calháo e Umbelina Carolina Barreto dariam início a um dos mais tradicionais troncos familiares de Mato Grosso.

É sobre essa história de amor, que em sua origem tudo tinha para não ser conclusiva, que pretendo agora digressar e, ao fazê-lo, estarei falando também sobre figuras marcantes de nossa história política e cultural. Escrevi um pequeno texto que Ernani solicitou e que faz parte de seu mais recente livro.

Rodrigues Calháo é parte de uma geração das mais ativas na vida pública e nas letras mato-grossenses, numa época em que eram inseparáveis uma e outra atividade. Um período que tem ênfase marcante nos meados do século XIX e que vai até pelo menos às primeiras décadas da República, embora seja necessário sublinhar que tal se deve muito à presença, no século anterior, e nunca bastante louvada, de Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres.

Em *A poesia em Mato Grosso* observei que

de meados desse século até às primeiras cinco décadas do século seguinte, vai se assistir a uma efervescência cultural significativa. Será notável a convivência que existirá entre políticos, magistrados, profissionais liberais, e até comerciantes, numa rica e variada atuação

literária e cultural. Nem sempre amistoso e comportado, esse exercício se fazia, pelo comum, através dos jornais e panfletos. [...]. Havia assim, no meu entender, uma troca mútua de interesses entre ambas as esferas de atividade. Desta maneira é que, entre os cultores da literatura, seja da poesia ou da crônica, do jornalismo ou do teatro, veremos muitos políticos e membros da burocracia. [...] embora sem mandatos eletivos ou sem o exercício da magistratura, tiveram também influência política e social notável em sua época [...] entre estes estão, por exemplo, [...], Joaquim J. Rodrigues Calháo.

Quando, nos anos cinquenta daquele século, Rodrigues Calháo chega a Mato Grosso, a Província está sob a presidência de uma das figuras mais relevantes de nossa História e que precisamente reúne aquelas condições acima descritas. Com efeito, Augusto João Manuel Leverger, não era apenas o militar e o administrador reconhecido por Pedro II, como igualmente era o pesquisador, o historiador e cientista que os seus contemporâneos tanto respeitavam. De outra parte, nuvens negras alguns anos depois toldariam o solo pátrio com o desencadear das hostilidades que seriam deflagradas pela nação guarani. O jornalista baiano viveria, portanto, momentos históricos na sua nova terra.

A sua atuação vigorosa na imprensa, tanto quanto a de seu cunhado, o padre Ernesto Camilo Barreto, o tornou simultaneamente vítima e algoz. Com a pena ferina e a eloquência intransigente, ambos atuavam de forma extremamente combativa, desabrida até. Eram tempos aquele de combates ácidos pela imprensa, com a grande profusão de jornais e de folhetos, em que não apenas as ideias eram combatidas, mas os acin-tes se faziam para atingir e denegrir a vida pessoal dos contendores. O verso, a trova, as quadrinhas e, por vezes os sonetos, majoritariamente publicadas em jornais e folhetins, eram o instrumento dessa luta.

Raros foram os que dela não se utilizaram como meio de expressão, dado, sobretudo o prestígio que esse gênero desfrutava. Como bem assinalou Nelson Werneck Sodré, “o esforço criador consumira quase todas as suas possibilidades na poesia. Literatura era poesia. [...] Só

como poeta conseguia alguém realizar-se literariamente [...]. A prosa era plebeia e vulgar”. Muito embora se referisse aos fins do século XVIII no Brasil, tal igualmente se pode dizer em relação a Mato Grosso, pelo menos, até às décadas iniciais do século XIX. Daí que, observando-se por outro ângulo, essa poesia se tornava também uma produção de alcance datado e que, justamente por isso, a produção literária sofria restrições de caráter não propriamente literário, em que adversários tendiam a não reconhecer a validade da produção do outro. Com perfeição assinalou Cruz Costa: “uma zona em que a literatura confina com a política, sem que as separe uma linha muito nítida”. Daí que o “esquecimento” de poetas, entre os quais Rodrigues Calháo, se deve muito mais às circunstâncias históricas locais que propriamente à sua origem geográfica já que Mato Grosso sempre foi uma terra que acolheu migrantes de todas as regiões, inclusive do exterior. O exemplo está em contemporâneos de Calháo como Antônio Cláudio Soído [1822-1891] e Antônio Gonçalves de Carvalho [1844-1901]. Um, capixaba de Vitória, é celebrado como o introdutor do Romantismo em Mato Grosso; o outro, do Rio de Janeiro, poeta lembrado por todas as gerações e inclusive celebrado pelo próprio Calháo. E, mais exemplarmente ainda, está o também baiano e cunhado de Calháo, padre Camilo Barreto que, além de respeitado jornalista foi Deputado Provincial. Nenhum deles sofreu quaisquer restrições ou referências desairosas em razão de suas origens, tanto assim que, pelos anos futuros, tiveram suas produções republicadas em seguidas antologias e, inclusive, sinal máximo de reconhecimento, foram escolhidos Patronos desta Academia. A este respeito é digno de nota que Virgílio Corrêa Filho, no breve ensaio *Bosquejo da evolução literária de Mato Grosso*, por mim republicado há quinze anos, se refere à Carvalho como “forasteiro” sem que nisso exista qualquer conotação de demérito ou de restrição cultural. Isto confirma a observação, que anteriormente fiz, de que o relativo “esquecimento” de Calháo, como de tantos outros, se deveu mais às circunstâncias históricas do combate jornalístico vivido no período do que propriamente pela qualidade intrínseca da sua obra.

O verso como instrumento de luta foi amplamente utilizado por décadas, como anteriormente afirmei. Outro contemporâneo, Antônio Augusto Ramiro de Carvalho, o primeiro poeta nascido em Mato Grosso, disso é exemplo eloquente. “Satírico, mordaz, combativo, destacou-se como atuante propagandista republicano. [...]. De sua verruma não escapa ninguém, nem governo, nem militares, nem padres, nem moçoilas, senhoras e senhoritas da melhor sociedade”, como registrei em *Panorama da Literatura e da Cultura em Mato Grosso*. Assim que, me parece apropriado, com ligeiras diferenças, que com referência a Joaquim Rodrigues Calháo se pode traçar o mesmo retrato que Franklin Cassiano fez de Ramiro de Carvalho: “É a palavra, na rigidez cortante da sua significação, a encarregada de ferir o adversário na sua dignidade atacada”. No entanto, é imperativo dizer, quando Indalécio Proença, o Zé Capilé, faz referência aos “paus rodados” dizendo que “Se a Bahia é boa terra, / Mato Grosso inda é mió”, tal se dá por volta da segunda década do século seguinte quando, de há muito, Calháo já havia desaparecido. No entanto, tal fato mostra, isto sim, aquilo anteriormente dito, ou seja, o prolongamento de um estilo de luta política que contribuiu, a meu ver, entre outras razões, para o desprezo das intrínsecas qualidades literárias das publicações esparsas da época.

O período vivido por Calháo é dos mais ricos em produção poética, sobretudo, fazendo valer aqui o que Nelson Werneck Sodré afirmou em relação ao nacional, ou seja, um período em que o espírito de aventura e de despojamento existencial, característico do Romantismo, se fazia presente com uma intensidade constante, embora de variável qualidade, nos poetas da terra. Amâncio Pulcherio, de pseudônimo Palmiro: “Meu Deus, que gelo, que frieza aquela, / Que indiferença nos olhares seus”; o jovem Almeida Serra: “E vendo-a seminua, adormecida, / cubro-a de um turbilhão de beijos; / morte, morte de amor, melhor que a vida!”; Soído: “Como tem a brasileira, / Lindos olhos matadores, / Negros, lustroso cabelo, / Onde segundo o modelo / De Paris enxerta flores”, para só citar estes. Daí que a poesia de *Harpejos poéticos* está toda ela imantada desse fervor dramático e ao mesmo tempo de alcance sublime

característico, aliás, de seus contemporâneos. Calháo vai nesse mesmo ritmo. Para só ficar em dois exemplos de seu versejar:

A UMA MORENINHA DE OLHOS PRETOS

Teus olhos, lindos, formosos,

Langorosos,

A todos fazem morrer,

São olhinhos buliçosos

Que me fazem endoidecer.

/ - /

Eles são tão feiticeiros,

São morteiros,

Que matam sem isenção,

São dardos mui certos

Que me ferem o coração.

ou nos versos de 'Não quero a vida, quero só morrer':

Depois que a morte reduziu ao nada,

Me roubando aquela por quem quis viver;

O que me importa o mundo com suas galas

Não quero a vida, quero só morrer

/ - /

Para mim o mundo é deserto e mudo,

Ninguém compreende o meu padecer!

Que vale tudo que me cerca hoje?

Não quero a vida, quero o só morrer.

É neste contexto que o jornalista Calháo publicou seus versos. Colhidos apenas nos jornais que foram publicados nos sete anos que vão de 1877 a 1884, *Harpejos poéticos* veio a lume em 1891, seis anos após a sua morte. O livro do professor Ernani tem o mérito de resgatar uma obra que, pelas vicissitudes culturais e políticas da terra, se encontrava

praticamente esquecida, referenciada apenas nos estudos da história literária mato-grossense. Vale dizer que isso não ocorre exclusivamente com a obra de Rodrigues Calháo, já que inúmeros outros autores pioneiros se encontram no esquecimento mais completo. Oxalá tenham a sorte de encontrarem um estudioso como o professor Ernani dispostos a realizarem um empreendimento como a pesquisa que fez seu descendente, nesta noite recebendo o galardão acadêmico.

Mas aqui tomo já a liberdade de lançar um desafio a Ernani. Por que não escrever a biografia de seu ancestral? Ora, a vinda dele para Mato Grosso foi, por si mesma, uma expressão do sentimento lírico e aventureiro que norteava os Românticos. O Romantismo, que nasce logo após a Revolução Francesa em fins do século XVIII, surge como resistência ao classicismo então dominante nas letras e nas artes, mas foi igualmente o raiar do espírito rebelde contra o *status quo* político e econômico e em oposição aos hábitos e costumes vigentes marcados pelo conformismo social. Foi a expressão literária da burguesia em ascensão, que se libertava das amarras políticas, culturais e estilísticas que predominava no *ancien régime*. Mas o campo da presença do espírito romântico foi amplo. Disso dão testemunha as obras e as ações pessoais de figuras capitais como Byron, Musset, Victor Hugo, Goethe, Shelley entre outros. O baiano Joaquim José certamente encarnou esse espírito rebelde desde já o início de sua juventude.

A força de um sentimento tipicamente romântico – o amor por uma jovem, um amor interdito, diga-se – abalou-lhe a alma como um terremoto e Umbelina Carolina Barreto, encarnando esse sentimento, tornou-se a própria razão de sua existência. A donzela, a mesma que lhe inspiraria perto de trinta anos depois os versos sofridos e terríveis: “Não quero a vida, quero só morrer”, transformou seu coração e deu-lhe um novo destino. Aquela aproximação amorosa, todavia, não foi do agrado do rigoroso e severo irmão e tutor da jovem. O padre Ernesto Camilo Barreto, com mãe e irmã partem então para as longínquas paragens do Oeste. Chega a Cuiabá imaginando ter criado um óbice que supunha intransponível para os amados. No entanto, como veria depois, certa-

mente com estupefação, aquele teria sido mero impedimento geográfico. Embora milhares de quilômetros somente vencidos após meses de penosa viagem os separassem, o arrojado Calháo, comprovando o espírito romântico da época, partiu para o destino longínquo e sucesso amoroso incerto. A personalidade exuberante do cura e naturalmente as suas orações demoveriam os sentimentos da irmã? A sua reconhecida eloquência teria força necessária para dissuadir o pretendente? Enfim, seria capaz de impedir aquele relacionamento e, por fim, o enlace? Na longa travessia que empreendeu pelos ínvios sertões de várias Províncias, certamente tais indagações dançavam em passos desequilibrados na cabeça do jovem. Por fim, superando as dificuldades naturais da viagem e a dúvida que lhe inquietava a alma, conquistou o objetivo almejado e comprovou que nenhuma distância, nenhuma vontade contrária, pode derrotar um coração dominado pelo fulgor do amor. Então, na esteira da paixão e do desejo reprimido, o destemido baiano, no alvor dos seus vinte e poucos anos, aqui chegou.

O arrojo dobrou o poder da reconhecida eloquência do padre Barreto? Ou este foi vencido pela força irreversível da paixão que irresistivelmente movia o jovem cavalheiro recém-chegado? A outra hipótese possível é que o irmão da pretendida não mais podia resistir aos “olhos (que) brilhavam, (que) falavam d’amor” que a moça “com as faces coradas de meigo pudor”. lhe dirigiam no apelo fraternal. Quem haverá de saber? O fato é que em 15 de agosto de 1857 as bodas foram realizadas.

Seria interessante poder saber as razões da ojeriza inicial do padre Barreto por aquele ousado jornalista, e, depois, como teria sido a convivência posterior entre os cunhados, e, também, como foi a atuação de Joaquim José como jornalista e militante político? No entanto, não fosse essa ojeriza do futuro cunhado ou, melhor dizendo, não fora a força maior do amor, Mato Grosso não teria tido em sua História literária e política um orador eloquente, de linguagem forte, jornalista de pena áspera que foi Ernesto Camilo Barreto, tanto que na manhã de 26 de maio de 1861 foi preso ao sair da igreja Matriz onde acabara de celebrar a missa e arrastado para a prisão no Rio de

Janeiro, e também de um JJ Calháo, igualmente jornalista combativo, de pena ferina, e poeta bissexto que representa muito bem o período dos anos finais do Romantismo.

Aqui está, pois, a gênese mais longínqua dos Calháo, cujo descendente hoje adentra a esta Academia Mato-grossense de Letras.

Senhor acadêmico

O Patrono e os antecessores

Neste Sodalício, Vossa Excelência irá ocupar uma Cadeira das mais ilustres. O Patrono, Joaquim Duarte Murtinho, foi figura das mais eminentes da política nacional durante a chamada Primeira República. Nasceu em Cuiabá em 1848, foi concluir o secundário no Rio de Janeiro e lá, aos 17 anos, entrou para a então Escola Central, depois denominada Escola Nacional de Engenharia, onde fez o curso de ciências naturais. Quando cursava a terceira série, entusiasmado com as curas proporcionadas pela homeopatia, matriculou-se na Faculdade de Medicina. Entrementes, começou a lecionar na Escola Politécnica onde deu aulas de química orgânica, meteorologia, biologia e zoologia. O advento da República contribuiria para a sua rápida ascensão profissional e política. Em 1890 foi eleito Senador, por Mato Grosso, tendo sido um dos constituintes da primeira Carta republicana, promulgada em 24 de fevereiro de 1891. Médico particular do primeiro presidente da República, o Marechal Deodoro da Fonseca, condição em que exerceu grande influência política. Em novembro de 1896, Manuel Vitorino Pereira, substituindo o Presidente Prudente de Moraes, que se afastara por motivo de doença, convida Murtinho para assumir a pasta de Indústria, Viação e Obras Públicas. No governo Campos Sales, Murtinho foi nomeado Ministro da Fazenda com a difícil missão de organizar as finanças públicas e administrar o desequilíbrio causado pela política econômica implementada por seu antecessor, Rui Barbosa. Joaquim Murtinho seria eleito mais duas vezes Senador. Faleceria em 18 de novembro de 1911, aos 62 anos.

O primeiro ocupante, Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, além de engenheiro civil, foi deputado estadual, tendo sido assistente militar do irmão, Dom Francisco de Aquino, quando este fora Presidente do

Estado. Escreveu em jornais e revistas. O seguinte ocupante foi o cace-reense Oscarino Ramos, Desembargador, que foi também Presidente do Tribunal de Justiça. Por fim, o seu antecessor é figura das mais conhecidas nos meios culturais e educacionais deste Estado. Reitor fundador da Universidade Federal de Mato Grosso, promotor de Justiça, exímio cronista, cultor do idioma, Benedito Pedro Dorileo ganhou destaque, e assim será lembrado, como educador.

Assim, é nesta sequência das mais ilustres, que Vossa Senhoria, senhor acadêmico Ernani Calháo, recebe o manto da responsabilidade e do compromisso para dar prosseguimento às realizações de seus antecessores.

O papel da Academia e do intelectual

Novel acadêmico, sede bem-vindo a esta Casa. Nela temos o respeito ao passado, às nossas tradições, aos mestres avoengos, mas igualmente celebramos o futuro, as gerações vindouras. E, em cada geração, esta instituição pôde enfrentar de frente erguida as vicissitudes do presente. Quis o destino que esta Casa fosse a herança de argamassa, de madeira, de telha e de adobe, mas igualmente que nela e por ela recebêssemos, como herança a ser cultuada, a alma que animou o homem que nela viveu. Temos, pois, um compromisso solene com essa tradição. Uma tradição amalgamada pelo saber e pela ação. Nele se conjugavam o administrador e político que por quatro vezes governou a Província, o estrategista que organizou as fortificações de Melgaço para proteger Cuiabá do possível avanço das tropas de Solano Lopez e o grande estudioso da história e da geografia de Mato Grosso, autor de *Condições Administrativas da Província de Matto-Grosso*, Apresentadas em Relatório de 13 de Janeiro de 1852 ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, do *Dicionário Geográfico de Matto Grosso*, entre mais de três dezenas de estudos. É esta a nossa herança. A herança que devemos honrar. E não existe herança maior que esta, para uma Academia de Letras.

Montesquieu, ainda que adversário do Cardeal de Richelieu, fundador da Academia Francesa, dizia que essa iniciativa era “a porção mais nobre e mais durável de sua glória”, muito embora se saiba que o Ministro

de Luís XIII prestou altos serviços à França. Mas dessa sua obra, que por fim inspirou tantas outras mundo afora, inclusive a Academia Brasileira de Letras, se disse, como ressaltou o Conde de Saint – Aulaire, que

Consagrando um santuário ao pensamento, não teria ao Cardeal passado despercebido que ia abrir um refúgio à independência. Fundando o novo instituto sobre a base da igualdade, abrindo-o ao mérito, sem nenhuma distinção de berço ou de fortuna, aquele absolutista emancipava o espírito. Mas, ao mesmo tempo, o ligava ao interesse público, pela virtude de uma instituição de caráter permanente, que consagrava o respeito do passado e o zelo do futuro.

É este simultâneo respeito ao passado e zelo do futuro que deve nortear as Academias, enquanto que aos seus componentes devem no presente lutar pela emancipação do espírito.

Já me encaminhando para o final, não posso encerrar sem antes tentar uma reflexão sobre o papel do intelectual, sobre o indivíduo de pensamento, neste momento tão crucial da vida de nosso país. Num momento em que forças saídas do subterrâneo querem prevalecer e que se arremetem contra a ciência, contra a cultura, contra a lógica e mesmo contra o bom senso. Elementos que forcejam para que a História dê marcha ré e que se iniciam por canhestras tentativas de demolir os ainda frágeis sustentáculos do edifício da nossa jovem Democracia. Faulkner, o magistral autor de *Enquanto Agonizo*, entre outras tantas obras, escreveu que: “A História é uma roda que gira, e ora tem um dos seus lados mergulhados na sombra, ora na luz. No momento em que vivemos, acha-se ela mergulhada na sombra”. Palavras estas que, muito embora escritas há mais de meio século, são atuais como se acabassem de ser ditas.

Tais forças sombrias, ultramontanas, medievais, quando nesta segunda década do século XXI as supúnhamos superadas, vencidas, derrotadas, vêm à superfície como se vivas fossem a mostrarem o arranhão de suas caras desarvoradas, de suas almas cadavéricas. São em

momentos como estes, terríveis e decisivos para a civilização, que o homem e a mulher que cultivam o conhecimento, que amam o saber, que respeitam a ciência devem estar preparados para o confronto. Um confronto que no decurso da História, desde Galileu, a humanidade de tempos em tempos se vê obrigada a arrostar. Pouco tempo antes de ser preso a mando direto de Hitler o filósofo e pastor luterano Dietrich Bonhoeffer escreveu um texto cortante de extraordinária atualidade:

A estupidez é um inimigo mais perigoso do bem do que a maldade. Contra o mal se pode protestar, é possível expô-lo, pode-se, em caso de necessidade, impedi-lo com o uso da violência. [...]. Contra a estupidez não temos defesa. Nada se consegue com protestos, nem com violência; argumentos não adiantam. [...]. Diferentemente do malvado, o estúpido está completamente satisfeito consigo mesmo; sim, ele até se torna perigoso, pois facilmente se sente provocado e passa à agressão. Por isso, recomenda-se mais cautela em relação ao estúpido do que ao mau. [...]. Para saber como enfrentar a estupidez, teremos de procurar entender a sua natureza. Está provado que a estupidez não é [essencialmente] um defeito intelectual, mas um defeito humano. [...]. Examinando melhor a questão, mostra-se que qualquer demonstração exterior mais forte de poder, seja ele político ou religioso, fere boa parte das pessoas com a estupidez. [...]. O poder de um, precisa da estupidez dos outros.

Esse texto, incorporado com outros escritos na prisão, foi publicado sob o título de *Resistência e Submissão* e são o eloquente testemunho de um homem que levou ao extremo o seu posicionamento ético. Dois anos depois, em 1945, foi assassinado pelos nazistas.

Bonhoeffer, como tantos daqueles que ao longo da História lutaram, e lutam, contra as forças do atraso, encararam o dever ético de fazer ver aos seus leitores, como o disse Jean Paul Sartre: “La fonction de l'écrivain est de faire en sorte que nul ne puisse ignorer le monde et que nul ne s'en puisse dire innocent” – “A função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e ninguém possa considerar-se, nele, inocente”.

A tarefa por certo é árdua e impõe sacrifícios aos espíritos libertos da subserviência, do temor aos poderosos do dinheiro ou da política, do medo de perder as facilidades que o apego às fáceis conveniências proporciona, enfim, da covardia moral. Mas o tempo mostrará, como de fato vem demonstrando ao longo da História, quem afinal sairá vitorioso dessa batalha. Quero fazer minhas as palavras de Willian Faulkner ao receber o Prêmio Nobel:

Acredito que o homem não irá simplesmente resistir: irá triunfar. Ele é imortal, não por ser a única das criaturas com uma voz inexaurível, mas porque tem alma, um espírito capaz de compaixão, sacrifício e resistência. O dever do escritor é escrever sobre essas coisas. É um privilégio seu ajudar o homem a resistir, elevando o seu coração, lembrando-o da coragem e da honra e da esperança e do orgulho e da compaixão e da piedade e do sacrifício que fizeram a glória de seu passado. A voz do poeta não precisa ser apenas um registro do homem, pode ser também um dos alicerces, um dos pilares para ajudá-lo a resistir e a triunfar.

Aqui está, pois, a nossa responsabilidade como escritores, como intelectuais, a de levar ao leitor uma escrita, vinda do texto poético ou da prosa, a um momento de encantamento mas também de reflexão e que por igual seja um estopim de indignação. Indignação contra a injustiça, contra a insensibilidade, contra o autoritarismo, contra a opressão. O protesto de Benedetti ressoa ainda em nosso tempo: “*Cuando me confiscaron la palabra / y me quitaron hasta el horizonte*”, exige-se de todos nós que sejamos críticos e testemunhas de nosso tempo.

É esta a nossa missão e o nosso compromisso.

Sede bem-vindo a esta Academia Mato-grossense de Letras.

**Discurso de posse do acadêmico
ANTÔNIO ERNANI PEDROSO CALHÃO,**

em 31 de agosto de 2021

Que sejam as minhas primeiras palavras as do salmista: “este é o dia em que o Senhor agiu; alegremo-nos e exultemos neste dia”.

Exm^a Sr^a Presidente da Academia Mato-grossense de Letras, acadêmica Sueli Batista dos Santos, na pessoa de quem cumprimento os nobres pares desta Casa de Letras;

Exm^a Sr^a Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, acadêmica Neila Maria de Souza Barreto;

Especial reverência apresento às memórias do Dr. Joaquim Murinho, patrono da Cadeira 26, e do Professor Benedito Pedro Dorileo, seu mais recente ocupante;

Digníssimas autoridades aqui presentes e dignos representantes;

Rendo preito de gratidão aos meus pais Ernani Calháo e Alice Pedroso Calháo pelo dom da vida e por todos os desdobramentos expressos atenciosamente com minha educação. No mesmo diapasão em que reverencio a memória de meus pais, destaco igualmente a minha ancestralidade cuiabana:

Pelo tronco paterno, as Famílias *Barreto* e *Calháo* (Joaquim José e Umbelina Barreto); os *Figueiredo* e os *Paes Falcão das Neves* (José Paes e Maria Magdalena das Virgens de Figueiredo) pioneiros descendentes do bandeirante Fernando Dias Falcão;

Na linhagem materna, as Famílias Soares e Pedroso de Barros, radicados nas Fazendas Limoeiro e Cambaiuval, na Serra Acima, Rios Manso e Cuiabá da Larga, berços das águas do Rio Cuiabá;

À minha querida esposa Silvana, e aos nossos filhos Pedro Henrique, Maria Fernanda e Paulo Octtavio, meu terno agradecimento pelo apoio que a partir de vocês encontro sustento e paz;

À minha neta Heleninha, meu amor incondicional;

Aos meus familiares, colegas professores, alunos e amigos que nos homenageia com a honrada presença, minha gratidão;

Honra-me, sobremaneira, ingressar a esta Academia, entidade com estreito vínculo com a história deste Estado e sua Capital. Academias são instituições voltadas ao conhecimento, congregam intelectuais na persistente construção de bens culturais sob o esteio das letras, elementos basilares da civilização. Dentro deste prisma, a Academia Mato-grossense de Letras se define por dois eixos: a literatura e a cultura mato-grossenses. É o que se vislumbra ser sua missão, segundo o expresso no estatuto da Casa, e de toda produção acadêmica no âmbito da arte, em seu sentido ampliado, em seus 100 anos de existência.

Ao voltar os meus olhos para a arte, é nítida a sua definição como manifestação do espírito em torno de uma realidade na qual esteja inserida. Portanto não se trata de pura abstração deslocada de um contexto, sob pena de não a compreender. O real ou a realidade sobre a qual pensamos e investimos, sob a égide de um longo período de pesquisas, é o processo histórico da formação da identidade mato-grossense.

Muitas são as razões. Serei direto ao ponto que me impulsiona a atuar nesse campo da cultura. Há pouco ouvimos o acadêmico Sebastião Carlos em seu belo discurso de saudação, mencionar o Muxirum Cuiabano, movimento que nasceu há mais de três décadas, rente às aspirações da sociedade cuiabana. O alvo visado pelo Muxirum, em seu nascedouro, era o da resistência ao apagamento, ou silenciamento da

gênese identitária cuiabana, com projeções no espaço mato-grossense. Não foi em vão. No decurso do tempo constata-se profundo alinhamento das tradições cuiabanas, com a memória coletiva nas esferas públicas e privadas. Da anterior visão pejorativa das manifestações populares deu-se um salto para qualificá-la como marca de sua nascente, enquanto símbolo ou signo de sua verdadeira história.

A questão essencial que levantamos à época situava-se em alicerçar e expandir o sentido dessa memória, à existência coletiva e aos destinos individuais. É a memória que nos qualifica enquanto identidade individualizada de raiz histórica sem, contudo, nos perdermos em saudosismos, isto porque, o tempo, no seu curso, é dinâmico. Funciona como o tique-taque do relógio, onde os instantes vão se transformando em passado, em memória, em registro. Sempre que a evocamos, a memória se faz presente, mas intocável como um sonho a inspirar as novas trajetórias da sociedade.

Desenvolvendo um raciocínio *a contrario sensu*, a falta da memória nos levaria à amnésia social, pela via do apagamento ou do esquecimento, como se todo esse percurso histórico tivesse sido construído sobre a areia. Correndo todos os riscos da comparação, recorro ao sul mato-grossense após a divisão do Estado de Mato Grosso. Ou adota-se a história originária, apesar dos estigmas, ou seremos quem? Eis-nos diante de um dilema que não é novo na humanidade. Quem somos e para onde vamos?

Destaco, a partir do tema identitário, minha profissão de fé ao integrar esta Casa. Quer do ponto de vista da memória coletiva, ou da memória individual, é a identidade que nos caracteriza a partir do espaço geopolítico onde estamos inseridos. Há uma materialidade expressa em nossas movimentações urbanas e rurais. Diz Maurice Halbwachs, que o espaço pode também figurar em nossas impressões, em nosso espírito, tornando possível retomar o passado contido em nossa imaginação, enquanto uma lembrança.

A imaginação e as lembranças remontam ao processo de enraizamento – criação de raízes, porque não somos nômades – uma importante

necessidade e, talvez, mais desconhecida da alma humana. O enraizamento é multifacetado. Na leitura de Simone Weil, o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade, que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.

Esses tesouros e pressentimentos devem ser analisados da perspectiva do espaço cuiabano. Em sua trajetória tricentenária, Cuiabá teve um percurso histórico marcado por diferentes etapas de sua estrutura de poder político. Vindo da Colônia, após passar pelo Império, chega à República enfrentando todas as dificuldades em razão de sua localização no extremo oeste brasileiro. A formação social do povo mato-grossense, indiscutivelmente, é marcada pelas correntes migratórias. Seu enraizamento foi e continua sendo dinâmico por ondas de migração, com diferentes sínteses no curso do tempo.

Ao voltarmos ao passado, encontraremos um variado conjunto de assuntos ligados à própria manutenção das fronteiras brasileira e mato-grossense, e à descoberta do ouro. São aspectos decisivos na definição da história local, sua tradição e cultura. Em uma região habitada originariamente por povos indígenas, a migração é um traço da mestiçagem biológica, com fenótipos dos cruzamentos genéticos, e cultural, pela mistura de hábitos e crenças.

A questão econômica, a seu turno, sempre foi o mote para a migração que inicia com as monções. A economia, aliás, é um motor que move os povos na busca de melhores oportunidades de vida. Ligam-se a este processo migratório, as balizas da fixação de múltiplas culturas carregadas por aqueles que se movimentam sobre um determinado território.

Todo esse arcabouço cobre o intrincado processo de formação da identidade cuiabana e mato-grossense. A identidade, enquanto tal, é relacional. Para que exista há necessidade de algo fora dela: uma outra identidade a se relacionar pela diferença. A presença, por exemplo, de portugueses, espanhóis e africanos, estes últimos como mão-de-obra escrava, são elementos diferenciadores que irão se miscigenar com a população indígena. A marca simbólica desse diferencial se apresenta

com o *ethos* motivador da colonização, traduzida na mestiçagem que se formou a partir do século XVIII.

Desse ponto de partida vislumbra-se a formação étnica mato-grossense definindo um *lugar de memória*. O *lugar de memória*, na concepção do autor Nora é produto do nascer, viver e sentir. Necessita, nesta perspectiva, de um lugar, de um arquivo para ser preservado e rememorado sem, contudo, identificar-se com a arquivística. A memória está ligada à existência, ao viver e ao existir e ligada ao futuro. Ainda fundamentando com Pierre Nora, a formação do *lugar de memória* comporta tríplice dimensão: *material*, porque tem um conteúdo demográfico; *funcional* porque garante a cristalização das lembranças e sua transmissão; e *simbólica*, porque caracteriza um acontecimento ou uma experiência vivida pelos pioneiros.

Projetando para o espaço regional mato-grossense, o dado *material* ou *demográfico* está expresso no homem mestiço que se forma; o funcional nos remete à experiência da ocupação territorial com diferentes modos de organização social e política registrados pela história; o *simbólico* é o sentido projetado do passado para o presente, com práticas herdadas e cristalizadas nos costumes. Aliás, a riqueza cultural cuiabana tem o signo da hospitalidade, costume esse que se apresenta na sua culinária, em seu teatro, em suas danças, como o siriri, o cururu e o rasqueado. O bem receber é uma marca simbólica do povo cuiabano. O dito popular – *pode entrar que a casa é sua* – bem simboliza o caráter hospitaleiro e aberto para aqueles que chegam e vivem em seu espaço. Essa é a bússola. É a raiz. É o ventre. É o prumo. É a referência. Faz-se necessário olhar para frente. A compreensão do fenômeno tecnológico da presentificação nos remete estar na ubiquidade através das redes intercomunicacionais. Com as redes intercomunicacionais sobrevieram a transnacionalização e da desterritorialização, que não abdica da realocação parcial da velha e nova produção simbólica.

Da migração unidirecional (centro/periferia) do passado ficou o aprendizado. As migrações continuam com grande intensidade diante do globalismo mundial com um dado novo: elas são multidirecionais.

Perdeu significado a polarização endógeno *versus* exógeno porque a multidirecionalidade é um dado, factuale concreto. O estágio da cultura é o do hibridismo. As estéticas são móveis: viver o cosmopolitismo sugere as múltiplas possibilidades de um caleidoscópio que combina, entre outras, ou fugir das megalópoles, ou regressar à natureza ou combiná-las.

A hibridização cultural funda a interculturalidade, mas seu repertório não dispensa as marcas de origem, da casa materna, da ágora grega com seu gineceu e androceu, a *célula matter* identitária. Em tudo na vida há paradigmas ou referências que não estão sujeitas à volatilidade, sob pena de não se estabelecer uma premissa estruturante. A raiz cuiabana é a referência. É o meu pensamento enquanto um contributo para a nossa história.

Dois Registros

Antes de proferir a saudação ao Patrono da Cadeira 26 e seu antecessor, Professor Benedito Pedro Dorileo, farei dois breves registros de gratidão. O primeiro à Presidente desta Casa e o segundo ao acadêmico que nos recepcionou. Ambos, por excesso de generosidade e fidalguia, falaram com a alma para este novel acadêmico.

Acadêmica Sueli Batista dos Santos – A par de seus atributos intelectuais e morais, enalteço-a pela gestão empreendedora de sua administração. Ainda como aspirante à condição de membro que, hoje passarei a ocupar, acompanhei suas realizações com admiração. Período atípico na vida social, marcada pela pandemia, esta não lhe foi óbice para realizações artístico-culturais e grande dedicação aos trabalhos internos. O desafio imposto fora vencido com a maestria pelo que lhe rendemos esta modesta homenagem.

Acadêmico Sebastião Carlos Gomes de Carvalho – Há momentos em nossa vida que faltam palavras para externar os sentimentos. Ao ouvir a saudação do eminente acadêmico Sebastião Carlos, colo-me a refletir sobre a grandiosidade de sua alma. Enfatizo, neste momento, seu sentido

de fraternidade, de acolhimento, do sentimento de benquerença que a mim dispensa. Falar de seus méritos intelectuais e acadêmicos, pela sua extensão e grandiosidade, seria impossível neste momento. Integrante desta Academia desde 1985, entre inúmeras outras instituições, valendo citar, ilustrativamente, o Instituto dos Advogados do Brasil e a Academia Paulista de Letras Jurídicas, na condição de membro correspondente. Tribuno como poucos. Poeta e escritor de escol, dotado de inteligência ímpar. Autor de títulos em Direito, História, Literatura, Ecologia, além de farta produção poética. Homem de grande coração, digno, lhanho no trato e virtuoso na pena. Tem na história desta Casa um legado que a eleva entre as instituições de renome. Sebastião Carlos, sou grato pelas palavras de acolhimento ditas, ao meu sentir, mais pela generosidade do que pelo mérito do recipiendário.

O Patrono da Cadeira 26

Cuiabano ilustre, Joaquim Duarte Murтинho era o terceiro filho de Rosa e José Antônio Murтинho, baiano de nascimento que imigrou para Cuiabá em 1839, como tenente cirurgião dos Hospitais Regimentais da Província. Joaquim Murтинho, como era comumente conhecido, tem uma larga folha de serviços prestados ao Brasil que se destacou por sua atuação proba, com aprofundados conhecimentos técnicos e científicos que lhe projetaram como um Homem de Estado. Corrêa Filho, em sua monografia, denomina Murтинho de “O Predestinado”, dados seus méritos no exercício de inúmeras funções que exercera.

Aliou o magistério à medicina baseada no mestre alemão Samuel Hahnemann, considerado o pai da medicina homeopática. Murтинho tornara-se um intelectual de escol passando a produzir inúmeros textos científicos em defesa dessa nova abordagem médica. Em síntese, a base da medicina homeopática estava fundada no princípio de que cada remédio provocava uma doença similar àquele para a qual era, ordinariamente, receitado.

Além da medicina, bacharelou-se em engenharia. Aprendeu e ensi-

nou álgebra, geometria, cálculo diferencial e integral, física experimental e meteorologia, mecânica racional e aplicada, química inorgânica e noção de mineralogia, botânica e zoologia, além de desenho. Notabilizou-se como professor aliando o ensino às experiências empíricas.

Como político Murtinho era um homem de concepções liberais, abolicionista e defensor da república. Elege-se Senador em 1890 para representar seu Estado natal no Senado Federal e participa da Assembleia Constituinte que resultou na primeira Constituição Republicana, data de 24 de fevereiro de 1891. Foi Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, e Ministro da Fazenda no Governo Campos Sales. O grande destaque do trabalho de Joaquim Murtinho foi o de reorganizar as finanças do Brasil, em um momento de grave crise econômica e financeira do Brasil.

Murtinho faleceu no Rio de Janeiro, no dia 18 de novembro de 1911. Em sua produção bibliográfica destacam-se o *Relatório do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas* (1897) e os *Relatórios do Ministério da Fazenda* (1899, 1890 e 1891).

Histórico dos Ocupantes da Cadeira 26

A Cadeira 26, em seu percurso histórico, foi inicialmente ocupada por Joaquim Gaudie Ley de Aquino Corrêa. Sucedeu-o o Desembargador Oscarino Ramos, jurista e integrante do Ministério Público e, posteriormente, da magistratura mato-grossense. O último ocupante foi o Professor Benedito Pedro Dorileo.

O Último Ocupante

Passamos, neste ponto, a saudar o ilustre e saudoso Prof. Benedito Pedro Dorileo, a quem por uma especial deferência desta Academia, passei a sucedê-lo, na Cadeira 26. Sua biografia é vasta. Seus feitos profissionais e afetivos apontam para um ser humano de inteligência múltipla. O acadêmico que me saudou, Sebastião Carlos, ressalta a sua finura de

trato, a gentileza e a cordialidade como traços de sua personalidade. Um homem que se distinguiu, em seu relacionamento interpessoal, por atitudes cavalheirescas, fala fluída permeada de humor, permeada por uma fina ironia e boa conversa. Amante de sua terra natal.

Eis aqui uma vertente da personalidade do Prof. Dorileo que gostaria de destacar: seu amor incondicional a Cuiabá, sua terra natal, marcada pela difícil, hostil e desafiadora sobrevivência nos trópicos, nos séculos anteriores. De forma direta colhemos de sua crônica, *Do degredo à procura*, uma passagem sobre a designação de servidores para atuar em Cuiabá. Era vista por estes, inicialmente, como um corretivo ou irrogação de disciplina.

O viajante *Von den Steinen*, em sua obra, reforça esse sentimento, afirmando que “não é de se admirar que as más línguas, não se tratando dos cargos mais elevados, chamem exílio a designação de um oficial ou funcionário para Mato Grosso”. Contudo, esses servidores, com o passar do tempo decidiam por ficar em Cuiabá dada a hospitalidade do povo. Explica o Prof. Dorileo que a imagem de Mato Grosso era a do território selvático e inóspito, dominado pelo indígena, pelas doenças tropicais, pela terra improdutiva e pela completa falta de comunicação.

Essa visão fora construída no período de dominação lusitana da colônia, desrespeitando a população autóctone, legítima dona do território. Tempos tristes e tristes trópicos, no dizer do antropólogo Lévi-Strauss, em seu estudo sobre a vulnerabilidade das populações indígenas. De um contingente que contava milhares, os grupos indígenas estavam reduzidos a algumas dezenas, desolados pela fome, doenças levadas pelos brancos, pela destruição de seu modo e vida e, cada vez mais, ameaçados pela modernidade e interesses econômicos sob o disfarce de progresso. É este o contexto no qual o Professor Dorileo levanta a sua voz para defender seu torrão. As populações indígenas são legitimamente os donos da terra. Aqui está uma face do processo de formação da raiz cuiabana que não pode e não deve ser transigida. Do ponto de vista sociológico nossa raiz é produto de intenso movimento migratório, da colônia aos tempos atuais. Equivocam-se aqueles que se afastam desse

dato histórico-cultural para sustentar nossa raiz em um branqueamento racial, como se os donos da terra, elas, as populações indígenas não fossem a condição ôntica da nossa raiz e verdade mais essencial. Por isso, encontramos nos discursos do Professor Dorileo evocações de grande peso, quando afirmou ao tomar posse, em Brasília, no cargo de reitor da UFMT: “Venho de Mato Grosso, território *“pater”*, para em um reforço retórico afirmar a bravura daqueles que, nos rudes cascalhos da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá, conheciam o Mato Grosso amazônico, definido no paralelo 18.

Decorridos os anos, Cuiabá transformou o degredo em fonte de procura por sucessivas ondas migratórias nos idos anos 70 do século XX. Em seu texto, datado de 8 de abril de 2014, o Professor Dorileo afirma o lado positivo das miscigenações a partir do marco da implantação da Universidade Federal de Mato Grosso. Ao proscrever a xenofobia mostra a importância de um novo pacto político na governança Estadual onde se mesclam o mato-grossense e o cuiabano autóctone, enquanto um sinal do tempo histórico da pátria cuiabana de Rondon.

Além do amor incondicional à Cuiabá, o Professor Dorileo se destacou por sua inteligência cintilante capaz de aliar o pensamento crítico, o talento, a criatividade e prodigiosidade nas suas atividades de gestor público. Implantou e dirigiu a Universidade Federal de Mato Grosso a partir de circunstâncias que exigiram, como afirma – “pensar caminhando. É, creio que foi isto. Pensei e escrevi em movimento, escrevi minha própria letra”.

Essa fase inicial da Universidade, por ele denominado de “fazejamento”, veio com a exata dimensão do seu papel no contexto delimitado pelo cerrado e o pantanal, sem importação de modelos. Afirma, com razão que “a universidade não pode procurar fora de si o conhecimento científico acabado”; há de ser vista com a dinâmica processual de sua realidade. Por isso centrar os esforços na integração séria e corajosa, no processo de promoção do homem amazônico, com desvinculação de estereótipos.

Profetizou a Uni-Selva para o Brasil, em busca da essencialidade

amazônica. Para além de uma Amazônia geográfica haveria de se considerar a Amazônia legal, formada pelos Estados do Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso, parte de Goiás, acima do paralelo 13°, e parte do Estado do Maranhão e Territórios à época existentes. Essa macrovisão, cuidadosamente urdida a partir da geopolítica de Rolim de Moura, foi o mote para a formatação da Uni-Selva baseada na ciência amazônica, levando em conta a complexidade dos seus ecossistemas, forte na integração estratégica, mediante ação concertada, com outras instituições regionais.

Escrevendo a sua própria letra, o Professor Dorileo, antes de exercer a Reitoria foi professor por mais de vinte e seis anos, onde diz ter encontrado nos pátios dos colégios, a sua vocação inspirada pela alegria da juventude; amadureceu sonhos no Instituto de Ciências e Letras, local de gestação das aspirações por uma universidade mato-grossense. Em 1970 vê chegar a concretização de seu sonho, “pisando os cascalhos de Coxipó da Ponte, lembrando do passado de esquecimento do Centro-Oeste brasileiro, vingando dele com muito trabalho, poucas horas de descanso para pensar”.

Do seu pensamento crítico ressaí a maturidade científica sobre a base estrutural da universidade, que se preparava para o novo século. “A universidade é a casa onde as gerações se renovam, onde as idades e ideias se entrecrocaram no mais sadio confronto”. Afirma sua fé nesse “confronto-encontro” dando ênfase na ação da juventude de ontem que somos nós, e de hoje que são estes. Sintetiza com a ideia de “tempo-virtude” a capacidade de resistir, de disputar e de renovar. Falando como um mestre vocacionado, que compreende a sua missão de formar e transformar os seres humanos, professa seu credo na educação, sem perder de vista a perspectiva social das carências existenciais de muitos estudantes.

Percebe a armadilha da “pobreza que gera a pobreza, do analfabeto que gera o analfabeto” como um enigma de desventura. Ah! ... O Magnífico Cícero Cuiabano, tomando por empréstimo a expressão do acadêmico Ubiratã Alves, não se tombaria, ou se acovardaria ou seria

omisso diante daqueles muitos desvalidos. Como um oráculo que desvenda enigmas, aquele menino de calças curtas da Rua Nova, que ouvira o ruído das carroças trepidantes, que entoava o *Tantun Ergo* no seminário, sabia da importância do livro no processo de libertação pelas letras. Lá, bem distante no passado de sua adolescência, com luz elétrica ou luz de lamparina, alfabetizava crianças e adultos. Eis o mestre forjado nas entranhas do ventre dos cascalhos e tortuosas lixeiras da Vila do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, dotado de uma inteligência multifacetada, cerne e razão ôntica do homem cuiabano, na sua essencialidade.

O Professor Dorileo trazia na sua gênese a história da resistência cuiabana à invasão paraguaia, do sofrimento pelo isolamento e o convívio com doenças tropicais. Euclides da Cunha, em sua celebrada obra “Os Sertões” afirmou que o sertanejo é antes de tudo um forte. Por analogia e contextualizando aos desafios do cerrado mato-grossense, pode-se dizer o mesmo. O cuiabano é “*antes de tudo*” e, “*depois de tudo*”, um ser forjado na experiência socioamazônica. “Antes de tudo” porque sentimos as dores da solidão pelo isolamento, o enfrentamento das doenças tropicais e a luta contra a miséria. Por isso afirmar o Professor Dorileo, em sua obra Folhas Evocativas, que com a têmpera de Rondon aprendemos a abrir picadas, a conviver com nossos irmãos índios, a morrer sem abandonar a terra, a estender os meios de comunicação, a organizar uma civilização, a guarnecer fronteiras e a fortalecer o espírito de brasilidade. “Depois de tudo” haveríamos de resistir ao torpedeamento das nossas raízes culturais pelo intenso processo de transformações vivenciadas pela cidade de Cuiabá. Resistência muito bem definida pelo poeta e acadêmico Silva Freire contra o silenciamento, o apagamento do processo cultural cuiabano. Freire, ao cunhar a expressão “cuiabania” deu-lhe a conotação de um grito de guerra, um instinto de autodefesa cultural, diante da cisão do cordão umbilical da raça mato-grossense em seu espaço.

Não podemos perder de vista essa dicotomia, produto do tempo cronológico e de profundas transformações. O olhar prospectivo não comunga com o fechamento da cultura diante das mutações permanentes

do cronos. Cultura é sempre um processo permanente de fusões com trocas que a enriquecem, máxime a considerar a historicidade mato-grossense e seus ciclos migratórios. De outra via, a identidade essencial não pode ser vergastada por pensamentos alienígenas tendentes ao sufocamento, ao apagamento das raízes étnico-culturais.

Não houve e não há nenhum ressentimento ou diferenciação marcada pela origem. Nesse sentido as expressões “forasteiros” ou “paus-rodados” devem ser extirpadas de alguns textos. O maior exemplo de abertura cultural cuiabana é o seu traço hospitaleiro. Etimologicamente a hospitalidade é da boa acolhida, da gentileza em relação a pessoas provenientes de outro lugar. Não é nova a ideia de uma hospitalidade universal de matriz kantiana, da cultura da paz, do direito de estar em qualquer lugar da terra sem ser considerado inimigo.

Aprendemos nesse processo histórico a absorver correntes migratórias, as mesmas tais nossos ancestrais, a sintetizar neos-mato-grossenses e neos-cuiabanos. Aos poucos os novos já se enraizavam e novas e sucessivas sínteses foram se consolidando no tempo, com um dado novo, o da bravura dos homens que nos antecederam na história.

O Professor Benedito Pedro Dorileo foi um deles. Em sua vida privada, Nhozinho construir um lar sólido. Casou-se com D. Garcia, filha do saudoso Tóte Garcia, numa convivência de mais de 70 anos entre as fases de namoro e casamento até sua partida. Educou seus filhos pautando-se pela ética, respeito e honestidade. Honorabilidade é seu nome, Professor Benedito Pedro Dorileo. Honrou a família. Honrou esta Casa, como honrou Cuiabá, e honrou o Brasil. Sucedê-lo, uma aspiração; imitá-lo, talvez; honrar sua memória, sempre.

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DA ACADÊMICA NEILA MARIA SOUZA BARRETO

Abertura da Sessão Solene de Posse da acadêmica NEILA MARIA SOUZA BARRETO, pela presidente Sueli Batista dos Santos, em 29 de novembro de 2019

Ocupar uma cadeira na Academia Mato-grossense de Letras é ter a oportunidade de cultivar a língua, a literatura, seus personagens. É principiar num grande aprendizado, bebendo das memórias de muitos que estiveram e estão hoje lá.

Neila Maria Souza Barreto, nas suas primeiras palavras, após ser eleita para ocupar a Cadeira 19 da Academia Mato-grossense de Letras, demonstrou respeito por seus ocupantes e também pela pluralidade das letras. Como jornalista, em livre expressão, viu-se testemunhando um fato inserido na sua própria linha do tempo. Como historiadora, de forma pragmática ofereceu elementos do seu passado para dar maior sentido a razão de ser a escolhida.

Anovel acadêmica tem dois ofícios, que se abraçam, e compartilham traços em comum. Embora um seja mais ligado ao passado, e o outro ao presente, há uma interdisciplinaridade nas suas relações próximas, que levando em consideração o meu ponto de vista, vão além das confrontações, alicerçando-se através das narrativas e dos discursos inseridos em vários contextos, e textos, dando sentido ao que o tempo nem sempre cristaliza na memória. Não é o objetivo da minha fala, nesta noite, dicotomizar sobre categorias sociais, não homogêneas, ou discursar sobre as

mencionadas profissões, lançando um olhar comparativo sobre o fazer jornalístico e o ofício de mestre em história.

Distante das metáforas, utilizei-me das mencionadas profissões para dizer que a Academia Mato-grossense de Letras recebe uma profissional plural que, estou certa, será grande parceira para a difusão de nossas ações e preservação da nossa memória. Acredito que Neila, a jornalista, se moverá em um espaço de múltiplas possibilidades de notícias, e que a Neila, a historiadora, lançará seu olhar cuidadoso sobre o que tem sentido em nosso tempo, reeducando para a percepção do que é relevante para estudos futuros.

Tribunais além das contas, histórias que se contam, em 50 e mais 10 anos; Água de beber, bicas, fontes e chafarizes – Caixa d'Água Velha; Memórias e museus, sim a água tem memorial, fez uma viagem através da sua torneira e através do tempo passou em conta gotas; vidas e trajetórias da mulher política, *Sarita; Famílias pioneiras*, as deles, as delas, as suas e também a minha. *Gente que fez, Gente que faz Cuiabá*, vidas além de um almanaque.

Neila Maria Souza Barreto chega na Academia Mato-grossense de Letras com significativa produção editorial, educação superior, *expertise* profissional, determinação, competência e motivação. Do que é dito sobre a profissional, destaca-se que ela é incansável no

desenvolvimento de projetos de identificação e valorização de bens culturais; registro e organização de memórias; e pesquisa e construção história de pessoas, empresas e instituições. Os seus trabalhos refletem o compromisso com o rigor metodológico, a diversidade cultural e a multiplicidade de passados.

Penso que os progênes da Cadeira 19 estejam em festa por esta posse, que completa as 40 cadeiras deste sodalício. Sinto que José Barnabé de Mesquita, o primeiro ocupante da referida cátedra, que foi um dos fundadores e presidiu por 40 anos a AML e Vera Iolanda Randazzo, a última ocupante, trouxeram para esta noite suas luzes através do brilho nos olhos de seus familiares.

Muito emocionada e também com brilho nos olhos vejo Neila, a mãe das três Marias: Carolina, Claudia e Rita. Vejo Neila, a esposa que orgulha Luiz Ernesto. Vejo Neila sentada num espaço ilustre, deixando sua simplicidade falar através da linguagem não verbal. A emoção hoje traduz literalmente o que também vem do meu coração, e ele pulsa cheio de afeto e gratidão, porque a novel acadêmica foi minha aluna. Nos meus primeiros anos como docente, na área de jornalismo, tive o prazer de tê-la na primeira turma de uma das faculdades que eu lecionava, o IVE. E de lá se foram mais de duas décadas, e até hoje me encho de orgulho ao ouvir uma mulher sábia, tanto no aprender, quanto no ensinar, chamar-me, com todo respeito e carinho, de professora. Há lições que não se apagam em nossas vidas, são indelévels.

Hoje temos uma notícia com *lead* completo: Quem: Neila Maria Souza Barreto; O quê? Toma posse na Cadeira 19, da Academia Mato-grossense de Letras; Onde? Casa Barão de Melgaço; Quando: noite de 19 de novembro; Como: ocupando um nobre lugar; Por quê? Conquistou o título da imortalidade... Amanhã, entretanto, a manchete estará velha e tudo será história, com um novo ponto final e o início de outro capítulo, o qual terá novas mentes e novas mãos para ajudar a escrevê-lo.

Bem-vinda, Neila Maria Souza Barreto. A Academia Mato-grossense de Letras recebe-a de braços abertos e conta com o seu abraço.

Discurso de recepção a NEILA MARIA SOUZA BARRETO, por Odoni Gröhs, em 29 de novembro de 2019

Saudação às autoridades

“Quando o tempo de indómita fereza
tingir de neve os meus cabelos feitos
Lembrando esse momento com certeza
meu coração irá pulsar no peito!”

Com profunda reverência, possuído da mais intensa emoção, vinte anos após a minha ascensão nesta Casa Barão de Melgaço, propugnáculo do saber, quando fui acolhido pelo eminente acadêmico Carlos Gomes de Carvalho, venho à tribuna deste tugúrio histórico – Catedral das Letras – para acolher a novel acadêmica Neila Maria Souza Barreto. Incomensurável é o meu júbilo e responsabilidade em recepcioná-la para assumir neste sodalício a cátedra antes ocupada pela saudosa confreira Vera Iolanda Randazzo.

Como sintetizar o currículo hermenêutico da neófito acadêmica Neila Maria diante da grandiosidade da sua diligência cultural?

Professora, graduada em jornalismo, pesquisadora, escritora, Mestre em História, Neila Maria nasceu em 21 de janeiro de 1955. Natural de Rosário Oeste, terra da paz e da esperança, filha de Alayde Francisca de Souza e de Hélio da Silva Rondon. Aos sete anos de idade passou a residir definitivamente em Cuiabá, tornando-se cidadã cuiabana, título outorgado pela Câmara Municipal. Fez os estudos primários na Escola Modelo Barão de Melgaço, atual Palácio da Instrução. O ginásio e o científico foram concluídos no hoje Liceu Maria de Arruda Müller. É casada há 43 anos com o economista e funcionário público Luiz Ernesto da Silva Barreto e este amor de compromissos e certezas se perpetua em três amorosas filhas: Maria Carolina (arquiteta), Maria Cláudia (médica

veterinária) e Maria Rita (fisioterapeuta) e das graciosas netas Malu, Maria Júlia e Bento José.

Neila Maria Souza Barreto uma faina intelectual de numerosas publicações como *Água de beber; 90 anos de Maria Correa Costa; Cinquenta anos do Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso; Sarita Baracat de Arruda: vida e trajetória política*, uma biografia exemplar com iconografia exuberante e valiosa; *Bicas, fontes e chafarizes; Senai – 40 anos de sucesso; Gente que fez, gente que faz: um inventário de famílias pioneiras cuiabanas*, um trabalho memorável e disciplinado de pesquisa que por si só mereceria o reconhecimento do Instituto Genealógico Brasileiro.

A empossanda escreveu vários capítulos de livros, destacando-se *Sonhos e pesadelos; Mulheres e famílias do Brasil*. Colaborou com inúmeros textos em jornais de notícias e revistas sob título *As flores de Adriana; Uma árvore que deu flores; Educação pela água; Ranulfo Paes de Barros e o Museu do Futebol e Dr. Paraná: Mato Grosso perde um homem e a história ganha uma memória*. Participou, ainda, de inúmeras anamneses memoriais e museu e criou o *Memorial da Água*. Atualmente, pesquisa a *Genealogia do Pe. Ernesto Camilo Barreto*, labora o *Catálogo das famílias pioneiras de Cuiabá* e a revista literária *Almanaque – da cultura popular de Cuiabá*. Foi eleita em 2017 para o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, que neste ano comemorou em 8 de abril o seu centenário de fundação.

A acadêmica tem uma produção literária fecunda, consubstanciada na elegância e no donaire vernacular excepcional, próprio dos literatos que habitam a alegria das palavras.

Embarcando na voragem do tempo com Neila Maria Barreto, es-cultora modelar no lapidar cotidiano da vida, exercendo a fidalguia e bem-estar em viagens de artesanaria literária, conviveremos – como peregrinos – *cultores e estudiosos da beleza*, jamais em tempo algum imersos na solidão e na vaidade da submissão narcisista, *semper fidelis e ad eternum*, fugindo da algaravia das vaidades. Quem ascende a esta tribuna recebe o batismo da imortalidade acadêmica e dela desce unguído com a sagração do dito desvanecedor. A Academia deve ser o convívio

do diálogo, sem fruição, mas antes uma pós-graduação no ecumenismo literário e social.

Machado de Assis, primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, proclamou: “Essa é a glória que fica, eleva, honra e consola”. Aqui, irmanados, somos todos paradigmas e, no mais alto patamar, guardiões da ética, da cultura e da educação estadual.

O escritor e poeta argentino Jorge Luís Borges, no tempo pretérito, afirmou em letras sublinhadas: “sempre imaginei que o paraíso fosse uma espécie de biblioteca”. E o escritor Monteiro Lobato predizia: “ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar”. O livro fala e a alma responde. Os livros não mudam o mundo... os livros mudam as pessoas e as pessoas mudam o mundo. Porém, curiosamente anunciam o fim dos livros... Desenlace indesejável. Os livros até podem fenecer e o que não vai findar é a literatura.

Em minha biblioteca – farmácia literária – (terapêutica para os meus devaneios) aposto na locução: O dia em que jogarmos todos os remédios ao mar será melhor para a humanidade e pior para os peixes. O dia que universo tiver mais bibliotecas do que farmácias o mundo será mais salutar. Estão longínquos os dias em que Antonio Vieira, pregador missionário instava que as mulheres deviam sair de casa em apenas três ocasiões: para o batismo, o casamento e o próprio funeral... Não obstante, no mundo atual estamos cada dia mais dependentes dos avassaladores avanços cibernéticos, convivendo com engenharia genética, biologia molecular, inteligência eletrônica a tornar os humanos não mais indivíduos, mas “indi vídeos” e o lar uma família eletrônica expandida.

Hoje celulares, Instagram, Facebook, redes sociais invadem a nossa privacidade e passam a ser as novas drogas lícitas do convívio familiar. Gestando um universo conturbado, insurgente em um confusionismo ainda maior – em que por certo, o visionário pregador Mahatma Gandhi não passaria de uma grande voz que falaria ao deserto. Entretanto a janela não tem culpa da paisagem.

Senhoras e senhores
Estimada acadêmica Neila Maria

Estão longevos os tempos em que o homem (mais que metafórico um ser metonímico) saiu para fazer o seu labor econômico direto e avançou para o futuro enquanto a mulher foi deixada no tempo pretérito. Com ufanismo imensurável e gratificante, este momento é de celebração e por ele proclamar alvíssaras. Neste silogeu histórico, próximo de completar um centenário, já tomaram assento no curul acadêmico 188 membros dos quais apenas no total 16 são notáveis mulheres, a desprezar todas as teorias misógenas que alcançam este inédito e expressivo número de egrégias acadêmicas.

E neste ápice numeral desfrutamos hoje, nesta calorosa Cuiabá do tricentenário, generosa e hospitaleira, um evento superlativo com a posse da historiadora Neila Maria Souza Barreto e alcançamos o feito exultante, extraordinário e inédito número de congreiras engalanando este azo histórico em nosso convívio cultural no rito dos vocábulos. Este sodalício mais augusto da cultura estadual é também, um dos pioneiros no Brasil a ter admitido uma mulher em seu quadro. Em julho de 1921, a professora Ana Luiza da Silva Prado ocupou a Cadeira 6 e a congreira Nilza Queirós Freire – aqui presente – foi após 87 anos de fundação, a primeira mulher a ocupar por dois mandatos a presidência desta Casa.

Neste venerável templo da sapiência – sodalício mais augusto da cultura estadual – presidido pela notável jornalista Sueli Batista de Souza – quisera ter o verbo adequado para tecer loas às nossas congreiras a representar cada uma em miraculosa simbiose de convívio um pouco das heroínas escritoras nacionais, muitas olvidadas no tempo como Carolina de Jesus, Adélia Prado, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Cora Coralina, Rachel de Queiroz, e as mato-grossenses inolvidáveis Maria de Arruda Müller, Bartira de Mendonça, Maria Helena Póvoas, Maria Benedita Dunga Rodrigues, Vera Iolanda Randazzo e Elizabeth Madureira Siqueira.

As Academias são diretórios intelectuais que devem manter nas

letras o convívio, o gosto imperecível, a delicadeza, a finura do tom sóbrio, a pureza ética, o decoroso comedimento, o cultivo do idioma, da literatura e como disse em meu discurso de posse, parafraseando o poeta Thiago de Mello: “aqui periodicamente nos sentaremos à mesa porque a verdade será servida antes da sobremesa”.

Neste sodalício, desafiando as vicissitudes do imponderável, argonautas de quimeras, cultivamos *ad perpetuam* amalgamando nossa nacionalidade, os versos de Fernando Pessoa: “O poeta é um fingidor... finge tão completamente... que finge ser dor ... a dor que deveras sente”; a poesia de Olavo Bilac: “Última flor do Lácio inculca e bela, és a um tempo esplendor e sepultura. Ouro nativo que na ganga impura a bruta mina entre os cascalhos vela”; ou de Augusto dos Anjos: “Sou uma sombra, venho de outras eras, do cosmopolitismo das moneras...”.

Senhoras e senhores

A grande pátria lusitânica de Luís Vaz de Camões autor “de para tão longo amor tão curta vida” reuniu os pensadores que o mar separou. Fernando Pessoa porventura o maior poeta lusófono assim resumiu: “Ó mar salgado quanto do teu sal são lágrimas de Portugal. Por te cruzarmos tantas mães choraram, tantos irmãos rezaram, tantas noivas ficaram por casar para seres nosso, ó mar. Valeu a pena? Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

Senhoras e Senhores

O ilustre confrade José Cidalino Carrara comentou que no advento da inteligência artificial as modificações genéticas seduzem, quando as previsões apontam algorrítmos que a própria ideia da morte pode estar com os tempos contados. Não estou sonhando. A fome, as enfermidades e os conflitos bélicos serão extintos. Não alcançaremos mais muros separatistas ou cogumelos radioativos. Com civismo, olhando nas venezianas do tempo, testemunhamos incandescentes momentos políticos com seus desvarios de veleidades, soberba e amauroses agredindo nosso planeta enfermo como polvo acossado desfraldando tinta e turvando a água para camuflar verdades.

O acadêmico Benedito Pereira do Nascimento advertiu que os espíritos de escol sabem o pedágio oneroso com que a humanidade paga a desintegração de si mesmo, já que não sabe mais viver entre as paredes do seu lar, porque a sala cósmica está insalubre.

Mas antes de tudo isso, o que vamos fazer hoje? Hoje vamos abrigar, exaltar e celebrar a chegada da historiadora, da escritora Neila Barreto. No tempo presente quando a família desnuclearizada tomou as mais variadas formas, se a mulher fracassar em destruir o nó górdio da ditadura dos preconceitos que a estigmatizam, não sobreviverá como um ser pleno.

O acadêmico Luiz Orione Neto alerta: “Se a chamada sanátema não foi extinta, pouco a pouco, os privilégios da discriminação estão sendo derrubados”. O sol – em miríficas manifestações de libertação – fulgura intensamente no zênite outonal e a mulher neste prelúdio do terceiro milênio não permitirá que se incendeiem suas asas e sonhos como no voo de *Ícaro*. Dilatando a perspectiva histórica, estará em melhores condições para alijar-se dos sectarismos, dependências da sociedade em que vive; do mesmo modo a mulher, contemplando a totalidade da experiência humana, logrará perceber certos elementos, que a voga ou o hábito de nossa época particular terá possível e arbitrariamente depreciado: elementos arcaicos, primitivos, opróbrios, irracionais, mutações despercebidas e sobrevivências veladas, tantas vezes desprezadas pelos sábios na estreiteza de suas sapiências. A mulher, oprimida, perseguida e martirizada, plena de atribulações, ainda exultará como disse São Paulo, “sabendo que as tribulações criam a paciência; e a paciência, a experiência; e a experiência, a esperança; e a esperança não causa vergonha”.

Caíram barreiras, referências, mitos e muros e mulheres, símiles a escritora Neila Maria, preservando conquistas, construindo mudanças, lutando por seus direitos – sem olvidar seus deveres – passaram definitivamente a ocupar seus espaços, dignamente conquistados, proclamando: “perdemos o gosto das profecias, mas não esquecemos o dever da esperança”.

No meu livro *Síndrome disfórica da mulher* proclamei as vitórias femininas no período finissecular. Vilãs, pícaras ou heroínas, parcíssimas

mulheres tiveram seus direitos reconhecidos. Vivemos sob um mesmo céu, porém, nem todos desfrutamos do mesmo horizonte. Na Índia, em tempo volvido, a sati, cerimonial de cremação viva das viúvas deveria acompanhar o funeral do esposo; e hoje em mais de 20 países realizam-se nas adolescentes a mutilação genital da circuncisão faraônica.

Em pleno terceiro milênio na política, na medicina, no sacerdócio, na remuneração laborativa ainda existe a navalha do preconceito discriminando grupos sociais como as mulheres afrodescendentes, desempregadas, homossexuais, indígenas, ciganas, presidiárias, mães solteiras, com insalubridade laboral, nômades de tribos (errantes, geográficas), mulheres enclausuradas em asilos, clínicas psiquiátricas ou exiladas. Em defesa dos Direitos Humanos devemos reconhecer que o porvir é feito de agora, mas se faz tão indolente, vagaroso que muitas reformas são desafios, como pedir a Édipo para limpar a esfinge do Egito com um lenço de papel. Porém, as flores do futuro estão nas sementes de hoje onde tudo é ousado para quem nada se atreve e a melhor maneira de prever o amanhã é construí-lo.

Nesta confraria, como descreveu o acadêmico Carlos Gomes de Carvalho que por duas vezes presidiu este areópago, constata-se o inaceitável paradoxo de ser tão pouco prestigiada pelos poderes públicos. Não há, pois, falar em crescimento econômico, sem incluir a vigorosa dimensão da cultura. A confrreira Marília Beatriz disse em seu discurso de posse na presidência deste silogeu: “É constrangedor ver hoje que as pessoas se assustam mais com a honestidade do que com a fraude e a mentira. Coesos em vigília e convívio fraterno perdemos muitos propósitos, mas não perdemos nunca a expectativa”.

Mato Grosso a quinhentas léguas do Atlântico floresce como no período da civilização mediterrânea Roma e Atenas. Os homens de Plutarco não excedem em valor os navegadores e guerreiros lusitanos e seus gloriosos descendentes... os bandeirantes no esforço hercúleo da civilização. Nosso tronco racial luso-brasileiro formaria com os esposais de Bartira e Catarina Paraguassu a expansão da pátria aqui e alhures do meridiano de Tordesilhas.

Estimados acadêmicos Moisés Mendes Martins e Carlos Gomes de Carvalho, em seus nomes agradeço a todos a acolhida que me emprestam ao longo dos vinte anos de convívio neste tugúrio histórico. O arraial do Senhor Bom Jesus do bandeirante Pascoal Moreira Cabral, a nossa Cuiabá, completou recentemente 300 anos.

O ilustre confrade Valerio de Oliveira Mazzuoli comentou que próximos do ano de 2021, quando a Cuiabá de Pascoal Moreira Cabral completar seu tricentenário, germinada sob o signo do ouro em prodigiosa alquimia transubstanciada em hospitalidade e lhanesa no trato cuiabano, hoje, enriquecida recebe, no pórtico da aurora da imortalidade, a escritora Neila Maria de Souza Barreto.

Senhoras e senhores

Nobre confrreira Neila Maria de Souza Barreto, traga-nos na procição das horas e na liturgia das palavras a sensibilidade da sua convivência, o manso navegar da vida em margens plácidas e nos enriqueça com o seu saber e o seu humanismo. Com alegria perene exale sempre o impossível perfume e destile sempre o embriagante mel e cante sempre o inaudível canto da sua combustão e não deixe de ser nunca a eterna dançarina do efêmero, e em sua incalculável feição lute para ser a mais perfeita de toda criação inumerável.

Corolarizando este ensejo e para emoldurá-lo na vitrine da memória, sirvo-me do soneto ‘Brinde sumário’, de Américo Moreira, para com apreço superlativo sacralizar esta homenagem.

Se há no mundo um Deus para os acasos
Que com a humanidade seus bens reparte
Que lhe dê da fortuna a melhor parte
E que alegrias lhe dê sem leis nem prazos.
 Eu de alegria tenho os olhos rasos
 De lágrimas confrreira ao vir brindá-la
 Quando vejo que até para saudá-la
 As flores se debruçam sobre os vasos

O meu brinde é sumário, curto e breve
Um nome como o seu quando se escreve
Quebra-se a pena em traços ideais
 E uma mulher como Neila quando se brinda
 Tem se a missão cumprida e a festa finda
 Quebra-se o verso e não se fala mais”.

Acadêmica Neila Maria Souza Barreto, esta Casa é sua... para sempre. Bem-vinda.

**Discurso de posse da acadêmica
NEILA MARIA SOUZA BARRETO,**
em 29 de novembro de 2019

Exm^a Prof^a Sueli Batista dos Santos, Digníssima Presidente da Academia Mato-grossense de Letras, em nome de quem saúdo as autoridades que compõem a mesa diretiva desta solene cerimônia de posse e também a todos os acadêmicos que integram essa Casa de Letras.

Exm^a Prof^a Dr^a Elizabeth Madureira Siqueira, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em nome de quem saúdo todos os confrades e congreiras deste Instituto.

Exm^o Sr. Secretário Adjunto de Estado de Turismo, Jeferson Preza Moreno, em nome de quem saúdo a todas as autoridades aqui presentes.

Ilm^a Senhora Zilda Zômpero – Md presidenta da BPW, em nome de quem saúdo todos os convidados aqui presentes.

Em nome do meu esposo, Luiz Ernesto da Silva Barreto, eu saúdo todos os familiares e amigos aqui presentes.

Ilm^a Senhora jornalista Maria Teresa Carrión Carracedo, em nome de quem eu saúdo a todos os colegas jornalistas presentes.

Em nome de Denise Mesquita, eu cumprimento a família de José de Mesquita, agradecendo pela presença.

Em nome de Suzana Randazzo, cumprimento a família da antecessora imediata da Cadeira 19, Vera Iolanda Randazzo, externando minha satisfação em tê-la na Mesa de Honra.

Senhoras e Senhores que dignificam esta cerimônia com sua presença, boa noite!

Primeiramente, quero agradecer a Deus, Senhor da nossa vida.

Senhora presidente, autoridades, acadêmicos, senhoras, senhores, convidados, amigos, colegas e familiares.

Sou uma rosariense-cuiabana. Venho de uma família humilde, composta de vários irmãos. Minha mãe, Alayde Francisca de Souza, e o meu Pai, Hélio S. Rondon, residem hoje na morada do Pai. Tive como guardiã uma madrinha, Jacyra Francisca de Souza, que delineou meus passos, iniciados na Escola Modelo Barão de Melgaço, aos 7 anos, e que também já partiu. Tornei-me, portanto, cuiabana com esta idade e mais tarde recebi oficialmente o título de Cidadã Cuiabana, já na juventude. Foi com eles que aprendi, dentre outras lições, a importância da humildade. Também recebi as primeiras noções de ambientalismo: como não desperdiçar água e alimentos e tirar da natureza somente o necessário.

Pertenço a uma geração que cresceu embalada pelos valores perenes que marcam as letras e a alma, além de ser uma guardiã de memórias, graças ao meu ofício de historiadora, quando produzi a biografia do Padre Ernesto Camillo Barreto, Patrono da Cadeira 14 desta Academia, hoje honradamente ocupada por Nilza Queiroz Freire, a primeira mulher a presidir esta Casa de Letras, mas também da inolvidável Sarita Baracat e de inúmeras Famílias cuiabanas. Esse exercício me proporcionou conhecer mais a fundo a realidade de Mato Grosso e de Cuiabá, levando-me a também exercer meu ofício de jornalista, atividade que desenvolvo até hoje.

Por estas paredes endurecidas pela história, recebemos o ânimo do brio e o estímulo do civismo, principalmente das mulheres que por aqui passaram e por aquelas que hoje estão, como deixando o seu legado. Vejamos a relação completa de 1921 a 2019:

Acadêmica	Data de admissão	Ordem de ingresso
Ana Luiza Prado Bastos	07/09/1921	1ª mulher
Maria de Arruda Müller	26.01. 1931	2ª mulher
Vera Iolanda Randazzo	10/03/1982	3ª mulher
Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues)	19/09/1984	4ª mulher
Nilza Queiroz Freire	25/11/1993	5ª mulher
Yasmin Jamil Nadaf	27/10/1995	6ª mulher
Elizabeth Madureira Siqueira	22/11/1995	7ª mulher
Amini Haddad Campos	01/09/2006	8ª mulher
Marília Beatriz de Figueiredo Leite	10/09/2013	9ª mulher
Lucinda Nogueira Persona	30/09/2014	10ª mulher
Marta Helena Cocco	31/10/2014	11ª mulher
Sueli Batista	18/11/2014	12ª mulher
Maria Cristina de Aguiar Campos	02/05/2015	13ª mulher
Olga Maria Castrillon Mendes	29/05/2015	14ª mulher
Luciene Carvalho	14/08/2015	15ª mulher
Lindinalva Correia Rodrigues	12/11/2019	16ª mulher
Neila Maria Souza Barreto	29/11/2019	17ª mulher

Aqui compareço, Senhores acadêmicos, carente de ideias, mas rica de ideais. Com profundo respeito, possuída de intensa emoção e grande responsabilidade, ingresso na Academia Mato-grossense de Letras, em cuja sede residiu Augusto João Manoel Leverger, figura importante na História de Mato Grosso, para tomar assento na Cadeira 19, cujo patrono é Dr. José Vieira Couto de Magalhães, e que teve como primeiro ocupante o jurista, literato e historiador José Barnabé de Mesquita e, como a minha predecessora imediata, a documentalista, poetisa e historiadora Vera Iolanda Randazzo.

Ao tomar posse da Cadeira 19 declaro estar consciente das atribuições estatutárias e tenho a honrosa oportunidade de adentrá-la na qualidade de aprendiz, para server sabedoria de uma instituição, que desde sua criação, tem primado pela beleza das letras, sob o formato de poesia ou prosa, honrando o dístico criado por D. Francisco de Aquino Corrêa – os estudiosos da Beleza.

Nesse caminhar de 98 anos, a Academia Mato-grossense de Letras deixou um importante legado na área literária e também histórica, visto ter sido a protagonista da literatura de Mato Grosso. Esse legado está depositado em sua Revista, desde 1921 até 2019, repositório da produção de cada acadêmico.

Entendo que ocupar uma Cadeira nesta nobre instituição é gozar de específica honra intelectual e coloco desde já meus conhecimentos nas áreas das Letras, da História e do Jornalismo a serviço da Instituição. Então, agora movida por esse desejo, quero somar valores e trocar experiências com as confradeiras e os confrades desta conceituada Casa de Letras.

Agradeço a generosidade dos meus ilustres pares pela honra da escolha do meu nome para a consagração acadêmica e revelo-lhes minha gratidão, extensiva à minha Família e aos amigos diletos que incentivaram meu ingresso neste Templo de Cultura, para minha satisfação e alegria.

Tenho a satisfação em ser recepcionada pelo ocupante da Cadeira 24, Dr. Odoni Grohs, médico, poeta e escritor, com quem pude partilhar

o convívio de sua família, filha e filho, e com a querida Dra. Ana Gröhs. Suas palavras a mim dirigidas foram recebidas com muita emoção e eterna gratidão.

O Patrono

Patrono da Cadeira 19 desta Academia de Letras é o Dr. José Vieira Couto de Magalhães, nascido a 1º de novembro de 1837. No olhar de José de Mesquita, ocupante inaugural da Cadeira, Couto de Magalhães descendeu de Fernão Magalhães, o heroico, navegador lusitano, de quem disse Camões haver sido “no feito, com verdade Português”. Veio Couto de Magalhães da velha Diamantina, coração de Minas Gerais, berço dos movimentos nativistas e das jazidas auríferas e com quem Mato Grosso, em seus primórdios, estabeleceu e ainda mantém fortes vínculos. Estudante de Direito na velha Faculdade paulista, Couto de Magalhães já revelava, nas primeiras manifestações da sua inteligência, o que seria sua fulgente carreira pública. Seus primeiros ensaios versam temas nacionalistas, com assuntos históricos colhidos entre interessantes episódios da vida brasileira. Tinha vinte e três anos quando publicou ‘Os guayanazes’ – conto que se prende à fundação de São Paulo. Depois, vieram a lume: *Destino das Letras no Brasil*, *Traços biográficos dos poetas acadêmicos* e *O estudante e os monges*, esta última, novela em estilo quinhentista, com que pôs de manifesto os recursos do seu maleável talento literário.

Se a primeira é uma novela de intensa emocionalidade, a segunda já entremostra o pensador, o liberal, o homem de governo, pois em meio à narrativa avultam conceitos felizes e oportunos acerca da arte de governar, do espírito crítico, das misérias do servilismo, dentre outros.

Um dos mais lindos tópicos desse ensaio é, por sem dúvida, aquele que descreve o viver dos bandeirantes, vejamos um trecho:

Andavam ordinariamente a pé, em magotes de dez e vinte pessoas, a viagem era traçada pelo sol, o caminho era o trilho das feras; os rios caudalosos eram transpostos a nado, as serranias eram assoberbadas, quando cortadas a pique, por escadas de cipós.

Com a *Viagem ao Araguaia*, publicada em Goyaz nos idos de 1863, abre-se o ciclo das obras da virilidade, os trabalhos científicos e técnicos de feição acentuadamente prática.

No jornalismo, que também perlustrou, norteava-lhe a escrita o mesmo ideal nacionalista, bússola de sua vida imantada sempre pelo amor às coisas do Brasil.

Monarquista por convicção, Couto de Magalhães deixou a política como nela entrara: puro e ilibado. Ainda não completara vinte e nove anos, quando a Carta Imperial de 22 de setembro de 1866 o investiu na presidência da Província de Mato Grosso. Não foi apenas um grande espírito de inteligência privilegiada, um caráter de velha têmpera, mas, sobretudo, possuidor de um imenso coração, um desses corações hipertrofiados pela bondade, um manirroto do bem, pois que nele as qualidades sensitivas superaram as intelectivas. Couto de Magalhães, no dizer de José de Mesquita: “Si soubessem os maus que é ideal o bem que a gente sente em fazer bem, não havia no mundo mais ninguém que, mesmo sendo mau, fizesse o mal!”. Foi, sem dúvida, um paladino extremado do mais profundo Nacionalismo. Aprendamos com ele a lição fecunda do trabalho que não esmorece, da coragem que não trepida, das convicções que se formam acima das conveniências pessoais e pairam além dos acontecimentos subalternos. Aprendamos o amor impertérito da Pátria, o culto sereno da Verdade e da Justiça, únicos propelidores seguros do Progresso.

Seu nome se liga à fundação de Várzea Grande, por ocasião da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, ao antigo Acampamento que mandou edificar para defesa da Capital e que mais tarde lhe deu o nome. Era admirado por Sarita Baracat, uma das mais gradas personalidades várzea-grandenses, mulher de grande conceito, hábil na política e com quem tive o privilégio de conviver e de biografar recentemente. Couto de Magalhães faleceu a 14 de setembro de 1898, no Rio de Janeiro, aos 61 anos. Seus restos mortais estão sepultados no Cemitério da Consolação, em São Paulo.

Os Antecessores

José Barnabé de Mesquita – foi o primeiro ocupante da Cadeira 19.

José Barnabé de Mesquita foi poeta parnasiano, romancista, contista, ensaísta, historiador, jornalista, genealogista e jurista, formado pela tradicional Faculdade de Direito de São Paulo, em 1913. Homônimo de seu pai, assinava somente José de Mesquita, e foi como se tornou mais conhecido e imortal. Nasceu aos 10 de março de 1892, em Cuiabá, Capital do estado de Mato Grosso, filho de José Barnabé de Mesquita (sênior) e Maria Cerqueira de Mesquita.

São inúmeras as atividades realizadas ao longo de sua vida (1892-1961): Um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (1919) e do Centro Matogrossense de Letras (1921), hoje Academia Mato-grossense de Letras, instituição que presidiu de 1921 até 1961, ano de sua morte, ou seja, pelos primeiros 40 anos da Instituição onde hoje tenho a honra de tomar posse e ocupar a Cadeira 19, onde ele inaugurou. Desde muito jovem, foi um grande admirador das artes literárias. Pessoalmente levou ao prelo, na tipografia de seu amigo J. Pereira Leite, a coletânea *Poesias*, com o subtítulo ‘Do amor, da natureza, do sonho, da arte’. Para Mato Grosso dedicou, por ocasião de seus 200 anos de fundação, um poema, do qual destacamos um breve trecho: “A Mato Grosso, minha querida terra natal, na data festiva do seu Bicentenário, dedico as primícias de um espírito que se formou na visão do seu passado tradicional e no sonho do seu futuro luminoso”.

O amor à vida rompia-lhe das estrofes consagradoras do esse culto, raramente perpassadas de desânimo:

O poeta é como o alquimista
Da legenda medieval. [...]
E a tortura que o contrista
É, no seu sonho de artista,
Nunca encontrar o ideal.

Mais tarde, com análogas inspirações, publicaria *Terra do berço* (1927), *Da epopeia mato-grossense* (1930), *Os poemas de Guaporé* (1949), além de poesias de encantador lirismo, em *Três poemas da saudade* (1943), *Escada de Jacó* (1945), *Roteiro da felicidade* (1946) e outros.

José de Mesquita não tardava ao acolhimento estimulador, tornando-se o protetor espontâneo dos jovens, por bem compreender as vantagens do intercâmbio entre os intelectuais, que ele próprio desenvolvia em mais restrito âmbito, ou fossem afamados homens de letras que aportassem a Cuiabá, ou estreantes que manifestassem aptidões aproveitáveis. Tanto assim, que nas páginas da Revista do Centro Mato-grossense de Letras pode se observar uma seção especial – ‘Página dos Novos’, uma forma de melhor conhecer os jovens talentos e absorvê-los posteriormente na arcada acadêmica. Mas, não só os jovens, pois José de Mesquita fazia questão, naquele periódico, de não deixar olvidados os literatos pouco lembrados, criando uma seção intitulada ‘Páginas Esquecidas’. Esse último movimento colaborou para fortalecer a imortalidade acadêmica.

José de Mesquita se inspirou nos versos de sabor parnasiano, a que sucedeu, mais tarde, o feitiço modernista, como igualmente a harmonia da prosa castiça. Crônicas, romances, contos, em que mais de um crítico lobrigaria influência machadiana, firmaram-lhe o prestígio de escritor de grande fôlego. Vejamos algumas de suas produções posteriores: *A Cavalhada*, *Contos mato-grossenses* (1928), *Espelho d’almas*, (prêmio da Academia Brasileira de Letras (1932), *Piedade* (romance – 1937), *De Livia a Dona Carmo*, ensaio em que evocou as *Mulheres na obra de Machado de Assis* (1939), e *No tempo da cadeirinha* (1946), comprovando a variedade de gêneros literários, os quais serviram para comprovar sua agilidade mental, cuja linguagem esmerada e polida jamais descambou para intencionais deslizos de pensamento ou de expressão. Foi também precursor dos estudos genealógicos, ao publicar *Genealogia cuiabana*, em que tratou minuciosamente de diversos ramos das Famílias Cuiabanas, um clássico que embasou os trabalhos genealógicos posteriores.

Em breves textos, fez fulgurar personagens interessantíssimas para a trajetória de Mato Grosso, como *Um homem e uma época – Monsenhor Bento Severiano da Luz*, que o Instituto Histórico admitiu na classe de sócio correspondente, em 1892, a João Poupino Caldas e Manuel Alves Ribeiro, dois caudilhos de inquieta liderança regional, do Taumaturgo do Sertão, Frei José Maria Macerata, que logrou fama de santidade, propagada pelo povo.

Além dos temas individuais, também se verificam outros de ordem histórica e geográfica, como *Grandeza e decadência da Serra Acima*, *As acrópoles cuiabanas*, *Os jesuítas em Mato Grosso*, *A Chapada cuiabana – Ensaio de Geografia humana e econômica*, oferecido ao IX Congresso Brasileiro de Geografia, e a clássica *Gente e cousas de antanho*, série de encantadoras crônicas inseridas na literatura histórica, sob o olhar de quem viu e viveu.

José de Mesquita descreveu a Cuiabá de 1925, comparando-a à Cuiabá de cem anos atrás com um tom de realidade pouco visto à época. Na clássica *Gente e coisas de antanho*, desvendou os valores que considerava mais caros:

Cuiabá de cem anos atrás – relevem-me tão dura verdade – é quase a Cuiabá de hoje. Não vejo uma rua que figure no atual cadastro municipal que, bem ou mal, com este ou aquele nome, não existisse naquela época. Um bairro sequer apareceu de novo – a disposição urbana se conservou invariavelmente a mesma. Está claro que me refiro à cidade materialmente considerada como esse amontoado de ruas e casas e chácaras que formam o vasto tabuleiro que se estende do Porto Geral à Mandioca e das fraldas da Prainha ao Lava-pés. Não me venham para ahi dizer, pois, que Cuiabá hoje tem automóveis, luz elétrica, melindrosas e almofadinhas, que tudo não faz ao nosso propósito e é argumento estranho à discussão.

E, mais adiante, recupera as principais artérias urbanas de Cuiabá, trabalho histórico pioneiro. Essa descrição minuciosa dos logradouros

da Capital representou também a primeira tentativa de se recuperar historicamente as ruas, praças e largos da eterna Cidade Verde, no dizer de D. Francisco de Aquino Corrêa: “Não morrerá jamais um poeta como José de Mesquita que tanto dedicou versos às mulheres”. Assim disse em ‘Minha musa’ (século XIX):

Tu realizas o ideal do meu passado,
A alegria feliz do meu presente,
O sonho do futuro desejado,
E eu só vivo por ti, unicamente.

À família de José de Mesquita, aqui presente, dedico o ‘Soneto para minha mulher’, composto por ocasião das Bodas de Prata do casal, escrita em 10 de abril de 1940 e dedicado à sua esposa D. Anna Jacintha Pereira Leite:

Juntos viemos pela vida afora.
Juntos gozamos; juntos padecemos,
Vimos raiar muita radiosa aurora
E muito pôr de sol triste tivemos.
A mesma angústia que em teus olhos rora
Dos meus fez irrorar prantos extremos,
E o mesmo eflúvio de prazer, outrora,
Nos fez chegar aos êxtases supremos.
Vinte e cinco anos... Lembras-te? Parece
Que foi ontem! Assim, também mansinha,
Vem a noite. Paisagem escurece.
E, ao ver que envelhecemos juntamente,
A dor me faz mais teu, e te faz mais minha,
Pois ele é o ímã que une mais a gente!

A Antecessora

A segunda ocupante da Cadeira 19 foi Vera Iolanda Randazzo, de quem sinto orgulho em suceder. Foi a terceira mulher a integrar a Academia Mato-grossense de Letras, pois aqui já se encontravam Ana Luiza Prado Bastos (1919), que ocupou, na diretoria, o cargo de tesoureira e era conhecida, na intimidade, como Professora Galega. A segunda mulher a ingressar na Instituição foi Maria de Arruda Müller, e a terceira Vera Iolanda Randazzo, nascida em Caxias do Sul-RS, aos 21 de setembro de 1927, descendendo de Roberto Edmundo Randazzo e Cecília Compagnoni Randazzo. Veio para Mato Grosso em 1955, Estado que adotou como seu e onde prestou relevantes serviços.

Implantou o atual Arquivo Público do Estado, organismo idealizado pelo acadêmico Lenine de Campos Póvoas, que era Secretário de Administração do Estado, nomeando-a como sua primeira Diretora. Técnica e arquivista na Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso; Organizadora do acervo documental do Instituto Memória do Poder Legislativo, em seus primórdios; Membro da Comissão de Estudos de Fronteira, para exame de questões de limites entre os estados de Mato Grosso e Goiás. Publicou artigos nos jornais *O Estado de Mato Grosso*, *A Tribuna Liberal*, *O Social Democrata*, *Diário de Cuiabá*, *Correio da Imprensa*, e nas Revistas do IHGMT e da AML. Escreveu os seguintes livros: *Pagmejera, pagmejera!*; *As cartas do grande chefe à sua esposa*; *Quando morreu Pascoal Moreira Cabral?*; *Catálogo de Documento Históricos de Mato Grosso*; *Contribuição à história do Arquivo Público de Mato Grosso: Catálogo da exposição de documentos mato-grossenses da Proclamação da República: 91º aniversário*; *Catálogo da exposição de documentos históricos em homenagem a Poconé – bicentenário*; *Integridade territorial de Mato Grosso e o acordo com Goiás*, dentre outros.

Em reconhecimento ao seu trabalho e produção intelectual, foi sócia fundadora da Sociedade Amigos de Rondon, sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, sócia correspondente da Academia Paulistana de História, membro da Ordem dos Bandeirantes de São Paulo.

Sucedeu, com muita honra, ao fundador e primeiro presidente da Instituição, José de Mesquita, ingressando na Academia Mato-grossense de Letras aos 10 de março de 1982, e durante toda permanência na instituição demonstrou muito talento, cordialidade em meio a muita alegria, fortes emblemas de seu caráter.

A apresentação da acadêmica Vera Iolanda Randazzo ao Pai Celestial se deu a 14 de fevereiro de 2019, após sua longa vida terrena de mais de 91 anos, como filha, esposa, mãe, avó, bisavó e trisavó, devia ser tranquila com as palavras do Mestre:

Entra, minha filha, sua vida foi um livro aberto; você fez o bom combate por onde passou e, esta Casa do Senhor, a espera; entra, repito, esta é a Casa de Muitas Moradas e a sua está reservada; tome as minhas mãos, não tenha medo, pois a você é prometida a eternidade.

Encerrando, quero destacar que os parentes são os amigos que Deus nos dá. Agradeço à minha família, em nome do meu esposo Luiz Ernesto da Silva Barreto, as minhas filhas, genros, neto e netas, pelo respeito e carinho. Os amigos são os parentes que damos a nós mesmos. Que este momento também me seja propício para evocar, com imperecível saudade, a memória da minha Mãe, Alayde Francisca de Souza, que, juntamente com os meus sogros, Áurea Maria e Cláudio Coelho Barreto, legaram a seus filhos e netos exemplos de dignidade, sacrifício e amor.

Agradeço as palavras sumamente generosas, proferidas pelo coração amigo do acadêmico Dr. Odoni Gröhs, cuja veste branca foi sempre cerzida pela poesia. Aos meus neto e netas, Bento José, Malu e Maria Júlia, sonhos da minha vida. Alegram-me e confortam-me as presenças dos colegas, das autoridades, dos parentes, dos amigos, dos convidados e dos ex-alunos.

Agradeço aos que vieram de longe num gesto de amizade.

O que é ser um acadêmico senão um aprendiz, e é esta, pois, a condição em que me encontro e na qual permanecerei. Que assim seja!

Muito obrigada!

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DA ACADÊMICA LINDINALVA CORREIA RODRIGUES

**Abertura da Sessão Solene de Posse da acadêmica
Lindinalva Correia Rodrigues,
pela presidente Sueli Batista dos Santos,
em 12 de novembro de 2019**

“Nada é tão valioso como o conhecimento que se compartilha. O ser humano vive em função dos desafios que a vida lhe apresenta.” Se o verbo da nossa novel acadêmica é compartilhar, certamente suas ricas trocas deram mais significado para os que têm a felicidade deste repartir.

Vejo em Lindinalva Correia Rodrigues a sensibilidade que vai além da manutenção da ordem jurídica e do regime democrático. Grande parte de sua vida está rotineiramente em um universo ligado às funções de ordem jurisdicional, visando em sua essência à defesa dos interesses da sociedade. Tudo que passa pelo seu olhar, no cotidiano de Promotora de Justiça, poderia torná-la, entretanto, numa literata da expressão de uma realidade ilustrada com as letras, nada líricas da alarvaria. Hoje como escritora, o seu estágio se encontra no compartilhamento de seu saber para várias publicações, a exemplo de cartilhas e livros com vasta produção na área da violência de gênero; direitos humanos das mulheres; violência contra a mulher e lei Maria da Penha. Poderia, entretanto, no amanhã que se avizinha, migrar com suas palavras para outras plagas da composição, enaltecendo o feminino e o masculino, num espaço inspirador.

“A violência contra as mulheres é uma chaga aberta a devorar o coração do mundo”. A autora talvez não tenha se dado conta do quanto isso parece poético, porque convive no seu cotidiano com a dor que

sangra e pede socorro. Eu acredito que Lindinalva, com a sua emotividade, realmente teria a alquimia para transformar tudo em uma ode. Vindo dela, não seria utópico os versos dos olhos roxos ter a cor da esperança e as estrofes resistentes aos grilhões da submissão ganharem as asas da liberdade.

Como eu poderia interpretar a alegria que hoje toma conta do meu coração? Confesso que, neste momento memorável, seja difícil falar somente como presidente da Academia Mato-grossense de Letras. Afinal, trata-se do momento em que a imortalidade abraça uma amiga que admiro e que tem momentos da sua vida que se entrelaçam aos meus na caminhada pelos direitos da mulher. Pelo que dela conheço, peço vênua para expressar palavras de sua boa lavra, que estão no livro *Juntas brilhamos mais*, que ainda se encontra no prelo, e que em breve será lançado com conteúdos de várias coautoras. Disse ela:

Como me saí? Penso que fui muito bem, pois fiz o melhor que me foi possível e descobri hoje que o mundo é um pra cada um, e que a alegria transborda somente de dentro para fora. O resto é fetiche, adorno e supérfluo, que procuramos alcançar desde que o mundo é nosso, pois sem eles a seriedade nos consumiria e a sisudez nos condenaria a um arremedo de vida sem graça, sem plateia e sem leitores.

Sua verdade é afirmação. Sim, persistiu e conquistou a sonhada vitória e hoje saiu da plateia para ocupar a Cadeira 37 deste sodalício. Seja bem-vinda, Lindinalva Correia Rodrigues! A Academia Mato-grossense de Letras recebe-a em sua existência material concreta e coloca-a, honrando sua trajetória, na láurea dos imortais.

**Discurso de recepção a
LINDINALVA CORREIA RODRIGUES,
por Amini Haddad Campos,
em 12 de novembro de 2019**

Prezada Senhora Sueli Batista, DD. Presidente da Academia Matogrossense de letras. Dignas autoridades da mesa. Dignos membros, confrades e congreiras, senhoras e senhores deste garboso plenário.

Eis uma ocasião que garante horizontes para além de uma realidade individual, em razão do seu sentido mestre que corrobora para os mais diversos contextos de uma sociedade plúrima, em permanente alastramento das mais complexas projeções de existência - o humano, em sua múltipla fronteira: o corpo, a alma e o espírito, em permanente atividade partilhada em expressão.

Assim, fez-se esta casa de cultura, anteriormente denominada Centro Matogrossense de Letras, fundada em 22 de maio de 1921, por intelectuais ativos em comunhão sublime, na polivalência consubstanciada por saberes vastos e nobres. Juristas, médicos, letrados, historiadores, poetas, pensadores de seu tempo, filósofos, teólogos, cientistas dos mais diversos âmbitos do saber garantem a alma desta casa, Academia Matogrossense de Letras.

Nossas “conflagrações” dos sentidos. Revoluções? Sim, elas consubstanciam mudanças que permeiam os âmbitos relacionais do humano. É certo que as dez maiores Revoluções Sociais são destacadas pela história. Mas, não falo somente destas, e sim também delas, em razão das evidências de transformações significativas.

A exemplo da inglesa (1640-1689) que se destacou pela série de mudanças políticas e sociais que culminaram no fim do poder absoluto dos reis, fomentando o parlamentarismo, como participação majorada dos sem nobreza. Destarte, essa vivência não validou uma proposta de república, visto que seus interesses estavam muito distantes das camadas

desfavorecidas da sociedade. As mudanças foram vividas por poucos e sofridas por outros.

Já a Revolução Americana, calcada na Guerra da Independência dos Estados Unidos (1776), é uma amostra da primeira colônia a se tornar independente da pretensão expansionista da Europa. Seu apogeu no ato revolucionário, consubstanciado em documento histórico, aprovado no dia 4 de julho, proclamava o direito à vida, à liberdade e à procura da felicidade, como inalienáveis e de origem divina de cada pessoa. Contudo, a verdade é que nem todos estavam inclusos nessa dimensão inalienável dos direitos. A elite americana era proprietária de escravos.

Destarte, a ação de pensadores como John Locke, Thomas Jefferson e Abraham Lincoln foram imprescindíveis à crítica da realidade prescrita. Porém, as mulheres permaneciam invisíveis. As que propunham mudanças eram exterminadas, a exemplo da trágica morte de Hipátia, matemática, filósofa, astrônoma, poetisa, amante da oratória e da retórica, com ideias notáveis no âmbito da lógica, que foi assassinada em uma data bem representativa da nossa contemporaneidade: dia 8 de março, de 415, na Alexandria, Egito.

Certo é que a Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem e do Cidadão influenciou a Declaração Francesa na substância de sua Revolução mesma (1789-1799). É fato que esta alcançou maior propagação histórica, vez que se notabilizou pela ideia de abolir a servidão e os direitos feudais, inspirada em um lema então ilusório, mas inspirador, de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Essa bandeira, mesmo nutrida em vozes diversas estava contaminada desde o seu nascedouro, por outras projeções de interesse e poder.

A liberdade se contabilizou em subjugação dos mais fortes sobre os mais fracos. A guilhotina não somente separou partes físicas de humanos. Entorpeceu a alma de muitos em sangue. Robespierre era, em verdade, um ditador sanguinário e mesmo que Charles Dickens, em sua obra *Um conto de duas cidades*, tente romancear a revolução no retrato de um miserável francês, sobrepondo-se à aristocracia opressora, a verdade é

que a liderança da revolução começou por nobres ricos e profissionais liberais assentados nos salões de Versalhes.

Já Maria Antonieta foi condenada por unanimidade e guilhotinada em 16 de outubro de 1793, aos 37 anos de idade, quando chegou a ser acusada de manter um relacionamento homossexual com a condessa de Poligna e ainda de ser responsável pela grave crise nas finanças da França, além de outros males mais factoides do que reais; a exemplo de outras mulheres vítimas da guilhotina por pretenderem usufruir da declaração dos Direitos dos Homens e dos Cidadãos em igualdade de condições com o universo masculino. Uma nova versão para a caça às bruxas.

Em tal época, muitas mulheres foram acusadas de não serem boas esposas, ou suficientemente recatadas e boas mães “republicanas” pela visão dos jacobinos. Olympe de Gouges e Monan Roland, esta influente girondina e aquela autora da *Declaração dos direitos da mulher*, foram guilhotinadas na tirania da imposição dos espaços permitidos ao feminino. O mais do mesmo, até a atualidade. Basta nos debruçar sobre as razões dos feminicídios, no Brasil e no mundo todo.

Ainda que o passado seja mais horripilante pelo simbolismo da dinâmica da “desmesurada lâmina”, poder-se-ia dizer que a atualidade somente se destoa por haver cores mais florais. Eis que o terror dos índices de estupros coletivos e corretivos, de exploração sexual, do tráfico internacional de mulheres, de casamentos infantis com meninas a partir dos 5 anos de idade em muitos países, da mutilação sexual feminina, dos assassinatos de mulheres por se negarem à continuidade da relação abusiva, da desfiguração de faces, por ataques violentos de homens que pretendem o domínio, dentre tantos outros, são evidências percebidas e lidas em conjunto, como base em uma cultura solidificada na exclusão do feminino das ambiências de poder.

Matizes das mazelas atemporais, comumente prescritas. Até quando?

Nas obras *Aristocratas versus burgueses? A Revolução Francesa*, de Blanning, e *O livro negro da Revolução Francesa*, de Renaud, podemos ter uma representação histórica mais coerente com a realidade.

Destarte, o lema “*liberté, égalité et fraternité*” infundiu asas à psique e aos corações. Essa bandeira reinou e se propagou como um valor inerente às outras revoluções que se seguiram, como mecanismo de contenção de privilégios, apesar das realidades díspares que fundamentaram seus movimentos, tais como: a) A Revolução Industrial (séculos XVIII e XIX), com novos processos produtivos, econômicos e sociais que se validaram na exploração do tónus muscular, hierarquizando salários famélicos para mulheres e crianças, mediante novos nortes às relações entre países, no fomento da ideia de capitalismo; b) A Revolução Russa (1917), que fez instaurar uma nova ordem mundial de governo instituindo a União Soviética, como propagação do socialismo no mundo; c) A Revolução Chinesa (1911-1949) à propagação da República da China, posteriormente culminada com a Revolução Comunista e consagração de Mao-Tsé Tung ao Poder; e d) A Revolução Cubana (1953-1959), com a implementação do governo socialista mediante ação conjunta de Fidel Castro e Che Guevara. Em todas, sem exceção, o socialismo ou comunismo vivido se mostrou até mais pernicioso, estagnante, escravizador e inebriante à consciência.

A matança em massa ainda perdura pela aridez de muitas mentes. Seriam, efetivamente, revoluções? As mazelas de sobreposição existencial ainda permanecem nítidas e sentidas em todos os continentes, em gradações diversas.

A razão insensível, manifesta, pela cegueira dos racionalistas extremos, a exemplo de Kant, diante de seus imperativos categóricos, foi falha em face das projeções das guerras mundiais. Os pensadores, a exemplo de Heidegger, foram castradores da unidade entre as fronteiras físicas, psíquicas e espirituais de todos os humanos. A razão indolente é desumana. A razão vazia é uma máquina que tudo pode. Os conhecimentos racionais da físico-química são hábeis à construção de uma bomba de destruição em massa. Não há limites à razão insensível.

Arendt foi a primeira a questionar esse nível de “racionalidade distante”, comumente descrita como imparcial, alicerçada em um positivismo vazio, formal, neutro, diante do terror do nazismo e dos horrores vividos de sua época, em face da polarização do mundo.

Gadamer, na mesma linha crítica, tentou romper com o racionalismo incontrolável e centralizou a hermenêutica no âmbito das teorias à compreensão da experiência, superando o abandono do sentir, por uma racionalidade mais próxima e humanizada. Inobstante esses movimentos de revisão teórica, há algo para se enfatizar.

As revoluções internas nunca se efetivaram de fato. Eis que o transbordamento das realidades incômodas fora interrompido. Continuamos escravos ou condicionados em um aprisionamento mental. Não percebemos que o outro é parte de nós mesmos, da humanidade que há em cada um. Indistintamente.

Nunca pedimos tanto por respeito, por justiça, por equidade, embora estejamos distanciados de uma congruência capaz de efetivar a união dos âmbitos físico, psíquico e espiritual, todos indispensáveis à consciência. Certamente, todas essas revoluções, alicerçadas por mudanças profundas, deveriam conduzir não somente a um campo externo de perspectiva e análise.

Faz-se imprescindível uma reflexão. Lindinalva Correia Rodrigues. Honra minha. Honra por este momento que guarnece a história da nossa Academia e representa um marco que nos habilita na diversidade representativa da nossa casa de cultura, na multiplicidade das letras em vivências de cumplicidade e compromisso com o conhecimento e o desenvolvimento humano. A diversidade é riqueza. A diversidade é nobre. Eis que o fluxo do sensível e racional permeia os âmbitos físicos e psíquicos, entre corpo, alma e espírito. Assim deve ser a história humana.

A escritora Lindinalva nasceu em Campo Grande, antes da divisão do Estado, em 22 de dezembro de 1970. Sua origem é de família simples. Veio ao mundo quando seus pais, Pedro e Aparecida, moravam em uma edícula de apenas uma peça, com paredes de reboco e chão batido. É a primogênita dentre os seis filhos, duas filhas e quatro filhos.

Nesse lar singelo, comumente se avistavam estrelas em razão das inúmeras brechas no teto que enfeixavam de luz o interior do espaço em que toda a sua família vivia. A exemplo de seus pais, fez a sua caminhada com grandes vitórias.

Há quase 23 anos, Lindinalva é uma competente Promotora de Justiça em Mato Grosso, titular de uma das Promotorias Criminais Especializadas no Combate à Violência Doméstica de Cuiabá. Graduou-se em Direito pela Universidade de Cuiabá e detém duas pós-graduações, uma em Direito Financeiro-Tributário, pela Universidade Federal de Mato Grosso, e outra em Direito Público, pela Fundação Escola Superior do Ministério Público. É mestranda em Direitos Humanos e Fundamentais pela Universidade Federal de Mato Grosso e graduanda do curso de Filosofia da mesma instituição. É mãe de um casal de filhos: Diana, com 31 anos, advogada; e João Pedro, com 22 anos, estudante de medicina. Também é mãe de coração de sua sobrinha Giovana, estudante de medicina da Universidade Federal de Mato Grosso e Giulia, sua enteada, que indescritivelmente parece ter sido gerada em seu ventre, face às características de sua personalidade.

Eis o tamanho do seu coração:

É autora e coordenadora de inúmeros projetos sociais na temática de gênero, todos destacados nacionalmente, a exemplo do ‘Questão de Gênero’, premiado pelo Governo Federal como um dos três melhores do país, em 2010; ‘Lá em Casa quem Manda é o Respeito’, criado em 2011, selecionado e aprovado para o Banco de Boas Práticas do Conselho Nacional do Ministério Público; ‘Programa de Promotoras Legais Populares de Mato Grosso’, oficialmente lançado em 2013; e também do ‘Projeto Homens que Agradam não Agridem’ (desde 2016).

Além de sua atuação em projetos sociais, Lindinalva assessorou, em 2011, a Frente Parlamentar de Defesa da Família do Senado Federal e foi indicada pelo Governo Federal, entre as 25 mulheres que fazem a diferença no Brasil. Coordenou a Comissão Permanente Nacional de Combate à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (2012-2013), auxiliou a Comissão Provisória de Reforma do Código Penal Brasileiro e a CPMI da Violência Doméstica no Congresso Nacional. De igual forma, vem atuando no combate ao abuso sexual infanto-juvenil.

Recebeu diversas premiações e moções nacionais de homenagem, dentre elas, em 2013, a medalha nacional do Mérito ‘Ruth Cardoso’, pelo

trabalho em defesa das mulheres e projetos desenvolvidos em benefício destas. Recebeu inúmeras condecorações em reconhecimento por sua ação pública no combate à violência contra a mulher, dentre as quais, tem-se, em destaque, a ‘Homenagem 300 Mulheres: Letras, História e Equidade’, da Academia Mato-grossense de Letras, em ação conjunta com a Prefeitura Municipal de Cuiabá, face às comemorações dos 300 anos da capital do nosso estado. É, atualmente, membro do Comitê de Assessoramento da Câmara Setorial Temática às Políticas Públicas para as Mulheres, da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso.

Escrevemos juntas, em coautoria, pela Editora Juruá, os livros: *Direitos humanos das mulheres*, prefaciado pela Des^a Shelma Lombardi de Kato, do Tribunal de Justiça de Mato Grosso; *Sistema de justiça, direitos humanos e violência no âmbito familiar*, obra prefaciada pela Ministra Cármen Lúcia Antunes Rocha, do Supremo Tribunal Federal.

E em autoria coletiva: *Violência doméstica: vulnerabilidades e desafios na intervenção criminal e multidisciplinar*, pela Lumen Juris; e *Constituição, democracia e justiça*, pela Juruá Editora.

É autora de vários artigos publicados em periódicos, dentre eles: ‘A Lei discriminada pelo operador jurídico’, publicada na Revista Jurídica do Ministério Público do Tocantins, em 2012; ‘Da incompatibilidade da Lei Maria da Penha com o Instituto da Suspensão Condicional do Processo’, pela Revista Jurídica da Universidade de Cuiabá, em 2010; ‘Críticas pontuais ao Projeto de Reforma do Código de Processo Penal’, pela Revista Jurídica do Ministério Público de Mato Grosso, em 2009; ‘Da constitucionalidade da Lei Maria da Penha e da necessidade de sua efetiva implementação’, pela Revista Jurídica do Ministério Público de Mato Grosso, em 2008.

Apresentou mais de uma centena de trabalhos nacionais na condição de conferencista e palestrante, em várias cidades e municípios do Brasil, nas temáticas concernentes ao combate à violência de gênero contra as mulheres. Desenvolveu destacados materiais didáticos para a distribuição nas escolas à instrução na equidade entre homens e mulheres. Propôs cursos de extensão na temática de aplicabilidade da Lei Maria

da Penha à capacitação de profissionais e equipes multidisciplinares à efetivação dos Direitos Humanos das Mulheres nos processos judiciais.

Ao que se vê, algumas Revoluções alcançam âmbitos externos significativos. Mas, as maiores revoluções são as internas, na psique, no permanente fluxo entre corpo, alma e espírito. Estas, sim, são capazes de habilitar largos horizontes, guarnecidos no sentido da humanidade mesma, pela projeção e desdobramentos na vida de tantos outros que assim almejam e necessitam. Ações reverberam. Palavras, comumente são esquecidas. Lindinalva, parabéns pela sua Revolução interna. Obrigada por cada passo dessa caminhada conjunta, em verdadeira irmandade.

Sabe-se que no universo há centenas de bilhões de estrelas por galáxia na parte visível do cosmo. O Universo, conforme cientista Laerte Sodré Jr, astrônomo da USP, é infinito. Eis um mistério. Incrivelmente belo. Mesmo com todo esse espetáculo, nada pode se comparar ao coração bondoso, na infinitude da propagação das múltiplas experiências da vida, quando fielmente compartilhada. Lindinalva, mulher destemida, filha amorosa, dedicada profissional, caridosa voluntária no desenvolvimento de políticas públicas de inclusão, mãe cuidadosa, esposa companheira, amiga-irmã... Você não é uma estrela. É toda uma galáxia! Que seu exemplo seja imortalizado, desmedidamente, em plúrima virtude à perspectiva de um novo amanhã, em face das Revoluções verdadeiras.

Nesta casa de cultura, a fortaleza não é estrutural, física. Neste chão estão os marcos incontáveis de tantas outras vidas que nos trouxeram até aqui. O todo na parte. A parte no todo. Eis o Universo!

Lindinalva Correia Rodrigues, seja conosco, seja conosco parte! Mas acima de tudo, seja inteira!

Discurso de posse da acadêmica LINDINALVA CORREIA RODRIGUES,

em 12 de novembro de 2019

Excelentíssima Senhora Sueli Batista, presidente da Academia Mato-grossense de Letras; autoridades; meus pais; queridos filhos; padrinho e madrinha; familiares; professores; colegas; amigas e amigos; senhoras e senhores.

Quantos caminhos tortuosos para chegar até aqui. Nesse anoitecer tão sublime, as letras aqui me trouxeram e existe algo de mágico em um sonho que se realiza, uma energia, um silêncio, um perfume e um monte de palavras não ditas e desnecessárias. É um instante que, se pudesse ser congelado, transformar-se-ia em poema, uma epopeia de gente com gente e de um chorar de alegria, só concretizado em poesia. Aqui estamos nós, *todos quebrando de chiques*, sorvendo as palavras, enquanto trago em mim *carradas de alegria até na pituca*.

Com muita honra ocuparei a Cadeira 37 desta Academia, cujo patrono é Antônio Vieira de Almeida, nascido em Cuiabá em 1873. Seu pendor literário se manifestou ainda na juventude, tendo fundado, enquanto aluno do Liceu Cuiabano, o jornal *O Liceu*, periódico de caráter estudantil. Vieira ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo e logo em seguida foi aprovado em concurso federal junto à Fazenda Pública e já domiciliado na cidade de Santos/SP, foi colaborador do jornal *Diário de Santos*, até que em 1903 voltou para Cuiabá, onde atuou no jornalismo e na política, sendo eleito Deputado Estadual em 1916, e aqui escreveu para diversos magazines, como *O Estado*, *A Voz do Povo* e *O Debate*. Foi sucedido na cadeira pelo professor, jornalista e servidor público Cesário Corrêa da Silva Prado, que posteriormente foi sobrevivendo pelo escritor e cineasta Bernardo Elias Lahdo, último ocupante da cadeira.

Essa noite tem um simbolismo especial para nós mulheres, pois esta casa me acolhe enquanto escritora, jurista, feminista e militante dos direitos humanos das mulheres, onde tomo posse pelas mãos de uma mulher, Sueli Batista, e sou recepcionada por outra grande humanista, a juíza Amini Haddad Campos. A sobrevivência das mulheres em um mundo tão fortemente marcado pelo masculino não é fácil, razão maior de nosso regozijo pelo sucesso de uma trajetória celebrada em um espaço historicamente tradicional e conservador como a Casa Barão de Melgaço. Faço o registro de que a Academia Mato-grossense de Letras possui 40 patronos, todos homens e que em quase cem anos, ela já foi composta por 165 homens e 15 mulheres. Eu sou a 15ª.

Desde a Antiguidade Clássica, em Mato Grosso, no Brasil e no mundo, as mulheres sempre tiveram de quebrar paradigmas para assegurar não apenas seu espaço, mas suas vontades, direito ao corpo, à sexualidade e, sobretudo, à intelectualidade, razão pela qual, simbolicamente, invoco para estarem presentes conosco em energia e emoções, as combatentes: Hipácia; Joana d'Arc; Dandara; Maria Quitéria de Jesus; Olympe de Gouges; Nísia Floresta; Ada Lovelace; Pagu; Virginia Woolf; Simone de Beauvoir; Katherine Johnson; Coco Chanel; Bertha Lutz; Mietta Santiago; Celina Guimarães Viana; Carlota Pereira de Queirós; Laudelina de Campos Melo; Djamila Ribeiro; Lélia Gonzalez; Maria Dimpina; Tereza Lobo; Amélia de Arruda Lobo; Tereza Albuês; Leila Diniz; Rose Marie Muraro; Judith Butler; Marilza Ribeiro; Shelma Lombardi de Kato; Silvia Guimarães; Maria da Penha Maia Fernandes; Marielle Franco e tantas outras de igual relevância, reconhecidas ou anônimas.

Sabemos das dificuldades enfrentadas para o alcance simbólico dessa vitória que dedico a todas as mulheres, letradas ou não. Vocês são guerreiras e estamos juntas tomando posse. Sintam que eu sou vocês e vocês vestem comigo a pelerine. Todas as mulheres que, como eu, o mundo não conseguiu enquadrar, mães de vários filhos com pais diferentes, mulheres de ação que não se conformaram com sua sina, aquelas que bailaram na noite escura da incerteza do dia seguinte, que lutaram por uma liberdade que não cabe nas palavras e trabalham dia-

riamente para reafirmar uma competência absolutamente natural no âmbito masculino.

Ocupar hoje este espaço de fala como uma mulher, celebrando todas as demais, com a experiência de quem foi a primeira jurista a aplicar a Lei Maria da Penha no Brasil, que há mais de treze anos permanece na função de combater as mazelas da violência doméstica, é uma conquista histórica feminina.

Segundo o *Atlas da Violência 2016*, em 2014, treze mulheres foram assassinadas por dia no país, “no ano em que o Brasil comemorava a Copa do Mundo e se exibia como uma nação cordial e receptiva, 4.757 mulheres foram vítimas de morte por agressão”. Ainda que a Lei Maria da Penha já contasse com 8 anos de vigência, a taxa de assassinato de mulheres cresceu 11,6% entre 2004 e 2014. Em 2015, 4.621 mulheres foram assassinadas no Brasil e o *Atlas de 2017* registrou que enquanto o número de mulheres não negras teve uma redução de 7,4% entre os anos de 2005 a 2015, o assassinato de mulheres negras aumentou 22% no mesmo período. Já no *Atlas de 2018*, encontramos a informação de que em 2016, 4.645 mulheres foram assassinadas.

O *Atlas da violência de 2019* indicou o crescimento do assassinato de mulheres no Brasil em 2017, voltando-se ao patamar de 2014, com treze mulheres assassinadas por dia, com um total anual de 4.936 mulheres vitimadas. Ressalta-se que a taxa de assassinato de mulheres não negras cresceu 4,5% entre 2007 e 2017, enquanto a taxa de mulheres negras assassinadas subiu 29,9% na mesma época. A maioria desses crimes aconteceu dentro das residências das vítimas e o estudo constatou o aumento em 17,1% dos assassinatos ocorridos em casa. Conclui-se que nos últimos dez anos a taxa de morte no interior dos domicílios, vitimando mulheres com o uso de armas de fogo, cresceu 29,8%, escancarando a situação de extrema vulnerabilidade das mulheres em seus próprios lares, que deveria ser um local de especial acolhimento e aconchego.

Com esses dados estatísticos que falam por si, marcamos nosso lugar como o 5º país que mais comete feminicídios no mundo, esses crimes de ódio, cuja violência é comprimida atrás dos padrões sociais.

No Brasil das disparidades, quem são os considerados iguais? Os sujeitos morais e políticos? São os homens brancos e economicamente prósperos de uma sociedade que ainda opera a exclusão das mulheres da esfera pública e seu confinamento no âmbito privado, palco de suas agruras, visibilizadas pela violência doméstica, amparadas por normas de comportamento sexistas e etnocêntricas, que geram o silenciamento cultural e dificultam a entrada das mulheres na esfera pública e política. Estamos todas sujeitas aos estereótipos que nos limitam a determinados modelos com características incapacitantes para a vida pública, política e de ações decisórias relevantes, nos objetificando, retirando-nos a potência e muitas de nossas características humanas.

Mulheres, gênero e raça são temas intersexuais proibidos em um Brasil socialmente racista e machista, marcados pela exclusão feminina, com políticas precárias que além de não abrangerem as mulheres, alcançam ainda menos as mulheres negras, comprimidas por múltiplas estruturas de dominação. A mulher bela, recatada e do lar é um símbolo da inaptidão para a vida pública, padrões internalizados e reproduzidos como forma de alienação e despotismo. Quando elas não se encaixam nos protótipos preordenados viram loucas, bruxas, histéricas, mal-amadas e encalhadas. Os estereótipos afetam mulheres diferentes de formas diversas. As mulheres negras nunca foram tratadas como frágeis, não são as rainhas do lar, nunca consistiram em rainhas de nada, a não ser no carnaval, de forma coisificada. Somos forçadas a conviver com a cegueira coletiva em relação aos nossos dramas, enquanto seguimos recebendo até 30% menos que os homens para executarmos as mesmas tarefas. Todo esse desequilíbrio nos mostra a importância de falarmos de nós mesmas e não sermos faladas por outros, marcando a localização de nosso conhecimento, donde haveremos de gritar toda a desigualdade dessas relações dessemelhantes de domínio.

Vivo há treze anos assistindo os homens empilharem os corpos sem vida das “suas” mulheres, tentando entender a causa de sujeição delas aos ditames masculinos, que desde sempre tentam calar sua voz através da intolerância e violência, enquanto lutam bravamente para corrigir

essa rota de desigualdade, erigindo a paridade de gênero como um direito fundamental. Ainda habitamos em um tempo no qual as mulheres pelejam para viver em um mundo sem violência, e continuamos a ser vistas muitas vezes como um corpo, um corpo incompleto, convivendo com elementos misóginos contra nossa intelectualidade.

As reivindicações das mulheres incomodam as estruturas criadas por uma visão patriarcal e machista. A pergunta: o que querem as mulheres? Marcou o século XX, tornando-se o nosso século, no qual conquistamos o direito a existência, enquanto o século XXI é caracterizado por nossas lutas por mais do que existir, onde buscamos o respeito ao nosso corpo, escolhas e desejos, contrariando a intolerância em relação ao feminino e ao feminismo, certas de que sermos livres é difícil, pois temos que acordar e pensar todos os dias o que queremos e permaneceremos capazes de cunhar nossa própria história, perante esse novo horizonte descortinado.

Nessa noite de verbalização de toda tirania e conquistas compartilhadas, venho representar as mulheres que não se adequaram às expectativas impostas pelos papéis sociais geradores de preconceito, violência e morte, que foram capazes de jogar tudo para o alto aos vinte, trinta, quarenta, cinquenta, sessenta anos, em qualquer tempo de suas vidas, para dançarem agarradas a si próprias, na certeza das incertezas.

Não, eu nunca consegui ser invisível e silenciosa, tampouco pura, casta, comportada, previsível, boazinha. Não aprendi a cozinhar, não me encaixei aos padrões de beleza, não me enxerguei como um ser incompleto em busca da cara metade. Sempre com uma mania de pensar além da conta, vivi do amor exagerado que coloquei em minhas ações, no aprendizado dos tombos e no crescimento que a vida nos impõe para tentarmos melhorar não somente como profissionais, mas sobretudo enquanto seres humanos.

Por isso as dores e alegrias de todas as mulheres estão vivas em meu coração e tomam posse agora comigo. É interessante, pois quando a mulher se mostra forte e decidida, as pessoas dizem que ela quer ser homem, como se as coisas importantes do universo não nos coubessem.

Dedico essa conquista subversiva a todas as mulheres. Sim, a mulher pode!

Butler menciona o pressuposto elementar de que todos nós, mulheres e homens somos seres de carência, que necessitam uns dos outros para viver bem, igualmente vulneráveis por não termos controle sobre circunstância alguma e essa característica se agrava quando somos explorados e maltratados exatamente em razão dessa vulnerabilidade, gerando vidas precárias e dispensáveis.

Rodrigo Ribeiro Alves Neto, ao escrever sobre o *Mundo e alienação na obra de Hannah Arendt*, define o que ela chamou de “Amor ao Mundo”, como aquilo que nos separa, enquanto seres humanos, de nossos interesses privados. Surge então a figura metafórica de uma mesa criada pelos homens, que ao mesmo tempo que os afastam, também os aproximam sem, contudo, os fundir. Um espaço intermediário de artefatos e negócios humanos que os congrega, sem fazê-los colidir. Segundo a filósofa “o colapso do mundo” poderia, assim, ser formulado como a perda dessa “mesa” ou desse espaço que as pessoas precisam intercalar, a fim de juntá-los, relacioná-los e distingui-los uns dos outros.

Conviver significa essencialmente ter um mundo de coisas, interposto entre os seres que nele habitam, como a mesa se introduz perante os que assentam ao seu redor, como um espaço de ação onde eu apareço aos outros ao mesmo tempo em que eles aparecem a mim e no qual todos cabemos. Os seres são humanos não somente por reproduzirem suas condições de índole biológica, mas por multiplicarem cultura em última instância. O mundo está entre os homens e mulheres que se sentam ao redor dessa mesa enquanto seres falantes e participativos, que ao agirem para transformar a si mesmos, também modificam o mundo, impedindo-nos de cairmos uns sobre os outros, enquanto criaturas singulares, numa atitude uníssona de respeito aos que estão conosco, aos que passaram e aos que ainda virão. Ao redor dessa mesa onde mulheres e homens se enxergam, eles se tornam atores e expectadores de alegrias e agonias mútuas, permitindo uma convivência equânime, um falar entre si, e principalmente um agir em condições de isonomia.

É preciso reivindicar aos humanos a coragem de cuidar da liberdade do mundo, da cultura, da literatura, da história, da poesia, do teatro, das músicas, de toda essa arte deixada e que também deixaremos para os que nos sucederem.

“É tão bonito quando a gente sente que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá” e as obras que me trouxeram até aqui não são somente minhas, elas foram escritas por cada um dos meus, cada parágrafo, cada letra, por cada um dos Rodrigues aqui presentes, pai, mãe, padrinho, madrinha, irmãos, filho e filhas, sobrinhos e sobrinhas, cunhadas e cunhado, tias e tios, primos e primas. Eu não teria conseguido sem o apoio, o amor e o incentivo de cada um de vocês, que amo, admiro, necessito e respeito. Sou-lhes grata porque os vossos amores me conduziram à eternidade deste instante.

Eis-me aqui confrades e confradeiras. Apresento-me para servir e lutar pelos interesses genuínos da cultura de nosso Estado e da aproximação dela com a comunidade e, consignando derradeiramente a minha precípua causa, encerro com a sabedoria perspicaz de Eduardo Galeano:

Na selva do Alto Paraná, as borboletas mais lindas se salvam se exibindo. Abrem suas asas negras, alegradas por pinceladas vermelhas ou amarelas, e de flor em flor borboleteiam sem a menor preocupação. Depois de milhares de anos de experiência, seus inimigos aprenderam que essas borboletas têm veneno. As aranhas, as vespas, as lagartixas, as moscas e os morcegos olham de longe, mantendo prudente distância.

No dia 25 de novembro de 1960, três militantes contra a ditadura do generalíssimo Trujillo foram espancadas e atiradas num abismo na República Dominicana. Eram as irmãs Mirabal (Minerva, Pátria e Maria Teresa). Eram as mais lindas, por isso, chamadas de borboletas. “Em memória delas e de sua beleza indevorável, cria-se a data de 25 de novembro como o Dia Mundial da Não Violência contra a Mulher. Ou seja, contra a violência dos Trujillinhos que exercem a ditadura dentro de cada casa”. Que nossa fala nunca se cale! Muito Obrigada!

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA POSSE DO ACADÊMICO LORENZO DE JESUS MIRANDA FALCÃO

Abertura da Sessão Solene de Posse do acadêmico Lorenzo de Jesus Miranda Falcão, pela presidente em exercício Lucinda Nogueira Persona, em 21 de setembro de 2018

Excelentíssimas Senhoras e Senhores acadêmicos
Digníssimas Autoridades aqui presentes e representantes
Caríssimo empossando
Senhoras e senhores

‘O poeta e o mundo’ foi o título do discurso da poeta polonesa Wislawa Szymborska no seu Prêmio Nobel 1996, quando ela inicia dizendo: “Ao que parece, a primeira frase de um discurso é sempre a mais difícil. Pois bem, essa eu já deixei para trás”. Assim, na esteira de Wislawa, posso dizer que já deixei várias frases para trás nesta fala que não é um discurso, mas uma saudação nesta Sessão Solene de posse de Lorenzo de Jesus Miranda Falcão, na Academia Mato-grossense de Letras.

Não sem motivo escolhi a autora polonesa. Alguns traços de sua escrita: o tom quase informal onde perpassa fino humor, o procedimento conciso e sagaz, podem ser encontrados na poética de Lorenzo. E um bom exemplo disso é o poema ‘Abracadabra’:

Abracadabra é um bom nome
pra começar um livro de poemas.
palavra mágica
já nasce metáfora
a dispensar o sentido mais literal
que o vocabulário vasto
parece querer ter
ao ser.

E assim, eu diria que *Abracadabra*, essa portentosa palavra que acende a imaginação e desata comportas, é o termo ideal para começar esta magnífica noite de posse, quando a Casa Barão de Melgaço recebe o novo acadêmico Lorenzo Falcão.

As Academias de Letras são estabelecidas para manter a perenidade de um elemento substancial e identificador do espírito humano, que é a literatura. Uma perenidade na qual reverbere a história de vida, o destino e a produção intelectual de quantos nela possam ingressar, promovendo a comunhão entre o que foi e o que virá a ser. Lorenzo Falcão, nesta festiva data, estabelece esse elo entre o passado, o presente e o futuro. Um elo em que o compromisso espiritual com a poesia se faz presente em vários detalhes reveladores de sua escrita.

Em Lorenzo Falcão há tenaz dedicação a certos motivos fundamentais. É um escritor conectado com a realidade de seu tempo, onde a fisionomia do eu poético trabalha as situações do homem diante da vida, a vida com suas benesses e vicissitudes em todas as instâncias, sejam urbanas, universais, mitológicas ou íntimas, o que se pode recolher nos versos de Lorenzo ao dizer: “a minha dor mais antiga / vem do espaço sideral. / É uma espécie de fadiga, / lerdeza entre o bem e o mal”.

O escritor comunga liricamente com a realidade plena do Cerrado submetido aos domínios do tempo. A vegetação contorcida, dura, sem branduras reverbera na alma do poeta. Essa reverberação está expressa no poema ‘Mundo Cerrado’ onde sutileza e beleza se juntam para o verso: “na paisagem do Cerrado / a folha seca seca / a lágrima do tamanduá”. Esse “secar” a lágrima do tamanduá, além da força estética, alerta para a essência do Cerrado, abrigo de fauna exótica e flora própria, submetido à radiação solar intensa, a um inverno seco e às queimadas escabrosas.

Lorenzo Falcão extrai poesia dessa instância intertropical cantando: “aqui no cerrado, dizem, já amanhece meio-dia”. No mesmo poema finaliza evocando e comparando a fisionomia labiríntica da vegetação com o caminho difícil da palavra: “entre as árvores tortas do Cerrado / meus versos procuram o fim da picada”.

Os ecos desse berço fecundo são manifestados em outro poema ‘Cerrado’, momento em que o ser vai até a intimidade da flora para sentir (e fazer sentir) a textura peculiar e áspera dos troncos, galhos e folhas: “o Cerrado / é um tronco do mundo / a desfocar a imagem / e encarquilhar o pensamento”. A palavra “encarquilhar” unida ao “pensamento” leva ao próprio cérebro com suas circunvoluções, proporcionando uma representação surpreendente do retorcido selvagem dos troncos de certas espécies da vegetação.

Neste imenso coração da América do Sul, são incontáveis as vozes que se erguem pela vida e para a vida, vozes com uma força singular aqui se expressam: “Somos “puxados por ventos e palavras”, proclamou Manoel de Barros. “Morre a tarde em túmulos de rosas”, já nos dissera D. Aquino, que ocupou a cadeira que ora ocupo, com muita honra. E aqui, exatamente na Cidade Verde, apreciamos o olhar agudo e a idiosincrasia de Ronaldo de Castro, selecionando complexidades e ambiguidades em seu *Cuiabanália*. Ronaldo de Castro, que ocupou a Cadeira 12 e que agora lhe pertence, Lorenzo Falcão. Seja bem-vindo entre nós.

**Discurso de recepção a Lorenzo de Jesus Miranda Falcão,
por Eduardo Moreira Leite Mahon,
em 21 de setembro de 2018**

Exm^a Sr^a presidente da AML
Exm^a Sr^a presidente do IHGMT
autoridades, senhoras e senhores,

É tempo de crise. Enquanto o velho resiste, o novo está para nascer. Os grávidos de futuro sentem as dores do parto e os secos de novidade esperam pelo inevitável fim. O que virá nunca se sabe e é bom que seja assim. Hoje é um dia de ressaca para as ondas do tempo, confusas com a imortalidade de um ateu convicto. Quem mudou, afinal? Foi o antiacadêmico Lorenzo Falcão ou foi a Academia Mato-grossense de Letras? Sinal dos tempos. De bons tempos, reparem bem. O cético poeta cedeu ao nosso esforço de valorizar a literatura contemporânea quando muitos já prenunciam a morte da literatura. E a Academia, por seu turno, quase centenária, com vontade de viver, conquista mais um escritor que será lembrado nesse movimento renovador de efervescência literária onde jamais se produziu tanto.

Costuma-se esquecer os grandes valores que integraram as academias, severamente cobradas pelos literatos que nelas não ingressaram. Da mesma forma que a Academia Brasileira de Letras ainda é cobrada pela imperdoável misoginia contra Júlia Lopes de Almeida, aqui mesmo falta instituímos a cadeira 41 para escritores do quilate de Maria Dimpina, Amélia Lobo, Zulmira Canavarros, Manuel Cavalcanti Proença, Othoniel Pereira da Silva, Lobivar de Mattos, Aldenora de Sá Porto, Antônio Sodré, Tereza Albuês, Ricardo Guilherme Dicke, Pedro Casaldáliga, Antonio Carlos Lima, Marilza Ribeiro e Wladimir Dias-Pino. Nesta cadeira invisível, está sentado um tempo sisudo que apagou muitos escritores constrangidos em se candidatar. Felizmente Lorenzo Falcão não vai integrar o rol dessas expiações porque pactuamos em favor

da literatura. De mais a mais, o poeta que ingressa já era membro da amotinada “Academia dos Mortais” que se desfez graças à reinvenção, abertura, rejuvenescimento desta Academia Mato-grossense de Letras.

Sinal dos tempos. Também de maus tempos. Atravessamos crises simultâneas: a crise financeira, a crise ética, a crise política e a pior delas – a crise intelectual que perpetua um país ignorante e desigual. Museus fechados e queimados, bibliotecas vazias, projetos culturais descontinuados, editais cancelados, universidades públicas ameaçadas – é a colheita de desilusão em todas as esferas de governança. Como intelectuais, nós da Academia de Letras, precisamos firmar o contraponto e fazer da Casa Barão de Melgaço um exemplo singular de diversidade. Talento há, basta vontade para equilibrar as representações sociais. Devemos espelhar a atual sociedade mato-grossense, de norte a sul, nascidos e chegados. Não estamos aqui para cristalizar tradições, mormente quando a tradição se identifique com exclusão e elitismo. Não estamos num templo para admoestarninguém com dogmase catecismos, nem tampouco doutrinar com súmulas morais. Aqui nós fazemos literatura.

Sobre essa ótica, quero rememorar Lima Barreto que, há exatos 100 anos, antevia uma literatura inclusiva: “a velha terra lusa tem um grande passado. Nós não temos nenhum; só temos futuro. E é dele que a nossa literatura deve tratar. Nós nos precisamos ligar; precisamos nos compreender uns aos outros, precisamos dizer as qualidades que cada um de nós tem, para bem suportarmos o fardo da vida e dos nossos destinos. Em vez de estarmos aí a cantar cavalheiros de fidalguia suspeita e damas de uma aristocracia de armazém por atacado, devemos mostrar nas nossas obras que um negro, um índio, um português ou um italiano se podem entender e se podem amar, no interesse comum de todos nós”. Por essas e outras opiniões, o inclassificável escritor negro Lima Barreto foi rotulado como louco, método tão comum quanto obtuso de desprestigiar uma visão vanguardista. A ele, poderia Marília Beatriz ter dedicado a sua pergunta: “qual o lugar do desejo sem lugar?”. É que a mulher, o negro, o pobre, o *gay*, tinham e têm desejos e talentos. O que, ainda hoje, não há são lugares e, por isso, ainda respondemos

tacanhamente com tímidos acenos a lembrar protocolarmente de Tereza Margarida da Silva e Orta, Adolfo Caminha, Maura Lopes Cansado, João do Rio, Maria Firmina dos Reis, João Silvério Trevisan, Narcisa Amália, Lúcio Cardoso, Gilka Machado, Carolina de Jesus, Orides Fontella, Olga Savari, entre outras.

Pretendemos defender a literatura, quero reprisar. As outras expressões escritas já têm muitos patronos. São ordens classistas, sindicatos, órgãos governamentais, partidos políticos, enfim, uma plethora de entidades que salvaguardam interesses corporativos. Mas quem defende os escritores? Poucas e frágeis instituições. Aqui há o centenário Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a Academia Mato-grossense de Letras. Nós resistimos, a despeito de todos os governos, todos os descasos, todas as crises e todas as críticas. É assim porque, a um só tempo, legamos uma herança e nos impomos a renovação. De acordo com Derrida, “não se pode recusar a herança, uma vez que ela faz parte da nossa identidade” e, por outro lado, convém lembrar que a tradição é um misto de invenção e convenção, não um dogma religioso que se autoexplica.

Lorenzo Falcão soma com vivacidade e irreverência, a mundanizar o sagrado, ironizar pudicos e teóricos amargos. De tudo ri. De si, por princípio; com todos, por prazer. Lorenzo é um desabusado frustrador de idílios. Define sua literatura da seguinte forma:

o que é que você pensa / que vai encontrar na minha poesia? / o que
você procura em meus versos? / o que você quer do meu eu poeta? /
ora, francamente... / vá procurar o que fazer / e larga a mão da minha
poesia. / me deixa! // quero ficar sozinho, / que poeta é bicho solitá-
rio. / eu e minha poesia nos bastamos, / somos bastantes e bastardos
/ dentro e fora do mundo / lugar comum. // me deixa... / deixa eu
encher a sua cabeça / de versos / e minhocas.

No entanto, como qualquer outro escritor, Lorenzo pretende sublimar o tempo. É que a literatura tem uma relação umbilical com o tempo, o crítico mais qualificado de um texto. Essa pretensão que, institucional-

mente, encontra aqui guarida, já estava nítida no ‘Poema absoluto’, do qual extraio um trecho: “Aí, fico pensando...’ / Seria demais pedir / pra viver um tempo, / aquele tempo necessário, / pra ter condições / de me transformar / num poema absoluto, / daqueles que a terra há de comer?”. A resposta, caro confrade, o almejado tempo de maturação, nenhum de nós haverá de gozar porque estar inacabado, insatisfeito, frustrado, é o indissociável ônus da literatura e, por isso, quem a compreende a fundo permanece na humilde incompletude. A sua agonia, a nossa agonia está na música ‘Todo sentimento’:

Preciso não dormir / Até se consumir / O tempo da gente / Preciso conduzir / Um tempo de te amar / Te amando devagar e urgentemente / Pretendo descobrir / No último momento / Um tempo que refaz o que desfez / Que recolhe todo sentimento / E bota no corpo uma outra vez.

Enquanto não responde à pergunta de todos nós, nosso novel acadêmico trata os idílios com um realismo aparentemente desencantado. Lorenzo Falcão escreve ‘Quase chuva’, compondo o poema da seguinte forma: “um céu cinza / cheio de significados / recebe a força do meu olhar / de poeta extraviado. / Não fosse eu acometido / pelas lides da poesia, / no máximo, diria ou pensaria: / parece que vai chover”. Esse aparente descompromisso com os cânones antigos não os nega, nem os despreza, mas os transforma e revitaliza. O estranhamento é outra marca contemporânea. O rompimento da estética metrificada é encontrado na maioria da produção de Lorenzo. Tudo indica que o intelectual que se soma é adepto do pensamento de Octávio Paz que, no livro *Signos em rotação*, provoca:

A importância da versificação silábica revela o imperialismo do discurso e da gramática. E este predomínio da medida explica também que as criações poéticas modernas em nossas línguas sejam, de igual maneira, rebeliões contra o sistema de versificação silábica.

Nesse mesmo contexto, quero destacar o premiado poema ‘Cachorro’:

O cão que ladra / Mordeu a sambiquira de mamãe. / Cachorro felada-puta que me desagrada. / Canháin! // Mamãe deu sopa sentada / Na varanda na cadeira de balanço. / E o cão ali, de emboscada. / Apenas se fingindo de manso. // Vou mandar capar esse canino, / Acabar com a raça dele. / Cachorrinho vagabundo. Sem destino. // Vou bater com cansação nele / Quem mandou morder bunda de mamãe / Viralata podriheiro. / Canháin!

O uso do linguajar cuiabano (sambiquira, cansação, podriheiro) rememora o modernismo que valoriza elementos regionais na formação de uma nova identidade brasileira, mais realista no trato com o corriqueiro e inverte a lógica literária hegemônica cujo eixo nacional está cravado no discurso do sul-maravilha e despreza o que está em suas margens.

Lorenzo é daqueles intelectuais engajados, cujo compromisso é fazer coincidir no Brasil a geografia com a literatura mato-grossense, isto é, no centro. Antes que me acusem de bairrismo, alerto que a escritura do fluminense Lorenzo Falcão é uma atitude política de uma geração que se vê prestigiada com mais um assento nesta Academia de Letras. Eis aqui mais um exemplo de que a atitude dos chegantes reforça a revalorização da produção tchapa-e-cruz, infelizmente vista como “pau-rodado” no excludente *lobby* editorial nacional. Isso precisa acabar e está acabando: as grandes Marta Cocco e Marli Walker ganharam a seleção nacional para compor a listagem de recomendação do Ministério da Educação. Foi a geração da qual nosso novo confrade é egresso que pautou essa “opção revoltosa”, porque sabem que a literatura é, no fundo, um reflexo. Melhor dizendo, nas palavras de Sartre: “a arte de escrever é o que os homens fazem dela, eles a escolhem escolhendo-se a si mesmos”.

Prosseguindo com a reflexão sobre os padrões estéticos do empossando, cito o conto ‘Pensando baixinho’, onde o autor refaz o roteiro mental de outro escritor com dor de dente, sofrendo com o dilema de elaborar a própria literatura. A convulsão da personagem vai crescendo até que Lorenzo conclui o texto da seguinte forma:

E assim se pôs a pensar na melhor maneira de fechar o seu texto ficcional. Se estaria de acordo, ou não, se tinha, ou não, estofo literário, o problema não era seu. Era uma questão que caberia ao seu editor (chefe), a pessoa que tinha a responsabilidade assumida de publicar, ou não, o texto encomendado. Achou, ainda, que tudo viria a ser culpa do seu editor, pois editores são pessoas com as quais o escritor precisa ter esse relacionamento de confiança. Se o público leitor, ou os críticos, não considerassem literatura aquilo que escreveria, o problema seria mesmo do seu maldito editor... E ficou pensando, mais uma vez, baixinho, para não esfacelar a silenciosidade impregnada na sua casa – revestida pelo solilóquio necessário ao escritor... Maldito fluxo de consciência. A plenitude da agonia impediu que o texto se fechasse apenas na maldição (maldição, afinal, não é algo tão ruim assim) que era ser escritor. Então, para terminar mesmo a coisa, optou por um palavrão. Pensou baixinho: foda-se.

A par da irreverência, Lorenzo Falcão é um intelectual consistente. Fomenta a cultura no Estado há mais de 40 anos, vencedor do Prêmio Ação Cultural, é diretor do mais longo *site* literário mato-grossense, o ‘Tyrannus melancholicus’, é autor de livros de *Mundo Cerrado*, *Motel Sorriso*, *Diferente*, livros de contos e guarda o próximo em parceria com a esposa Fátima Sonoda, *Duplex* e *Distribuidora Falcão: Versos no atacado e varejo*, ambos no prelo. Isso para não falar nas muitas obras coletivas que seria cansativo citar. Para ser franco, nosso novo colega deve ser apresentado como um intelectual de múltiplas habilidades: escritor, jornalista, crítico, ator, dramaturgo, com larga experiência nos movimentos culturais ligados à literatura como a Revista *Vôte*, *Fagulha*, *Thriller*. Escreveu para Liu Arruda e redescobriu Ricardo Guilherme Dicke.

Com quase 60 anos, nosso novo confrade é fascinado pela juventude. É provavelmente o maior mérito do intelectual chegante: saber dialogar com as novas gerações, sem as costumeiras barreiras dos graduados, pós-graduados, pós, pós e tão-pós que, das vertigens acadêmicas, não sabem mais o que é fruição literária, jazendo fossilizados nas presun-

ções honoríficas. Para estes janotas, Lorenzo Falcão traiu convenções. Ele incomoda os chatos de toda a natureza. Para quem interessa (e quem interessa é Sua Excelência, o leitor), o autor oferece a lírica da contemporaneidade:

jovens gostam de literatura / de um jeito diferente / onde não cabe maturidade / gostam esperançosos / e verdadeiros / apesar das inquietudes / comuns à idade. / Defendem a teoria de que a vida é bela / e o amor é lindo. / E que a literatura, talvez, / tenha a ver com isso. / Jovens sabem e precisam / fazer planos. / precisam de literatura / e não de reposição hormonal / a sorte deles é outra / diante do futuro que chega.

Quero chegar ao fim do meu discurso. O que há mais para falar? Que Lorenzo Falcão substitui perfeitamente Ronaldo de Castro? Não, isso ninguém faz. Podem sim conviver sucessivamente no tempo. O poeta que nos deixou era radicalmente partidário de mais ficcionistas nesta instituição. Foi atendido e acarinhado pela circunstância de ceder a Cadeira 12 ao admirador de *Cuiabanália*. Lorenzo Falcão não é qualquer escritor. Tem uma grande representatividade. A geração de intelectuais mato-grossenses que revalorizaram a terra, comemora de corpo presente. Viva Chico Amorim, Luiz Renato, Eduardo Ferreira, viva Wander Antunes, Gabriel de Mattos, Juliano Moreno, Amauri Lobo, Mário César Leite. Viva Cristina Campos, Marta Cocco, Lucinda Persona, viva Ivens Scaff, Luciene Carvalho e Aclise de Mattos! Outros nos sucederão, desde os premiados Santiago Vilela Marques, Marli Walker, Odair Moraes, Divanize Carbonieri, Paulo Sesar Pimentel, aos jovens Caio Augusto, Stéfanie Medeiros, Matheus Barreto, Wuldson Marcelo, Danilo Fochesatto, Rodivaldo Ribeiro, Alexandre Tarelow, Everton Barbosa, Santiago Santos, Rafaela Erika, Klaus Henrique Santos, Guamá de Belém, Marcelo Leite Ferraz, Helena Werneck. Eu mesmo, que sou o çacula nesta Casa há mais de 10 anos, rogo a Deus estar vivo para ver a noite da grande pajelança literária que será a posse do fantástico escritor Daniel Munduruku.

Demorou a chegar, amigo Lorenzo Falcão! Nós oferecemos a nossa companhia fraterna e queremos comungar contigo o sonho histórico de partilhar com o povo o nosso biscoito fino. Sua presença nos traz coerência. Sobre o seu merecido ingresso, rememoro Chico Buarque:

Ah, eu quero te dizer / Que o instante de te ver / Custou tanto penar / Não vou me arrepender / Só vim te convencer / Que eu vim pra não morrer / De tanto te esperar / Eu quero te contar / Das chuvas que apanhei / Das noites que vareei / No escuro a te buscar / Eu quero te mostrar / As marcas que ganhei / Nas lutas contra o rei / Nas discussões com Deus / E agora que cheguei / Eu quero a recompensa / Eu quero a prenda imensa / Dos carinhos teus.

Encerro como comecei, a meditar sobre as funções da nossa Academia de Letras, em meio às crises. A chave para a longevidade institucional é a eterna abertura para o desconhecido. Na visão de Roland Barthes, “a obra literária é uma pergunta ao mundo e não uma resposta”. Nossa Academia precisa ladear-se dos escritores contemporâneos, do público leitor, dos produtores culturais e de tudo o mais que nos livre da ignorância. De outro lado, tem como missão conservar a literatura como arte, como recurso estético, como disfuncionalidade, como fruição, por mais que nos ataquem os multiculturalistas, os historicistas, os psicanalistas, os niilistas e toda a sorte de injunções e relativizações que insistem em empobrecer a invenção literária de modo a igualar literatura com qualquer outro texto. Nesse ponto – talvez fale apenas por mim – estamos confortáveis em sermos politicamente incorretos, idealistas, idiossincrasias perfeitamente compreensíveis no cipoal teórico da crítica literária contemporânea.

Assim que acabar esta cerimônia de posse de Lorenzo Falcão, façam uma meditação profunda: hoje em dia, a Academia Mato-grossense de Letras é uma instituição conservadora, ensimesmada num passado autorreferente? Não será a Academia Mato-grossense de Letras a instituição que resistiu aos anúncios do fim da literatura? Não teremos

nós nenhum mérito na herança literária mato-grossense, na centenária defesa do livro, do linguajar, do patrimônio histórico e da memória mato-grossense na guarda dos acervos familiares? Não será o tempo o soberano juiz? Talvez o empossando, o mais “mortal dos imortais” já tenha feito essa reflexão sobre a Casa Barão de Melgaço e percebido que o nosso “amor é um grande laço, um passo pruma armadilha”, aceitando meter aqui o pé na arapuca.

Fiquem todos com as ponderações de Ferreira Gullar, o mais famoso antiacadêmico brasileiro que, depois de resistir décadas, ingressou na Academia Brasileira de Letras:

Pode alguém se espantar ao me ouvir dizer que posso encontrar o novo nesta Casa, que é o reduto da tradição. [...] Não obstante, como a vida é inventada, em qualquer lugar e em qualquer momento, algo inesperado pode acontecer. Espero que aconteça, mas que seja uma surpresa boa.

Pois então, senhoras e senhores, que venha o inesperado do futuro de mãos dadas com o tão esperado Lorenzo Falcão.

Discurso de posse do acadêmico LORENZO DE JESUS MIRANDA FALCÃO,

em 21 de setembro de 2018

Não sei aonde a literatura vai me levar.

Eis-me aqui. Consolidado e feliz nesta casa de letras, tradicional espaço da literatura mato-grossense. Uma conquista expressiva para um homem que veio de fora... pau rodado... mas que se enraizou neste calorento cerrado, talvez, cumprindo uma sina que não poderia ser outra.

Ingressar na Academia Mato-grossense de Letras me deixa orgulhoso. Faceiro... e toceira. Toceira pra catiça, ah... que gostosura me causa o exercício de uma expressão regional.

Ao longo da minha vida, o falar cuiabano sempre provocou situações inusitadas. Nascido em Niterói, Rio de Janeiro, minha biografia é entrecortada por idas e vindas várias. Não tenho na minha oralidade o sotaque carioca acentuado, mas gosto de forçar a barra no cuiabanês, que me parece um jeito muito original de se expressar.

Na minha infância, certa vez, numa escola em terras fluminenses, contei um caso e usei a palavra “corguinho”. Bastou para que eu fosse alvo de toda sorte de *bullying*. Não doeu tanto e até achei divertido imaginar que os alunos e alunas achariam correto que eu dissesse, em vez de “corguinho”, “corregozinho”. Ora, francamente. Sou um falador destrambelhado e poderia interpretar aqui um disparate de experiências curiosas que a vida tem me apresentado. Mas não posso e nem devo me alongar em demasia. Mas, alerta vocês, minhas queridas convidadas e queridos convidados, que não estarão jamais livres da minha memória que, a tiracolo, traz a disposição minha para escrever.

A conversa que segue diz e respeita – e acho justo – os ritos de um discurso de posse nesta Academia. Chegou a hora de falar da Cadeira

12 da Academia Mato-grossense de Letras. Aquela mesma que ninguém tasca, porque ela é minha. Fui eleito com méritos e, na medida do possível, vou honrar meus predecessores. A vocação para o verso tem sido uma constante nessa Cadeira. O Patrono da Cadeira 12 é o capixaba Antônio Cláudio Soído (1822-1889). Foi militar, tradutor, escritor e poeta. Em 1857, como oficial da Marinha Imperial, pela primeira vez, veio parar aqui em Cuiabá. Para investigar as possibilidades da navegação na Bacia do Prata, naqueles tempos em que a Guerra do Paraguai se anunciava. Soído foi um destacado oficial da Marinha, atuando em outros estados como Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco. Quando se viu livre dessas funções radicalmente disciplinares, solicitou sua mudança – que foi aceita – para Cuiabá. E é aí que entra a parte mais afim da sua trajetória neste discurso. Antônio Soído é apontado como principal difusor da estética romântica na literatura mato-grossense e, apesar de viver numa região distante e isolada, naqueles tempos, seus versos já apresentavam um estilo vanguardista, deixando para trás o arcadismo, ainda tão presente no final do século 19. Não que este novo mortal (eu mesmo) seja um poeta da vanguarda. Mas, até gostaria... Mais enfileirado com Antônio Soído estaria, no que se refere ao verso. Mas, na carreira militar... quá!!!

O mortal seguinte da Cadeira 12 é mais semelhante a este discursador. Apesar de formado em Direito, Gabriel Vandoni de Barros (1907-1988), foi poeta e jornalista. Nascido em Corumbá, nos tempos do Mato Grosso indiviso. Dr. Gabi, conforme era chamado pelos mais íntimos, foi também deputado por duas vezes e sofreu perseguições políticas pelos governos ditatoriais de seu tempo. Será que foi porque entrevistou Luiz Carlos Prestes duas vezes? Vai saber...

Gabriel Vandoni era de família abastada e foi filantropo ao longo de sua vida. Na sua cidade natal, Corumbá, com recursos próprios, construiu o Museu do Pantanal e também inúmeras escolas para crianças carentes. Ao citar o doutor Gabi, impossível não mencionar o que ouvi da boca do saudoso poeta Manuel de Barros: “Corumbá é a cidade mais cuiabana que existe”. O discurso de posse de Vandoni nesta Academia

ganhou fama e conquistou, pelo menos, o público cuiabano. Recebeu a nomeação: “Cuiabá: terra agarrativa”. E aproveitou para fazer minhas, as palavras do doutor Gabi, pois Cuiabá é mesmo uma terra que gruda na gente.

O CAJU

Meu caju nativo cuiabano
não é cativo:
Nasceu com as pedras e o vento
(cajuzinho espontâneo sem pai)
Órfão sorrinte
Incercado e sempre livre
das bandas do Araés ao Ribeirão
Cajuzinho do povo
brotado entre cascalhos livremente
e por isso gostoso e cuiabano.

Com este poema começo a falar sobre o último ocupante da Cadeira 12, o poeta e jornalista cuiabano Ronaldo de Arruda Castro (1941-2001). Um autor que herdou do pai, Rubens de Castro, o destino poético. Me identifico muito com Ronaldo, seja pela liberdade do seu verso, seja pela criticidade do jornalismo que ele praticou. Sua poética moderna é engendrada muito no imaginário das coisas desta terra, traz a sofisticação daquele que goza de intimidade com as palavras e as trata com carinho, provocando surpresas e encantamentos aos mais variados leitores. Os poemas de Ronaldo me remetem a celebridades da literatura mundial.

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer. Porque eu sou do tamanho do que vejo. E não do tamanho da minha altura...
(Fernando Pessoa).

“Fale de sua aldeia e estará falando do mundo” (Leon Tolstói).

E dá-lhe Ronaldo Castro:

CUIABANÁLIA

Ah! Cuiabanália...

Cidade intoxicada do bagaço

tecnetrônico

estereofônico

biônico

supersônico

agônico

atômico

Onde o viver canônico

A sombra cheirosa dos quintais em flor!

narcotizou-se o amor

Ah! Cuiabanália...

Agora, espigões, néon,

Excesso de decibéis,

Jeans, gatonas trepadas

No lombo rouco das motos,

Superlotando os motéis.

Só há rock, drive-in,

Lanchonete, pizzaria

E o terror dos quartéis,

Onde a boa etária!

Ah! Cuiabanália...

Pobre não mora, formiga

Nas favelas do BNH.

Rico vira executivo

E coça no CPA.

Onde a Cuiabá telúrica

Parindo a raça viril
Empenhada por sutil!
Ah! Cuiabá canalha
-cui-a-ba-ná-li-a-
Cortesã das multinacionais
Com seu arsenal eletrônico
agônico
estereofônico
biônico
supersônico
atômico

Ah! Cuiabanália...
Onde a Cuiabá pudenda
Das igrejas, candomblés
E dos pios cabarés!
Já não há virgens postiças
Nas escolas enfermiças,
A boemia e seus vícios,
Seus bêbados vitalícios
Prostitutas sacrossantas
Pelas ruas não há tantas.
Só há tóxico e frescura
Poluindo a noite pura.
Cuiabá metálica
neurótica
caótica
semi-ótica
estroboscópica
Cuiabá feia e fétida
esfingética
hermética
cibernética

Cuiabá caquética

Ah! Cuiabanália...
Onde a Cuiabá erudita
doce e mansa
culta e santa
Cuiabá romântica
semântica
Dos artistas e poetas
Onde a barroca matriz
O coreto e o chafariz

Ah! Cuiabanália...
Cuiabá morreu e
Vou para San Sebastian
– fronteira do México com o Nepal –
Que tenho porre marcado
Com Rimbaud, Chopin, Van Gogh
E São Francisco de Assis

(Cuiabá não é mais feliz)
Cuiabanália canalha.

Escrevi, em 2001, um artigo me referindo à passagem de Ronaldo Castro para outras dimensões. Lembro-me que comecei confessando que não cheguei a conhecer pessoalmente o poeta. Hoje, emocionado, assumo a Cadeira que foi dele nesta Casa. Que coisa... Não conheci Ronaldo, mas hoje aqui estão, prestigiando a minha posse, os seus familiares. Quanta felicidade tê-los aqui. E convido a todos vocês que aqui estão, a aplaudir o poeta ausente e imortal e a sua família.

Não sei aonde a literatura vai me levar. Tenho a impressão que nasci poeta, embora fique prosa, às vezes. E em Mato Grosso acabo de galgar uma razoável imortalidade. Ao dizer isso, não desmereço a Academia.

Assim escrevo para o registro de que a literatura é algo que não se pode trancafiar num espaço acadêmico. Ela precisa ouvir e contracenar com os ruídos que chegam das ruas para alimentar e iluminar a alma de quem lida com as palavras.

A literatura precisa ser verdadeira e estar em toda parte. Como representação da realidade e gerada segundo a ótica de uma pessoa normalmente mais sensível, a literatura tende a exercer um grande poder transformador. Daí a necessidade de que o verso e a prosa atinjam em cheio todas as camadas sociais, ampliando a compreensão de mundo e formando sociedades mais evoluídas, mais libertas e capazes de interferir positivamente na vida de todos.

É nessa direção que pretendo atuar ao lado de todos que integram esta Academia. Meu discurso tem a intenção de incomodar. Acredito que a força institucional desta Casa deve estar atrelada à necessidade de combater, principalmente, à falta de interesse e de vontade política que as instituições públicas de Mato Grosso vêm demonstrando em relação às ações e estratégias no trato com a cultura, de uma forma geral.

Não se trata de uma crítica específica a este ou aquele governo. Falo de uma situação que perdura desde sempre. Ou melhor, desde que passei a me entender como gente. Nesta hora preciso lembrar que são os artistas de Mato Grosso aqueles que elevam e projetam o nome deste Estado nos cenários nacional e internacional. E nunca, ou quase nunca, nossos governantes e políticos que volta e meia são flagrados pela mídia envolvidos em situações vexaminosas que deixam a nós, que aqui vivemos, com cara de tacho.

Estou quase terminando. E não poderia me omitir diante da necessidade de que esta Academia volte a sua atenção para as literaturas que têm sido produzidas, nos últimos anos, por autores que habitam as diferentes regiões deste Estado de dimensões continentais. A miscigenação escancarada que assola Mato Grosso nas últimas décadas está a moldar uma superlativa diversidade que já faz parte da nossa história, da nossa cultura.

É isso. Tornar esta Casa, cada vez mais, uma trincheira aberta onde

possamos cerrar fileiras, contando com o apoio popular, em torno de um ideário nobre e ético, pautado em valores positivos sociais, políticos e culturais. É esse o objeto do meu desejo, como o mais novo imortal de Mato Grosso.

Agradeço a presença de todos que aqui estão e o meu abraço fraterno aos acadêmicos que me elegeram. Aproveito para fazer uma promessa aos meus apoiadores: vocês não vão se arrepender!!!

Encerro agradecendo aos meus pais, Alayr e Rosa, que vieram do Rio de Janeiro para esta bela ocasião. E aos meus filhos, Beatriz, que também veio do Rio, e Vítor, que vive comigo aqui em Cuiabá, e que aguenta com generosidade as neuras e inquietações do pai que tem. Por falar em pai... Paiê, chegou a sua hora de soltar a voz.

(O cerimonial anuncia que Alayr Falcão vai cantar 'My way', de Claude François e Jacques Revaux, adaptada para o inglês por Paul Anka e imortalizada por Frank Sinatra, acompanhado pelo músico Michael André.)

PARTE III

SESSÕES MAGNAS DA SAUDADE



**Abertura da Sessão Magna da Saudade em memória
do acadêmico IVENS CUIABANO SCAFF,
pela presidente Luciene Josefa de Carvalho,
em 30 de abril de 2024**

Um Cuiabano

Tenho refletido, neste curto período em que estou presidente da Academia Mato-grossense de Letras que, talvez, uma Sessão Magna da Saudade não seja um rito de despedida de um acadêmico que se foi... Creio que a Sessão Magna da Saudade seja um momento de celebração daquele que enviou seus mais extraordinários esforços e constituiu, na jornada, uma vida e uma obra notáveis. Em momentos como estes, esta Academia apresenta-se no seu mais nobre papel: o de acolher e levar consigo o nome, a história e a obra do acadêmico que partiu.

Nesta noite, estamos reunidos para transpor, juntos, Academia Mato-grossense de Letras e sociedade cuiabana, esse limiar na trajetória de um homem de estatura superlativa: Ivens Cuiabano Scaff.

Dizer que era médico, poeta e escritor é desconhecer a dimensão que Ivens deu à palavra “humano”! De antemão, aviso que trago em mim a certeza de que minhas palavras nunca irão traduzir aquele que se parecia com um rio, de tanta sede que saciou: de alento, de Letras, de cura, de zelo, de troca, de tempo, de erudição, de atenção, de oportunidade, de ciência... Um amigo da cidade que, desde o dia 21 de fevereiro de 2024, se desconsola, estarecida e órfã.

Se o médico olhava através dos pacientes com respeito e fé, buscando curar-lhes as dores, o escritor era imbuído do mesmo respeito pelos personagens, que criava com pesquisa e minúcia. Acolhia, com imensa generosidade, os escritores que iam ao seu consultório com um livro recém-publicado, estalando de novo. Ivens abria o livro ao meio e

cheirava as páginas, dizendo: “Adoro cheiro de livro novo!”. E, quando Ivens ria, parecia que o rio ria com ele, de Acorizal até São Gonçalo Beira-rio.

Bia me contou que Ivens era um exímio percorredor de matas e que a Chapada lhe foi desvendada pelo Tio Poeta. Costumo dizer que um homem, cujo nome termina em ‘S’, já traz no destino a vocação de ser plural... Ele era um Ivens diferente para cada um de nós. Um convite, uma dor, um medo, um sintoma, um sinal, um desabafo, uma ideia e quantos de nós já não pensavam: “Vou no Ivens!”

Queridos, convidemos este Cuiabano tão amado a assumir definitivamente a merecida estatura de imortal. Talvez, a sua vida tenha nos deixado, como legado, *uma maneira simples de voar*.

**Panegírico a IVENS CUIABANO SCAFF,
por Yasmin Jamil Nadaf,
em 30 de abril de 2024**

Ivens Cuiabano Scaff: Relato de uma Saudade

Inicialmente, eu quero agradecer às amigas Marta Cocco e Sueli Batista, membros desta Academia, e Maria Teresa Carracedo, editora-chefe da Entrelinhas Editora, pelo generoso empréstimo de livros, entre outros escritos de Ivens, para a elaboração do texto que ora apresento.

Em 2022 eu doei a minha biblioteca à Unemat/Campus de Sinop, o que explica a total ausência de livros em minha estante. Às três amigas, a minha gratidão!

Há cerca de 28 anos como Membro desta Academia Mato-grossense de Letras realizei algumas tarefas em eventos oficiais, tais como a colocação da Pelerine em vários acadêmicos que aqui ingressaram; nessa lista para minha honra incluo o protagonista desta noite: Ivens Cuiabano Scaff, que aqui tomou posse na data de 25 de março de 2014. Era uma terça-feira, noite, e o salão desta Casa estava repleto de amigos, admiradores e familiares de Ivens. A acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite fez um contundente e bem elaborado “Discurso de Recepção”, e o acadêmico Eduardo Mahon, presidente à época, entregou o Diploma ao empossado. Marília, como eu, foi uma amiga e admiradora de Ivens de longas datas. Infelizmente, em 2020, a perdemos para a Covid.

O pronunciamento em uma Sessão Magna da Saudade a um acadêmico ausente é a primeira vez que eu realizo. Eu sempre fugi dessa tarefa talvez por eu não saber lidar muito bem com as partidas. Desse modo, espero hoje corresponder essa atribuição que me foi dada pela nossa atual presidente, Luciene Carvalho, a quem agradeço a confiança.

A Sessão Magna da Saudade, aos que não conhecem, é uma tradição centenária que a Academia realiza para prestar uma homenagem a um

acadêmico falecido. Com o cumprimento dessa Sessão a entidade dá um passo importante na consignação de um dos seus objetivos primordiais expresso em seu Estatuto, que é o de preservar a memória de seus acadêmicos, transmitindo-a às gerações presentes e futuras.

Acada novo pôr do sol me convenço de que a nossa Academia, como as demais Academias de Letras do País e do estrangeiro, assemelha-se a um Anais: um “Grande Livro” que registra e imortaliza a Vida e a Obra daqueles que fizeram e fazem a História das Letras em cada espaço do nosso universo. Compô-la, sabemos, é uma honra para poucos. Tem sido uma honra para mim, e sei que o foi para o Ivens. Ele tinha orgulho de pertencer a esta Casa, que muito a honrou em sua trajetória por praticamente uma década.

Do seu Discurso de Posse extraio dois excertos que julgo pertinentes de serem lembrados neste momento. O primeiro foi quando ele disse: “Realmente é um privilégio ocupar a Cadeira que foi de uma poeta. E a minha caminhada até aqui foi balizada por muitos poetas”. Tal frase corresponde a saudação de Ivens à acadêmica Maria de Arruda Müller, centenária poeta, e ocupante da Cadeira 7, da qual ele foi sucessor. No ensejo nomeio o Patrono da Cadeira, Cônego José da Silva Guimarães, e o primeiro ocupante, Manuel Xavier Paes Barreto Filho.

Já o segundo trecho corresponde ao instante da finalização do seu Discurso onde ele nos revelou:

Hoje é o dia da minha posse nesta confraria...

Se me perguntarem o que farei na Academia, responderei:

Não sei.

Com o coração aberto, direi:

Não sei.

Com a mente aberta, direi:

Não sei.

Não sei, significando: entro para interagir, criar coletivamente, pensar a cultura cuiabana e mato-grossense junto aos meus pares desta Casa.

Nesta noite – destituída do laço afetivo que nos unia – posso dizer como uma acadêmica longeva: o acadêmico Ivens honrou o propósito que anunciou no dia de sua Posse pois interagiu, criou coletivamente, pensou a cultura cuiabana e mato-grossense junto aos seus pares nesta Casa. Isso é fato selado entre os Membros que compõem esta Academia. Ivens fez jus à Cadeira 7 que ocupou e ocupará sempre – Sentido da Imortalidade.

Oportunidade que em nome dos meus colegas posso ainda afirmar: ele deixou uma imensa saudade em nossos corações. Sua ausência física ecoa fortemente pelos cantos desta Casa.

O Bairro do Porto e o Rio Cuiabá, de Ivens

Ivens Cuiabano Scaff, cuiabano, nascido em 30 de setembro de 1951, filho de Lucina Cuiabano Scaff e Hid Alfredo Scaff. Descendente de libaneses, pelo lado paterno, e descendente de portugueses, ingleses e indígenas pelo lado materno.

Foi médico, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor da área médica, escritor, e um indivíduo extremamente preocupado com a difusão das mais diversas expressões culturais mato-grossenses, lutando de modo incansável pelas suas permanências, e propagando de modo positivo as novas artes que chegavam.

Falar sobre Ivens sem falar do bairro do Porto acredito que não seria possível. Ele amava o Porto banhado pelo rio Cuiabá, território onde viveu a sua infância e parte de sua vida adulta, e de onde extraiu (ou moldou) a matéria para a construção daquilo que ele foi.

Na sua rotina diária viu lanchas chegarem e partirem para lugares longínquos como Corumbá e Montevidéu, pescou, banhava diariamente nas águas do rio, e confabulava com pescadores que dali tiravam alimento e sustento para as suas famílias.

Na última entrevista que ele deu a TV Centro América, por ocasião do aniversário de Cuiabá, em 2023, após ler um trecho do poema ‘Kyvaverá’, Ivens confessa:

o rio Cuiabá faz parte da minha vida... pelo convívio... pelas lendas... pela cultura [por exemplo, trabalhadores com barro de São Gonçalo]. O cururu./ O Siriri./ Isso é fonte de inspiração para mim que escrevo e para muitos artistas.

Eu também sempre amei o rio Cuiabá, ainda que não tenha me banhado tanto em suas águas, para mim tão profundas. Acredito que esse rio preenche a memória de todos os cuiabanos, pelo fato dele banhar a cidade e ser fonte de vida, e por fazer parte do cotidiano imaginário de todos que aqui viveram no passado. Hoje eu não posso dizer que esse sentimento vive nos habitantes mais atuais da cidade porque Cuiabá cresceu e se miscigenou, o que não vejo como problema pois eu mesma sou fruto de uma família árabe/miscigenada entre sírios e libaneses, que aqui aportou.

Por décadas eu pude conhecer bem de perto um pouco desse espaço vivenciado e amado por Ivens, e por todos os cuiabanos do passado.

A menina Yasmin de sobrenome Nadaf não nasceu nem morou no Porto, mas seu pai ali residiu quando atravessou os dois Oceanos – Pacífico e Atlântico – para visitar seu tio Moisés Nadaf, que havia fincando suas raízes à beira do rio Cuiabá, casando-se e constituindo numerosa família. Seus filhos e filhas ao se casarem ergueram suas casas perto dos pais.

De uma viagem a passeio da Síria ao Brasil, e logo em seguida a Cuiabá, contando com 23 anos de idade, e sem falar o português, meu pai Jamil aqui ficou; adotou esta cidade como sua terra, a quem amou como um cuiabano de nascimento. E, quando eu ainda nem havia nascido, o primeiro comércio do meu pai foi no Porto, em frente à praça Luís de Albuquerque. Era um pequeno comércio onde ele vendia de corda a fumo. Depois com mais recurso foi que ele abriu a ‘Casa Nadaf. O Paraíso dos Perfumes’, cujo primeiro espaço físico funcionou em frente à Praça da República, no centro de Cuiabá, onde também foi nosso primeiro endereço residencial pois morávamos no fundo da loja.

O Porto era então uma ligação selada em minha família. Os árabes,

como os cuiabanos, não abrem mão da convivência familiar, e com as famílias afins. Assim nos domingos e feriados nossas visitas eram certas: Nadaf, Scaff, Bussiki, e um outro braço da família materna do meu pai, os Zarour. Todos morando no Porto, para onde seguíamos felizes...

[Permitam-me descrever uma imagem singular que eu guardei desse período de modo afetivo: é o retrato dos meninos banhando ou lavando carros numa ladeira de pedras redondas, que começava na rua 15 de novembro e terminava no rio Cuiabá. Ladeira que ficava ao lado da cabeceira da Ponte Júlio Müller. Eu amava ver os carros subindo e descendo aquela ladeira (o carro do meu pai era um deles), e muitas crianças felizes ali.]

A casa de Ivens ficava exatamente numa parte alta da rua/calçada próxima a essa ladeira. Casas ladeadas umas às outras e que se situavam assim (se não perdi a memória): a casa da dona Lucina Scaff, ladeada pela casa da dona Najla Bussiki, e pela casa do senhor Waldo Olavarria. As três casas, como as demais daquela região, eram de fachadas similares, e todas contavam com uma porta grande, e um corredor que unia a primeira porta a uma segunda porta que dava a entrada nas casas. Essa engenharia era usual nas casas cuiabanas onde a primeira porta ficava sempre aberta para as visitas aguardarem de modo mais confortável no corredor até serem recebidas. Os estranhos idem. Cuiabá acolhia! Era o tempo das portas abertas e das cadeiras nas calçadas.

Andei e desfrutei muito do quintal da casa de Ivens. Eu amava pisar em chão de terra, e melhor ainda quando era um quintal farto como aquele lá. Meus pais Layla e Jamil eram amigos de dona Lucina e senhor Alfredo, então íamos visitá-los. Acolhimento, Afeto, Alegria e Amizade não faltavam naquela família. Interessante que somente hoje vejo que todas essas palavras começam com a letra **A**, a primeira do alfabeto. A explicação?! Talvez porque a família do senhor Alfredo e dona Lucina seja o retrato de uma família do Porto, que carregava esses sentimentos como um ícone.

E, Ivens, herdou e propagou essa natureza de amor.

Aqui nomeio seus irmãos: Ivo, Yvonne e Ivelin. Ivens era o caçula. Nesse núcleo familiar não posso esquecer jamais da tia Geni Kalix, irmã da senhora Najla Kalix Bussiki, ambas primas do senhor Alfredo Scaff. Tia Geni amava a todos os sobrinhos, mas de modo especial seus cuidados recaíam sobre Ivens a quem amou como uma mãe zelosa.

Como médico – e aí dou um salto no tempo – Ivens foi e sempre será lembrado como um médico dos ricos e dos pobres sem distinção, e um médico que não tinha preconceito, tendo sido pioneiro na luta da desmistificação de que a AIDS era semelhante a uma lepra, para uma Cuiabá da década de 1980.

Carregando a letra **A**, como retrato de sua família, mostrou-se um médico extremamente dedicado, e que sofria muito com as dores de seus pacientes. Em várias ocasiões, eu pude atestar sua tristeza quando perdia um paciente para os recursos da medicina, em muitos de seus plantões.

Ivens e Yasmin: Laços de uma Amizade

Com o pulo para a década de 1980, uso o gancho temporal para narrar o estreitamento da minha amizade com Ivens: Ele médico no INSS, e eu, estudante de Letras na UFMT, e funcionária do Iapas, na avenida Getúlio Vargas.

Nos dias de meio expediente no trabalho, saíamos rapidamente dos prédios anexos e corríamos para o carro de Ivens com destino as cachoeiras da mítica e mística Chapada dos Guimarães, ou para Bon-sucesso onde sentávamos na areia próxima ao rio e sem olhar para as horas ficávamos falando sobre tudo: livros lidos, rascunhos de nossos escritos, paqueras, fofocas da cidade, e conversas sobre o folclore daquela região. “Minhocão do Pari, existe, Ivens?!” e ríamos a não parar mais.

Nesse período ele me desenhava as histórias infanto-juvenis que desejava ver impressas; e, na metade da década de 1980, quando eu migrei do trabalho no Iapas para a UFMT, Ivens já me contava sobre os belos intertextos que escrevia: diálogos com as fábulas e os clássicos da

literatura universal infanto-juvenil, entre eles os contos de Hans Christian Anderson, e Monteiro Lobato, em nível nacional.

Essas leituras o fascinavam, e faziam brotar o escritor, tanto que não tardou a assinar os primeiros autógrafos dos seus livros.

De maneira singular ele era apaixonado pelas histórias do ciclo arturiano, leia-se *O rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda*, com quem inclusive mediou de modo explícito em uma de suas obras infanto-juvenis.

Em 1988, Ivens publicou seu primeiro livro – *Mil mangueiras* – de poemas, e na década de 1990 consagrou-se como escritor.

O Acadêmico Ivens e suas Obras

O acadêmico Ivens publicou 11 livros entre poesia e livros infantil e infanto-juvenil. Muitos deles em 1ª e 2ª edições, que listaremos a seguir. Essas obras imprimiram o seu nome no cânone da História da Literatura Brasileira/Mato-grossense.

Quando ele publicou seu 1º livro para os pequenos leitores alguns autores já haviam publicado no gênero, em Cuiabá e no Estado. Vejamos.

Dunga Rodrigues, autora de *Uma aventura em Mato Grosso* (Prefeitura Municipal de Cuiabá, 1984); Maria das Graças Campos, autora de *As meninas e o sabiá* (UFMT/Sesc/Entrelinhas, 1987); e, *Antônio de Pádua e Silva* (São Gotardo-MG, 1955-2003), um jornalista de formação, que aqui viveu por mais de 25 anos, autor de quatro livros: *Guerra do Pantanal* (1991), *Selva e chuva* (1992), *Na terra da confusão* (1993), e, *O gato que amava girl* (1994), todos impressos com o selo da Editora Atual, de São Paulo.

Não desmerecendo os autores e livros citados, que por sinal ocupam cada qual seu lugar de destaque na historiografia infantil e infanto-juvenil em nosso Estado, devo admitir enquanto pesquisadora e crítica literária que Ivens não só dobrou a soma na publicação dos títulos no referido gênero, como viveu um salutar “corpo-a-corpo” com professores, alunos e crianças dentro e fora da sala-de-aula, dialogando sobre suas obras.

Ele amava participar desses encontros, eventos literários, e rodas de leitura. Dividimos muitos desses momentos juntos.

Desse modo, Ivens consagrou-se como o maior destaque na literatura infantil e infanto-juvenil junto aos leitores; aos espaços acadêmicos universitários – através dos estudos sobre essa sua escrita – e, a mídia.

Na produção infantil e infanto-juvenil, em ordem cronológica, ele nos deixou o seguinte legado: *Mamãe, sonhei que era um menino de rua* (infantil, 1996), *A fábula do quase-frito* (infantil, 1ª edição, 1995, e 2ª edição, 1997), *Uma maneira simples de voar* (infanto-juvenil, 1997), e *O papagaio besteiro e a velha cabulosa* (infantil, 1999), todos editados pela editora Tempo Presente, e ilustrados pelo Wander Antunes, exceto a 1ª edição de *Uma maneira simples de voar* que recebeu os desenhos de Marcelo Velasco que fará futuras dobradinhas com Ivens.

A editora Tempo Presente foi uma editora criada por Ivens e Wander Antunes para difusão de seus títulos e de outros autores regionais, com foco no público infantil. Os livros eram via de regra de aspecto editorial econômico: papel, jogo de cores etc.

A mesma editora lançou no mercado ainda duas importantes revistas literárias: a *Vôte!* e a *Estação Leitura*, onde divulgavam contos, poesias, crônicas e quadrinhos de autores residentes em Mato Grosso.

Já neste século, os livros de Ivens chegaram às nossas mãos em edições luxuosas e acabamentos impecáveis elaborados pela sua editora oficial, a Entrelinhas. São eles: *Uma maneira simples de voar* (2ª edição, de 2006), e *A mamãe das cavernas e a mamãe loba* (infantil, 2012), ambos com Ilustrações de Marcelo Velasco. E, no entremeio, em 2008, *O menino órfão e o menino rei* (infanto-juvenil). Esse livro tem um aspecto curioso: nasceu como texto para o teatro, em 1998, com o título *A espada encantada – uma história dos tempos do rei Arthur*. Seu primo Carlos Gattass (o Carlão dos Bonecos) confeccionou e manipulava os bonecos nas apresentações teatrais; bonecos que posteriormente foram fotografados para a confecção do livro impresso, resultando numa inovada experiência editorial onde as ilustrações se transformaram em foto-ilustrações tiradas dos cenários montados.

Na poesia, como citamos, Ivens estreou com *Mil mangueiras*, em 1988; um livro de pequeno formato – 11 cm x 16 cm –, e contando com 50 páginas, de edição própria. Esse formato foi recompensado quando veio a lume *Kyvaverá*, em 2011, em grosso volume e maior tamanho, impresso pela Entrelinhas. As imagens que ilustram essa obra são reproduções de telas do consagrado artista plástico Jonas Barros.

Em 2016, novo livro de poemas pela mesma editora, *Asas de Ícaro: Versos de enamoramento e seus antônimos*, ilustrado por Adir Sodré.

Mais recentemente fomos apresentados com *Embaúba: a história de uma árvore* (literatura infantil, 2020); e *Haluares: 101 Haikais & outros versus luares* (2021). Os dois livros foram ilustrados por Ruth Albernaz, e publicados também pela Entrelinhas. O primeiro, *Embaúba*, traz uma belíssima mensagem sobre a solidão e o silêncio solidários. Recorrendo a uma árvore, como metáfora, o escritor fala dos seres que optam pelo isolamento, e, ainda assim, cumprem a rica missão de serem úteis a humanidade.

Infelizmente o tempo que disponho nesta noite é curto para fazermos um passeio mais fundamentado pela sua obra. De modo que tentarei sintetizar de maneira geral a sua estética.

Por repetidas entrevistas ou depoimentos em eventos literários e a mídia, Ivens não escondeu um dos motivos que o levou a escrever livros para o público mirim. Paralelamente as inquietações existências comuns a quem já nasce escritor, ele afirmava sentir um “certo incômodo” (digamos assim) pela ausência de traços de Mato Grosso – seu *habitat* – nos livros que lia quando menino.

Ivens era apaixonado por Mato Grosso, sua terra e sua gente, donde: a sua paisagem exuberante – os cerrados, as chapadas e o pantanal –, as tradições culturais da nossa ancestralidade, a fauna e a flora, a culinária, o linguajar dos vários núcleos que aqui habitaram/e habitam, e os mitos e as lendas passadas de gerações a gerações através do fascinante processo da oralidade.

Com seu amor transbordante, ele colocava todo esse universo em uma grande panela de ferro, e depois mexia até virar uma massa consis-

tente. Com o ponto da massa à risca dava luz a seus livros, semelhante a um artesão de São Gonçalo Beira Rio – trabalhador que ele admirava –, fazendo surgir a sua cerâmica de barro.

Em minha tese/livro *Rodapé das miscelâneas. O folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*, publicado em 2002, ao narrar sobre a importância da literatura produzida em folhetins literários por autores mato-grossenses ou que aqui residiram, no final do século XIX e 1ª metade do século XX, eu disse em um determinado trecho o que por incrível que pareça cabe ao conjunto das obras de Ivens, permitindo-me repeti-las aqui:

essa escrita entreteve, informou, educou, criou hábitos de leitura, formou autores, refinou costumes, ditou regras sociais, morais e religiosas, e fortaleceu a identidade regional. Na busca deste último aspecto, valorizou o passado e o presente, a alma e a terra, e expressou uma imagem saudosista e de esperança para o momento atual e o futuro da região: enalteceu os feitos heroicos, a natureza e suas riquezas naturais, os costumes, os dialetos, o vigor físico do mato-grossense e sua capacidade de suportar com dignidade os prejuízos decorrentes do isolamento geográfico territorial. [Este último aspecto, cabe lembrar que já não é o tempo do Ivens-escritor, mas foi outrora vivenciado em nossa história].

Em harmonia com essa assertiva escreve-se o conjunto da obra de Ivens. Ficando, assim, comprovado que o protagonista desta noite bebeu nas fontes escritas dos nossos homens e mulheres de letras regionais do passado.

Neste instante, reporto-me à alegria manifesta por Ivens em muitos dos nossos retornos na estrada de Chapada a Cuiabá quando ao avistarmos os primeiros prédios da cidade, ele me chamava à poesia, e em voz alta e consistente falávamos os versos de alguns poemas de Dom Aquino Correa. ‘Ninho em flor’ era um dos seus preferidos, de maneira que não posso deixar de citar em homenagem:

Quando voltei, após tão longas viagens,
A minha terra estava toda em flor:
Eram flores dos céspedes selvagens,
Eram as flores mais gentis do amor.

Morria a tarde em túmulo de rosas,
E a choravam, num dueto, as juritis;
Havia, em tudo, florações radiosas
De ametistas, opalas e rubis.

Como eras linda, nessa tarde de ouro,
Ó minha legendária Cuiabá!
Tinhas no colo a branca flor do louro,
E as flores cor-de-rosa do aricá!

Gozando o influxo da primeira chuva,
Em teu seio tão úbere e vivaz,
Sorrias-me nas flores da piúva,
E na dourada flor dos cambarás!

E me esqueci de tudo que admirara,
Nos mais formosos parques de além-mar:
Tão mimosa que achei, tão bela e rara,
Qualquer flor do teu campo, a mais vulgar!

É que diante de mim, ó meu tesouro,
Mais do que as tuas flores tão louças,
Resplandecia, nessa tarde de ouro,
A fronte de meu pai, florindo em cãs!

Quando voltei, após tão longas viagens,
A minha terra estava toda em flor;
Eram flores dos céspedes selvagens,
Eram as flores do mais puro amor.

Necessário também assinalarmos que mesmo na escrita onde Ivens fugiu do território mato-grossense como cenário, ele manteve igualmente as mesmas preocupações sociais, morais e existenciais de sua obra.

Através de uma linguagem simples e direta, e de enredos lineares, deixou mensagens para os pequenos que um dia se tornarão adultos, e para os adultos deixou um lembrete para carregarmos nas bolsas ou nos bolsos para não esquecermos. Entre essas lições destacamos a importância do amor e da amizade, da lealdade, da justiça e da igualdade, do respeito aos idosos que tanto aprendizado positivo tem a nos passar, da valorização dos habitantes dos sítios e das aldeias, do carinho com os animais e com as árvores, flores e plantas, enfim, de cuidados com a natureza/terra e o homem deste planeta, bem como a necessária relação de harmonia entre ambos.

Na fileira de elementos da terra, saltam das páginas dos seus encantados livros o cheiro da banana frita, do arroz com pequi, da rapadura... manga, pitanga, mangava, bocaiúva, tamarino, e *tutti quanti*. Na lista da fauna enxergamos o jaburu para nós tuiuiú, o japuira, a seriema, a garça, o jacaré, a capivara e os peixes, esses uma infinidade, tais como o pacú, pintado, bagre, cachara, jaú, piraputanga, e tantos outros típicos das águas doces dos nossos rios.

No rol das histórias passadas de gerações a gerações com ou sem veracidade (por isso se chamam histórias), descreveu mitos e lendas como a do Minhocão do Pari, da Piraputanga de Ouro que viveria dentro de um lago, no topo do morro (provavelmente o morro de Santo Antônio), dos Índios Bororós que não morreram de fome graças a um papagaio que encontrou um rio “rebojando” de peixes, e, do batismo do nome da cidade de Cuiabá, *Kyvaverá*, mote do livro homônimo. *Kyvaverá*, que na língua guarani significa “o rio das lontras brilhantes” (linda e poética expressão!), e que segundo o nosso escritor por dificuldades de pronuncia os brancos bandeirantes chamaram primeiro de *Kyvaverá*, depois *Kuiaverá*, depois *Kuiavrá*, e finalmente Cuiabá.

O acadêmico Ivens conhecia a fundo os mitos e as lendas intrínsecas da história da fundação e do povoamento de sua terra de origem. Aliás, conhecia a história de Mato Grosso desde a sua fundação até a atualidade.

Aqui, reporto-me novamente ao seu Discurso de Posse nesta Aca-

demia onde ele fez um passeio pelos cronistas do passado, detendo-se no teor de algumas de suas crônicas que davam notícias de uma Cuiabá, e de um Mato Grosso dos séculos XVIII e XIX.

Linhas atrás afirmamos que Ivens tinha um olhar especial voltado ao ciclo arturiano. Pois bem, com esse mesmo olhar ele amava desbravar os escritos sobre as remotas entradas dos bandeirantes paulistas pelo interior do Brasil, mais restritamente entre a Capitania de São Paulo e a Capitania de Mato Grosso: as chamadas “Monções”. Interessante que esses dois temas apresentam traços muito semelhantes, ainda que o primeiro gire em torno de uma lenda bretã, com unidade temporal na Idade Média, e o segundo resida num fato real, tendo como cenário o Brasil colonial.

A fusão temática se dá na busca da conquista de territórios e na conquista de riquezas. Uma literatura cuja cadeia semântica se veste de aventuras do tipo capa-e-espada, com destaque para a luta do bem contra o mal, onde surgem heróis alternadamente virtuosos ou malignos, e os infundáveis deslocamentos geográficos pondo a prova a força e o vigor dos homens, na busca de incontáveis e valiosos tesouros.

Fica aí, portanto, uma dica para os estudos futuros sobre a obra de Ivens, bem como a sua formação literária. O tema ainda é inédito.

Mas, o tempo urge e preciso encerrar o percurso pelos seus livros.

Kyvaverá é lenda e história narrada em versos, e de onde joram as lembranças do menino e do adulto Ivens sobre o rio que dá nome a cidade, e tudo o que se referia a própria cidade.

Esse território, de pertencimento a Ivens, foi chão e raiz dos membros mais velhos de sua família, o que acreditamos ter agregado em seu âmago um maior vínculo nessa relação Homem/Natureza, História/Imaginário. Os Scaff tiveram uma firma para o transporte regular de cargas por meio do rio Cuiabá, – a Scaff Gattass & Cia –, encarregada do serviço de navegação comercial do Baixo Rio Paraguai, Cáceres e Corumbá. E, o senhor Hid foi também proprietário da Usina São Sebastião, que produziu uma aguardente do mesmo nome. A Usina localizava-se na beira do rio Cuiabá, abaixo da cidade de Santo Antônio de Leverger.

Nos livros de poesia – *Asas de Ícaro e Haluares* – Ivens fugiu do espaço regional e foi para o universal. Ainda que eu penso que nos livros de caráter regional, a essência que extrapola da alma humana do poeta é única, afinal fomos, somos, e sempre seremos um e ao mesmo tempo “todo o mundo”.

Nesses poemas Ivens foi Pessoa e Persona, e lírico. Em *Asas de Ícaro* versou sobre o amor: tema dos idos de Adão e Eva. Confessou-nos de modo intimista e sem pudor os seus muitos amores, uns alegres, outros tristes, suas chegadas e partidas; e proseou com os amantes de amores vividos, e de amores irrealizados de destaque na história clássica universal. Em *Haluares*, o foco foi para a lua, metáfora recorrente nos poetas que viveram e falaram de Amor. A lua... mistério, sonho e imaginação; luz e sombra.

Nesta obra o conteúdo veio expresso em Haikais, um gênero que nosso poeta apreciava muito. *Haikais*: versos curtos como os instantes da vida; escritos com gracejo (“Hai”) e harmonia (“Kai”). Traços estes – por coincidência – bem visíveis em sua personalidade.

A Despedida

Ivens Cuiabano Scaff faleceu no dia 21 de fevereiro deste ano, após ser submetido a uma cirurgia no fígado na data de 22 de janeiro, no Hospital das Forças Armadas (HFA), em Brasília. O pós-cirúrgico que deveria durar cerca de 15 dias, segundo o cronograma que ele me passou dias antes de embarcar, e que seriam de 4 a 5 dias de UTI e 10 dias no quarto, infelizmente, se estendeu num período de muita aflição para aqueles que o amavam. Dias de melhora e dias de piora em seu quadro clínico, e talvez de dor e ansiedade para ele (não sou médica para atestar se ele sofreu, espero que não). Talvez como médico tenha tido a consciência do que ocorria, o que muito me entristecia a cada novo Boletim.

Boletins estes, é hora de dizer, carinhosamente ofertados pela sua família; todos eles escritos pelo seu sobrinho médico Dr. Alfredo Scaff que seguiu do Rio de Janeiro para Brasília para acompanhar a sua cirurgia e o tratamento.

Neste instante, agradeço em nome de todos os colegas da Academia pelo compartilhamento das informações mesmo em um momento tão difícil para os familiares.

O próprio Ivens com quem eu falava diariamente desde a descoberta do câncer inicial em seu fígado havia-me orientado a buscar notícias de sua recuperação com o seu sobrinho Alfredo, a quem me passou o contato, para democratizá-las no grupo da Academia. Gratidão, Alfredo, por ter me correspondido.

A sobrinha Helena e seu esposo Mauro meu carinho e meu muito obrigada pelo diálogo diário cheio de esperanças, de fé, sempre acreditando que o quadro de piora de Ivens poderia ser revertido. Gratidão também, querida Helena.

Mas, Deus tem os seus caminhos...! E quem Nele crê, sabe que devemos respeitá-los.

Na primeira noite de Lua Cheia, do mês de março, acordei para ver a lua preferida do meu amigo e acadêmico Ivens. Olhei para o céu e perguntei: “São Jorge mora na lua com o dragão? Ivens?”. Silêncio. Repeti a pergunta e escuto um sopro baixinho me dizendo: “Feche os olhos e escute”. Fechei: e no sossego da noite repeti mais uma vez a pergunta agora em meu pensamento... Sem a sua presença física ouço a nossa risada, aquela mesma risada de quando eu lhe perguntava sobre a existência ou não do “Minhocão do Pari”, nas longas tardes em Bonsucesso.

Essa risada, agora em meu coração, nele vai morar para sempre, até o nosso reencontro.

Até lá: Infinitas Águas... Infinitas Saudades...

Permitam-me agradecer de público por tudo de bom que ele particularmente me deixou.

O acadêmico Ivens foi velado nesta Academia Mato-grossense de Letras com a sua Pelerine como era o seu desejo, nos dias 22 e 23 de fevereiro. O enterro foi no Cemitério do Porto.

A Academia honrou a sua despedida, como Ivens honrou a sua estada nesta Casa. Tornou-se, definitivamente, Imortal!

Panegírico a AVELINO TAVARES, por Eduardo Moreira Leite Mahon,

em 10 de setembro de 2022

Canto de Despedida

No fundo da taba, nossa aldeia chora. É tempo de Kuarup. A gente se pinta e se veste para cantar Avelino Tavares durante a noite. Cumprimos os rituais: a iniciação, a maioridade, o casamento e, agora, o luto. Faz algum tempo, o pássaro de penas cinzas pousou no pátio, roubou a língua *boe wadáru* e deixou tudo vazio no esquecimento. Guardemos o silêncio por um momento.

Lua grande, alma grande. Nessa noite larga, evoquemos Avelino Tavares, meu padrinho. Que língua falava? Aprendeu com os caboclos que conhecem as trilhas, conversava com a terra. Juntava letra com letra, palavra com palavra e, quando enchia o bocó, armava colar bonito. Cada história dele era um presente que oferecia aos amigos da tribo.

Encontro marcado co' a felicidade / No meio do mato / Rodeado de abobrá / Madrugada chegado / Grosa de guaraná cantano / Tá na hora de acordá // Fogão barreado, singelo... / Estalo de graveto aceso / Panela de barro co feijão / Começa a pipoca // Dia amanheceno! / Galo avisano, cantano / Perdiz assubiano / Tá na hora de barrê o terrero / Sortá vaca, sortá bezerro / O dia já raio // Felicidade – só no rancho de sapé / Lá, a beleza mora... / O amô no canto da viola / No siriri a toda hora / Nesse recanto de amô // Os mocho agarrado / No chão batido, socado / O nicho de São Pedro – São Benedito – São João / Num arvoreço de felicidade / Na aventura que ali mora / Naquele rancho berochão // Essa gente besta da cidade / Tá tudo cégo / Num encherga essas coisa / Num encherga não!... / Felicidade, ocê num tem / Ocê num tem pruwê num qué / Ela mora no meu rancho de sapé. (Rancho de sapé. In: *Janela do tempo*, 2019, p 293-294).

Avelino é quem falava com o mundo invisível, com o povo do outro lado. Acendia o fogo e chamava as almas. Gente desencarnada. Vinham do passado, do fundo, do oco da terra. Do tempo da província, da vila, da luta pela terra. Quem se lembra, vê tudo. Quem se lembra, tem as almas consigo. Estavam sempre juntos, quem foi e quem eram misturados no tempo.

De vez em quando, Avelino abria uma fresta na janela para o resto da tribo espiar. Em volta do fogo, dançava a memória. As almas ensinam que não há passado, tudo é presente. Ao ouvi-lo falar, a gente ria porque, num passe de mágica, sonhava com o que foi e o que poderia voltar a ser. Avelino ensinou que a realidade é sonho que se pratica. E se ria conosco do comum dos dias.

Nhá Minga, magrinha, dergada / Rabugenta, ranzinza, danada... / Véia que só pé de serra... // Nhá Cota, da vizinha palhoça / Nem musquitada fazia ela fumá / O pito da vizinha ela detestava... // Nhá Minga, pirracenta, danada... / Sempre que podia / Tacava na cara de Cota / Pitadas, fedorentas baforadas // Nhá Cota, pru móde vingá / Parafuso escrafunchó um prano... / Inquanto Minga fui pra cacimba / Panhá água pra bebê... Cota carcô pórva no pinto de Minga // Chamô Minga prá bijuá, mapéa... / Minga sentô de croque / Juntinho do escaroçadô / Comero bujú, na conversa elas garró... / Minga junto o pito prá pitá / O baita ixprudiu, foi aquele azá / Chingô Cota, mãe de Cota / pra bem longe ela mandô... / Esbravejano, praguejano, Minga tossiu e sumiu! // Nhá Cota regatera, toda feliz / Até que enfim, / Levô a porra do pito de nhá Minga / Adeus fedô – adeus catinga / Nhá Minga, notro rancho / Tá só que chinga... lá só que restinga // Num sei que isso vai dá / Nhá Cota tá disgramada / Num simpatia, num fitiço, num conga! (O pito de Nhá Minga. In: *Janela do tempo*, p. 319-320).

De repente, o pajé viu a função acabar. Tanta gente foi, tanta gente esquece. Avelino fechou a janela, apagou a fogueira, estava cansado. Despediu-se das almas, das ruas, das praças onde deixou rastro de si. Olhou em volta e viu que tudo mudava, a língua, a gente, a tribo. Não se reconheceu no espelho. Por isso, sentiu que partia. Não foi

o tempo. Foi a saudade. Mas não teve medo do pássaro cinza que aguardava a hora.

Marvadeza... querem inventá coisa... // Trocano nome do meu querido bocó / Capanga, borcinha, muchila, inborná / Num sei o que mais lá... / Mas eu é matuto, matuto tradicioná! / É bocó – bocó mermo – / Num diana imburricá pra inferná // Diazinho, eu e a mea roxa Rosinha / Arriemo nosso cavalo pangaré / Zarpemo pro rio Janjão... / Pra rezá São Gonçalo / Num fumo, num fumo convidado não! / Nós recebeu biête, uma ordenação // Só paremo na bera do Cristá / Légua e meia do sítio da função / Pra mapeá, matula, pitá... / Cavalo pasta... nós discansá / Bebê o gostoso guaraná! / Ranquei do bocó o pau de guaraná / A groza tava co'a matula / Tafuiado no fundo do sapiquá... // Rosinha tava sartano, lavano / N'água bunita do Cristá / Veno eu co pau na mão / Baita pau de guaraná... / Ficô reganhada, urichada a gargaiá / Eu assuntei... num sei praquê tanta uciedade / Ela que vá relá, mexê, adoçá o guaraná // Ranquei o fumo do bocó / Naquele sombrão nós deitemo, fumemo / Tempão, ali nós fiquemo! / Recotemo o fumo nu lugá certo... / Tumém o pau de guaraná! / Garremo outra vez troteá, cantá / Loguinho, já uvia gato cantá / No terreno da festança // Quando lá chegemo / O vestido de Rosinha tava moiado / No seu corpo agarrado / Eu tava cabreiro, meio descunfiado! / O peito num tinha esquentado / C'a golada da chegada // Rosinha correu na zambuada / Trocô, vortô toda enfeitada / Lembrei da parada no Cristá / Nós tava lá, tava mermo prá brincá / Já garremo, comecemos a cantá / Berra boi preto, berra boi pintado // Uma coisa vô confessá / Pra tudo vosmecês / Posso viajá sem matula / Mas se a traia do meu guaraná? / Mas quá! / Sem carrega meu bocó? / Só seu tive biruta / Só mermo seu tive zoró! // Aí eu dispido da Rosinha / Já tô mermo ga-gá, lé-lé / Abraço, sorto meu pangaré / Num posso mais viajá... / Adeus, meu querido bocó! / Adeus, meu guaraná! (Pangaré, meu Bocó. In: *Janela do tempo*, p. 292-294).

Por onde anda Avelino? Quer saber a tribo e o povo que ele criou. Lioza e as crianças e as crianças das crianças e toda a sua gente ficou sem falar. Na taba, a gente guarda o silêncio. Se ninguém lembra, ninguém

fala. O jeito é chamar as almas de volta. Não é fácil. Quando a memória dorme, todos se confundem. Não há mais língua de falar, nem ouvido de ouvir. Sono sem sossego. A gente espera.

Amanhece na mata. O que sobrou da noite é fuligem. Tudo sujo, tudo triste, tudo cinza. Sem a língua, a tribo acaba. Cada um arruma a matula e se exila no silêncio. Mas a gente fez oferenda ao pássaro que roubou a *boe wadáru*. Forrou o chão de letra miúda que é arapuca de poeta. Alguém sopra uma flauta, alguém dança, alguém ri. De repente, todos se lembram de lembrar. Volta, Avelino!

[...] Num guento a doê da solidão, cô separação! / Fiz meu trabaio na incruziada... / Cendi velaiada, pras minhas cabocrada... / Tumém pro meu Ochóce Guerrero... / Tenho fé no meu patuá... / Bastiana vai te que vortá! Bastiana vai vortá! // Chão moído / Chão moiado! / Eu sozinho, no Rancho de Sapé... / No Igrejão de Deus, a natureza cantano / Rélo meu guaraná e passo a assuntá... / O corá de passarada no santuário do amanhecê... / Seriemada, Mutunzada, Bando de Sabiá / Aranquanzada!... Bicharada! // Chão moiado! Chão moiado! / Que adianta farturança no roçado? / Longe da Bastiana a vida é uma disgrama... / Tudo esse mundão de meu Deus, / É um parco, pareceno, barco abandonado / Bastiana há de vortá! Pra pizá meu Chão moiado! / Sapateá meu chão moiado... (trecho do poema *Chão Moiado*. In: *Janela do tempo*, p. 325-327).

Enquanto isso, no Cerrado grosso, o pássaro cansa de falar sozinho. Por fim, pousa no ombro de Avelino e devolve a língua *boe wadáru*. Está mudada, mas é nossa. Agora todo mundo canta, não há mais tristeza. Psssiuu! É na memória que armei a minha rede – ele sussurra agora.

De manhãzinha, dia novo, vida nova. “Quero sair por aí...”, disse exultante. Avelino preparou taboca e linhada, apanhou a tarrafinha e seguiu para pescar juripoca. Já não falta mais nada. Está feliz da outra margem do rio. Estamos todos com ele; no tempo, somos um.

Panegírico a TERTULIANO AMARILHA, por Elizabeth Madureira Siqueira,

em 13 de agosto de 2022

Tertuliano Amarilha nasceu em Campanário, Município de Ponta Porã, antigo Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, aos 26 de abril de 1924. Filho de Eduardo Amarilha e de Carmen Ávalos Amarilha, ambos de nacionalidade paraguaia, Campanário foi extinta por Getúlio Vargas porque estava se tornando Colônia do Paraguai.

Contabilista, jornalista, escritor, tradutor, dicionarista, contista, poeta e compositor, iniciou seus estudos na Escola Francisco Mendes Gonçalves, no Curso Primário de sua cidade natal. Estava no terceiro ano primário, quando a Empresa Mate Laranjeira, arrendatária dos ervais (erva-mate) daquela região, constatando os dons literários de Tertuliano, decidiu transferi-lo para o Colégio Osvaldo Cruz, em Campo Grande, lá permanecendo em regime de internato durante 6 anos, até obter diploma de Contador. Toda despesa destes anos de estudo ficou a cargo do sr. Raul Mendes Gonçalves, empresário argentino, aliada à responsabilidade com que Tertuliano encarou esta empreitada.

Sua vinda com a família para Cuiabá ocorreu quando foi convidado pelo governador José Fragelli para ocupar o cargo de secretário particular, na década de 1970. Mais tarde, ingressou na Secretaria de Estado de Fazenda, onde trabalhou como fiscal de tributos, aposentando-se em 1994, ao completar 70 anos de idade.

Sua dedicação à arte de escrever não se restringiu aos livros, mas se mostrou vigorosa no campo jornalístico, tendo colaborado junto aos seguintes periódicos: *Em Cuiabá: O Estado de Mato Grosso; Folha do Estado; Equipe; Jornal do Comércio e Indústria; Correio da Imprensa; Jornal do Servidor Público; O Regional; Tribuna Cuiabana; O Social Democrata; Jornal do Dia; Revista Atualidade; Boletim Informativo*

da SEFAZ; *Revista Eficaz*. Em Corumbá-MT: *Jornal O Momento*. Em Aquidauana-MT: *O Pantaneiro*.

Em Dourados-MT: *O Progresso*. Em Campo Grande-MT: *Jornal do Comércio*; *O Democrata*; *O Mato-grossense*; *O Progressista*; *O Municipalista Ilustrado*; *Jornal dos Municípios*. Em Barra do Garças-MT: *Jornal O Democrata*. Em Rondonópolis-MT: *Folha de Rondonópolis*. Em Alto Araguaia-MT: *Jornal A Gazeta*. Em Três Lagoas-MT: *Jornal do Povo*; *A Gazeta da Região*; *Jornal do Sul*; *Jornal Vanguarda*. Em São Paulo: *Jornal dos Bairros*; *Jornal Fanal*; *Revista Acontece*; *Revista Mo-cidade (Sto André-SP)*; *Jornalzinho Passatempo Dular*.

Em Assunção (Paraguai): *Revista Ysyri*; *Revista Ocara Poty Cué Mi*.

Na *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*, escreveu diversos artigos: ‘*Se eu fosse um passarinho*’, 2016(2); ‘*A luz de teu olhar*’, 2019; ‘*Cadeira nº 23*’, 1996 e 2000; *Academia Mato-grossense de Letras*, 2012; e uma *Homenagem póstuma à minha confrreira Doutora Marília Beatriz de Figueiredo Leite falecida recentemente!*, em 2020.

Sua maior produção foi em livro, centenas deles, escritos em português, espanhol e guarani. Para se ter uma ideia de como a literatura sempre acompanhou seus passos, na sua chegada a Cuiabá, para tomar posse como Secretário, participou de um ‘Concurso de Poesia’, tendo sido premiado em 1º lugar com ‘Cuiabá de auríferas lavras’, e em 2º lugar com uma trova. Foi-lhe entregue, na ocasião, o Troféu ‘Bandeirante’ da Prefeitura de Cuiabá.

Foi homenageado da Academia Brasileira de Letras-ABL, da parte do acadêmico e Jornalista Murilo Mello Filho quando foi considerado: “Admirável intelectual, autor de uma obra importante na relação entre os idiomas guarani e português”. Para se ter uma ideia da grandiosidade do seu trabalho, a Library of Congress Office Brazil, solicitou remessa de seus livros à biblioteca de Washington D.C. - Estados Unidos da América. Outro destaque internacional foi ele ter recebido o convite das Casas de Fronteira e Alornas, de Lisboa-Portugal, para participar do Projeto Camões, naquela cidade. A TV Centro América de Cuiabá, afiliada da Rede Globo, deu destaque às suas produções literárias e musicais.

Uma curiosidade sobre Amarilha: durante a Literamérica, feira literária implementada pela Secretaria de Estado de Cultura, na gestão do acadêmico João Carlos Vicente Ferreira, transcorrida em Cuiabá em 2005 e 2006. Tertuliano alugou para si um estande para divulgação tão somente de seus trabalhos, visto serem muitos, no entanto, nem tudo pode ser mostrado devido ao espaço ser pequeno para tantos livros. Foi um dos espaços mais visitados, exatamente pelo ineditismo de sua proposta de mostra de suas obras. Participou também da II Exposição de Artes – Secretaria de Fazenda (Sefaz-Talento). É também compositor letrista com 70 fitas K7, CD's, LP's e DVD's gravados por diversos artistas brasileiros. É associado à Casa do Poeta de São Paulo. O apresentador Silvio Santos promoveu um “Concurso de Música” em São Paulo, com a participação da célebre cantora Perla, e Tertuliano Amarilha foi convidado para declamar uma poesia ‘Perla paraguaia’, escrita em português e guarani.

Além de contabilidade, estudou Literatura, na Universidade Popular – São Paulo-SP; Redação Oficial, no Governo Paulo Maluf – São Paulo-SP; Administração das Secretarias de Fazenda – Secretaria de Economia e Finanças do Ministério de Fazenda – Brasília-DF.

Residiu na capital paulista durante 12 anos. De Contador que era passou a ser sócio da Empresa Exportadora e Importadora ‘Bandeirante’ Ltda.; Foi chefe da Divisão de Comunicação da Secretaria de Fazenda e Fiscal dos Tributos Estaduais. Dentre os destaques recebidos, que muito os honraram, constam: a homenagem a ele atribuída pelo Governador de Mato Grosso do Sul, Pedro Pedrossian, outorgando seu nome para um dos auditórios do Palácio Popular da Cultura – Centro de Convenções em Campo Grande, um tributo de seus contemporâneos e das gerações futuras à sua extraordinária contribuição, como intelectual e cidadão, à grandeza daquele Estado; Menção honrosa pela premiação obtida no concurso literário ‘Contos Regionais’ com a obra ‘Caçador azarado’ – Fundação Cultural de Mato Grosso. Teve manifestações elogiosas de três Presidentes da República do Paraguai, através de ofícios.

Foi responsável por várias traduções, com destaques, o livro *La ra-*

zón de mi vida, de autoria de Eva Perón, da República Argentina; *Relato de Domingos Martinez Irala sobre os descobrimentos que ia fazendo Rio Paraguai acima, por Ordem do Governador Cabeza de Vaca, desde o dia 18 de setembro de 1542; Voo realizado por Francisco de Pinedo através do Atlântico e das duas Américas no dia 13 de março de 1927.*

Recebeu premiações pelos seguintes trabalhos: Em 1999, inscreveu-se no Concurso de Poesia na Federação das Academias de Letras do Brasil. Obteve 3º lugar com a poesia ‘A descoberta do Brasil’. Foi premiado com medalha de bronze. Também foi premiado no ano de 2003, em São Lourenço-MG, no Concurso promovido pela Academia de Letras e de Ciências – Alecy – SI (Categoria – Nacional). Sua poesia ‘Esmeraldas do império’ obteve 2º lugar com Menção Honrosa. Com a poesia ‘O gaúcho destemido’ – Fazenda Tradicionalista Gaúcha – Porto Alegre-RS; com ‘Cuiabá de Auríferas lavras’ – Prefeitura Municipal de Cuiabá-MT; com ‘O descobrimento do Brasil’ – Federação das Academias de Letras do Brasil – Rio de Janeiro-RJ; ‘A montanha azul e esmeraldas do império’ – São Lourenço-MG (Concurso Nacional de Poesia de ALECI – SL); ‘Glória a José Antonio Pereira, o fundador de Campo Grande’ – Mato Grosso do Sul.

Tanto na sua atividade profissional quanto na Academia Mato-grossense de Letras, sempre esteve presente, colaborando com dinamismo. Representou a Secretaria de Fazenda na Comissão Estadual de Arquivo; foi membro Suplente do Conselho Fiscal da Companhia de Desenvolvimento do Estado (Codemat) e participou de eventos cívicos nesta capital, acompanhado de outros integrantes da Academia Mato-grossense de Letras, visitando vários estabelecimentos de ensino, onde foram abordados temas ligados ao sagrado amor pátrio, em comemorações da Independência do Brasil.

Publicou mais de quinhentos livros e tem a mesma quantidade de inéditos, totalizando, aproximadamente, 1.000 títulos. Tem publicações no Facebook, acompanhando a modernização tecnológica. Já publicou livros, além de no Brasil, para o Paraguai, México, Portugal e Chile. É considerado “poeta internacional”.

Gostaria de convidar, para declamar trechos da poesia ‘Cuiabá diante dos longos anos de existência’, o 2º vice-presidente da AML, acadêmico Fernando Tadeu de Miranda Borges:

CUIABÁ DIANTE DOS LONGOS ANOS DE EXISTÊNCIA

Queremos que a cidade mais se agite no futuro
entoando para a Pátria um hino magistral,
porém que o horizonte não se mostre escuro
e que Cuiabá venha a ser orgulho nacional.

Cuiabá está dia-a-dia sempre progredindo,
visa as alturas com o seu povo que é viril,
seu avanço todos podem constatar que é muito lindo;
tornou-se lugar de entretenimento para o Brasil.

[...] E Cuiabá cresceu com todos os municípios,
com muito anos de existência ali está a Capital majestosa,
pujante, ditando só bons princípios
e assim vai crescendo nessa marcha ascensional.

[...] Percebe-se que o seu povo é assaz laborioso e
hoje pode dizer-se: “segue firme no planeta”,
crê-se que seu destino sempre foi esplendoroso;
se viu senda sinuosa, hoje segue estrada reta.

Sua população, sempre, entusiasticamente vista
enfrenta o desafio sem imaginar fracasso,
o seu lema poderia ser “trabalho e conquista”
e que o bem-estar sonhado o orgulhe a cada passo.
[...] Hoje, com fronte altiva, contempla seu futuro
transformada em metrópole sob o vasto horizonte,
e diz: ‘Sou feliz, desafios de ontem não mais aturo,
para unir ‘progresso e luz’ utilizo larga ponte.’

Vencidas todas as batalhas, vemos Cuiabá
agora nesta apoteótica comemoração
quando o auriverde pendão tremulando está
participando desta festa que causa emoção!

Tertuliano na Vida Familiar

Casou-se, no dia 30 de junho de 1950, em Campo Grande, na igreja Dom Bosco, com Guiomar Ottoni Amarilha, enlace que teve uma duração de nada menos que 65 anos de muito companheirismo e dedicação. Tertuliano se declarou à esposa Guiomar em inúmeros poemas, mas destaco esta quadra, estilo marcante de Tertuliano:

A flor amada foi escolhida
Por ser das musas a predileta
És companheira de minha vida
Sou teu esposo, sou teu poeta.

Em seu discurso de posse, Tertuliano quis finalizar fazendo um especial agradecimento à sua amada Guiomar, hoje de saudosa memória:

A homenagem é para a minha idolatrada esposa Guiomar, a companheira fiel e dedicada. Sem o seu apoio, sem o seu estímulo, sem a sua compreensão, eu jamais chegaria a esta culminância. Em reconhecimento a esse gesto de ilimitado amor e espírito de renúncia, transfiro para ela todas as honrarias que me são concedidas nesta noite.

Deste grande amor nasceram 4 filhos, Gilson, Jardel, Jásper e Geisa. Ao falecer, deixou, além dos filhos, 3 netos e 2 bisnetos.

Gostaria de finalizar, contando um pouco dos laços que manteve com a AML. Sua relação com a Academia Mato-grossense de Letras, datada de 30 de agosto de 1985, tendo ocupado diversos cargos na diretoria da Instituição. quando, por ofício e currículo anexado, pleiteou ingressar na Cadeira 23, apresentando 11 obras publicadas e 27 no prelo.

Sua propositura foi vencedora, tomando posse aos 18 de abril de 1986, tendo sido saudado pelo então presidente Lenine de Campos Póvoas, cujo centenário de nascimento está em plena comemoração. Lenine destacou as origens paraguaias de Tertuliano e acrescentou “se o meio já o destinou a ser apaixonado pela natureza, o tronco de onde proveio, filho de humildes campesinos paraguaios, o fez um romântico e um lírico por excelência”.

A Cadeira escolhida, a de número 23, foi integrada por poetas, desde o Patrono, Antônio Gonçalves de Carvalho, o Poeta da Flor de Neve, e por dois grandes literatos que o antecederam: Raimundo Maranhão Ayres, um jornalista que projetou a literatura mundial, no jornal *Novo Mundo*, e Agenor Ferreira Leão, poeta das musas e advogado de grande influência da OAB-MT. Assim, a Cadeira 23 foi mais uma vez coroada de poesia com o ingresso de Tertuliano Amarilha em 1986, ocasião de sua posse, quando fez questão de se apresentar, com a humildade e elegância que o timbrou:

Chego com muita humildade a este sodalício onde resplandeceram e ainda resplandecem inteligências privilegiadas de notáveis pensadores. Devo ressaltar, de início, que jamais alimentei sonho de um dia adentrar desta maneira, com as pompas da glória neste recinto maravilhoso, onde o homenageado sempre é alvo de carinho e atenção por parte dos preclaros e da culta assistência.

O talento de Amarília e o seu autodidatismo, fê-lo prosseguir compondo poemas sobre os mais variados temas, regiões de Mato Grosso, cidades e personalidades, datas comemorativas, musas inspiradoras e paisagens em geral. Poeta de farto talento e ilimitada inspiração, Tertuliano, ao falecer, deixou mais de 1.000 poemas, metade publicada e muita coisa ainda no prelo.

Finalizo esta sessão da saudade com duas peças poéticas de Tertuliano Amarilha: ‘Se eu fosse um passarinho’ e ‘A luz de teu olhar’, convidando Aclyse de Mattos para declamá-las.

SE EU FOSSE UM PASSARINHO

Ah! Se eu fosse um passarinho
Construiria nosso ninho
Com cuidado e com primor,
Entre os ramos da mangueira
Onde a brisa, em voz fagueira,
Ao luar segreda amor!
E, bem cedo, à luz da aurora,
Cantaria à deusa Flora
Sacros hinos de louvor;
Encheria a natureza
Toda lírica, em beleza
De selvático rumor!
Levaria aos teus ouvidos
Os meus cândidos sentidos,
De tormentos tão cruéis;
Depois esvoaçaria,
Espazindo melodia
Pelos campos e vergéis!

Fonte: *Revista da AML, comemorativa dos 75 anos*, 1996, p. 216.

Encerremos com 'A luz de teu olhar', poema que Tertuliano compôs e que retrata seu olhar romântico:

A LUZ DE TEU OLHAR

Teu olhar é do mistério
Divo altar em floração,
Éden, templo, céu e império
de meiguice e sedução!
Nem a luz que desliza,
lá no céu, e beija o mar,

é tão rútila, Luísa,
como a luz do teu olhar!
Até mesmo a régia Vênus,
lá, no alto, a cintilar,
brilha menos, muito menos,
que essa luz de teu olhar!
Vejo o céu – aljofrado,
branco, branco – o verde mar.
É que vivo alucinado
pela luz de teu olhar!

Fonte: *Poesia matogrossense*, de Hélio Serejo (1960).

Panegírico a MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE, por Ivens Cuiabano Scaff,

em 18 de junho de 2021

Boa noite, confrades e confradeiras,
Boa noite amigos e leitores que comparecem hoje para esta Sessão Magna da Saudade da nossa Marília.

Cumpro neste momento o rito de saudar a acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Fui convidado pela família a fazer este panegírico e confesso que dei trabalho, especialmente à sua irmã Moema, recusando por várias vezes este encargo. Por receio de não me sair a contento, por me faltar engenho e arte, no dizer de Camões, e por estar ainda, como todos, dominado pela emoção da partida dela.

A palavra Panegírico provém do grego *panegyrikos* sendo formada a partir de *pan* que significa “tudo” e *egyrikós*, que vem a ser “todas as pessoas”, isto é, um discurso adequado para todas as pessoas. *Panegyric* era um dos apelidos do deus Apolo. No teatro grego clássico, o nome de panegírico foi dado para designar uma canção de louvor ou triunfo ao deus Apolo. Em obras gregas era típico que houvesse um coral que animasse o enredo com canções e que também tinham o propósito de que o público entendesse melhor o enredo da história. Então falo a todas as pessoas para que entendam quem foi, quem é Marília.

Aqui começam os desafios.

Marília Beatriz era professora? Sim, cumpriu o seu trabalho no dia a dia em várias ocasiões transmitindo o que sabia da maneira mais clara e plena possível. Esse é o papel que se espera de um professor medíocre, no melhor sentido da palavra. Isto é, um instrutor. Mas Marília, melhor dizendo, seria uma erudita, que buscava recriar o assunto na mente do estudante fazendo com que ele reconhecesse o que ele realmente já

sabia, destruindo poderes repressivos que o impediriam de saber quem ele realmente seria, ou é.

Marília, que tem o mar no início do seu nome, assim como o mar, com sabedoria, recebe e sabe beber de todos os rios que nele chegam, cumprindo a sina de que o professor é aquele que, de repente, aprende. Marília era assim uma estudiosa que se reinventava cotidianamente. Bacharelou-se em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e em História da Arte pela Fundação Armando Alvares Penteado. Aliás Marília era carioca, tendo vindo ainda bebê para Cuiabá, salvo engano, tendo sido a primeira recém nascida a chegar via aérea. Diretamente dos céus.

Conheci Marília Beatriz trabalhando com o pai, o também acadêmico Gervásio Leite, como advogada. No seu escritório da Rua de Baixo, Gervásio explicava com brilhantismo e clareza os meandros de um litígio para o meu pai. Pensei comigo “se eu tivesse conhecido esse Dr. alguns anos antes talvez tivesse escolhido ser advogado. Era patente o carisma de seu pai, tornando fácil de explicar o encantamento que por toda vida acompanhou suas filhas Marília e Moema. Não havia conversa de Marília que não tivesse o embasamento cultural e emocional adquiridos da convivência com o pai.

De novo a encontro como professora fundadora da Universidade Federal de Mato Grosso e muito ligada às áreas de Comunicação e Artes, tendo sido Chefe do Departamento de Artes, Coordenadora de Cultura e primeira Pró-reitora de Cultura da instituição. Marília como Marília de Dirceu, do poeta inconfidente Tomás Antônio Gonzaga. Marília Beatriz. Beatriz – *To Be Actriz* (ser atriz) – como na música de Edu Lobo e Chico Buarque e baseada num poema de *O grande circo místico*, do poeta Jorge de Lima. E vão surgindo as Marílias.

Advogada, professora, agitadora cultural, autora teatral, poeta. Dessa época é o seu livro de poemas *O mágico e o olho que vê*, essencial para quem quer conhecer a produção literária de nosso Estado. Lembro-me de ter saído impactado de um espetáculo de teatro e dança, escrito e dirigido por ela, em que os atores se abraçavam

e se afastavam repetidamente enquanto diziam “abraça, desabraça”, “abraça, desabraça”.

Quando decidiu fazer o mestrado em semiótica foi interpelada, em São Paulo, por uma docente do curso de pós-graduação, se não estaria muito velha para essa empreitada. A sua resposta foi a brilhante dissertação *De(sign)ificação: arquiografia do prazer*, sobre o difícil e polêmico escritor Oswald de Andrade, um dos mentores da Semana da Arte Moderna. Obteve o título de Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A sua modéstia era sincera e estratégica. Que grande conversadora ela era. Desabrida. Ousada. Direta. Amorosa. E conciliadora. Não esnobava erudição e ninguém saía como entrou após um papo com ela. Fascinava todos que com ela conviviam, que lhe reconheciam o valor. Assim ocupou a cadeira nº 2 da Academia Mato-grossense de Letras, assumindo a presidência no biênio 2015-2017.

Transformou percalços em atitudes como quando frente à impossibilidade de promover eventos nesta nossa Casa, que se encontrava cercada de tapumes de uma restauração interminável, resolveu que faríamos pichações poéticas. Chamou-se a polícia e uma das coisas mais deliciosas que já presenciei foi o diálogo dela com os “seus” guardas. Uma repórter que chegou até o local, seduzida por ela, acabou também pichando versos emocionados.

Na medicina sabemos o valor de um médico quando além de ser reconhecido pelos seus pacientes ele o é também pelos seus pares. Aqui vale o mesmo.

Em dezembro de 2019 recebeu da universidade uma grande homenagem por toda a sua contribuição à cultura mato-grossense no lançamento do programa ‘A Importância da Cultura nos 50 Anos da UFMT’.

Era minha amiga e minha paciente. Acabava desorganizando minha agenda pois mesmo no consultório a gente não conseguia encerrar a conversa. Como gostava de nos levar aos lugares que apreciava! Como era bem recebida nesses lugares que descobria! Como gostava de nos

receber em sua casa! A sua casa, que era uma atração à parte. Pelos jardins. Pela infinidade de obras de arte que forravam as paredes de todos os cômodos. Era uma garimpadora de novos talentos, especialmente da nossa terra. E os livros? O que falar de seus queridos e preciosos livros? Tomo a liberdade de reproduzir aqui o prefácio que tive a honra de fazer para o seu livro *Tremor Essencial* em que me aproprio de seus versos, citando-os entre aspas.

Treme-luz

É a partir de um diagnóstico médico que Marília Beatriz escolhe o título deste livro. Tremor essencial é aquele tremor que mesmo após uma exaustiva investigação diagnóstica não se detecta a causa. Esse tremor que “Nada tem de casual / o incômodo tremor” cuja “situação visual é tão constrangedora / Que há guardanapos feito esconderijos” adquire outros significados que “A impressão que fica / É que a mão balança para alcançar / O inadmissível voo”. *Essencial*, termo médico, vira imprescindível, vira essência “de tremores essenciais de ternura”. Cruamente se refere à degeneração física e à chegada da idade propecta, mas mesmo esses momentos ressaltam vitalidade sensual e afetiva. Fica-se tentado a descobrir a idade destes versos. Versos são atemporais, sei. Fora os maus versos. E estes não interessam. Corrigindo, fica-se tentado a descobrir com que idade a poeta os fez, ou perpetrou, no seu dizer. Bobagem. É patente o descompasso, idade cronológica *versus* idade do coração. Às vezes embate, às vezes harmonia, afeto, sensualidade. De repente carinhosa, afetuosa.

Impossível ignorar o fator idade justamente porque ela a declara e simultaneamente a ignora, como quando, após uma noite ingrata, diz: “Hoje eu vi o dia raiar / E nesse chegar / Senti o corpo alegremente estremecendo”. Sabe que “Pra lá do destino / Existe um rio capaz de incendiar / seu esgotado corpo”, e que “seu machucado afeto pela vida” “E seu coração de brisa / Faz muito abrandado / Acordou em vendaval”. Impossível resistir ao seu ‘O desejo de passear no profundo’.

Diretora de teatro, são vários seus cenários. A palavra escrita. A palavra falada. O palco. Os signos. *Multiversos*. Multiuniversos. De forma nenhuma são fáceis estes versos. Marília não facilita. Não de propósito, mas não facilita. Para ela é tão claro. Ou enigma, se o enigma existe. A pista existe. O encontro talvez, se encontrado... Epifania.

Sabemos do ouro no meio do cascalho, cascalhos plenos de história. Dicas não nos dão a certeza da existência do achamento. De várias facetas como diamantes. Uma poesia para usar um termo da moda “quântica” já que varia, dependendo da visada do leitor, digo poeta leitor; mais que leitor, coautor. Como o Jardim de Monet, o mesmo e múltiplo pela incidência da luz. Caleidoscópio. Volpi e suas bandeirolas revisitadas, várias a cada vez. Poemas curtos. Sem título. Quadras, trovas sem trovas, sem rima de suave e ocultado ritmo só notado pela sincronicidade do pulsar cardíaco.

O que acontece quando cai em estado de poesia temerosa/afrentosa de “tropear no tempo”? A linguagem se renova / enriquece a cada verso.

Entontecedores são alguns poemas. Tão completos na sua simplicidade enganadora, que só cabe ler, reler, transler, sentir, presentir, assentir. Claros labirintos: “Numa linguagem incompreensiva de girassóis”. E vai-se embebendo de tesouros, embebedando-se de doçuras esquecidas. “Há tanta luz nos olhos seus / Que não são meus”.

Enquanto se lê “seu poema coruja e sem sono e sem pátria”, se “vende o essencial na humana feira”. Enquanto “dia ia dia vinha”, Marília advogada, diretora de teatro, autora, agitadora cultural, amada amante, amorosa, amiga (e que amiga), acadêmica da Academia Mato-grossense de Letras, a menos acadêmica e, contraditoriamente, a essência da AML de hoje, treme-luz neste livro essencial.

Marília Beatriz também compunha. Sua música mais conhecida não por acaso se chama ‘O mar’.

Nunca decorei versos. Tampouco nunca disse versos em público. Mas vou me arriscar. Vamos ao primeiro e ao último verso do livro *Tremor essencial*.

AMANHECI COM ALGO

Desigual, estremeci

Perambulei pelos espaços

Ah! Minhas mãos...

Indisciplinadas

Por fim e no fim

Escancaro minha vergonha

Começo a curtir o tremor

E sinto uma doçura pelas pessoas

Que se apiedam de mim,

E tiro proveito sou jovem/provecta

Que sei brincar e jogar com meu TREMOR ESSENCIAL

E daí?

Agora do livro *Lugar do desejo*:

Que lugar é este

Que cega não encontro

Que espaço é a falta?

Explode em meu rosto

Como a canção que não escuto

Que desejo é esse que não pausa

Que vontade esfumada é essa?

Apelos solicitam

A chegada da ambição

Corpos correm desesperados

Para não entrega ao pecado!

Nem desejo sem lugar

Menos ainda desejo com lugar.

Marília Beatriz de Figueiredo Leite foi uma curadora nata. Cada um de nós se ressentia de sua ausência. Marília Beatriz foi filha (alguém será ousado o suficiente para escrever uma obra com o título “Gervásio e Marília”?), irmã exemplar, tia e tia avó sempre presente e atenta.

Marília Beatriz de Figueiredo Leite publicou: *O mágico e o olho que vê* (EdUFMT, 1982); *De(sign)ação: arquiografia do prazer* (Annablume, 1993); *Viver de véspera* (Carlini & Caniato, 2018); *Agudas ou crônicas?* (Carlini & Caniato, 2019); *Corte de vinho* (Carlini & Caniato, 2019); *Tremor essencial* (2020) e *Lugar do desejo: confesso?* (Entrelinhas, 2020). Em parceria com Caio Augusto Ribeiro, publicou *Loucos e sábios: o livro dos diamantes* (Entrelinhas, 2021). Este livro elevou a poesia mato-grossense a novos patamares.

Termino com um poema que fiz no calor da sua passagem.

UM DIAMANTE

Se diamante fosse flor
mas
Se diamante fosse semente
A cada um que a conhecia
Marília intensificava e devolvia
Afetos, olhares
talentos que descobria

De grupiara em grupiara
De campo em campo
De poema em poema
Seus e de outros
Garimpendo, semeando
Plantando e colhendo
Todos a amavam
Dia a dia amante, semente
Flor, fruta
diamante
Agora mais do que nunca
Guia.

Panegírico a BENEDITO PEDRO DORILEO, por Nilza Queiroz Freire,

em 8 de junho de 2020

Moradores do bairro Mundéo, nas imediações da Santa Casa de Misericórdia de Cuiabá, conheci o menino Benedito Pedro Dorileo, o “Nhozinho”, carinhosamente assim chamado pela Senhora sua mãe, Dona Joaquina. Nossas moradas se cruzavam: eu, na Avenida General Mello; ele, na avenida Dom Aquino.

Nasci em 1932 e ele em 1934, com a diferença de dois anos. Naquela época, menina não brincava com guri e até nas escolas os gêneros feminino e masculino eram separados por classe e horário das aulas. Os homens, de manhã; as mulheres, à tarde.

O menino “Nhozinho” fez o Curso Primário na mesma instituição estadual que estudei – a Escola Modelo Barão de Melgaço, dirigida pela competente professora Alina do Nascimento Tocantins. Chamávamos de professora aquela que dominava a sala de aula; a Diretora era Dona Alina.

Aluno da Profa. Zizi Nonato de Faria, fez os quatro anos primários com a mesma Mestre; eu tive, no primeiro ano, Marcelina de Campos, no segundo e terceiro anos, Cirina Molina; no quarto ano, Carolina de Souza Buret. Fomos muito bem escolarizados pelas normalistas da Escola Normal Pedro Celestino.

Posteriormente, o menino foi para o Colégio Salesiano, conhecido como “Colégio dos Padres”. Nesse estabelecimento de ensino muito se dedicou à Língua Portuguesa, daí o seu despertar para o idioma pátrio.

Eu fui para o, então, Colégio Estadual de Mato Grosso, hoje Liceu Cuiabano ‘Dona Maria de Arruda Müller’ nome muito bem lembrado, pois, além de lecionar no interior, para depois lecionar na capital, chegou à Diretora; o Colégio em questão foi construído na administração do seu marido como Interventor do Estado de Mato Grosso, nosso saudoso Júlio Strübing Müller.

Como garoto, “Nhozinho” jogava bola na rua com seus amigos e quando avistava pessoas querendo passar, interrompia a brincadeira. Isso presenciei com o Sr. Maneco – de terno, chapéu e bengala –, que teve sua passagem liberada por ordem do menino muito bem-educado por Dona Joaquina.

Veio a adolescência e “Nhozinho” aprendeu a aplicar injeção e fazia isso, gratuitamente, aos vizinhos que necessitavam desse procedimento. No seu lazer, dedilhava o cavaquinho.

O pai, Pedro Dorileo, que lhe fazia as vontades respeitando limites, ofereceu-lhe uma bicicleta e as mocinhas do bairro Mundéo foram se achegando a ele, por ser moço, bonito, educado e gentil. Minha irmã Maria de Lourdes era uma delas que tomava emprestado o veículo e ia até o Porto, bairro à beira do rio Cuiabá, enquanto o dono da bicicleta esperava pela sua volta.

Entre as fãs, Marlene Cuiabano Garcia foi a vencedora na conquista e os bilhetinhos animavam a paixão. O pedido do noivado realizou-se no aniversário da Marlene e foi feito pelo Sr. Juvenílio de Freitas, padrinho dela. O referido pedido foi aceito pelos pais da candidata, os quais faziam muito gosto pela intenção dos nubentes.

O jovem noivo, antecipando o Mobral, preocupou-se com o analfabetismo e lecionava, em sua própria casa, para adultos que tinham vontade de saber ler e escrever. Não visava dinheiro, o prazer pela boa ação compensava seu trabalho.

Tudo isso, eu observava de longe...

A Maria de Lourdes, minha irmã, era mais chegada ao casal de noivos e, posteriormente, embora morando no Rio de Janeiro, nunca relaxou a amizade.

O noivo a estas alturas, já era Professor de Língua Portuguesa e fazia o Curso de Oficialato na Polícia Militar do Estado de Mato Grosso.

No dia do casamento religioso (aniversário dele), na Igreja da Boa Morte, celebrado pelo Frei Quirino, precipitou uma grandiosa chuva, que abençoou o casal por mais de sessenta anos de mútuo respeito, ao lado dos filhos: Isis, Ivo e Marlene Aparecida (a “Cidinha”).

Como o noivo era aluno militar, houve cruzamento de espadas sobre os recém-casados, ao sair da igreja. A recepção foi na casa do Juvenílio de Freitas, padrinho da noiva.

Marlene Garcia Dorileo é filha do Sr. Tote Garcia e Dona Alzira Cuiabano Garcia. Foi professora do Curso Primário, onde se aposentou; depois, passou a dar cobertura ao sucesso do marido: Professor de Língua Portuguesa; Vereador da Câmara Municipal de Cuiabá, chegando a Presidente da Mesa Diretora; Advogado, pelo Curso de Direito; Promotor concursado do Judiciário Mato-grossense; empresário do Direito juntamente com o amigo Benedito Pereira do Nascimento, ex-desembargador; integrou o Instituto de Ciências e Letras, uma das instituições que deram origem à Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Vice-Reitor da UFMT, na gestão Gabriel Novis Neves; 1º Reitor eleito da UFMT.

Com todas essas ocupações o Professor Dorileo – como se identificava – deixou o cavaquinho, mas não deixou a música de lado, pois na UFMT criou a Orquestra Sinfônica.

Na sua aposentadoria dedicou-se à Literatura e muito contribuiu não só com as Diretorias, como escreveu nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e na da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a Cadeira 26. Lançou vários livros de grande utilidade aos pesquisadores.

A esposa do Professor Dorileo, Marlene, foi nossa vizinha parede-meia. Acompanhei seu namoro na base de bilhetinhos, levados e trazidos pelo seu irmão, pois em matéria de comunicação a escrita nos salvava. Ela sempre foi alegre, festiva e animada com o Carnaval, quando não relaxava a fantasia. Muito espirituosa, traz consigo a veia cômica do seu pai, Tote Garcia. Mulher forte, esteve ao lado do marido na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, conforme o juramento no matrimônio, um dos sete sacramentos da Igreja Católica. Recebe muito bem os amigos, com bolos de arroz e de queijo, curau, arroz-doce... Mas, quando a pessoa se “faz de besta”, não leva desaforo para casa! Ela, como noiva, já podia estar de mãos dadas ou de braços dados, exibindo o noivo,

como a sociedade acatava. Na licenciosidade de hoje, estranham esse comportamento, mas a entrega lentamente é a melhor.

Quanto ao Professor Dorileo, embora o conhecesse desde criança, minha aproximação aconteceu como adulta, quando queria esclarecer dúvidas sobre a Língua Portuguesa. Depois, nos encontros mensais do IHGMT e da AML, onde suas opiniões eram muito valiosas. Prefaciou o meu livro *Crônicas da Cidade Verde*.

Católico praticante, o nosso homenageado assistia à missa aos domingos, fazia Páscoa e respeitava todo o calendário eclesiástico. Das virtudes teológicas (Fé, Esperança e Caridade), praticava a CARIDADE, “o amor que move a vontade à busca efetiva do bem de outrem”.

Encontrei-me com ele, aliás, com o casal, saindo da missa que mandou realizar a favor do Mestre Bomblet, metereologista do Colégio Salesiano, aquele que estuda, na Ciência, os fenômenos atmosféricos, possibilitando a previsão do tempo. Por ele, o Professor Dorileo tinha grande administração, não esquecendo do aniversário dele, em memória.

Outra feita de amor do pequeno menino era com o seu amigo de estimação “Cholo”, cachorro na linguagem infantil. Certa feita, seus pais, não querendo a companhia do “Cholo”, baniram o animalzinho da casa, o que resultou em grande tristeza ao “Nhozinho”, pois, o “Cholo” lhe fazia muita falta... Eis que, na sua angústia, escutou um arranhão na porta... É o bichinho, disse! E foi ao seu encontro, chorando de alegria, enquanto o cãozinho lambia suas lágrimas. Os pais, emocionados, permitiram seu retorno à casa paterna.

Professor Benedito Pedro Dorileo

O Professor Dorileo era muito devotado às amizades e aos cuiabanos de nascimento e aos de coração. Na Orquestra Sinfônica da UFMT acolheu, com carinho, o cuiabano Hélio de Araújo (conhecido como Hélio do cavaco), e Ivonildo Gomes de Oliveira, o saxofonista China, ambos do bairro do Mundéo.

Chegou a hora da partida... O Professor Benedito Pedro Dorileo faleceu em 12 de dezembro de 2019 – dois dias após completar 61 anos de casado com Marlene, levando consigo toda a sabedoria adquirida e deixando para todos nós seus valiosos escritos.

Naturalmente, foi bem recebido pelo Senhor – dono da vida e da morte. Suas palavras: pode chegar, eu sou a prometida Eternidade e o lugar para quem praticou boas ações é ao meu lado, onde terá a PAZ verdadeira”!

Ficamos com muita saudade de quem, na vida, fez o bom combate.



PARTE IV

QUADRO ATUALIZADO DOS ASSOCIADOS DA AML EM 2024

CADEIRA 1 – PATRONO: José Barbosa de Sá

Ocupantes:

Manoel Paes de Oliveira

Leônidas Antero de Mattos

Benjamin Duarte Monteiro

Ubiratã Nascentes Alves

CADEIRA 2 – PATRONO: Joaquim da Costa Siqueira

Ocupantes:

Gervásio Leite

Satyro Benedicto de Oliveira

Marília Beatriz de Figueiredo Leite

Marli Terezinha Walker

CADEIRA 3 – PATRONO: Ricardo Franco de Almeida Serra

Ocupantes:

Miguel Carmo de Oliveira Melo

Lécio Gomes de Souza

Rubens Mendes de Castro

Antônio Soares Gomes

Aclyse de Mattos

CADEIRA 4 – PATRONO: Pe. Joaquim Manuel de Siqueira

Ocupantes:

D. Francisco de Aquino Corrêa

Padre Raimundo C. Pombo

Moreira da Cruz

Padre Firmo Pinto Duarte

Lucinda Nogueira Persona

CADEIRA 5 – PATRONO: Antônio Pires da Silva Pontes

Ocupantes:

Arlindo de Andrade

Francisco Ayres

Clóvis Pitaluga de Moura

Wanderlei José dos Reis

CADEIRA 6 – PATRONO: Francisco José de Lacerda e Almeida

Ocupantes:

Ernesto Pereira Borges

Roberto de Oliveira Campos

Lourembergue Alves

CADEIRA 7 – PATRONO: Pe. José da Silva Guimarães

Ocupantes:

Manuel X. P. Barreto

Maria de Arruda Müller

Ivens Cuiabano Scaff

Gonçalo Antunes de Barros Neto

CADEIRA 8 – PATRONO: Luiz D’Alincourt

Ocupantes:

Antônio Fernandes de Souza

Luís Felipe Sabóia Ribeiro

Antônio Lopes Lins

Moisés Mendes Martins Júnior

CADEIRA 9 – PATRONO: D. José Antônio dos Reis

Ocupantes:

Rubens de Mendonça

Octayde Jorge da Silva

Leopoldino Marques do Amaral

José Cidalino Carrara

CADEIRA 10 – PATRONO: Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral

Ocupantes:

Palmyro Pimenta

Corsíndio Monteiro da Silva

Agnaldo Rodrigues da Silva

**CADEIRA 11 – PATRONO: Augusto João Manuel Leverger
(Barão de Melgaço)**

Ocupantes:

Estêvão de Mendonça

Antônio de Arruda

Eduardo Moreira Leite Mahon

CADEIRA 12 – PATRONO: Antônio Cláudio Soído

Ocupantes:

Gabriel Vandoni de Barros

Ronaldo de Arruda Castro

Ailon do Carmo

Lorenzo de Jesus Miranda Falcão

CADEIRA 13 – PATRONO: Antônio Corrêa do Couto

Ocupantes:

Archimedes Pereira Lima José

Eduardo do Espírito Santo

João Batista de Almeida

CADEIRA 14 – PATRONO: Pe. Ernesto Camilo Barreto

Ocupantes:

Leowegildo Martins de Melo

Nilo Póvoas

Hélio Jacob

Nilza Queiroz Freire

CADEIRA 15 – PATRONO: Joaquim Mendes Malheiros

Ocupantes:

Augusto Cavalcanti de Melo

Francisco Alexandre Ferreira Mendes

Natalino Ferreira Mendes

Olga Maria Castrillon Mendes

CADEIRA 16 – PATRONO: Antônio Augusto Ramiro de Carvalho

Ocupantes:

Franklin Cassiano da Silva

Ulisses Cuiabano

Padre Wanir Delno César

Joaquim Augusto Alves Bastos

Valdon Varjão

Maria Cristina de Aguiar Campos

CADEIRA 17 – PATRONO: João Severiano da Fonseca

Ocupantes:

Carlos Gomes Borralho

Humberto Marcílio Reinaldo

Frederico Augusto Rondon

Padre Pedro Cometti

Avelino Tavares

Divanize Carbonieri

CADEIRA 18 – PATRONO: Francisco Antônio Pimenta Bueno

Ocupantes:

José Magno da Silva Pereira

Alírio de Figueiredo

Francisco do Amaral Militão

Hélio Serejo

Marta Helena Cocco

CADEIRA 19 – PATRONO: José Vieira Couto de Magalhães

Ocupantes:

José Barnabé de Mesquita

Vera Iolanda Randazzo

Neila Maria Souza Barreto

CADEIRA 20 – PATRONO: José Estêvão Corrêa

Ocupantes:

Philogonio de Paula Corrêa

José Adolpho de Lima Avelino

Domingos Sávio Brandão Lima

Benedito Pereira do Nascimento

CADEIRA 21 – PATRONO: Manuel Peixoto Corsino do Amarante

Ocupantes:

Luis-Philippe Pereira Leite

Luiz Orione Neto

**CADEIRA 22 – PATRONO: Alfredo Maria Adriano d’Escragnolle
Taunay (Visconde de Taunay)**

Ocupantes:

João Barbosa de Faria

Carlos de Castro Brasil

Pedro Rocha Jucá

CADEIRA 23 – PATRONO: Antônio Gonçalves de Carvalho

Ocupantes:

Raimundo Maranhão Ayres

Agenor Ferreira Leão

Tertuliano Amarilha

Luís Fabrício Cirillo de Carvalho

CADEIRA 24 – PATRONO: Aquilino Leite do Amaral Coutinho

Ocupantes:

Ovídio de Paula Corrêa

Francisco Bianco Filho

Jary Gomes

Odoni Gröhs

CADEIRA 25 – PATRONO: Amâncio Pulchério de França

Ocupantes:

José Raul Vilá

João Antonio Neto

CADEIRA 26 – PATRONO: Joaquim Duarte Murtinho

Ocupantes:

Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa

Oscarino Ramos

Benedito Pedro Dorileo

Antônio Ernani Pedroso Calháo

CADEIRA 27 – PATRONO: José Barnabé de Mesquita (Sênior)

Ocupantes:

Ana Luiza Prado Bastos

Ubaldo Monteiro da Silva

João Carlos Vicente Ferreira

CADEIRA 28 – PATRONO: Caetano Manuel de Faria e Albuquerque

Ocupantes:

Severino Ramos de Queiroz

Ulisses Serra

Demósthene Martins

Gilmar Ferreira Mendes

CADEIRA 29 – PATRONO: Antônio Corrêa da Costa

Ocupantes:

Virgílio Alves Corrêa Filho

Virgílio Alves Corrêa Neto

Elizabeth Madureira Siqueira

CADEIRA 30 – PATRONO: Manoel Esperidião da Costa Marques

Ocupantes:

Otávio Cunha Cavalcanti

Francisco Leal de Queiroz

Allan Kardec Pinto Acosta Benitez

CADEIRA 31 – PATRONO: José Delno da Silva

Ocupantes:

Lamartine Ferreira Mendes

Adauto Dias de Alencar

Luciene Josefa de Carvalho

CADEIRA 32 – PATRONO: Francisco Catarino Teixeira de Brito

Ocupantes:

Isác Póvoas

José Ferreira de Freitas

CADEIRA 33 – PATRONO: Mariano Ramos

Ocupantes:

Nicolau Fragelli

Lenine de Campos Póvoas

Fernando Tadeu de Miranda Borges

CADEIRA 34 – PATRONO: José Thomaz de Almeida Serra

Ocupantes:

Olegário Moreira de Barros

João Moreira de Barros

João Alberto Novis Gomes Monteiro

Sueli Batista dos Santos

CADEIRA 35 – PATRONO: Joaquim Pereira Ferreira Mendes

Ocupantes:

José Jayme Vasconcellos

João Villasbôas

Newton Alfredo de Aguiar

Clóvis de Mello

Flávio José Ferreira

CADEIRA 36 – PATRONO: Pedro Trouy

Ocupantes:

Luís Feitosa Rodrigues

José Couto Vieira Pontes

Valerio de Oliveira Mazzuoli

CADEIRA 37 – PATRONO: Antônio Vieira de Almeida

Ocupantes:

Cesário Corrêa da Silva Prado

Bernardo Elias Lahdo

Lindinalva Correia Rodrigues

CADEIRA 38 – PATRONO: Frederico Augusto Prado de Oliveira

Ocupantes:

João Cunha

Amarílio Novis

Ciro Furtado Sodré

Benedito Sant'Anna da Silva Freire

Yasmin Jamil Nadaf

CADEIRA 39 – PATRONO: Antônio Tolentino de Almeida

Ocupantes:

Antônio Cesário de Figueiredo Neto

Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues)

Amini Haddad Campos

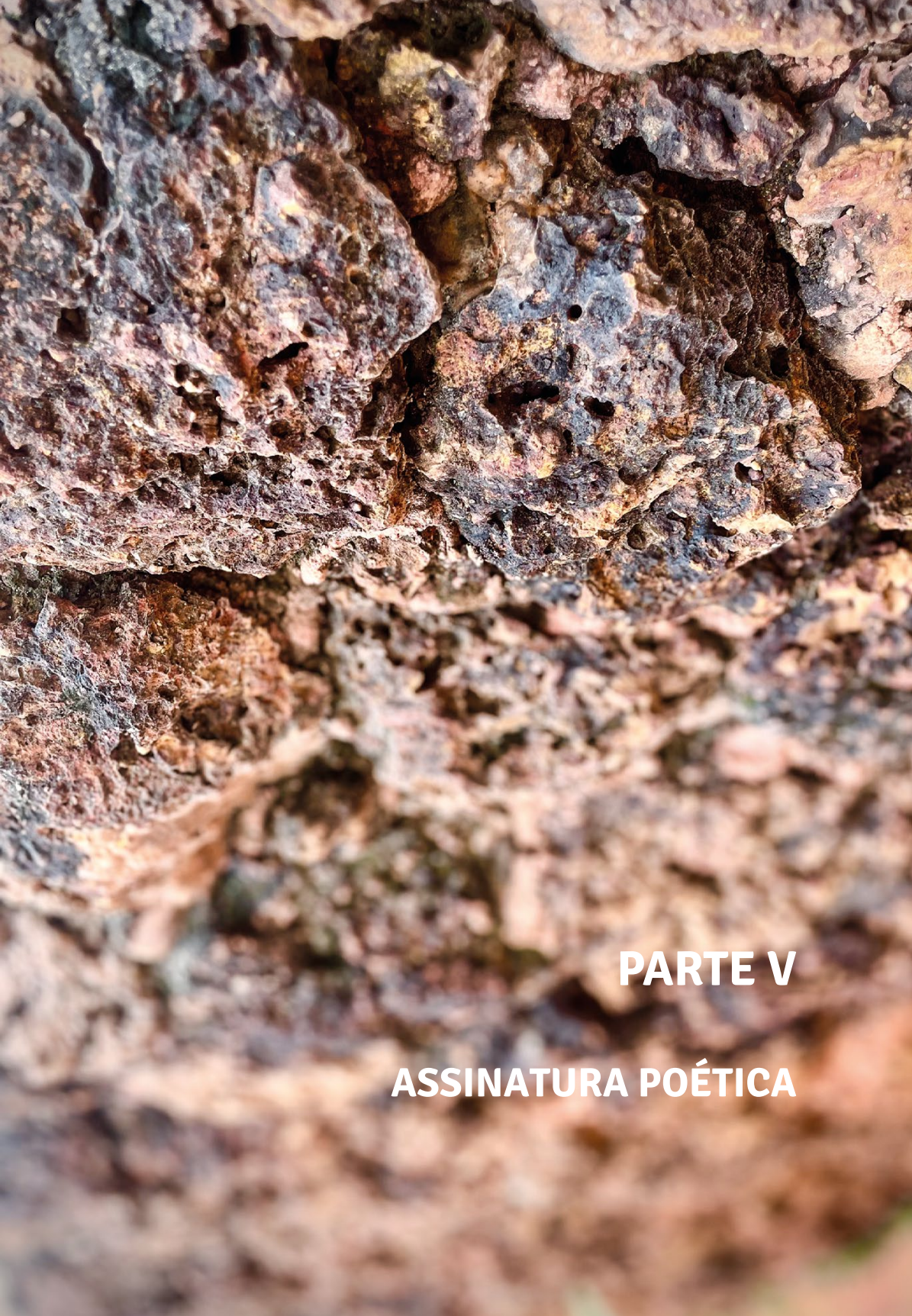
**CADEIRA 40 – PATRONO: Armindo Libânio Capistrano de Oliveira
(Pe. Armindo Maria de Oliveira)**

Ocupantes:

Rosário Congro

Hugo Pereira do Vale

Sebastião Carlos Gomes de Carvalho



PARTE V

ASSINATURA POÉTICA

ANJOS DE QUINTAL

Ah, se pudesse falar com os anjos,
pediria para que eles
andassem no alicerce
do casarão dos meus avós.
O capitalismo ronca forte
todo dia
cobiçando o pequeno lugar.
É só um quintal de pretos.
Sei que poderiam
construir dois prédios
pra média burguesia morar.
É só o quintal
dos meus avós;
um quintal de pretos
que atrapalha
a escola particular e religiosa
que nos cerca
de expandir a educação
privada que oferece...
Anael! Uriel!
Protejam o tamarineiro,
o taquaral,
as mangueiras,
a florestinha de acerolas
– legado de minha mãe –
e os pés de ata da minha tia.

Sei que é só um quintal,
mas ainda ouço a voz menina
dos meus primos
brincando de queimada
na visita de Natal.
Ali – tá vendo?
Era o bolicho.
Lá no fundo do quintal
tinha galinha, peru, cachorro,
todo tipo de bicho.
Oh! Alá o tanque d'água
da minha Vó.
Perto, tinha o forno.
Assava francisquito,
cabeça de boi...
O tempo foi.
Mas, será que dá pra guardar
a história,
o lugar,
a fotossíntese,
o modo de vida???
É um quintalzinho de preto
com quase 100 anos
de memórias.
Terá amanhã?
Não sou dona de nada.
Sou apaixonada
e guardiã.

(CARVALHO, Luciene. *Saranzal*. Cuiabá:
Carlino & Caniato Editorial, 2024. p. 26-27.)

CHAPADA SEM GUIMARÃES

Gaviões-tesoura recortam nuvens
formando fugazes puzzles
a flutuar no azul.

O rio claro expõe seu avesso.
Casmurrentos cascudos
chocam ninhos de pedras roladas.
À flor d'água,
lambaris e piquiras beliscam iscas de sol.

Sauás ressabiados
priscam pra longe
na superfície crespa do rio
escamada em vento.

Tocandiras formigueiam sua pretidão
na alvura esfarelada do arenito
ao pé da rocha íngreme.

Flores descabeladas
espetam seu perfume
orvalhado de borboletas gordas,
enquanto abelhas celosas
zumbezumbem
sua promessa de ferroadada.

O mistério do horizonte
recobre-se de um frio véu
– promessa de neblina –
e silencia o espetáculo da paisagem.

(CAMPOS, Cristina. *Bicho-grilo*. Cuiabá:
Carlini & Caniato Editorial, 2016.)

Onde antes era mata ciliar,
plantam eucaliptos –
monstros chupa-água.
Vinde e vede:
aos pingos, a fonte verte sua mágoa
e, em breve, não aplacará nenhuma sede.
Ressente-se a vida resseca.

(CAMPOS, Cristina. *Bicho-grilo*. Cuiabá:
Carlini & Caniato Editorial, 2016.)

EU, O LOUCO

(Cena 1)

(Todos os personagens estão sentados no chão com as mãos sobre a cabeça, luz fraca, música angustiante. Um grupo de personagens representando os pensamentos do louco caminha entre eles, que parecem despertar.)

LOUCO – Estou só, mas eles não me deixam. Calo-me, isolo-me, escondo-me – eles me perseguem; não param, não me deixam em paz.

Queria morrer para não mais senti-los, não mais percebê-los, não mais conviver com eles. Vou dormir. E que meu sono seja minha morte por algumas horas. Eles continuam vindo, eles não param! *(Angustiado.)*

PENSAMENTO 1 – O cheque vai voltar sem fundo.

PENSAMENTO 2 – Que merda, ele não telefonou...

PENSAMENTO 3 – Deus me ajude a...

PENSAMENTO 4 – Você está atrasada!

PENSAMENTO 5 – Que bom que você voltou!

PENSAMENTO 6 – Motorista filho da puta!

PENSAMENTO 7 – Ridículo o vestido da Luísa!

PENSAMENTO 8 – Tô precisando de um sapato novo.

PENSAMENTO 9 – Piranha é a mãe!

PENSAMENTO 1 – Ele tava tão bonito...

PENSAMENTO 2 – Vinte e cinco por cento de inflação. Que loucura!

PENSAMENTO 3 – Esqueci de pagar o telefone.

PENSAMENTO 4 – Tá bom, mãe, eu ligo. Que saco!

PENSAMENTO 5 – Ele é um tesão.

PENSAMENTO 6 – Tô sem grana para ir no sábado...

PENSAMENTO 7 – O presidente é um filho da puta!

PENSAMENTO 8 – Será que a _____ vai terminar com a _____
(*personagens de alguma novela atual.*)

PENSAMENTO 9 – De tudo ao meu amor serei atento...

PENSAMENTO 1 – A prova é na segunda-feira!

PENSAMENTO 2 – Eu ando tão cansada...

PENSAMENTO 3 – Este país é uma merda!

PENSAMENTO 4 – Dou, sim. Eu dou pra quem eu quiser.

PENSAMENTO 5 – Tenho que mandar o ofício amanhã cedo.

PENSAMENTO 6 – O Carlos e a Paula? Quem diria...

PENSAMENTO 9 – Ave-Maria, cheia de graça...

PENSAMENTO 7 – Se ele não me ligar até amanhã...

PENSAMENTO 8 – Deu vontade de mandar enfiar na bunda.

PENSAMENTO 6 – Passa por cima, veado!

PENSAMENTO 10 – F-O-D-A-SE! F-O-D-A-SE! F-O-D-A-SE!

(*Blecaute.*) [...]

(FERREIRA, Flávio José. Eu, o louco. In: _____. *O louco nosso de cada dia e outros filhos*. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2020. p. 47-48.)

AGNALDO RODRIGUES DA SILVA

Fantasma em Vila Maria

ATO 1

(1ª Cena)

(Abrem-se as cortinas. O palco deve representar cenograficamente uma sala simples. Luz apagada. Ouve-se o uivo de um lobo. As luzes acendem gradativamente. Gui entra em cena com um cacho de alho, benze o corpo com jeito de assustado. Em seguida, entram Chico e Cidinha. Chico está com uma cruz e Cidinha com um copo de sal.)

GUI – Vade retro, lobisomem,
para o mundo que não é do homem!
Benzo o corpo três vezes,
lua cheia, uivo, todos os meses.
Orelha pontuda, olho grande, dente afiado,
água benta, crucifixo, cacho de alho.
Sete filhos, último deles, menino lobo.
Sete mulheres, oitavo filho, lobo menino.
Avô lobo, filho lobo, neto lobo pequenino.
Quebra feitiço!

Virada de fase, lua megera,
corram crianças,
gritem bastante,
espantem a fera!

(Ouve-se o uivo de novamente.)

CHICO *(Olhando para os lados, com atitude de medo.)* – É ele... Ai, meu Deus, é ele!

CIDINHA – De hoje ele não passa! Temos que pegar esse lobisomem de araque. Finalmente, vamos descobrir quem vira lobo nas noites de lua cheia.

CHICO – Há como quebrar a maldição da lua, fazê-lo voltar à forma de homem?

CIDINHA – Aqui está o santo remédio. *(Ri com ironia e mostra o copo com sal.)*

GUI – Sal? Eita demência! *(Faz sinal girando o dedo do lado direito da cabeça, sugerindo loucura.)*

CHICO – Desde quando lobisomem é sapo para você jogar sal? Você tem cada ideia!

CIDINHA – Esse crucifixo na sua mão também não valeria de nada. Nunca ouvi dizer que lobisomem tem medo de crucifixo. Lobisomem não é vampiro, inteligência! Aliás, eles são inimigos implacáveis.

GUI – E o cacho de alho?

CHICO – Alho? Você cozinhará o lobisomem, por um acaso? Aproveite e coloque uma pitada de pimenta-do-reino! *(Ri ironicamente.)*

CIDINHA – Virgem Santa! Como vamos enfrentar o monstro?

GUI – Temos que enfrentá-lo em terra sagrada. Vampiros, lobisomens e bruxas perdem os poderes nesses espaços. Vamos atraí-lo até lá.

CIDINHA – Terra sagrada? Onde é isso?

CHICO – Deve ser na Disney, nos States.

GUI – Que Disney? Bem se vê que vocês não sabem nada de almas penadas. Disney... Era só o que me faltava! *(Balança a cabeça negativamente e funga, em sinal de desprezo pela ideia.)*

CIDINHA – Que terra sagrada é essa, guri? Desembucha!

GUI – Cemitério. [...]

(SILVA, Agnaldo Rodrigues da. *Fantasmas em Vila Maria*. Cáceres: Unemal Editora, 2021. p. 21-25.)

